



**Revista da**  
**ACADEMIA**  
**MINEIRA**  
**DE LETRAS**

**Ano 83º - Vol. XXXVI - Abril, maio, junho - 2005**

## ACADEMIA MINEIRA DE LETRAS

Fundada em 25 de dezembro de 1909  
Rua da Bahia, 1466 – Telefax (OXX31) 3222-5764  
www.academiamineiradeletras.org.br - atendimento@academiamineiradeletras.org.br  
CEP 30160-011 – Belo Horizonte - MG

Diretoria:

Presidente – *Murilo Badaró*

Vice-presidente – *Miguel Augusto Gonçalves de Souza*

Secretário – *Aloísio Teixeira Garcia*

Tesoureiro – *Márcio Garcia Vilela*

## REVISTA DA ACADEMIA MINEIRA DE LETRAS

Publicação trimestral

Diretor: *Murilo Badaró*

Conselho Editorial: *Aluísio Pimenta, Antenor Pimenta e Eduardo Almeida Reis.*

Editor Geral: *José Bento Teixeira de Salles*

Revisão: *Pedro Sérgio Lozar*

Capa: *Hélio Faria*

Digitação: *Marília Moura Guilherme*

Diagramação: *Allender da Luz Guilherme*

Impressão: *Sografe Editora e Gráfica*

### Ficha Catalográfica

Revista da Academia Mineira de Letras Ano 83º Volume XXXVI  
Revista da Academia Mineira de Letras/ Academia Mineira de Letras / V. XXXVI  
Abril, maio, junho/ 2005. Belo Horizonte: Academia Mineira de Letras, 2003.

Fundada em 1922

Periodicidade trimestral 2005

1. Literatura - Periódico. 2. Obras Literárias, 1. Academia Mineira de Letras.

# ÍNDICE

Apresentação .....	5
Os alicerces da Academia Mineira de Letras fundem-se aos valores que a sustentam – <i>Elizabeth Rennó</i> .....	7
Raul Machado Horta adquiriu dimensões portentosas – <i>Murilo Badaró</i> .....	21
Um humanista em busca da perfeição social – <i>Orlando M. Carvalho</i> .....	23
Dom Quixote e Carlito – Introdução – <i>Aníbal Machado</i> .....	29
A obra reunida de Fernando Sabino – <i>Fábio Lucas</i> .....	33
Lacyr Schettino: a poesia foi a sua inspiração dominante – <i>Pe. João Batista Megale</i> ..	37
Nas estradas da filosofia – O Eleatismo de Melisso – <i>Pe. Paschoal Rangel</i> .....	59
<i>Perfil Acadêmico</i> – Literatura, uma vocação sempre presente – <i>Beatriz Teixeira de Salles</i> .....	67
O estadista e o poeta – <i>Juscelino Kubitschek e Edison Moreira</i> .....	73
O Brasil e o velho Chico – <i>Marco Antônio Coelho</i> .....	77
A nebulosa infância de Graciliano – <i>Letícia Malard</i> .....	93
Viagem ao universo de pedra sabão – <i>Adair José</i> .....	97
Esboço para uma possível história do conto – <i>José Afrânio Moreira Duarte</i> .....	101
Construções de um Brasil moderno – <i>Eneida Maria de Souza</i> .....	105
Mulheres admiráveis da Europa Central – <i>Anita Uxa</i> .....	119
Floresta de símbolos – <i>Lívia Paulini</i> .....	129
Ivan Lins: centenário de um positivista – <i>Manoel Hygino dos Santos</i> .....	131
A poesia na mala – <i>Antônio Crispim</i> .....	135
<i>Discursos acadêmicos</i> – A Academia não será uma tenda para descanso e gozo – <i>Afonso Penna Júnior</i> .....	137
O extraordinário Harold Bloom – <i>Marco Aurélio Baggio</i> .....	145
A poesia morreu? – <i>Francisco Carvalho</i> .....	161
Histórias de uma biblioteca – <i>Sônia van Dijk</i> .....	165
Dumont, asas de um ideal – <i>Sérgio Amaral Silva</i> .....	169
<i>Cinema</i> – O melhor documentário do mundo – <i>Marcello Castilho Avellar</i> .....	171
<i>Teatro</i> – Antes de Stanislavski – <i>Jota Dângelo</i> .....	179

<i>Música</i> – O diálogo literário-musical na	
Literatura Comparada – <i>Flávio T. Barbeitas</i> .....	185
<i>Artes Plásticas</i> – Centro de Arte Contemporânea em Inhotim – <i>Carlos Perktold</i> .....	195
A poesia exilada – <i>Edmur Fonseca</i> .....	201
As razões da Residência Provisória – <i>José Maria Rabêlo</i> .....	203
Cada um deve cumprir a sua parte – <i>Wander Piroli</i> .....	211
<i>O conto mineiro</i> – Eis a noite – <i>João Alphonsus</i> .....	213
O homem da favela – <i>Manoel Lobato</i> .....	221
A definitiva importância de um lugar – <i>Cunha de Leiradela</i> .....	223
Interdito absoluto – <i>Branca Maria de Paula</i> .....	225
Conto de janeiro – <i>Terezinha Pereira</i> .....	229
Elogio ao silêncio – <i>Olavo Drummond</i> .....	235
Estro lunar – <i>Elizabeth Rennó</i> .....	239
Itabira – <i>Adônis Moreira</i> .....	241
Brumado, Brumal – <i>Danilo Gomes</i> .....	243
Os meus Orfeus – <i>Joaquim Francisco Coelho</i> .....	245
Fraturas expostas – <i>Alexandre Rodrigues da Costa</i> .....	247
Volta à casa – <i>Cícero Acayaba</i> .....	249
Apocalipse – <i>Gerson Cunha</i> .....	251
Decepção – <i>Jean Cherem</i> .....	253
Madre Maria de Jesus: vida e obra – <i>Renato Sampaio</i> .....	255
Livros do trimestre – Edições mineiras .....	259

## APRESENTAÇÃO

Com a aprovação, pelo Ministério da Cultura, do projeto de incentivos fiscais previstos pela Lei Rouanet e com o decisivo apoio da ACESITA e da CEMIG, a *Revista da Academia Mineira de Letras* entra agora em nova fase.

O leitor perceberá aprimoramentos gráficos e a adoção de cores nas ilustrações, bem como a inclusão, na autoria dos textos, de novos colaboradores mineiros. Com isso, fica reforçada a importante presença daqueles autores que, desde a primeira hora, emprestaram sua dedicada colaboração para o êxito do empreendimento de revitalização da *Revista*.

Na convicção de que poderemos continuar a receber essa mesma colaboração, reafirmamos o propósito de manter a linha básica da editoração da *Revista*, uma publicação acadêmica, sem dúvida, mas aberta aos intelectuais do Estado.

\*\*\*

Honroso registro – Nosso colaborador Carlos Perktold, responsável pela seção *ARTES PLÁSTICAS*, foi recentemente aceito como membro da Associação Internacional de Críticos de Artes Plásticas – AICA, instituição da Unesco, com sede em Paris.



# **OS ALICERCES DA ACADEMIA MINEIRA DE LETRAS FUNDEM-SE AOS VALORES QUE A SUSTENTAM\***

*Elizabeth Rennó*

A minha presença aqui, neste Auditório Vivaldi Moreira, como acadêmica eleita para participar da Academia Mineira de Letras, representa o grande prêmio que um escritor pode desejar.

Agradeço o apoio e a solidariedade que me dispensou o Presidente Murilo Badaró; quero louvar a sua direção intelectual, social e financeira, de modo exemplar, nesta entidade, ao contornar problemas e necessidades, o que uma instituição deste gabarito requer.

Aliando cultura e capacidade intelectual à ação desenvolvida, conduz de maneira certa e brilhante a trajetória iniciada em Belo Horizonte pelo Presidente Álvaro da Silveira e continuada, de modo elogioso, coroada pela força expressiva da palavra dos que aqui fizeram da Literatura, do Direito ou da Educação o seu propósito maior.

A lembrança saudosa do Presidente Perpétuo Vivaldi Moreira permanece conosco e tudo a faz presente: o palacete Borges da Costa, a biblioteca, o Auditório, onde o verde do jardim é visitado pelo volteio dos beija-flores, durante as sessões literárias, o concreto e o mármore, o vidro e o metal, a tribuna que difunde a palavra que ressoa, trazendo a luz de um pensamento maior, na transposição do sentimento.

Numa linha de sucessão, eis o meu currículo e o meu preito a meus antepassados:

Três cidades foram influentes na minha formação: Carmo de Minas, local do nascimento, terra do despertar; Barbacena, terra do crescer, e Belo

---

\* Discurso de posse na Academia Mineira de Letras, em 19.10.2004.

Horizonte, terra do amadurecer e do aprender com a dureza que marca suas entranhas férreas.

Johann Rennow, fundador da família Rennó, foi o primeiro médico alemão a vir para o Brasil, onde na descoberta de seu *self*, íntimo e total, formou o clã eclético, que se ramificou em novas brotações, nestes 214 anos em que ombreiam o médico e o lavrador, o político e o artista, o professor e o engenheiro.

Meus avós maternos dedicados ao magistério, educadores que exerciam sua missão na direção de colégios que fundaram, afamados em todo o país.

Meus pais, formadores do meu caráter.

Como constituinte mineiro de 1947, o ex-Deputado José Remuzatd Rennó, meu pai, foi autor de projetos que atestaram a sua capacidade criadora e o pioneirismo ecológico em defesa das matas dizimadas para a obtenção de carvão para as siderúrgicas, obrigando-as, por lei, a um reflorestamento compensatório.

Foi qualificado, por cronistas políticos da época como o deputado mais ativo da sua legislatura dado o número de projetos de sua autoria destinados a beneficiar vários setores do Estado.

À minha mãe Olga Fernandes Rennó, também professora, louvo a inteligência viva e o otimismo contínuo, que a marcaram em fases adversas e permaneceram até seu último instante.

Meu pensamento saudoso a meu marido Engenheiro Fernando de Castro Santos, calculista de Pontes e Grandes Estruturas, cujos dons e atributos são conhecidos por todos os que mantiveram contato com sua personalidade de excelência. O construir pontes, elementos de ligação no reaproximar homens e a aquisição do integrar-se ao outro, que deixam a condição telúrica de ilhas, foram marcos de sua existência.

Envio palavras de afeto a meus irmãos e irmãs e suas ramificações, que, em horas amenas ou amargas, continuam sendo meu conforto.

Agradeço a Deus pela grandeza de minha sucessão: Maria Elisabeth, Geraldo, Daniel Henrique e Guilherme Fernando, no preencher as horas solitárias ou difíceis que, porventura, surjam.

Estas referências são a minha Verdade, receptáculo da Palavra, que é vida.

Era meu propósito tecer com a palavra uma observação sobre a ascensão da Mulher, que abre seu espaço entre os alfabetos masculinos.

O poder das idéias impõe a sua força e, aliada a ele, o valor da escrita conduz, pelas sendas da ética e da responsabilidade, sua prosa ou seu verso,

sementeira da Verdade. Esta é a tarefa que pesa sobre os ombros da Mulher escritora, principalmente da que se filia a uma Academia de Letras.

No entanto, nada mais do que a minha presença, aqui, nesta Sessão Solene de Posse, nesta casa de livros e homens, de afirmação e cultura, atestaria esta reflexão.

Em circularidade e extensão, os pilares da integração e dignidade humanas: educação, filosofia, justiça e sabedoria se entrelaçam de forma emblemática e singular como dados da história das ilustres personalidades que me precederam na investidura da Cadeira de nº 21 da Academia Mineira de Letras, que hoje assumo.

Considero ser uma honra suceder aos que aqui fizeram um apostolado e uma profissão de fé.

Ao substituí-los, eleva-se a minha pequenez que, de méritos, só possui o que meu trabalho literário e meus projetos de vida construíram com seriedade, reflexão e atividade, sem buscar recompensa ou elogio.

Neste momento tão marcante em que passo a pertencer à Academia Mineira de Letras, espero que o Espírito Santo de Deus seja a bússola orientadora em meu caminho, para que possa contribuir, em porção mínima que seja, visando à participação, para o crescimento e a fraternidade junto aos membros desta Casa de Alphonsus de Guimaraens, cuja acolhida me foi tão grata, pela maneira generosa com que fui eleita.

Não poderia deixar também de mencionar o Acadêmico José Afrânio Moreira Duarte, que em sua amizade fraterna muito contribuiu para o alcance de meu objetivo.

Em 1920, em sua *Oração ao Moços*, Rui Barbosa registra a oração e o trabalho como os recursos mais poderosos na criação moral do homem. Acrescenta ser vulgar o ler e raro o refletir, incitando à prática da reflexão. O saber não está na ciência alheia, mas nas idéias próprias assimiladas pelo espírito, exorta o grande jurista.

Na área educativa, as novas terminologias para denominar projetos inovadores perdem-se no que seria meta desejável: a Escola, cujo principal objetivo é instruir, educar, orientar.

De modo semelhante, na preservação de sua autonomia e identidade e compartilhando os valores mais profundos de missão laudatória, acham-se as Academias de Letras, cujos Estatutos posicionam os deveres inerentes.

A cultura é democrática quanto aos princípios que a regem na busca de uma ação holística, que prevê a redescoberta da escrita e da leitura.

Preservando-se os tesouros do passado que se gravaram nos livros, busca-se de maneira nova, a informação, sem que suas origens sejam esquecidas.

A missão de uma Academia de Letras, além da defesa do idioma pátrio e das características de que se reveste, é propiciar uma visão global da vida.

Em nosso trabalho, o objetivo maior é perseguir os valores constitutivos de uma consciente modernidade, assentada na vivência literária e no exercício na Língua Portuguesa e seu correto desempenho.

A Língua Portuguesa, inculta e bela, como já a definiu o poeta, é terreno fértil e sempre desconhecido.

Quanto mais a estudamos, mais nos conscientizamos dos meandros lingüísticos, das particularidades singulares, das diferenciações dos falares que permeiam as normas e a gramática e que, às vezes, nos embaraçam.

As origens das palavras, os termos regionais, os casos de regência e até mesmo o inusitado da estilística fazem da nossa língua um viveiro de espécimes raras, um labirinto de dados desconhecidos, que obrigam mentes a raciocínios, leituras e análises, a se posicionarem sempre em atitude de busca e compreensão.

A Palavra, a sua colocação, o seu estudo, o seu manejar, é o nosso instrumental precioso; por ela, a comunicação se torna realidade, as idéias se concretizam, os sentimentos fazem aflorar os dons do espírito e do coração.

O Patrono da Cadeira de nº 21 da Academia Mineira de Letras é o Dr. Fernando Napoleão Augusto de Alencar, médico notável e caridoso, brilhante orador, abolicionista e republicano atuante.

Nascido em Fortaleza, diplomou-se pela Faculdade de Medicina da Bahia, em 1880. Além de trabalhos científicos dedicou-se também à Literatura. Viveu a maior parte de sua vida em Minas Gerais e seus escritos descrevem os hábitos provincianos das cidades mineiras em que morou. De sua autoria ficaram os romances *Celestina*, *Heroína* e *Samuel, o apóstata*; o drama histórico em 3 atos, *O Insurgente* e *Pálidas, Brindes e Poesias diversas*, produção poética.

Seus trabalhos literários foram reunidos em *Obras completas*, coligidas por seu filho Gilberto de Alencar, fundador desta Cadeira Acadêmica como seu primeiro ocupante.

No Prefácio de *Pálidas*, 1893, o poeta Fernando de Alencar imprime o sentimento de independência e liberdade que o distinguiu sempre:

“É libérrima a alma do poeta. Ela deve cantar sem se prender a esta ou àquela escola por sistema.

*Engaiolar o coração que canta nos estreitos limites de uma escola, por simples convenção, é prender-lhe a asa; só livre, reluz no espaço intérmino.”*

Gilberto de Alencar, acadêmico da primeira geração, a de 1909, foi eleito aos 22 anos, quando da fundação da Academia Mineira de Letras, em Juiz de Fora, cujo primeiro Presidente foi Eduardo de Menezes. Romancista e jornalista publicou, entre outros, *Prosa rude; Cidade do sonho e da fantasia; Tal dia é o batizado* e *Reconquista*.

Gilberto de Alencar em *Tal dia é o batizado* evoca, através de linguagem cuidada, a saga de Tiradentes e seus ideais de Liberdade. Descreve, neste romance histórico, os campos e os caminhos das Minas Gerais, a Estrada Real que trilharam os inconfidentes, a infância do alferes na Fazenda do Pombal, os sonhos de Vila-Rica até o doloroso final no Largo da Lampadosa.

A mais três figuras de escol pertenceu esta Cadeira de nº 21: Nelson de Faria, cuja competência e lisura de ação nos meios financeiros mineiros não deixaram de lado a Literatura.

No projeto *Vida acadêmica*, desta entidade, participou plenamente, bem como no Curso de Literatura, ministrado em 1960.

Dentre seus livros, *Tiziu* obteve o Prêmio Afonso Arinos da Academia Brasileira de Letras, em 1961, e em 1965 foi premiado pela Secretaria de Educação.

A seguir, temos a figura do médico, professor e romancista Oscar Negrão de Lima, cuja permanência na Academia foi breve, mas marcante. Publicou *Taquaril* e *Luz oblíqua*.

O professor Hilton Rocha foi o quarto a participar desta Academia de 1972 a 1993, sendo por duas vezes seu Vice-Presidente.

Mestre respeitado internacionalmente, figura pioneira e carismática, proporcionou o nascimento de uma brilhante geração de oftalmologistas de seu país e de países vizinhos. Pertencente a várias Academias de Letras e de classe, no Brasil e no Exterior, foi o primeiro oftalmologista a realizar um transplante de córnea em seu país. *Destaque da Medicina*, década de 80, da *Enciclopédia Mirador Internacional*, foi agraciado com as Medalhas da Inconfidência e Santos Dumont, a Grande Medalha da Associação Panamericana de Oftalmologia, além de outros diplomas honorários hispano-americanos, francês e argentino.

Professor Emérito da Faculdade de Medicina da UFMG, também dedicou-se à Literatura, como autor de *Páginas esparsas*, em 4 volumes, e *De Cegueira e de Cegos Ilustres*.

Agraciado com a *Ordem dos Pioneiros*, da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, dirigiu o Hospital São Geraldo e criou a Fundação Hilton Rocha, com parte do atendimento gratuito a pessoas necessitadas.

O meu antecessor, o mineiro, jurista, professor, mestre e advogado Caio Mário da Silva Pereira, sobrepõe-se à própria duração física. Foi Professor Emérito da Universidade Federal de Minas Gerais e da Universidade Federal do Rio de Janeiro; elaborou um *Código de Obrigações*, considerado um marco de progresso no sistema jurídico brasileiro.

Especializado em Direito Civil, são de sua autoria grande parte dos artigos do Código Civil e da legislação complementar atuais. Publicou em 6 volumes *Instituições de Direito Civil*, além de cerca de 50 obras. Entre elas cinco foram reunidas em CD-ROM pela Editora Forense e possuem mais de 1800 páginas, constituindo verdadeira base para o estudo completo do Direito Civil Brasileiro.

Presidente da Ordem dos Advogados do Brasil e do Instituto dos Advogados de Minas Gerais; Presidente de Honra do Instituto do Direito Comparado Luso-Brasileiro, de Lisboa, foi membro de várias Academias Internacionais de Direito Comparado, da Academia Brasileira de Letras Jurídicas, da Academia Nacional de Direito, além de pertencer ao Conselho Diretor da *Revista de Direito Civil*. Muitas foram as honrarias, medalhas e diplomas que colecionou em seus 90 anos de idade produtiva este *Doutor Honoris Causa* da Universidade de Coimbra.

Durante o Governo Geisel, em 1976, na abertura da 6ª Conferência Nacional da OAB, em Salvador, desassombradamente pronunciou:

“... sem independência é justiça manca e justiça imperfeita é a contradita da própria justiça”.

Como já se disse: “A visão humanista do Direito marca toda a obra e pensamento do professor Caio Mário, afirmando-se no campo dos direitos humanos e no exercício da cidadania”.

O professor Caio Mário promoveu a colocação do busto de Rui Barbosa, patrono dos advogados brasileiros, no Palácio da Paz, em Haia, homenageando o grande jurista que levou o nome de seu país ao exterior.

## Minhas senhoras, meus senhores

A cultura clássica grega alcançou alto grau de maturidade na política, letras e artes, com Péricles, Sófocles e Fídias. Cada nova conquista do gênio grego foi seguida de um meio de educação criado para divulgá-la. Este esforço de criação transparecia no reino da filosofia.

Princípios pedagógicos apareceram em Anaximandro e Anaxímenes na exposição de suas doutrinas e em Xenófanes de Cólofon em versos que rivalizaram com os de Homero e dos *poetas educadores*, os Gnômicos.

A escola filosófica apareceu com o pitagorismo, instituição organizada e regulamentada, imitada mais tarde por Platão e Aristóteles em seus métodos de ensino, permanecendo como modelo típico da escola filosófica grega.

O grande passo, porém, para a maturidade educacional helênica foi dado por inovadores, os sofistas, na segunda metade do século V.

A Sofística iniciou uma revolução pedagógica, mais técnica do que política, na colocação dos fundamentos da pedagogia, a *Ciência da Educação*, que visava à formação do espírito através da multiplicidade de métodos.

A moderna história da filosofia considera os sofistas como fundadores do subjetivismo e relativismo filosóficos.

A origem da filosofia, segundo John Dewey, firma-se no interior humano e na análise especulativa.

O filósofo aponta para a reconciliação de dois contrários: o conhecimento empírico, que lhe permitia o controle das condições de um sistema e a consolidação de um sistema político que avocava costumes, religião, tradição, sem o auxílio da razão ou da utilidade prática.

Entre estes dois pólos, havia a essência de sua natureza racional que o dirigia.

O peso das emoções e da tradição era tão grande que sábios como Aristóteles, Sócrates e Platão as conservaram, em seus postulados, aliando-as, porém à razão.

A filosofia é um eterno recomeçar na reconstrução feita pelo homem em suas pesquisas e modificações. Os alicerces da totalidade e da universalidade permanecem em forma de uma causalidade que se moderniza.

Na tentativa de compreender o homem e o mundo, a filosofia pretende dar uma visão completa e coerente sobre a existência humana. Aí difere da ciência na sua sistematização, embora a ciência, quando pontifica a sua atitude

em relação ao universo e ao homem, imerja na filosofia. Se a ciência busca a verdade, a filosofia quer inserir-se no sentido profundo das coisas.

William James considera a existência de uma filosofia individual, expressa no que a vida significa para cada um de nós.

Nesta necessidade que nos impele pela indagação e inquietude a descobrir o *como* e o *porquê* da existência e seus mistérios, sentimos que a filosofia é a mestra da vida.

No presente em que vivemos, debatemo-nos com solicitações diversas, conflitos e perplexidades. Para que aspirações e ideais transformem-se na plenitude da igualdade e da cidadania, a resposta surgirá através do sistema de educação pública ou privada.

O professor de hoje, em que as transformações abalam o Estado, a Igreja ou a Família, e em geral as instituições humanas, deve corresponder ao reclamo da flexibilidade e da inteligência, com filosofia própria.

John Dewey teoriza:

*Se educação é o processo pelo qual se formam as disposições essenciais do homem, emocionais e intelectuais frente à natureza e aos demais homens, filosofia pode ser definida como a teoria geral da educação*

Desde o período colonial, a História da Educação no Brasil possui caráter discriminatório. À exceção da catequese, a educação destinava-se à classe dos senhores e do clero. A educação elementar jesuítica foi questionada como imposição de uma cultura alheia à realidade tribal primitiva. Os jesuítas trouxeram, além da moral, dos costumes e da religiosidade européia, métodos pedagógicos que permaneceram em uso durante 210 anos, de 1549 a 1759. Com a expulsão dos membros da Companhia de Jesus pelo Marquês de Pombal, houve a ruptura do sistema educacional brasileiro.

A escola destinada às elites manteve-se em movimento circular condicionado à formação destas mesmas elites. O esquema era o seguinte: o primeiro filho herdava a fazenda paterna, o segundo seguia a carreira eclesiástica e o terceiro ingressava nas faculdades portuguesas, objetivando o apego às formas dogmáticas do pensamento, o fortalecimento da autoridade e a aquisição da erudição. Não se cogitava do posicionamento crítico e do desenvolvimento científico, não atendia à qualificação para o trabalho, que a época requeria, em país de base agrícola, sem a necessária preparação de mão de obra técnica, assentada apenas em trabalho escravo.

Sucederam-se as escolas régias, com as reformas pombalinas; a demanda escolar tornou-se mais diversificada, na fase monárquica, pela maior estratificação social; o sistema educacional, na época da Independência, visando a atingir a classe popular; o advento da República com o domínio das oligarquias dentro de uma estrutura social defasada.

Para o Professor Lauro de Oliveira Lima a vinda da Família Real representou a verdadeira descoberta do Brasil, que tomou conhecimento de que existiam civilização e cultura. O artigo 179 da 1ª Constituição Brasileira, outorgada em 1824, estabelecia *a instrução primária e gratuita para todos os cidadãos*. No entanto, apesar do surgimento de escolas e cursos, em 1880 o Ministro Paulino de Souza lamentava o abandono da educação no Brasil. Mesmo o Colégio Pedro II, criado para ser modelo pedagógico do curso secundário, até o fim do Império não atingira este objetivo.

Com a Revolução de 30, criou-se o Ministério da Educação com sucessivas reformas no ensino e a organização da Universidade e a reorganização do ensino secundário. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional implantando cursos técnicos, industriais, agrícolas e comerciais não possibilitava, porém, o ingresso no curso superior e frustrava o desejo dos que almejavam o anel de doutor, símbolo de ascensão social.

Em abril de 1931 foi sancionado, por proposta de Francisco Campos, o Decreto nº 19.851, que serviu de estatuto inicial das universidades brasileiras, ainda não existentes, pois o ensino superior era realizado em escolas e faculdades isoladas.

O ensino universitário era, assim, adotado como regra do ensino superior da República.

Para a criação de qualquer universidade no país, seria necessária a incorporação de, pelo menos, três institutos de ensino superior, entre eles o de Direito, de Medicina e de Engenharia, ou da Faculdade de Educação e Letras, o que daria de modo acentuado o caráter, propriamente universitário, pela transcendência dos limites do interesse puramente profissional para enfatizar os autênticos valores da cultura e do humanismo.

A Universidade do Distrito Federal foi criada pelo Decreto 5513, de 4 de maio de 1935.

Os pioneiros da Escola Nova, em 1932, em seu manifesto, clamavam por uma universalização do ensino básico ou fundamental, o que não se conseguiu até hoje.

Apesar da lei 5.692, que previa “o rompimento das barreiras à difusão do ensino e a realização das escolhas, após aprendizado inicial em igualdade de condições”, permaneceu o caráter elitista patente na Constituição outorgada de 37, que destinava “o ensino profissional às classes menos favorecidas”. A profissionalização compulsória do ensino médio foi inviabilizada no contexto da crise econômica brasileira.

Convive-se com uma parcela mínima que frequenta cursos superiores, haja vista a política desumana dos vestibulares e a taxa alarmante de analfabetismo. Firma-se o sistema educacional brasileiro em bases representadas pelas escolas agrícolas e industriais, pelos supletivos, pelos recentes cursos comunitários, pela Universidade de 3ª Idade, pela participação de empresas e por acesso maior às pesquisas e investigações científicas com o auxílio da informática em cursos mantidos por entidades governamentais ou fundações particulares. Surge a necessidade do exercício de uma consciência crítica, a partir de uma metodologia de alfabetização, com a participação democratizada da União, adequada à realidade do País, compromissada em levar o homem a assumir a sua potencialidade.

Com Paulo Freire, aprendemos que educar é construir, é libertar o ser humano das cadeias do determinismo neoliberal, reconhecendo que a História é um tempo de possibilidades. É um *ensinar a pensar certo*, como quem *fala com a força do testemunho*. Não é mera transferência de conhecimentos, mas *conscientização e testemunho de vida*.

Ensinar, em essência, é uma forma de intervenção no mundo, uma tomada de posição ou até uma ruptura com o passado e o presente.

São pontos de excelência, entre outros, a ética e a estética, a competência, a rejeição à dissimulação, a autonomia do educando e a reflexão crítica.

*E ainda, aprender é uma descoberta criadora, com abertura ao risco e à aventura do ser, pois ensinando se aprende e aprendendo se ensina.*

Não se pode separar, no entanto, prática de teoria, autoridade de liberdade, ignorância de saber, respeito ao professor de respeito ao aluno.

Platão, partindo de uma crítica à educação até então feita com base em Homero, criou um centro de estudos superiores, a Academia, que junto ao Liceu de Aristóteles ditou a maior parte do saber científico ocidental. Esta escola de investigação científica e filosófica, voltada para a pesquisa, numa conjugação de esforços, implantando a dinâmica de um saber criativo, não constituiu apenas transmissão ou guarda de um corpo de doutrinas estabelecidas.

A concepção desta atividade intelectual era o produto de uma inquietação e reformulação da abordagem de problemas em que a filosofia tinha como objetivo pensar, profunda e claramente.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 orienta os educadores brasileiros para a formação de novas gerações de maneira holística, encaminhando-as para o exercício de uma cidadania plena.

Estratégias e conteúdos buscam renovar práticas antigas de aprendizagem no seguimento do que prescreve a Unesco como eixos estruturais da educação: *aprender a conhecer*,; *aprender a fazer*, *aprender a viver e aprender a ser*.

Paradigmas são substituídos pelos professores, cuja ação deve ser política no compromisso com a qualidade da vida na escola e na comunidade. Como formas de promoção social, a leitura e a escrita são os agentes para o conhecimento e para a cultura, fatores de uma ação interativa entre sujeitos: o mestre e o discípulo. Nesta direção, a sala de aula torna-se o lugar da reflexão e do diálogo, em que a leitura e escrita são ressignificadas.

A Lei de Diretrizes e Bases volta-se mais para a formação universitária, quando seria mais eficaz se reformulasse o ensino fundamental e médio, no sentido de evitar o catastrófico resultado de avaliações pós-cursos universitários.

Barthes, em sua aula inaugural de Semiologia Literária, no *Collège de France*, compreende a Literatura como texto e afirma que o sentido da obra não é a mensagem, mas *o jogo de palavras de que ela é o teatro*. O texto é o próprio aflorar da língua no produto complexo da prática de escrever.

Ler e escrever são os pontos básicos para a aquisição da cultura e do conhecimento.

Vozes especialistas em educação colocam a solução para o grande problema existente, além da adequação de métodos e de professores, da atração por novas práticas de aprendizagem, na situação econômica.

Maiores recursos financeiros são necessários para que a Universidade consiga resultados proveitosos em que incidam ensinamento, pesquisa e extensão.

Durante os anos 50, Anísio Teixeira reviu sua posição no que se refere à filosofia da educação de John Dewey, trazendo contribuições no campo da lógica e da teoria da investigação para a pesquisa educacional, e ainda, ao debate filosófico-educacional brasileiro, os problemas do conhecimento, da moral e da democracia. As soluções propostas por este grande educador são viáveis e atuais para uma filosofia da educação no Brasil, campo ainda em construção.

Na década de 50, a Unesco referiu-se ao analfabetismo funcional, isto é, a incapacidade de estudantes, com ensino fundamental completo, de conseguirem desempenhar suas funções em que o domínio da leitura e da escrita é necessário.

Atualmente, 590 mil jovens acham-se matriculados no ensino profissionalizante e 55,5% deste total estão em escolas particulares. Faltam escolas, faltam professores para o ensino médio e há necessidade de sua unificação com o ensino técnico. Prevê-se a ampliação do ensino médio, abrangendo o módulo profissional.

Muitos jovens estão excluídos do ensino profissionalizante apesar da ação do governo que investe, segundo divulgação recente, R\$ 4,5 bilhões anuais no Sistema S: Sesi / Senai e Sesc / Senai, e do Ministério da Educação e Cultura, que aplica mais R\$ 1,3 bilhão nas escolas técnicas. O surgimento dos cursos tecnológicos satisfaz algumas especializações para melhor inserção no mercado de trabalho.

Opiniões abalizadas, no entanto, enfatizam a volta do ciclo básico, reformulado de modo a preencher as insuficiências demonstradas no vestibular.

Pelo Decreto 5154, de 26 de julho de 2004, foram regulamentados quatro artigos da Lei de Diretrizes e Bases, proporcionando às escolas oferecer cursos de forma integrada para alunos que estiverem ingressando no ensino médio.

Em Ouro Preto, estudantes do Centro Federal de Educação Tecnológica já aderiram ao ensino integrado, proposto pela instituição. Frequentam cursos de edificação, metalúrgica, informática e mineração. Os alunos estarão preparados para prestar vestibular e para o mercado de trabalho.

Quanto às cotas para afro-descendentes ou alunos de escolas públicas, serão apenas ditadas por uma política social, que compromete a qualidade da educação. Uma alternativa seria a expansão das vagas em cursos noturnos, o que não ocasionaria a divisão entre as poucas existentes.

Preocupa-se mais em inaugurar escolas do que em resolver o grande problema nacional: a formação e a remuneração dos profissionais do ensino.

Que a vontade de fazer uma revolução nos meios educacionais, envelhecidos e desmoralizados por reformas inoperantes e sucessivas de sucessivas administrações, seja uma realidade no campo das realizações profícuas e retornáveis em país que tem como necessidade prioritária a educação e a instrução da grande massa de jovens jogados ao sabor das drogas e da marginalidade.

O primeiro passo para a construção da firmeza de caracteres, base estrutural para o fortalecimento de uma nação, é ministrar o ensinamento, a educação básica para que o jovem, ou mesmo o adulto, seja efetivado no exercício da cidadania plena e consciente.

Abordando a ética em relação ao ensinamento, nosso Arcebispo Metropolitano Dom Walmor Oliveira de Azevedo ressalta o valor da pessoa, centro do ensinamento, que deve considerar a sua essencialidade constitutiva e trabalhar o indivíduo para alcançar suas necessidades básicas: conquista profissional e formativa, uma educação integral com o espaço para o ético e o religioso.

Esta posição alia-se à filosofia tomista. Para São Tomás de Aquino a pessoa é valor absoluto; fundamento do humanismo autêntico, fim e não meio, em que dois valores a distinguem: Inteligência e Liberdade. *A pessoa não é somente um microcosmo, síntese e centro da realidade cósmica, mas na acepção espiritual, é maior do que o macrocosmo, nela articula-se todo o Universo, em perfeita ordem, em seu sentido e valor, em suas causas e fins.*

\*\*\*

Em 1996, o poeta Lêdo Ivo proferiu na Universidade Federal de Santa Catarina estas sábias palavras:

*“Nesta Aula Magna sob o signo do vento e da ilha, imagino a Universidade como um lugar de diferença e diversidade – um espaço que deve ensinar a cada um dos estudantes que ele é uma aventura pessoal irrepetível, e em sua presença no mundo e na vida se engasta um projeto de afirmação individual destinado a produzir e projetar uma personalidade nítida.*

*Vejo a Universidade como a ilha do saber e pesquisa em que os jovens passam da leitura dos livros à leitura do mundo”.*

Neste mundo, lembra ele, em que a razão e a irracionalidade disputam o mesmo espaço, e a insegurança e a violência institucionalizadas são tão cotidianas como a água e o pão, onde as tecnologias disseminam riquezas deslumbrantes e a miserabilidade planetária, onde as guerras religiosas e étnicas recrudescem, e em que aumenta cada vez mais o número dos excluídos e oprimidos.

Que descubram os jovens estudantes uma ilha de saberes técnicos e conhecimentos a serviço da condição humana e da eternidade da vida.

*“E guardem esta ilha em seus corações”.*

Estes postulados arrolados aqui e os elos que ligam Educação, Filosofia e Justiça comparecem na homenagem que se faz a antecessores desta Cadeira de nº 21, em suas atribuições de mestres e juízes, cuja convivência com a sabedoria de vida foi uma constante.

Resta lembrar que o tema central de *A República*, de Platão, é a justiça, definida como sabedoria e virtude.

A cidade ideal para Platão completa-se com as virtudes cardeais: sabedoria, coragem, temperança e justiça.

Estes atributos idealizados governam-se pela ética. A ética passa a ser um fato histórico, na medida em que significa uma aprovação para o comportamento dos homens.

Deveres, vontade de potência e de felicidade ou mesmo o próprio viver coexistem com a realidade do progresso, condição do pensamento voltado para os valores chamados direito, saber, arte e sentimento.

Os ideais pelos quais o grande jurista Rui Barbosa se bateu, Liberdade e Justiça, são lados de um vértice construtor, acrescidos da presença de Deus.

*“Não há justiça onde não haja Deus”.*

No Salmo 97, lemos:

*“O Senhor reina, regozije-se a terra; alegrem-se as muitas ilhas.*

*Nuvens e obscuridade estão ao redor dele, justiça e juízo são a base do seu trono”.*

Para Salomão, o valor da Sabedoria é um tesouro inexaurível e engloba ciência, reflexão, conselho, habilidade, justiça e equidade.

Os alicerces da Academia Mineira de Letras fundem-se aos valores que a sustentam, a sua imortalidade é a do espírito, das escrituras e dos versos que permanecem para sempre.

Terminamos com as palavras de Santo Agostinho, filósofo e sábio, doutor da Igreja, da justiça e do ensinamento:

*“A filosofia é o amor à sabedoria, como continente da verdade e somente a sua posse representa a plenitude da alma”.*



# RAUL MACHADO HORTA ADQUIRIU DIMENSÕES PORTENTOSAS

*Murilo Badaró\**

*Sugestivas homenagens foram prestadas ao professor e acadêmico Raul Machado Horta, por ocasião de seu falecimento, ocorrido no dia 2 de março.*

*O corpo foi velado na Academia Mineira de Letras e, durante a cerimônia fúnebre, o presidente Murilo Badaró transmitiu os sentimentos de profunda consternação pela perda do ilustre mestre do Direito e saudoso acadêmico, pronunciando o discurso que a seguir transcrevemos:*

“A fisionomia humana de Minas fica mais empobrecida com a morte do acadêmico e professor Raul Machado Horta.

A inteligência jurídica do país fica privada de um de seus luminares, a cátedra se vê desfalcada de notável mestre.

No exercício da cátedra, querido e admirado pelos discípulos, especialmente pela seriedade e probidade com que ministrava suas aulas, manifestação mais acendrada de respeito aos alunos que o ouviam em respeitoso silêncio.

A cultura mineira, a Casa de Alphonsus de Guimaraens e de Vivaldi Moreira se vêem desfalcadas de admirável figura intelectual e de pensador. Em Raul Machado Horta se compunham, em expressiva coesão, o humanista e o cultor do Direito. É difícil saber qual era maior.

Se nesta larga faixa de atividade profissional, ministrando aulas, editando livros, presidindo bancas examinadoras de concursos, emprestando a força de seus argumentos às organizações de que fazia parte, relatando comissões na elaboração de tratados, constituições, códigos e regulamentos necessários ao

---

\*Homem público, escritor, presidente da Academia Mineira de Letras.

ordenamento do país, amplo universo onde se fez presente com sua categoria pessoal e profissional incomparáveis, aquilo que me convoca a atenção, além de tudo isto, é sua admirável figura humana.

Suave, tranqüilo, de fala mansa e pausada, incapaz de um gesto menos nobre, elegante no trato e na argumentação, retrato perfeito e acabado de verdadeiro cavalheiro, Raul conquistava prontamente quantos dele se acercavam. Havia algo de misterioso em sua portentosa dimensão humana.

Quantos dele se acercavam eram imediatamente dominados pelo fascínio de sua personalidade. Se lhe era pedido um parecer sobre qualquer matéria, fosse a mais simples ou a mais complexa, se lhe fosse cobrada posição num debate ou fora dele, apresentava-se com a naturalidade e simplicidade dos sábios.

Os conceitos saídos de sua boca, proferidos em toque de intimidade ou conferindo-lhes publicidade, ressumam sabedoria e profundo conhecimento de causa. Esta forma de agir e se comportar atribuiu a Raul Machado Horta a titularidade da posição de maior jusconstitucionalista brasileiro, conceito modesto como era de seu hábito, mas, de fato, um dos maiores da América.

Não há hoje, no Brasil, nenhuma carta constitucional que não apresente a contribuição do mestre de várias gerações. Assim com a Constituição Mineira de 1967, a Lei de Organização Municipal, a Constituição Federal de 1988, de cuja feitura participou como membro da Comissão Constitucional criada pelo Governo Federal, atuando expressivamente como assessor do Senador Afonso Arinos na Comissão de Sistematização durante a Constituinte de 1987/1988.

Eu e os membros da Academia Mineira de Letras, instituição à qual legou pronunciamentos imortalizados pelo alto grau de sua cultura humanística, privamos da honra de sermos seus amigos. A cada novo encontro acadêmico, mais se acentuava uma espécie de liderança nascida de respeitabilidade pessoal e honorabilidade intelectual de Raul Machado Horta.

Havia nele uma harmoniosa composição. Não se podia dizer qual a faceta predominante. Insuperável como professor, inigualável como mestre do Direito, brilhante como intelectual, Raul Machado Horta adquiriu dimensões portentosas como cidadão e pai de família.

É tudo isto que nos faz chorar sua partida e lamentar sua perda.

São estas palavras, repassadas de intensa emoção pelo desaparecimento do amigo e companheiro, que me cabe pronunciar perante seu corpo inanimado, pedindo a Deus o agasalhe na plenitude de Sua glória”.

# UM HUMANISTA EM BUSCA DA PERFEIÇÃO SOCIAL

*Orlando M. Carvalho\**

*Ainda consternados pelo recente falecimento do ilustre acadêmico Raul Machado Horta, publicamos em seguida o excerto do primoroso discurso do prof. Orlando M. Carvalho, na sessão solene de recepção ao saudoso confrade, realizada em 18 de maio de 1990.*

Sr. Professor Raul Machado Horta

A partir de 1901, o professor Willian Dunning, de História e Filosofia Política de Harvard, publicou clássica *História das Teorias Políticas* (1901-1920), em três volumes, nos quais condensou erudição e completo domínio da matéria tratada. O que chama a atenção do leitor não é tanto o extenso conhecimento das teorias políticas do Ocidente quanto a engenhosidade do sábio professor americano, de concluir o terceiro volume com uma síntese das teorias estudadas – de Sócrates a Spencer. O resumo cobre vinte e três séculos do pensamento político ocidental e abrange setenta e três gerações.

A conclusão a que chegou, em pouco mais de vinte páginas, foi de que os problemas da política especulativa são, na essência, os mesmos, isto é, os da existência de sociedades caracterizadas pelo controle do homem sobre o homem. Estes séculos de vida ocidental são uma seqüência ininterrupta de experiências de governar, através das cidades.

---

\* Ex-Reitor da UFMG, Conselheiro da Unesco, acadêmico, ocupou a cadeira nº 35 na Academia Mineira de Letras. Faleceu em 14.8.1998.

Desdobram-se estas experiências em duas vertentes: a organização e as instituições por meio das quais o controle deve ser exercido, e, de outro lado e mais importante, a fonte, a origem, a justificativa racional da autoridade governamental, em suas várias formas.

Os gregos do século IV antes de Cristo elaboraram suas teorias considerando a *Polis* como um conjunto de atividades da comunidade, envolvendo todos os seus aspectos. *A República*, de Platão, ou a *Política*, de Aristóteles, são tratados globais e, neste sentido, realmente políticos, pois contêm em seu texto a apreciação das mais variadas atividades dos gregos na cidade. Só posteriormente, como acentua Dunning, é que desgalharam os conhecimentos em teologia, ética, direito, economia, sociologia. Tais disciplinas são projeção da mesma perspectiva global. Esta é a razão pela qual a teoria política dos antigos incluía o estudo do poder em suas múltiplas modalidades, sem recorrer a especializações. Se as gerações posteriores separaram setores para análise e construção de novas interpretações, nem por isso o centro da especulação deixou de ser o poder e seu exercício no domínio do homem sobre o homem.

Daí vem por que não me disponho a aceitar a invectiva do professor David Easton, da universidade de Chicago, quando em seu prestigioso trabalho *The Political System*, de 1965 (pág. 233), escarpela o historicismo da teoria política americana, focalizando notadamente Dunning, MacIlwain e Sabine que, segundo este autor, sacrificaram a moderna teoria política.

Reconheço que é esforço salutar que cada criador de novos sistemas científicos procure renovar criticamente as contribuições anteriores na mesma área, abrindo caminho para melhor compreensão de suas idéias, mas não lhe cabe destruir a ciência do passado. É aceitável que o proponente de um novo sistema político reveja os valores revelados por seus antecessores, mas convém verificar que tais valores são permanentes, são patrimônio comum da cultura e, assim como podem sofrer ofuscamentos em certas épocas, podem resurgir e retomar o prestígio de que porventura tenham usufruído. Isto se deu com o pensamento de Platão e Aristóteles, de Políbio ou Rousseau.

Registro que ilustres professores universitários alemães, que se deslocaram para a América do Norte, durante o período autoritário em seu país, renovaram os estudos da ciência política e do direito público nos Estados Unidos, que se encaminhavam para o empirismo e o chamado estudo de casos típicos da tradição inglesa.

Orientando-se para uma avaliação teórica e fundamental da vida social e política, trouxeram da tradição cultural alemã – através da obra de Friedrich,

Loewenstein, Kelsen e outros – uma concepção mais ampla do universo político, construída sobre a base de uma tradição especulativa multissecular, onde cada setor do conhecimento encontra seu lugar para formar o quadro dos valores básicos da civilização ocidental. Basta considerar o esforço desse grupo de professores universitários para adaptarem sua formação europeia às tradições universitárias americanas.

Loewenstein, por exemplo, que escreveu para os jovens americanos primoroso ensaio sobre o poder e seu exercício, teve de adotar o título americano *Political Power and the Governmental Process* (1957). Ao promover a edição alemã, em 1959, intitulou-a *Verfassungslehre* isto é, *Teoria da Constituição*, que é como a universidade alemã estuda o fenómeno do exercício do poder. O mesmo aconteceu a Friedrich, elemento de destaque em Harvard. Em 1950, escreveu para os americanos *Constitutional Government and Democracy*. Ao apresentar o mesmo texto em alemão, em 1953, denominou-o *Der Verfassungsstaat der Neuzeit*, ou *O Estado Constitucional Contemporâneo*.

Estes exemplos mostram como é difícil interpretar corretamente uma obra que, tendo por base uma concepção filosófica do mundo, no entanto, aparece por vezes sob a forma insatisfatória de análise de um texto frio de lei. Os professores alemães mencionados mostraram que suas obras, fundadas em valores universais da civilização europeia, serviam para enfeixar em princípios filosóficos e éticos o estudo do mecanismo do poder e especificamente do poder político nos Estados Unidos. Quero dizer que o texto da lei, examinado sob este prisma, permite alcançar o seu valor último, quando aplicado na prática.

É onde se distingue o advogado do jurista e o jurista do professor. Enquanto o advogado limita o seu campo de ação ao caso que patrocina, o jurista procura descobrir o fundamento da norma e o professor se encarrega de sistematizar esse conhecimento para justificar uma filosofia de vida.

A formação jurídica aprofundada do professor Raul Machado Horta permite-lhe, partindo da análise de um texto de lei ou da pesquisa em tomo da instituição política, revelar o plano mais amplo e profundo do pensamento político ocidental e construir um sistema de liberdade para a melhor execução do propósito de oferecer à sociedade e aos homens que a compõem a melhor forma de atingir a felicidade, que é o escopo final da obra do governo.

Loewenstein, na introdução da *Verfassungslehre*, afirma que “os três incentivos fundamentais, que dominam a vida do homem na sociedade e regem a totalidade das relações humanas, são o amor, a fé e o poder, unidos e entre-

laçados de maneira misteriosa”. O estudo do poder, embora não possa determinar a sua essência, está na base do pensamento ocidental e se expressa pelo conhecimento minucioso e exato de suas manifestações, quer nas instituições políticas, quer no estudo do comportamento dos homens nas organizações políticas.

O professor Raul Machado Horta tem dedicado a sua atividade intelectual ao estudo das manifestações do poder, deslindando as instituições políticas e avaliando a força e influência das organizações políticas. Com isso, está ampliando o conhecimento do setor fundamental que rege a atividade dos homens e as enquadra para que não se transformem no uso desvairado da força, que o poder encarna. Está, pois, inserindo a sua atividade no exame mais profundo do princípio da civilização ocidental, que é o estudo e a justificativa do domínio do homem sobre o homem.

Se percorrermos seu vasto currículo, vamos encontrar uma única direção para a corrente de seus conhecimentos e produção: o estudo das instituições políticas e a análise do comportamento dos homens no exercício do poder. E atividade endereçada para um único objetivo – o conhecimento do poder, como uma das manifestações essenciais da atividade humana, ao lado do amor e da fé, como sugere Loewenstein. Estamos diante de uma personalidade íntegra, uma cabeça bem feita mais do que uma cabeça bem cheia – como queria o pensador francês – cuja obra se completa à medida que o tempo passa e apresenta, em cada fase, maior riqueza de interpretação da vida dos homens em sociedade. E, pois, dentro dessa rota uniforme e indesejada, um perscrutador da alma humana, mais do que um analista ou intérprete de instituições políticas. Pois, ao lado da análise fria dos textos, enriquece a sua produção com o pensamento básico de associar os seus resultados científicos ao propósito humanístico de elaborar uma teoria da liberdade. E um humanista que se serve do Direito para acenar com a possibilidade de transformar as instituições num instrumento eficaz para atingir a perfeição social.

É este, a nosso ver, o tema central de sua vasta produção, manifestada em numerosos livros, ensaios, conferências, pareceres, trabalhos de consultoria e assessoramento, mas sobretudo exposto diariamente nas aulas de graduação e pós-graduação da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais. Ali, seu trabalho é modelo de competência e responsabilidade, pois avalia bem o significado de cada palavra que transmite a um jovem, principalmente em certas épocas de tensão social, fato freqüente em nosso país. Seu ensinamento tem sido imperturbável e sereno, discreto, como é de seu feitio, e

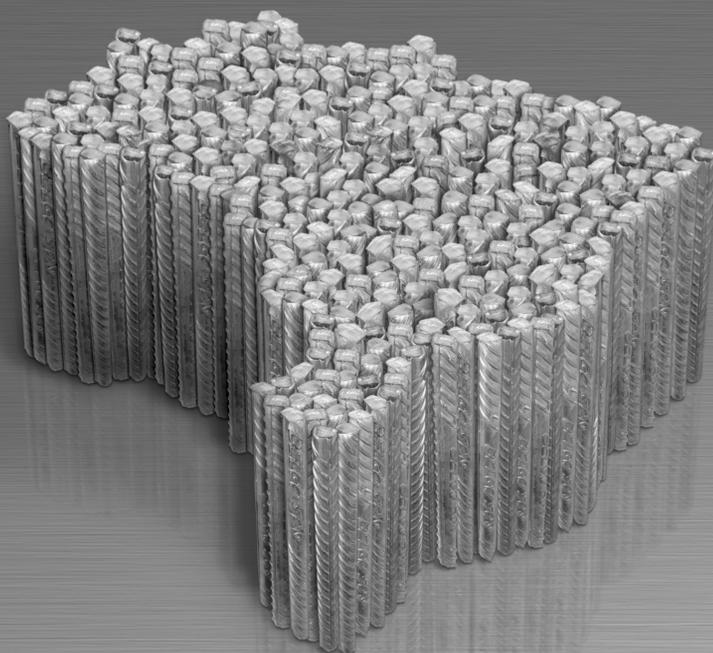
modesto, como convém a um universitário, mas consciente de que está ajudando a construir o Brasil.

Sob o aspecto pessoal não é menor a expectativa que o cerca, ao entrar nesta Casa Venerável. Representa Vossa Excelência uma geração de intelectuais mineiros preocupados com a vida política nacional. Pesquisaram seriamente na área por eles escolhida, com o objetivo indesejável de identificar a melhor forma de governar os homens na sociedade contemporânea, dentro dos cânones do Estado de Direito e apoiada na tradição secular consolidada dos valores básicos da civilização ocidental.

Posso dar um testemunho pessoal das fundadas esperanças que despertam sua presença nesta Casa, onde se abrigam tantos valores da cultura mineira. Acompanho a vida do professor Raul Machado Horta desde os tempos acadêmicos. Mereci sempre, de sua parte, uma amizade que dura dezenas de anos e sempre o tive por perto nas horas por vezes tormentosas em que prestamos serviço público. Na atividade política, junto com Francelino Pereira e muitos outros jovens, trabalhamos em escritório modesto na Avenida João Pinheiro para a campanha do candidato Milton Campos ao governo do Estado, em 1947. Na administração estadual, servimos juntos na Secretaria de Educação e, na administração federal, dirigimos trabalhosamente a instituição, eu na Reitoria da Universidade Federal de Minas Gerais e o professor Raul Machado Horta na Consultoria Jurídica. Em todas estas oportunidades, só encontrei uma figura exemplar de lealdade, competência e seriedade. Deixei propositadamente para o último lugar a menção, que me é muito cara, de sua colaboração como co-diretor da *Revista Brasileira de Estudos Políticos* que, com sua ajuda, se transformou em um órgão universitário de prestígio nacional e internacional, ao chegar agora ao seu septuagésimo número.

Seja bem-vindo à Academia Mineira de Letras, senhor professor Raul Machado Horta.





# *Evoluir é acreditar no Brasil.*

É respeitar o homem e preservar o meio ambiente.  
Evoluir é transformar-se. É estar à frente das mudanças.

A Belgo pensa assim. Ao investir na ampliação da capacidade instalada da Usina de Piracicaba, em São Paulo, a Empresa reafirma o seu compromisso com o desenvolvimento do País. A produção anual de 1,1 milhão de toneladas de vergalhões destinada, principalmente, ao mercado interno, agrega valor à cadeia produtiva e fomenta o crescimento da construção civil.



## D. QUIXOTE E CARLITO\*

*Aníbal Machado*

*Publicamos, a seguir, a Introdução de Aníbal Machado ao ensaio D. Quixote e Carlitos (1959), do escritor pernambucano Oliveira e Silva.*

*Como se trata de texto pouco divulgado em Minas, de autoria do consagrado contista e romancista conterrâneo, julgamos oportuna a sua publicação, tanto mais porque em seu trabalho Aníbal Machado reafirma seus atributos de intelectual arguto, inteligente e lúcido, condensando em pequeno estudo os traços marcantes de uma interpretação psicológica dos dois mitos da cultura nacional.*

*Anexamos à Introdução o pequeno trecho redigido por Oliveira e Silva, sob o título Confissão, para dar ao leitor uma pálida idéia do interessante polígrafo, advogado e magistrado pernambucano, autor do ensaio.*

### INTRODUÇÃO

No íntimo de cada um projeta-se eternamente a sombra de D. Quixote. E quanto mais a vida moderna se distancia do que esta sombra representa e sugere, maior temos de consultá-la e refugiar-nos nela.

O homem transfere aos mitos o seu sentido de grandeza, as suas faculdades de heroísmo e acaba um autômato das exigências cotidianas – criatura vulgar, prosaica, sempre e desesperadamente aquém do que sonhava ser.

O fato de nos exaltarmos ao contato dos grandes mitos que transcendem a normalidade de nossa condição, prova que guardamos conosco a imagem de um modelo ideal que não podemos seguir, porque nos faltam forças, mas que nos comprazemos em contemplar.

---

\* Publicado em 1959. Foi mantida a ortografia original.

Cervantes não precisou buscar no céu dos deuses o barro com que plasmou seu personagem: colheu-o na terra mesma, e na terra em que mais possível seria levantar-se um D. Quixote. Nesse barro esculpiu formas de gente, misturou-lhe uns grãos de loucura, o *granum dementiae*: indispensável a galvanizar a matéria; deu-lhe sopro de idealismo, esticou-lhe os braços e as pernas, montou-o num cavalo, e mandou que fosse combater pelos fracos e pela justiça. E o famoso livro-poema é o relato cômico-patético desse desencontro entre o ideal e a realidade, em que tomamos o partido do herói, transfundindo-nos na sua figura.

*“... el heroísmo se pega quando nos acercamos al héroe con el corazón puro. Admirar y querer el héroe con desinterés y sin malicia es ya participar de su heroísmo”* – disse Unamuno.

A cumplicidade do autor deste magistral ensaio com o herói evidencia-se não apenas na confissão explícita: “Cada um de nós se enamora do que há em D. Quixote de transcendente e inatingível, e ambiciona recolher uma partícula, mesmo ínfima, de sua alma”, como também no tom permanente de simpatia que se mantém ao longo dessas páginas.

Essa partícula mágica – essência de sonho, semente de poesia – o homem de hoje, por culpa sua, vai deixando secar e desaparecer num terreno impróprio, onde nem germina a semente de poesia, nem se expande a essência do sonho.

Mas o ser humano não abdica de sua função transcendente no cenário universal. Não será ele um astro morto, senão um astro obscurecido por um eclipse que dura há séculos, sobretudo no mundo ocidental, o mais próspero e, paradoxalmente, o mais afetado em suas raízes espirituais.

A sociedade burguesa impõe ao indivíduo condições anti-humanas, e, como compensação, ele se refugia nos mitos que lhe são antípodas. E quando se identifica nalgum personagem histórico ou figura cotidiana qualquer traço ou reflexo da loucura de Quixote – ai dele! que será esmagado, sob uma saraivada de motejos, pela onda prosaica, se antes não for recolhido nas malhas do poder policial.

Se, como foi dito acima, aumenta a necessidade de apelo aos mitos heróicos, estes vão sofrendo decepcionante redução à escala mesquinha do nosso tempo: mitos pueris que nascem de histórias em quadrinhos, “mocinhos” de filmes heróis rurais de romances de cordel...

Assim, degenerou a linhagem de Quixote nos três séculos e meio que se seguiram às aventuras do Cavaleiro Andante, até que novo mito surgisse, em

nossos dias, capaz não de reproduzir o herói cervantino, mas de aproximar-se dele e em muitos pontos com ele identificar-se.

Sem ser substancialmente parecido com D. Quixote, Carlito pertence à mesma família. Foi o que demonstrou o autor, promovendo no presente volume o encontro entre o valoroso manchego e o genial vagabundo.

Claro que é mais difícil ser herói nas ruas da cidade moderna. Dentro da confusão contemporânea, os meios estridentes da publicidade geram equívocos e possibilitam a impostura. Por isso mesmo, o herói de Chaplin se vê forçado a empregar recursos de que seria incapaz o de Cervantes.

Há um anarquismo fundamental na poesia etnográfica de Carlito; em D. Quixote, a obsessão demente de um ideal a defender. Anarquismo e loucura de que tantas vezes resulta imprevista sabedoria.

Quixote, mais asceta, mais puro. arremete contra a injustiça; Carlito, mais próximo de nós, mais dentro da realidade contemporânea, defende-se das ofensas e procura o seu lugarzinho ao sol. Faz-se de cínico contra a vontade, e de acrobata por prazer e vocação; precisa alcançar o que deseja e proteger o seu sonho, que é uma busca permanente, mas sempre mal sucedida, de amor e liberdade. Enquanto o outro desagrava os oprimidos e injustiçados, Carlito grava-se a si mesmo de ofensas e ponta-pés. Ambos vivendo a mesma solidão.

Um é o heroísmo e a candura em estado puro; o outro, a paródia burlesca da nobreza e da bravura, o homem-*clown* que desmascara os poderosos e tantas vezes se ilumina de piedade e lirismo, fazendo nascer uma flor do asfalto. Os moinhos de Quixote equivalem aos brutamontes de Carlito. Só que aqueles são fantasmas, e estes mais que monstros, porque revestidos de aparência humana.

Juntando os dois mitos como num dístico, Oliveira e Silva pratica mais um ato de poeta, a acrescentar-se aos poemas que tem publicado. Uma obra que se lê com prazer e de que se sai mais engrandecido. Em que a limpidez de cada frase vem banhada de umidade afetiva e irisada de permanente halo poético.

Livro que é um convite a que busquemos o valor da vida acima do nível prosaico em que ela nos obrigou a vegetar.

*A seguir, publicamos nota explicativa de Oliveira e Silva:*

## CONFISSÃO

Ao escrever a última página do pequeno ensaio sobre a figura de D. Quixote, verifiquei ser difícil libertar-me do seu mundo mágico.

Respirara, tão de perto, a sua alma, acompanhando-o com tamanho fervor na jornada de bravura e de fé irresistível, que adiei, várias vezes, o começo do outro ensaio sobre a criatura-personagem de Charles Chaplin.

Este depoimento repete o de leitores inúmeros que, desde o século dezessete, enfiaram em contato com o grande livro de Cervantes – crianças, adolescentes ou adultos – gozando e, ao mesmo tempo, sofrendo o feitiço pungente do Cavaleiro da Triste Figura.

Não esqueçamos aqueles que, seguindo as suas andanças perigosas, ficam marcados, para sempre, no próprio egoísmo. Insensivelmente começam a refletir, a contragosto, na legião dos que se debatem na angústia contemporânea.

Dir-se-ia que o exemplo de D. Quixote e Carlito, na convulsão dos dias de hoje, tem por objetivo principal o de plantar-nos na memória volúvel o drama de todos os seres, frágeis ou poderosos, que somente muito tarde, verificam a nudez irremediável com que mergulham na morte.

Tão distantes um do outro, no espaço e no tempo, D. Quixote e Carlito se encontram e iniciam um diálogo patético. O diálogo de duas solidões, cada qual mais rica de conteúdo humano. D. Quixote desce do seu cavalo e, dando a mão a Carlito, indica uma claridade que sobe no horizonte.

Com uma nostalgia indefinível, despeço-me, por algum tempo, de Alonso Quijano – o bom – inspirador do nascimento de Carlito, espécie de D. Quixote do século vinte.



## A “OBRA REUNIDA” DE FERNANDO SABINO\*

Fábio Lucas\*\*

Tem-se , em 3 volumes, a *Obra Reunida* (Rio, Nova Aguilar, 1996) de Fernando Sabino. Quase três mil páginas de boa prosa em língua portuguesa, além de um apêndice que inclui citações e referências em *O Encontro Marcado* e *O Grande Mentecapto*, apresentadas pelo autor, e minuciosa bibliografia ativa e passiva.

Na verdade, toda uma obstinada vida de escritor, que se estréia aos 18 anos em 1941, com os contos de *Os grilos não cantam mais* e chega até *Com a graça de Deus* (1994), “leitura fiel do Evangelho inspirada no humor de Deus”, em que se nota, desde o título, a dubiedade que a palavra “graça” comporta em nossa língua.

A primeira consagração de Fernando Sabino veio com as suas crônicas. O leitor brasileiro passou a admirar, desde o início, a cintilante capacidade imaginativa do cronista, cheia de jogos de palavras e frases espirituosas, de diálogos pontilhados de humor ou de aspectos dramáticos do cotidiano. FS trazia para a prosa jornalística a velocidade da inteligência e os artifícios retóricos de sedução do público. Com suas crônicas enviadas dos Estados Unidos, preparou, em 1950, o volume *A Cidade Vazia* que, mais do que mera literatura digestiva, era uma reflexão sobre as contradições do gigante estadunidense. Aspecto que fica mais evidente na reportagem “Medo em Nova York”, acrescentada às edições seguintes do referido livro de crônicas.

---

\* Embora inédito, o texto, de 1996, é publicado agora, em virtude do falecimento de Fernando Sabino. Depois da publicação de *Obra Reunida*, o autor de *Encontro marcado* publicou dois outros livros.

\*\* Escritor, crítico literário, ensaísta. Da Academia Mineira de Letras, ocupa a cadeira 22.

Desde criança, vê-se da cronologia da *Obra Reunida*, FS se preparou para a carreira literária, com a determinação de um obstinado.

A sua mais volumosa contribuição à literatura vem da condição de cronista. Mas, bem reparadas, suas crônicas freqüentemente abrigam ora o narrador, ora o ensaísta. Sempre o observador do cotidiano ou da própria vivência literária, refletida nos grandes escritores nacionais e estrangeiros que evoca a cada momento.

Provém de um dos seus diletos amigos, o poeta e cronista Paulo Mendes Campos, a exploração de um dos seus traços mais marcantes: a sobrevivência da criança no estilo de vida e de obra do companheiro. Aliás, em várias ocasiões renasce na engenhosa prosa de FS o lado da gratuidade e do alegre ludismo infantil. Mas é principalmente na obra *O menino no Espelho* (1982) que mais se observa a fronteira entre romance, memória e fantasia. Como diz FS no livro autobiográfico, *O Tabuleiro de Damas* (1988), “acredito que se conseguíssemos recuperar o menino que devíamos ter vivo dentro de nos, todos nos entenderíamos muito mais.” Paulo Mendes Campos humoradamente assinala: passa por brincalhão que se diverte à custa dos outros e que, à custa de si mesmo, diverte os outros. Não é verdade: “– Nunca levei nada na brincadeira, nem mesmo a brincadeira. Nem quando criança.”

Mas bem sabe o poeta amigo que FS, como cronista, está sempre atento “às tramas dos pequenos mundos”, através das quais pode ser considerado “um dos criadores dessa ágil (e válida) sociologia de bolso.” Em dado momento, PMC indica que o amigo acabou “transformando-se no mais hábil narrador de confusões da língua portuguesa”. E acrescenta: “Trata-se de um Kafka de eletricidade positiva, ou seja, de um Kafka para o qual o mundo só é confortável, e até divertido, por ser uma trama de absurdos.” Pedro Garcia de Toledo, que serviu de codinome ao cronista, aponta-lhe outro aspecto relevante: a tendência “para se divertir de maneira inteligente com a inteligência do leitor”. A verdade é que FS chegou a publicar uma coletânea de cinco narrativas inspiradas em sonhos, com o título *A Vida Real* (1952).

Quanto à narrativa de ficção, depois de *A Marca* (1944), de grave sentido dramático, PS explodiu para o grande público com *O Encontro Marcado* (1956), até hoje aplaudido e reverenciado por várias gerações de leitores. O romance serviu de bandeira da própria geração de FS, evocando as influências literárias que a formaram e as experiências de libertação movidas pelo clima existencialista do pós-guerra. A redenção do herói se faz em encontro final, à frente de um mosteiro, um refúgio religioso. Refúgio que se mostrara

recorrente na tentativa que o romancista faz de reescrever o Evangelho à luz da graça de Deus, em obra de 1994.

Outro sucesso de FS consiste no romance *O Grande Mentecapto* (1979), quando o autor volta ao esboço do livro preparado 33 anos antes, época em que viveu em Nova Iorque.

A Obra Reunida de Fernando Sabino oferece ainda, sob o título de *Gente* uma coletânea admirável de entrevistas realizadas com personalidades de destaque nas letras, artes, música e no esporte. Figuras como Villa-Lobos, Noel Nuteis, Pedro Nava, João Cabral de Melo Neto, Jaime Ovalle, Pelé e tantos outros são recolhidas por FS com uma grande abertura de alma, um coração generoso e capaz de extrema admiração pela obra e pelo desempenho dos outros. Talvez *Zélia, uma Paixão* (1991) não passe de um capítulo alongado de *Gente*.

Das viagens que fez FS extraiu um livro admirável, *De Cabeça para Baixo* (1989), em que se retrata toda a sua capacidade de observação e de se intrometer na comédia do absurdo humano. São relatos de viagens que vão de 1959 a 1986 e projetam a sua visão de outros povos, usos e costumes, numa linha de entretenimento irônico e até de indisfarçável lirismo. Retoma a verve do velho Fernão Mendes Pinto, talvez com maior senso de humor e simpatia.

Enfim, a *Obra Reunida* de Fernando Sabino também compreende espaços de reflexão sobre a literatura, especialmente sobre a ficção. *O Tabuleiro de Damas* é um exemplo de romance de formação (*Bildungsroman*). Já em 1952, publicava *Lugares-Comuns*, que inclui a tradução do *Dicionário de Lugares-Comuns e Idéias Convencionais* de Flaubert e o próprio dicionário de FS, antecedido de um ensaio.

Vê-se a multiplicidade de temas e de criações do escritor. A *Obra Reunida* abrange gêneros como a ficção, a História, o relato de viagens, as memórias, o ensaio e a crônica da vida urbana. Tudo conduzido com mão de mestre e a consagração do público, por um autor que se dispõe a “olhar tudo como se fosse pela primeira vez.”





Conseguimos  
este prêmio colocando  
muita gente em  
primeiro lugar.

OLIVEIRA

### **Acesita – Pela segunda vez Modelo de Responsabilidade Social.**

Pelo segundo ano consecutivo, a Acesita é referência em Responsabilidade Social. Este prêmio é fruto de um trabalho sério e consistente, em ações voltadas para a cidadania, a ética e uma atuação responsável em todas as esferas. Por isto, tem muita gente sorrindo com a gente: os alunos e professores de nossos projetos educacionais, os integrantes do Coral Acesita, os aposentados do Programa Andanças, artistas, empregados da Acesita e moradores do Vale do Aço. E também a natureza, que vem ganhando cada vez mais espaço na reserva do Centro de Educação Ambiental da Acesita-Oikós. Respeitar as pessoas e construir um mundo melhor. É nisto que a Acesita acredita e para isto que a gente trabalha.

[www.acesita.com.br](http://www.acesita.com.br)



# LACYR SCHETTINO: A POESIA FOI A SUA INSPIRAÇÃO DOMINANTE\*

*Pe. João Batista Megale*

Lacyr Schettino, a quem me cabe a honra de suceder na Cadeira 26 desta AML, nasceu em Mar de Espanha (MG) em 25 de março de 1914:

“Meu nome é Lacyr Annunziata Schettino e a razão do meu segundo nome é por ter nascido a 25 de março, dia em que a Igreja celebra a Anunciação da Virgem Maria. Era também o aniversário de meu pai” (1).

Passou os primeiros anos de vida em sua cidade natal, até a adolescência, quando se mudou com a família para Barra Mansa (RJ). Mais tarde, em 1960, veio para Belo Horizonte, onde viveu até o falecimento, em vinte e seis de abril deste ano.[2004]

Exerceu a profissão de professora e se destacou no mundo das Letras, tendo feito parte de várias Academias e instituições.

Escreveu ensaios, livros e poemas, frequentou Conservatórios e compôs músicas. Acima de tudo, poetizou. A poesia foi a sua inspiração dominante.

“Só aos dez anos manifestou-se em mim a poesia... Numa noite de maio... estudava eu junto à mesa que pertencia a meu avô materno, falecido alguns meses antes, na Itália... Veio-me, então, uma súbita ternura por meu avô... Deixei de lado o estudo e compus, em memória do morto, seis quadras em redondilhas maiores, amargas como a própria saudade. Daí em diante continuei a escrever sempre”. (2)

Esta experiência da infância, esse interromper o estudo, esse arruamento, esse compor seis quadras em redondilhas maiores, assinalam o instante da descoberta de um dom maior, o dom de saber olhar a poesia que existe em

---

\* Excerto do discurso de posse do Padre João Batista Megale na Academia Mineira de Letras, em 18.11.2004, sucedendo à poetisa Lacyr Schettino na cadeira 26.

todas as coisas e aceitar o compromisso de, pela própria poesia, ajudar a todos os demais a olhar para tudo o que existe no mundo como casa da poesia. Não fazemos cursos para alcançar o diploma de poetas. Os cursos são instrumentos para bem orientar e conduzir o impulso da mística da poesia.

Aquela súbita experiência de trocar a lição escolar para compor redondilhas deu o ponto de partida, o início de um peregrinar nas asas da poesia, onde os poemas irão brotando e sendo publicados um após outro. Irão crescendo de perfeição em perfeição e compreenderemos assim o juízo crítico que sobre as obras de Lacyr Schettino faz o nosso acadêmico José Afrânio Moreira Duarte: “Parece-nos justa a observação de que *O Espelho da Morta* e *Santa Teresa de Jesus* ficarão como as obras primas de Lacyr Schettino.” (3)

Através dos estudos, do esforço, Lacyr foi aprimorando seu dom poético. Foi diplomada em Canto, História da Música, Harmonia e outras matérias teóricas no Conservatório Barramansense, fundado por sua irmã Elisa Schettino; foi diplomada em Língua e Literatura Francesa, pela Aliança Francesa do Rio de Janeiro, licenciada em Letras pela Faculdade de Ciências Humanas (Belo Horizonte) e licenciada em Música pelo Conservatório Brasileiro de Música.

Alcançou vários prêmios em Literatura, entre os quais, com o livro *O Espelho da Morta*, o primeiro prêmio no Concurso Feminino de Poesia, em 1953, promovido pelo jornal *A Gazeta*, de São Paulo; e com o livro *Santa Tereza de Jesus* primeiro prêmio no Concurso de Poesia, promovido pela Prefeitura do Distrito Federal, então no Rio de Janeiro, em 1956.

## PRODUÇÃO LITERÁRIA

É vasta a bibliografia de Lacyr Schettino e variada a temática: poesias, ensaios, literatura infantil, pesquisas históricas, traduções no campo da língua *Esperanto*. (4) Suas quatro obras poéticas mais densas merecem cuidadoso estudo.

### 1. *Quando as sombras se espalham* (1940)

Os temas deste livro refletem o que Lacyr disse em entrevista: fixações dos momentos da paisagem, a alegria das colheitas, o milharal ondulando ao vento, a tempestade nos bambuais ou as cenas da vida dos cablocos, rezas, festas, fazendas, sentimentos amorosos.

Os poemas refletem, pois, o mundo do cotidiano e o que esta experiência suscita na alma do poeta.

Os poemas, rimas, métricas denotam firmeza, conhecimento, segurança e domínio da técnica poética, qualidades que deixam ver o itinerário que será perseguido no futuro. A título de exemplo:

– *Gênesis* (primeira estrofe)

*Meu coração, teceram-te as abelhas:  
já foste pólen, mel, aroma, cor,  
dormiste nas corolas mais vermelhas;  
é por isso que tanto te assemelhas  
à vida incompreensível de uma flor!*

– *É melhor assim* (poesia que retrata muito bem a natureza do livro)

*Adeus! Já vais partir e nada dizes  
nem ergues teu olhar aos olhos meus.  
Tanto esperei, nas horas infelizes,  
ver nosso amor florindo neste adeus.*

*É madrugada! O céu tem mil matizes  
das áureas tintas do pincel de Deus.  
A vida canta! e os pássaros felizes,  
nos seus ninhos, celebram himeneus*

*Alheio à festa rubra da alvorada,  
teu coração se fecha mais e mais,  
no mutismo da tua voz amada.*

*Vai! sinto que é melhor partires mudo:  
terei deslumbramentos irrealis,  
pensando que o silêncio disse tudo.*

## 2. *Rumor de asas* (1949)

É um livro em versos em que percebemos mais soltura, maior espontaneidade. Chama a atenção pela temática mais voltada para os outros, para os

problemas da guerra, dos ressentimentos e dores que um falso armistício pode trazer.

Há ainda a sensibilidade para com os problemas das pessoas, para com a menina de guerra, o capacete de lã que o soldado leva sob o frio e a neve.

Não falta uma fina sensibilidade social, vendo a lavadeira que expõe os andrajos úmidos do filhinho doente, comparados a uma bandeira universal, alertando o mundo a respeito da realidade gritante da pobreza. A poesia nos comove pela sua sobriedade.

*Na manhã transparente de orvalho,  
cheirosa de rosas frias,  
ruidosa de passarinhos nos ramos,  
bicando polpas macias –  
a lavadeira estendeu, vagorosamente,  
no varal extenuado do terreiro,  
os andrajos úmidos do seu filhinho doente.  
Nunca meus olhos compreenderam melhor  
uma bandeira, em seu sentido universal,  
do que diante desses trapos de todas as cores,  
desfraldados ao vento  
e enxugando-se ao sol, na manhã de cristal.*

Não faltaram também inspirações de grande densidade afetiva, como aquela poesia que Lacyr, freqüentemente instada nas reuniões literárias, declamava:

*Mulher*

*Sou a desconhecida,  
a que sempre buscaste e hás de buscar em vão;  
a glória por quem desfolhaste a vida  
em uma inútil peregrinação.*

*Sou o eterno motivo  
da eterna cruz do teu destino de homem.  
És porque sou e vives porque vivo  
no abismo onde outros mundos se consomem.*

*Sou teu grande momento.  
Aceita-me assim como sou,  
sem antes me buscar no pensamento  
ou interrogar depois para onde vou.*

*Sou a fatalidade.  
Chego-me sempre a ti  
numa hora de exaustão e de sol posto,  
trazendo estranhamente sobre o rosto  
o eterno véu da feminilidade.*

*Ah! deixa que esse véu envolva eternamente  
o mistério sutil da face minha,  
que te quero senhor e não vassalo,  
para sentir-me escrava e não rainha.*

*Nem procures saber como é que vim  
para a tua ambição e o teu repouso.  
Só peço que me aceites mesmo assim,  
mesmo desconhecida,  
mesmo sem novas forças que te domem.  
És porque sou, e eu sou a vida –  
a eterna cruz do teu destino de homem.*

### 3. *O espelho da morta* (1953)

Com este livro, Lacyr ganhou passagem para a consagração (José Afrânio Moreira Duarte). A poesia que dá o título ao livro indica também que o seu tema de fundo é a morte, experiência dolorosa vivida por Lacyr, na infância, quando perdeu o avô materno, perda que coincidiu ou foi causa da irrupção do seu dom poético:

“Na infância fiz os primeiros versos que não tinham nada em comum com o que então se chamava “poesia para criança”. A morte – a primeira musa. E que me tem sido fiel, mesmo nos poemas de mais intensa vitalidade”. “O primeiro livro premiado (*O espelho da morta*) é um livro feito em horas sem sol, mas surgido da música”.

Um livro de solene beleza que prima pela unidade num alto nível e pela originalidade, ainda que a poetisa confesse que o escreveu “em horas sem sol”. Essa tendência para poetisar sobre o tema da morte, diz Lacyr, talvez se explique “por eu imaginar que a poesia para um morto é como uma oração por ele”.

Concorrendo com 109 candidatas, o primeiro lugar conquistado no concurso da *Gazeta* encontra sua justificativa no texto abaixo:

### *O espelho da morta*

*É o espelho quebrado do quarto da morta.  
É o espelho partido, sem face nem música.  
No quarto da morta desdobra-se em ecos  
o eco enrolado das teias de aranha,  
das escuras aranhas tecendo, tecendo...*

*No espelho quebrado, num canto mais luz,  
dançam as geladas echarpes de vela e de espuma,  
com que a morta em meneios, dançava, dançava...  
Lá fora o orvalho badala nas úmidas plantas,  
e o luar tão neve – mais frio e mais branco que os dedos da morta –  
repassa em hapejo que rola em desmaio no espelho sem dona!*

*É o espelho partido. Refletiu mil faces!  
Mil vidas da morta desfilaram nele.  
Enrolado em sombra, esgarça a lembrança  
da que foi-s’embora com pecado e tudo;  
da que foi mulher e hoje é anjo sem rosto,  
da que teve beijos e hoje tem silêncio;  
da que teve sedas e hoje tem aranhas,  
peludas aranhas rasgando a penumbra,  
no tear do tempo tecendo, tecendo  
um fio encorpado de poeira e noite.*

## A OBRA PRIMA – SANTA TERESA DE JESUS (1958)

### 1. *Uma Experiência Fascinante*

Nos arquivos de nossa antecessora encontramos um *curriculum vitae* feito por ela mesma, no qual foi registrado:

“Em novembro de 1956 tive a satisfação de ver premiado o meu livro inédito *Santa Teresa de Jesus*, por uma Comissão composta por Manuel Bandeira, Austregésilo de Athayde e Celso Kelly.”

Este livro, comenta Lacyr em uma entrevista, é bem diferente dos anteriores. Procurei interpretar, o melhor que pude, a inspiradora desse livro, tanto assim que, na última parte, dou a palavra à própria Santa Teresa, que foi notável poetisa”. (5)

*Santa Teresa de Jesus*, a obra prima de Lacyr, aborda a vida da grande mística espanhola do século XVI.

“Sobre, no mínimo, dois autores mineiros, a vida e a obra de Teresa de Ávila, mística e escritora, exerceram fascínio suficiente a ponto de lhes dedicarem obras de exaltação. Na prosa, Vivaldi Moreira que acaba de publicar a plaquete *Teresa de Ávila, Escritora e Mística...* Na poesia, Lacyr Schettino... *Santa Teresa de Jesus...*” (6)

A própria autora fala sobre seu premiado livro:

“*Santa Teresa de Jesus* foi uma experiência fascinante, sob muitos aspectos. Mas não se repetiu, pelo menos com aquela mesma intensidade. Ao poeta cabe aguardar humildemente o que a poesia lhe exige. Espero, pois. A propósito, este livro deve ser reeditado este ano, comemorativo do 4º centenário da morte da grande mística espanhola”. (7)

## 2. *Vida e Escritos de Santa Teresa*

### *Vida*

Teresa de Cepeda Y Ahumada (Teresa de Jesus) nasceu, viveu e morreu na Espanha do século XVI (1515-1582). Ávila foi o lugar de nascimento, e Alba de Tormes, onde faleceu.

Pelo seu poder público, pelas suas riquezas artísticas e literárias e outros aspectos, a Espanha se destacava com preponderância na Europa daquele tempo. O mesmo se pode afirmar quanto à vida religiosa. Ao abrigo das turbulências da Reforma, reinantes na Europa, a espiritualidade espanhola decorre numa linha de continuidade com a da Idade Média.

Isso, porém, não implicou falta de sensibilidade para com os novos tempos, fermentados em numerosas universidades, entre as quais sobressai Alcalá, onde há uma floração de excelentes teólogos, artistas e literatos.

Paralelamente, pululam os grupos de fortes tendências místicas, como os Alumbrados, Recogidos, Dejados. Teresa de Jesus (1515-1582) e João da Cruz (1542-1591) são os maiores místicos daquele tempo, e de todos os tempos, na Igreja Católica. João da Cruz foi declarado Doutor da Igreja em 1926 e João Paulo II o nomeou patrono dos poetas de língua espanhola, em 1993. No dia 27 de setembro de 1970, Paulo VI proclamou Santa Teresa, oficialmente, doutora da Igreja, sendo ainda a primeira mulher proclamada doutora da Igreja. É a primeira mulher que ocupou uma Cadeira na Academia dos Mestres da fé cristã. (8)

Eis a sua forte narrativa da revelação:

“A minha alma já estava cansada e, embora quisesse, meus maus costumes não a deixavam descansar. Aconteceu-me, entrando um dia no oratório, ver uma imagem guardada ali para certa festa a ser celebrada no mosteiro. Era um Cristo com grandes chagas que me inspirava tamanha devoção que eu, ao vê-lo, fiquei perturbada, visto que ela representava bem o que Ele passou por nós. Foi tão grande o meu sentimento por ter sido mal agradecida àquelas chagas que o meu coração quase se partiu, lancei-me aos seus pés, derramando muitas lágrimas e suplicando-lhe que me fortalecesse de uma vez para que eu não o ofendesse”.

Era o ano de 1554. (9)

Cinco anos depois, acontece-lhe o fato que vem decidir sua vocação mística, um encontro espiritual com Cristo, que Teresa contará, emocionada, nos capítulos 27-29 do *Livro da Vida*.

A partir dessa experiência é que surge a missão de escritora, fundadora, líder de um movimento espiritual de restauração da Ordem Carmelitana. Tudo o que chegou até nós tem relação com estas experiências cristológicas.

A sua vida mística se desenvolve em duas grandes etapas. Vários anos de tensão extática, com toda uma constelação de graças místicas – êxtases, transverberação do coração, visões, levitações, profecias (1560-1572).

Uma segunda etapa ocorre nos dez últimos anos, com a paz, a maturidade e a plenitude das que serão chamadas as “sétimas moradas do seu castelo”.

### *Escritos*

Várias são as obras escritas deixadas por Santa Teresa. Seu primeiro livro foi escrito quando ela já se aproximava dos 50 anos de idade. Vamos mencionar três, em razão da sua importância e da relação com a obra-prima de Lacyr Schettino.

*Livro da Vida* – É um livro que narra os passos de Deus na sua vida. “É considerado o acesso pelo qual penetramos o mundo de Teresa e descobrimos os fenômenos místicos, as graças particulares, o limiar do Divino, a transmutação de uma mulher de gênio forte e vigoroso, animada pela força do Espírito de Deus, que a quer como fermento de vida nova na Igreja”. (10)

O livro foi escrito pela primeira vez em Toledo (1562). Os originais passaram por várias mãos de confessores e censores que fizeram suas críticas por causa das originalidades místicas. A obra foi reescrita três anos depois (1565), em Ávila. É a cópia de que dispomos.

*Caminho da perfeição* – É um livro de formação espiritual, que Santa Teresa escreveu para as suas monjas. Elas estavam privadas do *Livro da Vida*, que andava de mão em mão dos confessores e censores. As monjas, então, solicitaram da Madre um escrito, com conselhos práticos, uma iniciação à vida de oração. O tema central é: “Iniciação da Carmelita à vida de oração”.

No livro, Santa Teresa faz ver que a oração deve ter como alicerce algumas virtudes humanas, como são o amor fraterno, o desapego, a humilda-

de, a fortaleza. A partir daí abre-se o caminho para a oração, que deve avançar para o recolhimento, a contemplação infusa, etc.

O escrito não deve ter chegado às mãos das 11 monjas do mosteiro porque, nesse tempo, a Inquisição publicava um índice dos livros proibidos, entre os quais havia escritos de São Francisco de Borja, Padre Granada e São João da Cruz.

O livro de Teresa, escrito entre 1562-1564, teve que ser reescrito e só chegou às mãos das monjas em 1569. *Caminho da perfeição* é um dos mais belos tratados de espiritualidade na linha de ascese cristã. É nesse livro que encontramos a belíssima exposição sobre a oração do Pai-Nosso.

*Castelo interior* – Escrito em 1577, é o fruto maduro da peregrinação espiritual de Teresa, o estágio definitivo da sua evolução espiritual. Uma espécie de nova versão do *Livro da Vida*, escrito cerca de doze anos antes. É também, em parte, a retomada do livro *Caminho da perfeição*.

Focaliza o tema da vida espiritual desde os primeiros passos até a plenitude mística. A alma é comparada a um castelo com sete moradas, em cujo centro está Deus. Cada morada é um passo a caminho do centro. Os três primeiros passos, ou três primeiras moradas, são os passos da ascese, do esforço predominante da criatura humana (a temática do livro *Caminho da Perfeição*). A quarta morada é a passagem da vida ascética para a vida mística, quando toda iniciativa é conduzida por Deus (Cristo).

A morada ou castelo é a alma, a passagem (quarta morada) é comparada ao casulo, do qual nasce nova vida. As últimas moradas representam a promessa de união conjugal e à união matrimonial. Assim, a sétima morada é o encontro com Deus em plenitude de santidade.

## OBRA POÉTICA DE LACYR SCHETTINO SOBRE SANTA TERESA

*Santa Teresa de Jesus* “é um livro místico por excelência. Ao escrevê-lo, a autora debruçou-se de tal forma sobre a vida e a obra de Santa Teresa que ficou, embora fiel a seu próprio estilo, totalmente ímbuída pela Santa e escreveu como se Santa Teresa estivesse escrevendo”.

A obra se divide em quatro livros ou partes.

*A – Entre dois mundos*

Narra as fraquezas, as lutas de Teresa, inutilmente entregue às leituras de livros de cavalaria, as novelas de então. A vida pouco edificante no convento, onde se cuidava demasiadamente dos enfeites na própria maneira de se apresentar, as conversas prolongadas e desnecessárias no parlatório: “Singrei esse mar tempestuoso durante quase vinte anos, caindo e levantando – levantando-me mal, pois voltava a cair. De um lado, Deus me chamava; de outro eu seguia o mundo” (Vida 8,2;7,17). “Acostumei-me a lê-los (os livros sobre cavalaria)... não me parecia ruim passar muitas horas do dia e da noite em que, se não tivesse um livro novo, em mais nada encontrava contentamento...” (Vida 2,1). E isso durou até que veio a conversão.

Lacyr explicita e põe em versos essa fase, em passagens como estas:

*Graciosos Caballeros  
de turbulentas andanças*

...

*Sois todos pobres funâmbulos –  
lamas entre ânsias consumadas*

*Na perene encruzilhada  
treme a flor entre dois mundos*

...

*A dor, semente na aurora  
caída em campo de trigo!  
Relaxam-se as mãos, agora,  
como para o encontro amigo.  
Desce a grande paz em sinos  
sobre a praia sem roteiro.  
Resta-nos colher a pétala  
que a reclama o Jardineiro!*

## B – Êxtases e Visões

A segunda parte ou segundo livro contempla alguns dos êxtases e visões que a santa teve. “Era tamanha a sua formosura (as *mãos* do Senhor) que não consigo descrevê-las” (Vida 28,1). E Lacyr:

*Mãos apenas. Simples. Mãos:  
Corpórea imagem do Verbo  
na treva do nada impondo  
o seu frêmito de luz.  
Mãos que, um dia, desataram  
a música e a dispersaram  
da unidade onde jazia  
sob a forma do silêncio*

*Visão do rosto do Senhor:* “Há poucos dias vi também o rosto divino que, ao que parece, me deixa inteiramente absorta” (Vida 28,1).

E no poema de Lacyr:

*Face do Senhor  
de assombros emergindo,  
surgiu como uma flor  
recortada em luz fria.  
E crescendo em cristal  
velado por neblinas  
em planuras de luar,  
mais e mais se fundia  
...  
A Face, agora espelho  
da que a buscara, um dia,  
fundindo espaço e tempo,  
rompeu o sal do exílio,  
e aos silêncios e sombras  
desatando por fim,  
libertados e em vôos,  
verbo e amor se fundiram*

## *O Anel*

O místico anel que Santa Teresa recebeu: “... disse-me Nosso Senhor que, como eu era sua esposa, prometia conceder-me tudo quanto eu lhe pedisse. E como penhor deu-me um anel formoso, com uma pedra semelhante a uma ametista, mas com um resplendor muito diferente dos daqui, pondo-o no meu dedo” (*Relações*, 38).

Lacyr se concentra no roxo da ametista e desenvolve o tema do anel na perspectiva bíblica da Aliança do Antigo Testamento, da Nova Aliança em Cristo pelo Mistério Pascal que se faz presente sob as espécies do pão e do vinho;

*Roxo da Chaga do lado,  
roxo do poente em naufrágios  
da Galiléia da infância,  
roxo do sangüíneo aljôfar  
repontando entre presságios  
sob a coroa de espinhos,  
roxo das grávidas vinhas  
aprisionando nas tetas,  
não a aurora dos cristais,  
mas a transubstanciação  
no “universo-Eucaristia” –  
arde em fogos de ametista  
a pedra do eterno anel.*

...

*Agora, fortalecida  
do pão que os anjos invejam,  
a desposada, de joelhos,  
aguarda o sinal da aliança.  
Uma palavra em sussurro  
traz-lhe, enfim, o anel dos tempos.*

## *C – As Sete Moradas*

“Pelo que posso entender, a porta para entrar nesse castelo é a oração e reflexão” (Castelo Interior 1,7).

Eis como Lacyr coloca em verso todos os elementos e problemas existentes em torno do início e em torno da oração e santidade simbolizados na porta:

*É a porta o sinal desta morada.  
A seu redor, sem tempo, engole o arcano  
a silhueta de répteis esboçada  
entre palavra e gesto, amor e dano.*

*Debate-se a alma. Seu cansaço humano,  
se de frágil cristal, a faz quebrada,  
porém, ao encalço de um sonhado plano,  
é gozo muito o divisar a entrada!*

*No empenho em atingir o limiar,  
dobram-se em séculos de angústia os passos  
atados à voragem desse mar.*

*Na porta – elo entre Deus e a criatura –  
se imprimem dúbios, indecisos, traços  
da luta que a certeza transfigura.*

D – *No Tálamo do Celestial Esposo*

Como Lacyr mesma se expressou, esta quarta parte é como que deixada para a própria Santa. É como se ela mesma fosse a poetisa descrevendo sua união, seu matrimônio místico com Deus. É uma espécie de comentário da poesia de Santa Teresa:

*Vivo sin vivir en mí  
y tan alta vida espero,  
que muero porque no muero*

Versos número III:

*Na cera de minh'alma teu sinete  
se imprime tão de leve, meu Senhor!*

*Não te diviso a face indecifrada  
que o entendimento, presto, vem compor.  
Não te escuto a palavra, mas as letras  
são signos de verdade, iniludíveis.  
Tua presença, aos poucos, me elimina  
as formas corporais, já insensíveis.  
Desatada da carne, a alma se funde  
à tua essência, à tua claridade!  
e a permanência em ti, oh! meu Senhor,  
é a misteriosa e plena eternidade!*

“Quando Lacyr Schettino alcançou a grandeza poética que está contida no excelente *O Espelho da Morta*, parecia que ela não voltaria a escrever outro livro do mesmo quilate, mas com o aparecimento de *Santa Teresa de Jesus*, a poetisa atingiu um dos pontos culminantes da poesia mística brasileira”.

Em resposta à pergunta de uma entrevista, Lacyr Schettino assim se expressou:

“Não há grande número de poetas ou livros místicos entre nós. É preciso não confundir a poesia mística com a de inspiração religiosa, geralmente cominadas no mesmo círculo. O mínimo de conotação religiosa, em seu aspecto litúrgico ou descritivo, histórico, não nos autoriza a considerar como místico um poema”. (13)

## A MÍSTICA NO MUNDO DAS LETRAS

Sabemos que Lacyr Schettino era uma alma profundamente religiosa e cristã e em suas obras o constatamos em cada livro, em cada estrofe. Em 1991, Lacyr Schettino, em comemoração do quarto centenário de outro grande místico, São João da Cruz, traduziu vários poemas do grande místico espanhol (1542-1591). (12) Mas antes, já tinha sido escrito *Santa Teresa de Jesus*, sua obra-prima literária.

*Santa Teresa de Jesus* não se distingue só pelo seu valor literário, mas também pelo seu conteúdo. À diferença das demais obras, este livro é, todo ele, inspirado numa santa que também escreveu livros e poesias e, acentuadamente, narrou experiências pessoais místicas. Visões das Mãos, da Face e da Aliança, símbolo do que os teólogos da mística denominam “de matrimônio”.

Aos símbolos aduzidos, Rosto, Face, Aliança, podemos também acrescentar o símbolo do dardo.

“... eu via um anjo perto de mim, do lado esquerdo em forma corporal, o que só acontece raramente... Vi que trazia nas mãos um comprido dardo de ouro, em cuja ponta de ferro julguei ver que havia um pouco de fogo. Eu tinha a impressão de que ele me perfurava o coração com o dardo, algumas vezes, atingindo-me as entranhas. Quando o tirava, parecia-me que as entranhas eram retiradas, e eu ficava toda abrasada num imenso amor de Deus”. (V 29,13)

A experiência mística do dardo, do cravo, foi também recolhida no *Santa Teresa de Jesus*, cujo segundo livro ou segunda parte, se intitula precisamente *Êxtases e Visões*:

*Era o cravo – o eterno cravo  
que, sem trégua, latejava  
sob o invólucro incorpóreo  
do Senhor. Era esse cravo  
que nos fazia partícipes  
de sua lenta agonia,  
nunca e nunca terminada,  
por mais que tochas acesas  
fossem marcos sobre o mundo;  
por mais que em rampas de pedra,  
joelhos se dilacerassem,  
e por mais que urros de fera  
sondassem a eternidade.*

A resposta de Lacyr à entrevista foi correta. Tornou-se proverbial na teologia católica a frase do grande teólogo K. Rahner: “O cristão do futuro ou será um místico ou não será o cristão”. E explica: “Desde que não se entendam por Mística fenômenos parapsicológicos raros, mas uma experiência de Deus autêntica que brota do interior da existência. Pois essa frase é realmente correta e se tornará na sua verdade e no seu peso mais claramente na espiritualidade do futuro”. (13)

A vida mística de Santa Teresa, caracterizada pelos fenômenos acidentais de visões, êxtases, levitações, transverberações, certamente não essenciais

à mística cristã, tão primorosamente cantados na linguagem poética de Lacyr. Parece-nos uma mensagem muito oportuna, que um centro cultural, uma Academia de Letras, em cujas cadeiras se sentaram Henriqueta Lisboa e Lacyr Schettino, possa incorporar como enriquecimento dos seus objetivos.

Teresa de Jesus proclamou uma mística cristã, da qual fazem parte visões e êxtases como indicadores de algo mais interior e mais abrangente.

A mesma Teresa de Jesus e sua cantora Lacyr nos advertem, porém, que pode haver uma realidade mística, mesmo quando não esteja acompanhada de certos fenômenos externos, atuando, como se diria, a modo de efeitos especiais.

Constatamos hoje um despertar religioso, uma busca e uma sede de transcendência. “Precisamos transformar essa dimensão de transcendência num estado permanente de consciência e num projeto pessoal e cultural. Devemos cultivar esse espaço e fazer com que a sociedade, a cultura e a educação reservem espaços de contemplação, de interiorização e de integração da transcendência que está em nós”. (14)

Mística, num sentido amplo, equivale à palavra “transcendência” e se aplica a vários campos. Para o cristão, em seu sentido abrangente, aquele que abrange e unifica todas as místicas, a transcendência pode definir-se “*id quod omnes dicunt Deum*”. (15)

Por isso, bem podemos encerrar esta colocação com as belas palavras de nosso acadêmico Danilo Gomes:

“Toda a trajetória monástica de Teresa de Ávila é reconstruída no livro de Lacyr: sua busca, seu calvário, seus inefáveis enleios diante das Chagas, seus êxtases extraordinários no limiar da eternidade, o abandono total de sua alma no horto sagrado...

“Todo feito de uma cativante linguagem poética do melhor quilate, com imagens sedutoras do princípio ao fim, o livro de Lacyr Schettino sobre a singular aventura mística da santa parece ter sido escrito em estado de graça. O vigor expressional, a delicadeza e a beleza das metáforas, a recriação de tão intenso amor espiritual com as tintas de uma lírica tão sublime, só poderiam ter medrado numa alma perfeitamente afinada com a própria “alma extasiada” da iluminada de Ávila. Numa alma em verdadeiro estado de graça, vivido nos umbrais do Mistério.” (16)

*Nada te turbe,  
Nada te espante,  
Todo se pasa,  
Dios no se muda,  
La paciencia todo lo alcanza;  
Quien a Dios tiene  
Nada le falta:  
Sólo Dios basta (17)*

## NOTAS

(1) Schettino, D. Maria Adelaide – D. Maria Adelaide Schettino é irmã de Lacyr Schettino. Ela teve a gentileza de nos receber em seu apartamento e, por um bom tempo, conversamos sobre Lacyr. Deixou também em nossas mãos, para consulta, uma pasta que pertencia a Lacyr, com o seguinte título: *O Espelho da Morta e Santa Teresa de Jesus*. Contém recortes de jornais e outros tipos de papel, com notícias, avaliações, notas e considerações. Esta fonte nos foi de grande utilidade e nós a citaremos com a expressão Espelho-Teresa. As palavras de Lacyr colocadas como nota 3 já se referem a essa fonte – Mulheres Contam Sua Vida.

(2) Espelho-Teresa – mulheres contam a sua vida.

(3) Duarte, J. A. M. – Loc. cit. p. 169.

(4) Lista de publicações:

## Poesia:

– *Quando as sombras se espalham*. A Noite Editora, Rio, 1949. *Rumor de asas*. Pongetti, Rio, 1951.

– *O espelho da morta*. 1º Prêmio no “1º Concurso de Poesia Feminina”, de *A Gazeta*, São Paulo, 1953. Editora Saraiva, 1954. Ilustração de Darcy Penteado.

– *Santa Teresa de Jesus*. Prêmio “Olavo Bilac” de Poesia, Prefeitura do DF. 1956 Livraria Editora São José, Rio, 1958. Ilustração de Clécio Penedo.

– *Nasce uma cidade*. Edição da Prefeitura de Barra Mansa, RJ. 1963.  
*Oratório de Nossa Senhora Aparecida*. Letra e música da mesma autora, 1ª apresentação na Basílica de Aparecida do Norte, São Paulo, 1967.

– *É Natal!* Poema finalista do 111 Torneio de Poesia Falada. Governo do Estado do Rio, 1970.

– *Verdamazônia*. Editora São José, Rio, 1974

– *Parábola do Semeador*. Depto. de Informações da Arquidiocese, Belo Horizonte 1974.

– *Alvorada no Rio das Mortes*. 1ª apresentação no ICBEU, Belo Horizonte, 1989 - Emil Editora, Belo Horizonte, 1989.

### Poesia infanto-juvenil:

– *Festa no Jardim*. Ed. Municipal de Barra Mansa, RJ, 1960. Ilustração de Clécio Penedo.

– América latina – 3º Prêmio: “Concurso de Poesia Continental” da Revista *Nuestra América Mestiza* – Bogotá/Colômbia, 1986.

– *Cada festa uma canção*. Edições Paulinas, São Paulo, 1974.

– *Vamos todos cirandar*. Prêmios “Cidade de Belo Horizonte” e Secretaria da Cultura de Minas Gerais – Ozom Editor, Rio, 1969.

– *As sete meninas*. Prêmio “Personalidade do Ano Internacional da Criança” da U.B.E. Rio. Editora lemi, 1979. Ilustração de Virgílio.

– *A gatinha Bonifácia*. Editora RHJ, Belo Horizonte, 1987; 2ª edição, 1991. Ilustração de Ferrúcio.

– *Naquele Tempo... {Parábolas}*. Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1987.

### Ensaio:

– *A poesia de Sofia de Mello Breiner*. Revista Portugália, Clube Português, S. Paulo, 1971.

– *Panorama da Literatura Infantil*. Revista do Conselho Superior de Cultura de M. Gerais, 1979.

– *Em torno do episódio de Inês de Castro*, “in Palestras Camonianas”, Ed. Bervalle, B. Horizonte, 1980.

– *Descobrimo o Brasil em “Os Lusíadas”*. 1º Prêmio do Concurso “O Brasil e Os Lusíadas” – Elos Clube do Brasil, Cons. de B. horizonte e Centro de estudos Portugueses da UFMG, B. Horizonte, 1982.

– *Lendas da Cidade de Tiradentes* (lendas). Centro de Estudos Sociológicos de Juiz de Fora, MG, 1981.

– 1º Prêmio (viagem) no Concurso de frases “Vá à Terra Santa”. *Jornal do Brasil*, Alitália e Travel-Service. 1986.

### Tradução:

– *Uma exploração na Guiana Brasileira*. Original de Hamilton Rice. USP e Editora Itatiaia, B. Horizonte, 1978.

– *Poesia para meditação*. Obra poética completa de San Juan de la Cruz, Cebi-Carmo, B. Horizonte, 1991.

– *Dia-a-dia*. Original de Salvatore Quasimodo (inédito).

– *A poesia de Santa Teresinha do Menino Jesus* (a sair no próximo ano).

(5) *Espelho-Teresa* – As mulheres contam a sua vida.

(6) Espelho-Teresa – Danilo Gomes – Teresa de amor chagada. *Correio de Porto Alegre*, 23.9.1978.

(7) Espelho-Teresa – *Jornal de Letras*, Rio de Janeiro, maio de 1982. Aonde quer que vá o poeta, carrega seu mundo imutável.

(8) Cagnet, L. – *De la Dévotion Moderne à la Spiritualité Française*, Librairie Arthème Fayard, Paris, 1958, p. 23-47 – *Diccionario de los Santos*, ed. San Pablo, vol II, 1998, p. 2100-2108 (T. Álvarez).

(9) Obras Completas, Teresa de Jesus, ed. Loyola, 2002, p.66.

(10) Obras Completas – Teresa de Jesus, p. 24.

(11) Duarte, J. A. M. – Loc. cit. p. 167.

(12) Schettino, Lacyr – *São João da Cruz – Poesia para meditação*, Belo Horizonte, 1991 – Rev. e Composição P. J. L. Ruas.

(13) Cf. Libânio, João Batista – *Olhando para o futuro*, 2003, ed. Loyola, p. 96.

(14) Boff, L – *Tempo de Transcendência: O ser humano como um projeto infinito* – Rio de Janeiro, Sextante, 2000, p. 76 s.

(15) Summa Theologica, Ia.q.2, a.3. Sto. Tomás.

(16) Gomes, Danilo – “Teresa de Amor Chagada”, *Correio do Povo*, Porto Alegre, RS, (19/09/78), na pasta Espelho - Teresa.

*Oração de Santa Teresa de Jesus* – Obras Completas, Poesias, p. 980.





# KAWAii



A SUA  
CONCESSIONÁRIA  
TOYOTA  
EM BELO  
HORIZONTE.



**Tel.: 2129-3000**

Av. Carandaí, 874 - Santa Efigênia

A única montadora  
brasileira que oferece essa  
tranquilidade de fábrica.

# NAS ESTRADAS DA FILOSOFIA

*Pe. Paschoal Rangel\**

(12.º DE UMA SÉRIE)

## O ELEATISMO DE MELISSO

Motivos políticos, econômicos, militares acabaram por marginalizar o eleatismo, uma corrente filosófica que teria tido a chance de impulsionar a filosofia ocidental, mais cedo, na direção da descoberta da teoria do conhecimento. Mas o mundo helênico foi sacudido violentamente pela irrupção da Sofística, “cujo sucesso tão brilhante quanto repentino deslocou as próprias bases do problema filosófico”. Por outro lado, com a morte de Sócrates, sua herança se dividiu por séculos entre as Escolas, que ficaram fiéis a alguma forma de animismo tradicional e aquelas que, saídas dos primeiros sofistas, rejeitavam decididamente a idéia de “alma do mundo”. As querelas entre os que defendiam o “descontínuo” (o número, os Pitagóricos) e o contínuo (os Eleatas) deixavam de interessar. As pessoas não queriam mais saber de como descrever a imagem do mundo, se num sistema contínuo ou descontínuo, preferiam indagar como era a estrutura da realidade total: estamos num mundo duplo, dual e animista, ou num mundo simples, unidimensional – diríamos hoje talvez – como queriam os sofistas? Haveria mesmo, como diziam Sócrates, Platão e seus seguidores, uma realidade em dois planos distintos – material e espiritual, visível e invisível – ou a realidade não passava do que os sentidos mostram no imediato e a gente não tem de ficar preocupado com o desconhecido, o imortal, como diziam os novos mestres, os Sofistas? Estas perguntas pareciam ser muito mais importan-

---

\* Professor de Filosofia e Teologia, escritor, da Academia Mineira de Letras; ocupa a cadeira 27.

tes para o homem do que a numerologia pitagórica ou as sutilezas dialéticas dos eleatas.

Quando se lêem os argumentos de Zenão, eles podem parecer àqueles que estão interessados em lutar pela teoria da “alma do mundo”, em favor da concepção sagrada dos ancestrais, uma brincadeira de desocupados que se mordem para ver se são capazes de dividir um fio de cabelo em dez mil pedaços. (Cf. Melisso. Frag. VII. 2.)

É verdade que a luta dos eleatas estava a léguas desses “bizantinismos” *avant la lettre*. O que estava em jogo, naquele instante inaugural da metafísica grega, era a *crítica do conhecimento*. Problema que foi deixado de lado sobretudo pela presença devastadora dos sofistas, aos quais não interessava saber se o homem pode ou não chegar ao conhecimento da realidade objetiva. O que lhes importava era a capacidade de atingir as convicções humanas, confirmar ou mudar o comportamento, ainda que com argumentos objetivamente insustentáveis. Os sofistas tinham desviado a caminhada da Filosofia. O afastamento dos eleatas do primeiro plano do debate filosófico só fez atrasar o estudo da teoria do conhecimento. De qualquer modo, depois de Zenão, os eleatas tiveram apenas um representante: **Melisso de Samos**. Este não deixou sucessores. Os motivos, além dos já apontados, logo os veremos.(1)

## MELISSO DE SAMOS – VIDA E OBRA MÁ VONTADE DE ARISTÓTELES

Nascido em Samos, importante ilha do Mar Egeu, que chegou a ter momentos de glória e a enfrentar Atenas em seus tempos de esplendor máximo, na época de Péricles, era um apaixonado por sua terra. Além de poeta e filósofo, foi almirante e venceu os atenienses em 441, comandando a esquadra de Samos. Péricles, porém, voltou à luta e o derrotou logo depois, restabelecendo a hegemonia militar e política de Atenas. Não se sabe quase mais nada de sua vida. Mas esse episódio o afastou da rota da cultura dominante na época e o impediu de pôr em circulação suas idéias, ou seja, as idéias da Escola de Eléia. Entretanto, escreveu pelo menos um livro **Sobre o Ser** ou **Sobre a Natureza**, de que restam alguns fragmentos, que o apontam como um polemista tentando defender o eleatismo contra os pitagóricos e contra Empédocles de Agrigento. Terá tido seu *acme* (seu momento de maturidade plena) entre 444 e 441 A. C.

Foi certamente um pensador respeitado em seu tempo. Mas ficou sendo “proibido” falar nele em Atenas. Fez-se um cerco, um patrulhamento de cunho político, que Zafiropulo chamou de “patriotisme exaspéré” e “chauvinisme étroit” contra o almirante filósofo. Platão praticamente o ignorou, mesmo quando quis prestar uma homenagem aos mestres eleatas. Acabou escrevendo um **Parmênides** e não um **Melisso**. É pelo menos a interpretação de alguns que têm, nos últimos tempos, tentado resgatar a imagem de Melisso.

O que, porém, não parece discutível é a má vontade de Aristóteles para com o Samosense ilustre, a quem chama de *agroïkos* = **rústico, pouco cultivado** (Fis. A 5, 589 b 25) e *phortikós* = **grosseiro** (Fis. A 3 186 a 6), incapaz de perceber as sutilezas da dialética: *ouk échon aporían* (Ibidem). Vamos ter de voltar a essa última crítica, porque Aristóteles a profere a propósito de uma das doutrinas básicas de Melisso, que terá sido talvez uma das colaborações mais importantes ao eleatismo. A opinião do fundador do Liceu – válida ou não – influenciou definitivamente na recepção de Melisso entre as novas gerações de filósofos da Grécia e fez que ele viesse a ser considerado como uma personagem secundária do eleatismo. Aristóteles foi, por isso, paradoxalmente, responsável pelo fato de Melisso não ter ficado de todo esquecido e, ao mesmo tempo, por ser considerado um filósofo de segunda categoria. Guido Calogero, num excelente estudo sobre o eleatismo, em que dedica a Melisso 35 páginas densas, afirma que “a essa condenação aristotélica fez eco, substancialmente, de Zeller em diante, toda a crítica moderna, que, não obstante algumas tentativas de revalorização, tem sempre deixado para Melisso, na história do eleatismo, um posto secundário”.(2) Houve mesmo quem o considerasse um “diletante da filosofia” (a palavra é de Reinhardt). E Cassirer, apesar de reconhecer reais méritos teóricos em Melisso, acaba por lhe atribuir uma “importância negativa”.(3) Nos últimos tempos, porém, os historiadores e críticos se dividem entre os que mantêm uma opinião negativa ou, pelo menos, restritiva sobre o valor da obra de Melisso e aqueles que se convenceram de que ele é o verdadeiro e o único continuador de Parmênides; o único que acrescentou algo positivo ao pensamento parmenidiano, tendo levado a termo as conseqüências das premissas da Escola. Zenão – tão lembrado – não fizera senão defender polemicamente as idéias do Mestre. Górgias caíra na Sofística. Os novos deixaram de se importar com a temática eleática.

Assim, das dificuldades que Parmênides enfrentara e não pudera resolver, duas eram as principais: 1) a concepção da necessária finitude do Ser; 2) a

justificação de um mundo verossímil – o mundo da Opinião – ao lado do mundo real da Verdade.

Neste segundo ponto, os eleatas – inclusive Parmênides – sentiam-se levados a fazer alguma concessão. Afinal, como negar tão completamente o que a massa humana toda afirmava? Como rejeitar inteiramente o premente apelo dos sentidos? A Escola estava persuadida que o mundo que se mostrava aos sentidos era uma ilusão. Mas como desconhecer tão peremptoriamente o que todo mundo (inclusive eles, os eleatas) pensavam estar vendo, apalpando, ouvindo etc.? Parmênides acabou por conceder, ainda que contrariado e sem saber como justificá-lo, algum valor ao mundo das aparências. Como vimos, ao estudar Parmênides, a deusa lhe diz, no final do Prólogo do poema:

*“É preciso que tudo aprendas – 1) da verdade bem redonda o sólido coração; 2) e dos mortais as opiniões, em que não há certeza veraz; 3) ademais, também isto aprenderás: que é necessário àquele que tudo indaga em todos os sentidos, admitir a existência das aparências.”*

Desta forma, os eleatas acabaram admitindo, além da via da Verdade e a do Erro, uma terceira via, a da Opinião Plausível.<sup>(4)</sup> Os sentidos alcançariam uma realidade verossímil. Isto criava um campo de contato com o comum dos homens, mas abria igualmente um lugar de desencontro com as exigências do Logos. Era preciso saber como levar essa concessão a sério, sem negar a absoluta unidade do Ser, ponto central e indiscutível para o eleatismo. Esta era uma das duas mais graves dificuldades do sistema parmenidiano.

O outro problema sério deixado pelo fundador da Escola era o da finitude do Ser. Ele afirma repetidamente que o Ser é finito. Com esta expressão, ele quer dizer, paradoxalmente, que o Ser é perfeito. Perfeito é aquilo que está completo, aquilo a que não se pode acrescentar nada mais. Isto, segundo Parmênides, significa que o Ser é limitado. Que está inteiro em si. Que não pode estar aberto a nada além do Tudo que ele já é. Neste sentido, ele está acabado. E isto o limita e o faz finito. Parmênides não explica bem por que é assim. Tudo indica que ele aceitou o postulado pitagórico de que “só o finito é perfeito”. Mas se é finito, tem limites. E qual pode ser o limite do Ser? Só o que não é Ser. Mas o que não é ser, é não-ser. Ora, o não-ser não é. O que não é, não pode ser o limite de nada.

A resposta a essa dificuldade ficou para seus herdeiros. A ela está ligada uma outra. É que, pretendendo explicar como o Ser é finito, determinado e

sempre igual a si mesmo, Parmênides o compara à figura da Esfera. O ser seria, então, *esferiforme*. “...porque há um extremo limite, ele é completo de toda parte, semelhante à massa de uma *esfera perfeitamente redonda* de igual força do centro a toda parte.” (5)

A imagem da “esfera”, porém, é espacial. Isto traz consigo uma séria dificuldade de “imaginá-la”. Que seria esse espaço? As esferas que conhecemos, limitam-se dentro do espaço maior, mas também se multiplicam. Se tentamos visualizá-la *uma e única*, inespacial, nossa imaginação se confunde e se perde. Por outro lado, não há nada fora dela, ela é todo o Ser. Que é, pois, que pode limitá-la? Rodava-se num círculo vicioso: o Ser não pode existir sem limite, mas também não pode ser limitado, porque não há nada que o possa limitar. Assim, o Ser tem de ser, e não pode ser.

Isto incomodava Parmênides, mas ele não conseguiu escapar do redemoinho: o Ser, para ser completo e perfeito, tem de se fechar e não ser o outro. Mas se se fecha, distingue-se do outro, não é o outro, o outro o limita. Se é limitado, pode ser completo em si, mas tem de admitir o outro, isto é, que há algo fora dele, aquilo que ele não é, e o Ser deixa de ser Uno. Neste caso, ele, o Todo, o completo deixa de ser completo, deixa de ser o Todo.

Nessa luta da razão consigo mesma, nessa busca da lógica, topa a Razão humana, pela primeira vez, o desafio de sua capacidade de conhecer. Inicia-se com o parmenidianismo o problema da crítica da razão, que atravessou toda a história da filosofia: o homem é ou não capaz de conhecer o real? Como falar do real sem cair em contradição?

Esses dois problemas ficaram, pois, para a descendência de Parmênides. Mas Zenão estava muito ocupado em defender Parmênides para encará-los. Foi Melisso que se incumbiu de tentar resolver essa questão. Infelizmente, como vimos, razões histórico-políticas não lhe permitiram fazer-se ouvir. Sua voz e suas obras escritas praticamente se perderam quase por completo. Encontramos alguns fragmentos importantes em Simplício, alguns parafraseados. E Aristóteles, que, muitos anos depois, guardou alguma coisa de seu pensamento, era um adversário ferrenho de seu sistema e interpretava suas citações com muito pouca simpatia.

## O ELEATISMO DE MELISSO

Entretanto, apesar do rigor crítico com que o tratou Aristóteles, “Melisso pode ser definido como o «sistematizador» do pensamento eleata”, escreve Giovanni Reale em sua notável *História da Filosofia Antiga*.(6) E Reale nos leva a redizer: Parmênides afirmara alguns pontos sem comprovação: em certos casos até, parecia contradizer-se. Zenão se restringiu a combater os adversários do Mestre, reduzindo seus argumentos ao absurdo. Foi Melisso que “procurou, em límpida prosa, dar forma sistemática à doutrina, deduzir com rigor todos os atributos [do Ser] e corrigir o que não se enquadrava, ou se enquadrava mal, nos fundamentos do sistema”. (7)

Como vimos, os dois maiores problemas deixados por Parmênides eram a afirmação da “finitude do ser” e a “existência do mundo da Opinião”. “Haver eliminado esses dois últimos motivos de incerteza e de oscilação”, atribuindo assim ao ente parmenídeo, com radicalidade, uma absoluta intolerância para com a existência de qualquer outro ente real “que pudesse diferenciar-se dele seja como delimitante, seja como realidade de grau ou natureza inferior, *é o mérito de Melisso*”.(8) Ele é o último elaborador do eleatismo, aquele que leva as doutrinas parmenídeas ao limite, além do qual seria a crise interna, a autocontradição.

**O Ser é infinito.** - Tal como para Parmênides, assim para Melisso, o Ser era e tinha de ser UNO, ingênito (não gerado, não tinha começo) e incorruptível (não deixaria nunca de existir, não teria fim). É como está no Fragmento n. 1: “Sempre foi o que foi e sempre será. Se tivesse nascido, seria necessário que, antes de ter nascido, tivesse sido nada; e se tivesse sido nada, de modo algum poderia ter nascido: nada nasce do nada.” E o Fragmento n. 2 acrescenta: “Já que não nasceu e é, e sempre foi, e sempre será, não tem princípio nem fim, mas é infinito.” E eterno. Infinito no espaço, ou melhor, no Ser, que é PLENO; infinito na duração. Aqui está um ponto básico e que traz uma substancial novidade ao eleatismo tradicional. Já vimos que Parmênides repetia com ênfase e insistência que o Ser perfeito é finito. Melisso ousou inovar e corrigir o Fundador, demonstrando que o Ser perfeito não pode ser finito, pois o finito é limitado. Ora, o limite do Ser só poderia ser o Não-ser. O Não-ser, porém, não é, não existe. O que não existe não pode limitar nada, exatamente porque não existe. Logo, o Ser tem de ser infinito. E é infinito, não negativamente, por não ser limitado, mas por ser, em todo sentido, pleno; por ser TUDO. Pois o Ser “é Tudo, agora, ao mesmo tempo”: **epeî nûn éstin homou pân.**

O segundo ponto: a **rejeição da validade do conhecimento sensível**, ou seja, da percepção dos sentidos. Disso trata o Fragmento 8, que é longo e importante:

“Este argumento é a maior prova de que não há senão um só Uno. Há, porém, estas outras provas: se houvesse muitas coisas, seria necessário que fossem da mesma maneira que afirmo que é o UNO. Se, de fato, a terra, a água, o ar, o fogo, o ferro, o ouro e os seres vivos ou mortos, o preto e o branco e as demais coisas, que os homens dizem que existem verdadeiramente, se estas coisas são, e nós vemos e escutamos corretamente, é necessário que cada coisa seja tal qual nos apareceu da primeira vez, e não pode mudar nem transformar-se; ao contrário, cada uma deve ser sempre assim como é. Ora, nós afirmamos que vemos, e escutamos, e compreendemos corretamente. Mas parece-nos que o calor se converte em frio, e o frio em calor; o duro em brando e o brando em duro, e os seres vivos morrem e nascem de seres não vivos, e todas essas coisas se transformam, e o que era antes e o que agora é, não é efetivamente igual. Ao contrário, o ferro, apesar de duro, se gasta ao contato com os dedos e se consome. Coisa semelhante sucede com o ouro e a pedra e todas as coisas que parecem fortes e sólidas; parece que a terra e a pedra nascem da água. Por tudo isso, se pode dizer que não vemos nem conhecemos os seres, pois essas coisas não concordam entre si [*se contradizem*].”

O fragmento continua a insistir neste argumento: nada que muda, pode ser de verdade. Pois se vem a ser o que não era, é que recebem em si alguma realidade que não possuíam. Se não a possuíam, é que lhes faltava algo, haveria nelas um “vazio”, um “não-ser”. O não-ser não pode ser. E assim, as coisas não podem mudar. O que existe, se existe de fato, tem de ser o UNO. (Fragm. 8.) O múltiplo, em verdade, não existe. Se os sentidos nos atestam sua existência, isto prova que os sentidos não conhecem corretamente a realidade.(9)

O eleatismo foi uma crítica radical contra o conhecimento sensível. Neste sentido, a luta de Melisso foi sobretudo contra Empédocles.

A Escola eleata parou aí. Mas o eleatismo deixou marcas indeléveis no pensamento filosófico: a busca permanente do Ser, daquilo que é e não pode não ser; o esforço da razão, do Logos para descobrir seus fundamentos e suas leis; a confiança na permanência mais que no movimento; no Uno, antes que no Múltiplo; no Ser, mais do que no vir-a-ser. Muito disso permaneceu em Platão (nas suas Idéias), na Substância de Aristóteles, na Patrística e na Escolástica.

Parmênides, Zenão e Melisso estavam na infância da metafísica e da lógica. Cometeram alguns equívocos. É claro, por ex., que o Ser que eles despreveram e defenderam de unhas e dentes, “só podia ser o ser de Deus”, como

lembra acertadamente Giovanni Reale. É certo ainda que “Aristóteles acusou os eleatas em geral e Melisso em particular, de beirarem a loucura: a loucura da razão, que não aceita reconhecer nada além de si mesma e de sua própria lei, rejeitando categoricamente a experiência e seus dados”.

Mas é mesmo assim que caminha a filosofia, indo e vindo, acertando e errando; amando sempre a sabedoria, numa constante caça à Verdade, enquanto o filósofo continuar sendo “*venator essentialium*”.

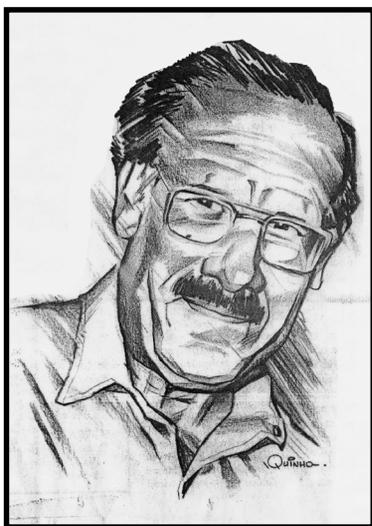
## NOTAS

1. A respeito do que acabamos de escrever, veja-se ZAFIROPULO, Jean. *L'école éléate – Parménide – Zénon – Méliossos*. Paris, Les Belles Lettres, 1950, p. 229-231.
2. CALOGERO, Guido. *Studi sull'eleatismo*, Firenze, La Nuova Italia, 1977, p. 71-72.
3. Citados em CALOGERO, Guido. Op. cit., p. 72.
4. Cf. REALE, Giovanni. *História da Filosofia Antiga*, Vol. I; Das origens a Sócrates, trad. bras. de Marcelo
5. Cf. REALE, Giovanni. *História da Filosofia Antiga*, Vol. I; Das origens a Sócrates, trad. bras. de Marcelo Perine, S. Paulo, Ed. Loyola, 1993, p. 107.
6. REALE, Giovanni. *História da Filosofia Antiga – 5 volumes. Vol. I*, trad. bras. de Marcelo Perine, S. Paulo, Loyola, 1993, p. 125.
7. Idem, ibidem, p. 125.
8. CALOGERO, Guido. *Studi sull'eleatismo*, o. c., p. 70. Grifo nosso.
9. DIELS-KRANZ, 30 B 8. Valemo-nos, nesta tradução, do Fragmento 8, da versão de Rodolfo MONDOLFO. *El Pensamiento Antiguo – Historia de la Filosofía Greco-Romana – T. I*, 3ª edición, Biblioteca Filosófica, Buenos Aires, Editorial Losada, 1942, p. 90-91.

## Perfil acadêmico

# LITERATURA, UMA VOCAÇÃO SEMPRE PRESENTE

*Beatriz Teixeira de Salles\**



Fábio Lucas

Apesar de ter apenas 73 anos, Fábio Lucas é um dos mais antigos membros da Academia Mineira de Letras, pois assumiu sua cadeira aos 29 anos de idade. Como havia sofrido um acidente grave que o deixara fora do circuito, foi o poeta Emílio Moura quem fez sua campanha, em 1961. No mesmo ano, foi eleito e tomou posse.

Mesmo tendo se radicado em São Paulo, onde vive desde 1977, não deixou suas raízes mineiras, muito menos a casa intelectual da qual faz parte. “Sempre procurei dar estímulo às iniciativas culturais da Academia” – afirma, ao ressaltar que la-

mentou o período em que se interrompeu a circulação da *Revista da Academia Mineira de Letras*. Segundo ele, a revista é um cartão de visitas da instituição, onde podem ser mostradas as produções de seus integrantes.

Fábio Lucas comenta, com satisfação, que a *Revista da Academia* ganhou alcance nacional após a retomada de sua circulação. “Vejo a publicação na Academia de Letras de São Paulo, os mineiros que vivem no Rio de Janeiro também dão notícia da publicação, que leva a nossa produção intelectual para fora do Estado. Acredito que a retomada da *Revista* deu novo fôlego à Academia”, acrescentou.

---

\* Jornalista.

Outro fator importante, na sua opinião, é o conteúdo eclético da publicação, ao contrário do que acontece frequentemente com os suplementos literários, muitas vezes dominados por grupos específicos. Ele destaca ainda que a *Revista* dá oportunidade para pessoas de orientações diferentes, tanto literárias quanto políticas, exporem seus pontos de vista.

## LITERATURA ATUAL

Ao abordar o panorama cultural do país, nos dias atuais, Fábio Lucas considera que a nossa literatura brasileira deu salto qualitativo muito grande. Ele tem participado de júris de concursos, tanto em Belo Horizonte quanto em São Paulo, e comprovado a boa qualidade dos textos apresentados.

Outro fato relevante que ele destaca é a disseminação da produção cultural fora do eixo Rio-São Paulo que, até alguns anos atrás, dominava o cenário. Neste sentido, acentua: “Hoje temos grandes autores e obras em vários núcleos culturais. Um bom exemplo é o Rio Grande do Sul. O mesmo pode-se falar de Bahia, Pernambuco, Goiás e Distrito Federal”. O acadêmico Fábio Lucas observa que hoje é possível um autor ser conhecido em todo o Brasil sem ter saído de sua província, como é o caso da mineira Adélia Prado, do paranaense Dalton Trevisan, do gaúcho Moacyr Scliar e tantos outros. Belo Horizonte também tem seu lugar de destaque, segundo Fábio Lucas, que cita Wander Piroli, Murilo Rubião, Emílio Moura, Henriqueta Lisboa – nomes respeitadas em todo o país.

O entrevistado chama a atenção para o fato de que a literatura brasileira, quanto mais se refere à temática nacional, mais universal se torna. E avalia: “No século XX tivemos dois nomes que venceram barreiras – Guimarães Rosa e Clarice Lispector – e criaram para nossa literatura um *status* especial. A língua portuguesa passou a ser mais considerada nos meios cultos, para o que também contribuiu o Nobel de José Saramago”.

Fábio Lucas comenta ter havido períodos em que as modas européias eram assumidas como caixa de ressonância no Brasil. Ao contrário de hoje, quando exportamos literatura. Cita, como exemplo, o fato de o romance nordestino – de Jorge Amado, José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz – ter deixado fortes marcas no neo-realismo português. “Esses autores foram os primeiros a exportar nossa literatura. Agora sentimos que o Brasil está capaz de fazer sua própria literatura, sem nenhuma influência do que vem de fora”, afirma.

Mas ressalva que o grande embargo a essa evolução é o não-cumprimento da promessa governamental de alfabetização brasileira. Na sua opinião, a prioridade hoje deve ser a de alfabetizar todos no sentido de formar leitores, e não apenas decodificadores de letras.

## VOCAÇÃO SEMPRE PRESENTE

Doutor em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais, e em Economia e História das Doutrinas Econômicas, pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da mesma universidade, Fábio Lucas fez ainda especialização em Teoria da Literatura, o que o aproximou ainda mais da vocação que sempre esteve presente.

O escritor já manteve uma coluna no jornal *Estado de Minas*, junto com Affonso Ávila, de notícias e críticas literárias. Colaborou também extintos *Diário de Minas* e *Correio de Minas*, com o rodapé literário.

Em 1950, junto com Rui Mourão e Affonso Ávila, fundou a revista *Vocação*, reunião de jovens escritores que queriam um veículo próprio para divulgar seus trabalhos. “Convidamos especialistas em cada área – lembra o acadêmico – o Affonso cuidava da poesia, eu, da crítica, o Rui, da ficção, o Cyro Siqueira escrevia sobre cinema, o Silvio Vasconcelos, sobre arquitetura. E havia uma seção polêmica, que escrevíamos sob pseudônimo, onde jogávamos nossa ira contra escritores do Rio, São Paulo e mesmo Belo Horizonte”.

Mais tarde, em 1957, novamente com Rui Mourão, fundou outra revista, *Tendência*. Essa era uma publicação mais política, refletindo a simpatia de seus responsáveis pelos movimentos de esquerda. “*Tendência* tinha um cunho nacionalista à esquerda, digamos assim, e era mais acadêmica. Trazia a proposta de discutir temas literários, uma poesia mais engajada, reflexo da influência do marxismo e do existencialismo vindos da Europa”, comenta.

Ao longo do tempo, Fábio Lucas continuou com sua produção literária, inclusive colaborando com revistas internacionais, até que, em 1968, com a decretação do AI-5, viu-se cerceado em sua liberdade.

## NO EXTERIOR

Dois anos depois, como se tornava cada vez mais difícil trabalhar no Brasil, foi para os Estados Unidos, onde ficou até 1972. De lá, foi para Portugal, mas com o regime salazarista voltou para os Estados Unidos em 1974. Lá ficou durante dois anos, regressando ao Brasil em 76, quando já se viviam ares menos soturnos em nosso país.

Enquanto viveu nos Estados Unidos, foi professor nas universidades de Minnesota, em Minneapolis, Columbia, em Nova Iorque, Texas, Wisconsin, em Madison, Indiana, em Bloomington, Vanderbilt, no Tennessee, além de ter sido bolsista do Science Research Council, em Nova Iorque.

Em 1977, foi para São Paulo, onde dirigiu uma faculdade durante dez anos. No vizinho estado acabou criando raízes e permanece até hoje, com seu nome ainda mais se projetando na vida literária do país.

A partir de 1978, o país vivia o clima de abertura política. Foi nesse período que Fábio Lucas presidiu a União Brasileira de Escritores e dirigiu o Instituto Nacional do Livro, em Brasília. Também na capital federal lecionou literatura na UnB.

## IMPRESSÕES DA AMÉRICA

O período em que viveu nos Estados Unidos deu a Fábio Lucas uma visão segura daquele país, o que lhe permite hoje avaliar a política imperialista norte-americana. “O problema é a escalada da força militar dos Estados Unidos, implantada sob o signo do patriotismo, cujo maior símbolo é a bandeira. Todo americano tem orgulho de ter a bandeira de seu país em casa. Isso lembra a marcha para o Oeste, conduzida pelos religiosos ingleses que migraram para lá, impondo o puritanismo exacerbado”, avalia. E ressalta que tudo que é excessivo cai no fanatismo, ganha ares messiânicos.

Mas segundo Fábio Lucas, como toda nação, os Estados Unidos também padecem de contradições. Por ser um país muito aberto a imigrantes, formou-se ali uma doutrina ecumênica. “Isso foi importante. As guerras européias, por exemplo, fizeram com que sábios e intelectuais migrassem para lá, o que foi lucrativo para os Estados Unidos, resultando em grandes contribuições nas artes, cultura, ciência”, diz.

## DADOS BIOGRÁFICOS

Fábio Lucas nasceu em Esmeraldas, Minas Gerais, a 27 de julho de 1931. Doutorou-se em Ciências Sociais e Economia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Lecionou em cinco universidades brasileiras, seis norte-americanas e uma portuguesa. Foi presidente por cinco vezes da União Brasileira de Escritores e diretor do Instituto Nacional do Livro.

Desde 1949 tem colaborado em jornais e revistas literárias do Brasil, Portugal, Estados Unidos, México, Canadá, Espanha e Itália.

Autor de 36 livros, entre os quais: *Razão e emoção literária* (São Paulo, Ed. Duas Cidades, 1982); *O caráter social da Ficção do Brasil* (São Paulo, Ed. Ática: 2ª edição, 1987); *Vanguarda histórica e ideológica da Literatura* (São Paulo Ed. ícone, 1985); *Do barroco ao moderno* (São Paulo, Ed. Ática, 1989); *Crepúsculo dos símbolos – Reflexões sobre o livro no Brasil* (Campinas, Ed. Pontes, 1989); *Mineiranças* (Belo Horizonte, Oficina de Livros, 1990); *Fontes da Literatura Portuguesa* (Campinas, Pontes Editores, 1991).

Fundador de duas revistas literárias: *Vocação* (1951) e *Tendência* (1959).

Membro da Academia Mineira de Letras desde 1960; Membro do júri do Concurso Casa de Las Américas, de Havana, Cuba, em 1987; Sócio Honorário de The American Association of Teachers of Spanish and Portuguese; Prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro em São Paulo, setor de Estudos Brasileiros, concedido ao livro *O caráter social da Literatura Brasileira* em 1970; Personalidade Cultural de 1981, título concedido como Prêmio Fernando Chinaglia da União Brasileira de Escritores, seção do Rio de Janeiro; Prêmio Os Melhores de 1982, no setor de Crítica, concedido pela Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) pela obra *Razão e emoção literária*; Prêmio “Juca Pato” de 1992, como Intelectual do Ano, conferido pela União Brasileira de Escritores, São Paulo, juntamente com o jornal *Folha de S. Paulo*; Membro do Conselho Consultivo da Fundação Casa de Rui Barbosa (portaria 261 de 20 de setembro de 1985 do Ministério da Cultura). Autor de *Poesias de Emílio Moura* (São Paulo, Art Editora, 1991). *Cartas a Mário de Andrade* (Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira, 1993). *Interpretações da Vida Social* (São Paulo, Ed. Ícone, 1995). *A mais bela história do mundo* (São Paulo, Ed. Global, 1996): preparou com ensaio, cronologia e notas ao texto a edição de Glaura de Silva Alvarenga (São Paulo, Companhia das Letras, 1996). Membro, a partir de 1997, da Academia Paulista de Letras. Bolsista da Fundação

Calouste Gulbenkian de Lisboa, Portugal em 1973, tendo pesquisa sobre *O Significado da Ficção Portuguesa Contemporânea*. Bolsista do Social Science Research Council, New York, N.Y., em 1964/65, para o estudo de *Vanguarda e Ideologia*. Eleito pela 5ª vez presidente da União Brasileira de Escritores Autor de *Luzes e Trevas – Minas Gerais no Século XVIII*, (Belo Horizonte, Ed. UFMG, 1998). Vice-Presidente da Associação Brasileira de Direitos Reprográficos (ABDR).



## O ESTADISTA E O POETA

*Juscelino Kubitschek e Edison Moreira*

*Nos arquivos do saudoso poeta e acadêmico Edison Moreira foi encontrado o original da carta que, em 1º de julho de 1976, lhe dirigiu o Presidente Juscelino Kubitschek, em pleno fastígio do regime militar de 64.*

*Trata-se de um texto sem nenhuma conotação política, mas que merece registro pois revela a profunda admiração que o eminente homem público demonstra pela poesia do ilustre acadêmico.*

*Depos da transcrição de cópia da carta, publicamos o poema “Elegia para JK”, no qual o poeta extravasa todo seu entusiástico apreço pelo Presidente Juscelino Kubitschek, que foi também proeminente integrante da Academia Mineira de Letras.*

Rio de Janeiro, 1º de julho de 1976.

Meu caro Edson Moreira,

O livro que você me deu, *Tempo de poesia*, tem a data de 16 de fevereiro de 1974. Li-o naquela ocasião e, como gostei muito, coloquei-o numa pequena galeria onde recolho as obras que mais me agradam e enternecem.

Hoje fiz uma excursão por este velho caminho e deparei logo com o *Tempo de Poesia*. Sofregamente o abri. Os versos jorravam das páginas, como água cristalina, clara, bonita, com um toque de emoção, que me reteve mais de duas horas revendo todos os sonetos e algumas das outras poesias.

Não sei por que sortilégio agora é que senti realmente a poesia de sua alma, meu caro Edson Moreira.

Fala-se muito de que a poesia ficou para trás e com o vendaval da renovação de hoje o homem não se apega mais a estas formas puras de beleza singela, mas é porque não é fácil encontrar pela estrada cantores que como você sonorizam a atmosfera e vão direto ao coração do leitor.

Estou lhe mandando estas rápidas palavras apenas para lhe agradecer os momentos de emoção que vivi hoje, sob a inspiração de seus versos.

Coloquei o livro na mesma galeria e daqui para frente já sei onde irei procurar as palavras de encantamento e de beleza que como água fria apagam a inquietação da vida rotineira que uma cidade grande como o Rio produz na gente.

Queira aceitar, meu caro Edson, o abraço afetuoso  
do amigo de sempre

*Juscelino*

\*\*\*

### ELEGIA PARA JK

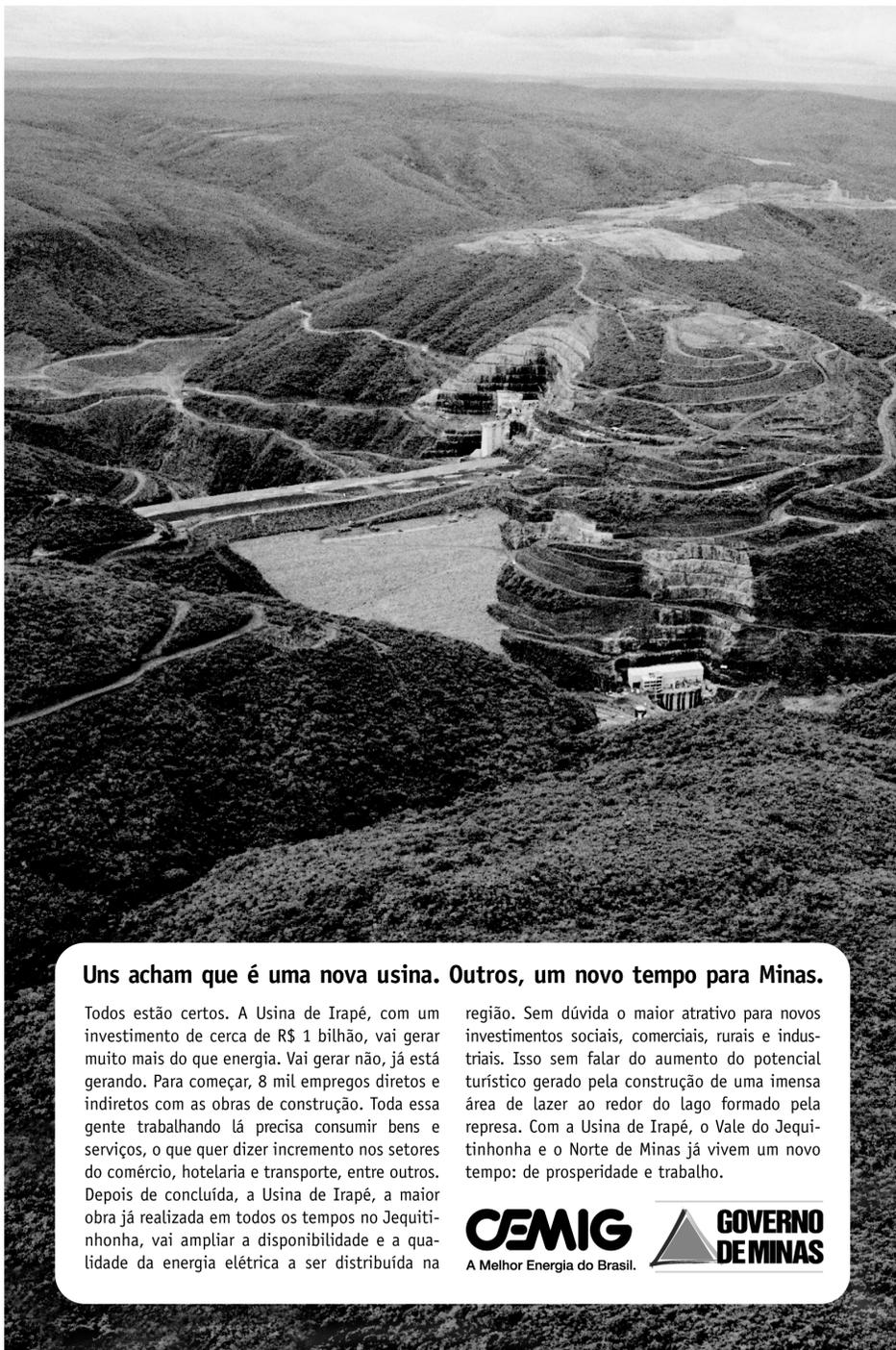
A cavalo no pégaso mecânico  
“Poieu” é o verbo grego que conjugas.  
Ébrio de luz no céu de espuma e cobre,  
viajas, sonoro e múltiplo artesão.  
O coração aberto – flor sem ódios,  
soltos cabelos de argonauta e de anjo,  
vais aos ventos e aos sóis dos hemisférios,  
predestinado da imortalidade.  
A essência primordial do teu destino,  
no roteiro dos seres e das coisas,  
é o movimento – prece da matéria  
com que falas a Deus do teu Amor.  
Acima do rugir das tempestades,  
vejo-te recruzando latitudes,  
vestido de prodígios, cavalgando  
aéreos corcéis de crinas fluorescentes.  
Pastor de campos outros, habitante

de uma cosmologia silenciosa,  
a melodia azul de tua avena  
apascenta o furor dos elementos.  
Ninguém te advertiu da seriedade  
de despertar as coisas de seu sono:  
rasgar caminhos surdos no mistério,  
abrir urnas oníricas que guardam  
o segredo fecundo das origens.

Assim, aos golpes de machados rudes,  
a selva se fez clara e praticável,  
o eco dos teus apelos acordou  
o assombro das manhãs invioladas.  
No teu íntimo dormia uma cidade:  
criaste-a na grandeza do teu sonho;  
como uma aurora, ela eclodiu em luzes  
no coração da Pátria que te chora.

Dura missão, tão bela quão terrível  
a de ferir o âmago da terra;  
ela guardou as marcas abstraías  
dos teus andejos pés de itinerante.  
Na acústica indizível provocaste  
o pranto original da natureza,  
e as rosas lembrarão o decidido  
gesto daquelas mãos que as deceparam  
para desabrochar ainda mais belas.  
“Poieu” é o verbo grego que conjugas  
ainda hoje em teu pássaro metálico  
e a melodia azul de tua avena  
acorda as latitudes insuspeitas  
onde já não és mais, pois a memória  
das asas guarda o trágico momento  
em que no azul espaço, em sangue e aurora,  
selaram-se em silêncio as tuas rotas...

Edison Moreira



## **Uns acham que é uma nova usina. Outros, um novo tempo para Minas.**

Todos estão certos. A Usina de Irapé, com um investimento de cerca de R\$ 1 bilhão, vai gerar muito mais do que energia. Vai gerar não, já está gerando. Para começar, 8 mil empregos diretos e indiretos com as obras de construção. Toda essa gente trabalhando lá precisa consumir bens e serviços, o que quer dizer incremento nos setores do comércio, hotelaria e transporte, entre outros. Depois de concluída, a Usina de Irapé, a maior obra já realizada em todos os tempos no Jequitinhonha, vai ampliar a disponibilidade e a qualidade da energia elétrica a ser distribuída na

região. Sem dúvida o maior atrativo para novos investimentos sociais, comerciais, rurais e industriais. Isso sem falar do aumento do potencial turístico gerado pela construção de uma imensa área de lazer ao redor do lago formado pela represa. Com a Usina de Irapé, o Vale do Jequitinhonha e o Norte de Minas já vivem um novo tempo: de prosperidade e trabalho.

**CEMIG**  
A Melhor Energia do Brasil.

**GOVERNO  
DE MINAS**

# O BRASIL E O VELHO CHICO\*

## I

Marco Antônio Coelho\*\*

*“É a terra por tal forma grande que, em querendo a gente conhecê-la, reconhece o pouco que dela sabe ainda ...” – Vicente Licínio Cardoso, À margem da História do Brasil, pág. 9.*

### A LENDA, O RIO E OS FATOS

A influência do Rio São Francisco na vida nacional resulta de alguns dados básicos. Nascendo no Rio Samburá, na região da Serra da Canastra, em Minas Gerais, sua extensão mais longilínea é de 2.863 quilômetros. A área de sua bacia é de quase 640 mil quilômetros quadrados, o que corresponde a cerca de 7,5% do território nacional. Atravessa mais de 500 municípios, em seis estados brasileiros, além de uma pequena parte do Distrito Federal. Pelo censo de 2.000, nela viviam cerca de 13 milhões e 300 mil habitantes. (1)

Segundo o prof. José Theodomiro de Araújo, *“a lenda de criação do Rio São Francisco, iniciou-se no Chapadão da Zagaia, na Serra da Canastra. Uma tribo indígena muito populosa foi convocada para combater numa grande guerra no Norte. Nessa tribo havia uma índia chamada Yati, cujo noivo, um jovem guerreiro, se deslocou juntamente com outros em direção ao conflito. Eram tantos os guerreiros que seus passos, em marcha, afundaram o solo dos cerrados de Minas Gerais. Durante o conflito, o pretendido de Yati desapareceu. Ela, desesperada, todos os dias chegava à borda do chapadão e chorava intensamente. Suas lágrimas, caindo na vala aprofundada, formaram o Rio São Francisco”*. (2)

\* Este texto é a parte inicial do primeiro capítulo de um livro em elaboração sobre o Rio São Francisco.

\*\* Jornalista, escritor, editor da revista *Estudos Avançados*, da Universidade de São Paulo.

Esse professor alertou para a necessidade de ser feita uma correção histórica com relação a quem realmente foi o descobridor do Rio São Francisco. Para ele, não foi Américo Vespúcio, mas André Gonçalves. *“Américo Vespúcio era apenas um auxiliar e, na realidade, um grande comerciante e mercenário. Mas como ele conhecia muito bem navegação, veio acompanhando André Gonçalves como lugar-tenente, quando começaram a fazer, em 1.501, um reconhecimento da costa brasileira.”* (3)

O papel do São Francisco na vida brasileira é singular. Nenhum outro de nossos grandes rios influenciou tanto o país. Esse dado foi pioneiramente sintetizado por João Ribeiro. Escreveu ele que nos começos do século XVII a penetração prática e definitiva do interior do Brasil estava reduzida apenas, *“no norte, ao curso inferior dos rios, do Paraíba do Norte ao Rio Goiana, em Pernambuco, numa faixa mais ou menos de dez a vinte léguas, que é a zona da agricultura da cana-de-açúcar e do algodão.*

*“A zona de criação, que se desenvolve no século XVII, vem aumentar extraordinariamente essa profundidade, ao norte, abrindo caminhos pelo centro, e em oposição aos rios que correm para leste e servem à zona agrícola.*

*“A zona das minas, ao sul, que também se desenvolve no mesmo século, torna conhecido o interior das terras meridionais intertrópicas”.*

Fazendo um resumo do início do processo de ocupação do território encontrado pelos portugueses, passados 150 anos da chegada das caravelas, João Ribeiro sintetiza três princípios que nortearam essa devassa. Em primeiro lugar, acentua que a colonização periférica do Brasil dependeu da **necessidade do território contínuo**, apresentando os seguintes exemplos: só depois de São Vicente e Espírito Santo, coloniza-se o Rio; depois da Bahia e Pernambuco, colonizam-se Sergipe e Alagoas; foi preciso a posse da Colônia do Sacramento, no Prata, para colonizar o trecho de *Laguna ao Rio Grande do Sul*.

Para esse emérito historiador, o segundo princípio geral, “relativo à colonização interna e povoamento, depende exclusivamente da condição industrial: enquanto o Brasil é **agrícola**, a penetração pelo interior é mínima; é a máxima com a **criação de gado** e a descoberta das **minas**, indústrias ou produtos do íntimo sertão.

O terceiro princípio é que *“excluído o mar, caminho de todas as civilizações, o grande caminho da civilização brasileira é o Rio S. Francisco; é nas suas cabeceiras que pairam as grandes bandeiras e dali se expande e ondula o impulso das minas; é no seu curso médio e inferior*

*que se expande e propaga o impulso da criação, os dois fatores máximos do povoamento. As suas ondulações extremas desde S. Paulo (ligado a Minas) até o Piauí (ligado a Pernambuco), abraçam o que hoje se poderia chamar o **Brasil brasileiro**” .(4)*

Esse entendimento do papel do São Francisco na vida brasileira é que fundamentou sua denominação como “o rio da unidade nacional”. Por isso, tal juízo foi endossado por Euclides da Cunha: “*As entradas de um e outro lado da meridiana, impróprias à dispersão, facilitavam antes o entrelaçamento dos extremos do país. Ligavam-nos no espaço e no tempo, estabelecendo no interior a continuidade territorial que faltava ainda em parte da costa, e surgindo entre os nortistas que lutavam pela autonomia da pátria nascente e os sulistas que lhe alargavam a área, abastecendo-os por igual com as fartas boiadas que subiam para o vale do Rio das Velhas, ou descaíam para as cabeceiras do Parnaíba, aquela rude sociedade incompreendida e olvidada constituía o cerne vigoroso da nossa nacionalidade”*. (5)

Esse fato levou Teodoro Sampaio a declarar com segurança que no “... desenvolvimento histórico do país, o Rio São Francisco representou sempre papel de condensador e distribuidor das correntes povoadoras da nossa terra”. (6) Juízo firmado pelo cientista após haver estudado sistematicamente o vale sanfranciscano, de Pirapora até o mar, e de haver participado, durante oito anos, do levantamento geológico da Bahia.

Ao dizer que o São Francisco desempenhou a dupla função de condensar e distribuir correntes que povoaram uma amplíssima parcela do território nacional, o cientista sintetizou dois processos históricos simultâneos, tendo o grande rio como eixo e como base da expansão da nascente sociedade brasileira. Apontando que nas margens núcleos populacionais foram condensados (termo que expressa o fenômeno que torna mais denso um elemento), Teodoro Sampaio resumiu o fato de grupos de colonizadores se fixarem em diversos pontos do rio, com intervalos entre si, em geral, de vinte léguas, de Pirapora a Penedo. Formou-se, assim, nas margens do Velho Chico um verdadeiro colar de agrupamentos humanos, embriões de cidades existentes até hoje, fenômeno que não ocorreu ao longo dos outros grandes rios nas bacias do Amazonas e do Prata.

Ao mesmo tempo, o São Francisco teve também a função de distribuir correntes populacionais em algumas direções. Foi a partir do rio que houve a expansão para o Norte, na direção do Piauí e do interior do Ceará e do

Maranhão. Na rota do Oeste, além de devassar a margem esquerda do São Francisco (na Bahia e em Minas Gerais), o rio foi usado para encaminhar levadas de imigrantes para as minas encontradas em Goiás e Mato Grosso. Daí a justeza de Teodoro Sampaio, que, com poucas palavras, resumiu o papel desempenhado pelo São Francisco, a partir da segunda metade do século XVI e que, no decurso de 250 anos, impulsionou a ocupação de boa parte do subcontinente.

(A caracterização do São Francisco como o “rio da unidade nacional”, tão alardeada no passado, nos tempos atuais tornou-se um anacronismo, um qualificativo sem apoio na realidade, um mero recurso encomiástico. Todavia, até os primórdios do século vinte refletia um dado real.)

## O MASSACRE DAS COMUNIDADES INDÍGENAS

Em geral, os textos que recapitulam os fatos relacionados com o Velho Chico começam se referindo, como dado inicial, ao que se afirma ter ocorrido no dia quatro de outubro de 1501. Naquela data, a esquadra comandada por André Gonçalves, na qual navegava o italiano Américo Vespúcio, a serviço do rei de Portugal – Dom Manuel – descobriu a foz de um rio invulgarmente caudaloso. E que por isso haver sucedido no dia em que os católicos louvam a figura de São Francisco, os navegantes resolveram batizar com o nome do humilde pregador de Assis aquela torrente de água, que deveria vir de muito longe, das terras altas daquele continente desconhecido e misterioso.

Ora, a história das comunidades que viveram nas suas margens começou em tempos imemoriais, muito antes do século XVI. Isto porque sua bacia “foi um centro de atração de grupos indígenas pré-históricos desde tempos remotos, milhares de anos antes da colonização portuguesa”, conforme assinala Gabriela Martin, no seu trabalho sobre a natureza e o homem no vale do São Francisco, texto em que nos apoiamos para transmitir os dados aqui registrados. (7)

É muito citada uma análise de Vicente Licínio Cardoso, lançada numa conferência realizada em 1925, exatamente para chamar a atenção sobre a importância do Velho Chico. Nela, afirmou que o São Francisco é um “rio sem história”, ... porque “não há história sem seqüência, e do povoamento à penetração do vale do S. Francisco ficaram-nos apenas depoimentos isolados, dados escassos ou detalhes insignificantes”. (8) Todavia, nas

últimas décadas, estudos científicos apresentam dados sobre os que viveram no vale, num passado longínquo, revelados pelas pinturas e gravuras rupestres nas cavernas e rochedos. Esses estudos recentes vieram, portanto, retificar essa opinião de Vicente Licínio Cardoso.

Informações foram endossadas pelas pesquisas realizadas pela CHESF, durante a construção dos reservatórios de Sobradinho, Itaparica e Xingó, como pelas investigações feitas em outros sítios arqueológicos, no Piauí e em duas importantes descobertas em Minas Gerais. Uma, na chamada província cárstica de Arcos-Pains-Doresópolis (Alto São Francisco) e a outra no parque nacional das cavernas do Peruaçu (em Januária), indicativas da presença e da vida de comunidades indígenas no vale do grande rio. (9) Ademais, muitos dados são confirmados e enriquecidos pelos relatos de missionários e viajantes que aqui estiveram nos primeiros tempos da colonização.

Então, cabe transcrever as lições de Gabriela Martin: *“Grandes aldeias de grupos tupi-guarani foram identificadas no alto vale e nos vales dos tributários do São Francisco, tais como os rios Verde, Verdinho e Formoso. Construíam choupanas circulares de madeira, com o teto coberto por folhas de palmeira e plantavam milho, feijão e mandioca. Enterravam seus mortos em grandes urnas de cerâmica dentro das aldeias ou na periferia das mesmas.”*

*“Nas férteis ilhas do médio e baixo São Francisco estabeleceram-se também indígenas do tronco Jê, em aldeias de cultivadores de mandioca e milho. Enterravam também seus mortos em urnas de cerâmica de forma globular, depois de queimados em grandes fogueiras rituais. (...) Nessas ilhas estabeleceram-se, posteriormente, missionários católicos que aldearam os índios em vilas. Assunção, Zorobabel, Itacuruba, Ilha da Viúva, Pontal e Missões, são algumas dessas ilhas nas quais ainda existem restos das construções missionárias, algumas delas submersas, na atualidade, pelos reservatórios das hidrelétricas.”*

Segundo Vital Rêgo (eminente estudioso da etnografia do Brasil) ... *“a Bahia era povoada por tribos bem conhecidas, nada inferiores, que se espalhavam até o São Francisco. Chegando ao médio e alto São Francisco, os primeiros colonizadores lá encontraram, além dos amoipiras, os massacará, os pontás e os aracujás, tribos jês que ainda hoje subsistem nos traços fisionômicos dos muitos caboclos das fazendas e carnaúbaís da zona”.* (10)

Com a chegada dos colonizadores portugueses inicia-se o massacre dos habitantes primitivos. Estes passaram a ser expulsos de suas terras, mortos ou escravizados pelos “descobridores” do território. Contudo, essa prática diferenciava-se do empenho dos missionários católicos que pretendiam, *“além da conversão dos indígenas ao cristianismo, aldeá-los em vilas sob a proteção nominal de um santo padroeiro, para transformá-los em filhos de Deus e súditos do rei de Portugal, com direito à cidadania e à liberdade.”*

Tal comportamento era vivamente contestado pelos que estavam interessados em usufruir benefícios com a espoliação e a conquista dessas terras. Pois *“desde os fins do século XVI a história da colonização da região do São Francisco está recheada de confrontos entre os desbravadores do sertão e os missionários evangelizadores dos indígenas”*, afirma Gabriela Martin.

A conduta dos missionários (notadamente dos jesuítas) de não endossar a prática do extermínio dos nativos respaldava-se também num dado muito objetivo – os portugueses não podiam prescindir da colaboração e da ajuda daqueles que conheciam palmo a palmo o território e tudo o que nele existia. Daí o fato, apontado por Manuel Diégues, de que no processo de ocupação do continente, a participação do indígena tornou-se necessária e revelou-se indispensável. *“O indígena conhecia os segredos da terra, sabia traduzi-los e utilizá-los; são os indígenas canoieiros e remeiros, onde é preciso usar os rios; são guias e mateiros, onde é preciso desbravar o mato e abrir caminhos, são eles que ensinam o uso das árvores nativas, raízes e ou frutos, para a alimentação, e sabem as plantas onde se conserva água para dessententar os viajantes, são eles que transmitem técnicas de caça e pesca, logo aceitas pelo colonizador; são eles que perscrutam os caminhos, ... atentam contra os perigos das feras ou de inimigos. (11)*

Ao lado disso, logo os recém chegados ao Novo Continente entenderam que era possível apoiarem-se no fato de que as tribos digladiavam intensamente entre si, o que possibilitava aos colonizadores usarem facções que reuniam algumas tribos contra as tribos rivais, exatamente da mesma forma como acontecia nas terras d’África. Por isso, nas guerras contra os “bárbaros” – assim eram denominadas as expedições militares dos portugueses – sempre havia ao lado destes, para apoiá-los, numerosos contingentes de indígenas. Essa foi uma das razões que explicam o acelerado extermínio de milhões de indígenas.

A liquidação implacável dos indígenas é um dos capítulos mais tenebrosos da colonização lusitana, bastando citar como exemplo a “expedição ao

São Francisco”, nas últimas décadas do século XVII. Barbosa Lima Sobrinho historiou como os portugueses agiram para eliminar a resistência indígena, apoiando-se no depoimento do capuchinho francês Martin de Nantes, que relatou como os nativos, facilmente derrotados, atravessaram o São Francisco, na altura da embocadura do Rio Salitre. E como, dias depois, foram encontrados pelos brancos e, famintos e quase desarmados, renderam-se sob a condição de que lhes poupariam a vida. *“Mas os portugueses, depois da entrega das armas, os amarraram e daí a dois dias mataram a sangue frio todos os homens de guerra, em número aproximado de quinhentos, reduzindo à escravidão as suas mulheres e filhas.”* (12)

Tal expedição foi uma verdadeira guerra, dirigida pessoalmente por um dos chefes da Casa da Torre, Francisco Dias de Ávila, que recebeu a patente de capitão-mor e, depois, a de mestre-de-campo, além de munições fornecidas pelo Governador Geral. E como retribuição pelos serviços prestados à Coroa, a Casa da Torre foi gratificada pela ampliação de suas sesmarias na margem esquerda do São Francisco, assim como no Piauí e no Maranhão.

Essa ofensiva tinha como propósito exterminar vários povos indígenas, como os gurguéias, amaiós e galachos, que investiam contra os currais na bacia do São Francisco, assim como na região dos “pastos bons”, do Maranhão e do Piauí e na bacia do Parnaíba e do Itapicuru.

No conjunto do país, a liquidação das tribos indígenas foi se dando aos poucos, na medida em que interessava aos colonizadores se fixarem em determinadas áreas do território, enquanto outras regiões, por vários motivos, eram deixadas de lado. Na verdade, nesse mundo vastíssimo e desconhecido, a ocupação tinha mesmo de evoluir lentamente, ficando para trás amplos bolsões, em que viviam inúmeras tribos que somente foram massacradas dezenas de anos depois.

Fato sucedido em outras partes do Brasil, como na zona da Mata, em Minas Gerais, e no vale do Rio Doce, onde os coropós, coroados e puris viveram até a segunda metade do século XVIII. Região que era chamada de **sertões do Leste**, como relembra o historiador Celso Falabella de Castro, uma vez que a ocupação de todo o território de Minas Gerais somente aconteceu quando ficou evidente a exaustão das jazidas de ouro e diamantes. Portanto, a crise que abalou a mineração é que determinou a transferência de grandes contingentes populacionais da região das minas para outras partes da província mediterrânea, buscando sobreviverem na agricultura, na pecuária e em outros afazeres. (13)

Os donos das sesmarias espalharam os currais pelas margens do São Francisco. Com isso, os índios acabaram sendo exterminados ou escravizados, quando não conseguiam fugir para áreas distantes no Piauí e no Maranhão. O êxodo dos indígenas decorreu, portanto, do avanço da pecuária, que foi liquidando as lavouras plantadas pelas tribos, a fim de transformá-las em áreas de pastagens. Por isso, algumas vezes os missionários enfrentaram os colonizadores que atacavam as aldeias dos nativos. Frei Martin de Nantes conta que, numa oportunidade, chegou a jogar o gado dos invasores no rio, defendendo as roças indígenas da cobiça dos vaqueiros que invadiam as ilhas, para usá-las como pastagem para o gado, em época de seca.

A atuação dos discípulos de Santo Inácio no processo de colonização e desbravamento do país merece uma análise especial. Logo depois da chegada das caravelas de Pedro Álvares Cabral a Porto Seguro, os jesuítas começaram a trabalhar intensamente em várias partes do território. Recorde-se que a Companhia de Jesus foi organizada exatamente na mesma época em que começou a colonização do Brasil. A primeira leva dos jesuítas chegou a Salvador em 1549. No século seguinte é que se inicia a atividade, no vale do São Francisco, dos capuchinhos franceses e italianos, dos carmelitas e dos oratorianos.

A vida nas missões, informa Gabriela Martin, era muito organizada, com as atividades girando em torno do colégio, da igreja, do hospital e da casa dos padres. *“Uma das primeiras medidas tomadas pelos religiosos quando estabeleciam uma missão era vestir os índios, que sempre andaram nus, e construir moradias unifamiliares como exigia a moral cristã, frente àsocas coletivas típicas das aldeias indígenas. A atual área indígena dos pankararu, por exemplo, foi uma missão dos oratorianos de São Felipe Neri, situada no chamado Brejo dos Padres. É também o caso dos remanescentes indígenas truka, que ainda moram na ilha da Assunção, antiga Aracapá, descendentes dos índios aldeados na missão franciscana do Padre Martin de Nantes.”*

*“Rodelas, Pambu Pontal, Zorobatel, Pajeú, são nomes entre outros que evocam a obra missionária na grande bacia. Topônimos indígenas que se transformarão em nomes de vilas portuguesas em obediência às instruções reais de 1768, que determinava dar designações portuguesas às novas vilas. Nasceram assim Belém, Santa Maria da Boa Vista, Lapa, Bom Jesus e Porto Real do Colégio. Entretanto, outras mantêm, até hoje, seus nomes indígenas: Itacuruba, Cabrobó, Orocó e Tacaratu.”*

Caio Prado Júnior mostrou que o índio foi o problema mais complexo que a colonização do Brasil teve de enfrentar. (14) Isto porque a política da Coroa era movida por “duas almas”. Ou seja, as comunidades nativas que se opunham ao avanço da colonização iam sendo dizimadas, mas, simultaneamente buscava-se aproveitá-las como um elemento essencial nos empreendimentos dos que vieram de além-mar. Ressalta-se, assim, nesse comportamento, o desempenho das missões religiosas – particularmente dos jesuítas – que tinham *“objetivos próprios: a propagação da fé, os interesses da Igreja ou das ordens respectivas, não importa; mas objetivos que pelo menos nos métodos adotados pelos padres, forçados a isto pelas circunstâncias ou não, se afastam e até muitas vezes contradizem os objetivos da colonização leiga.”* (15)

Manuel Diégues ressalta que a obra dos jesuítas foi uma verdadeira antecipação de técnicas antropológicas modernas nas relações entre raças e culturas. Os discípulos de Loyola respeitavam a cultura dos grupos nativos, aceitando suas línguas e utilizando-as nos ensinamentos cristãos. Não por acaso os jesuítas enfatizaram a formação de seus “colégios” bem como o fato de, no século XVIII, ser predominante o uso da língua geral (tupi) em São Paulo. (16)

Face à questão dos índios, ficou visível que o desempenho da Companhia de Jesus nas terras de Santa Cruz seguia alguns princípios básicos. Os jesuítas não concordavam com a escravização e com o massacre dos nativos e impulsionavam uma política de segregação das comunidades indígenas nas “reduções”. *“O que Portugal podia pretender, e de fato pretendeu como nação colonizadora de um território imenso, para o que não lhe sobrava população suficiente, era utilizar todos os elementos disponíveis; e o índio não podia ser desprezado na consecução de tal fim.”* (17)

Atuando com tais objetivos, foram inevitáveis os choques e as divergências dos missionários com os colonizadores, principalmente com os sesmeiros, e com as autoridades da Coroa. Esta, envolvida nos acontecimentos, vacilava a respeito das decisões a serem tomadas. A título de exemplo, veja-se o ocorrido ao longo do São Francisco, onde as *“missões jesuíticas defrontaram-se, logo de início, com uma dificuldade maior do que no sul da colônia, porque as terras ali, por serem mais próximas da Bahia, já haviam sido dadas em sesmarias ou eram cobiçadas pelos fidalgos e outros servidores da Coroa, tanto para expandir seus currais de gado como para assegurar a posse de minas que eventualmente viessem a descobrir. (...) Desse modo,*

*se os jesuítas de um lado constituíam obstáculo à escravização dos índios, ou seja, à apropriação de sua força de trabalho pelos senhores da terra, o que eles propunham, do outro, confrontava, naquele contexto, o sistema fundiário que os portugueses implantaram para a colonização do Brasil.”* (18)

A revolta dos colonos ante o comportamento dos seguidores de Inácio de Loyola, aqui chegados em 1549, está bem explicada no seguinte libelo apresentado numa Memória da Província do Piauí, de José Martins d’Alencastre: “*Os jesuítas, tanto mais detestáveis quanto obravam toda a sorte de arbítrios sob a capa da religião, de posse de uma grande fortuna e por isso poderosos na capitania, gozando de privilégios que os reis imprudentemente lhes haviam concedido, eram os verdadeiros senhores da situação, eram a verdadeira justiça, decidiam de todos os pleitos, intervínham em todos os negócios, punham em antagonismo o povo com a autoridade e indispunham os índios, sobre quem tinham muito poder e mando, contra os povoadores.*” (19)

O poderio material e político, acumulado durante duzentos anos no Brasil, pela Companhia de Jesus, passou a incomodar também a Coroa lusitana nos meados do século dezoito. Comprovam esse fato as instruções dadas, em 1751 por Carvalho e Melo (o Marquês de Pombal), a seu irmão. Nelas se dizia que ele investigasse com grande cautela, circunspecção e prudência o poder excessivo e os grandes cabedais que os jesuítas possuíam. (20)

Mas é indispensável assinalar que a conduta dos jesuítas resultava de um comportamento internacional traçado pela direção da Companhia de Jesus, tendo em vista a estratégia da contra-reforma da Igreja Católica. Essa política, segregando os índios do resto da sociedade em formação, subtraindo-os da jurisdição da Coroa portuguesa, conduzia à consolidação de um sistema colonial autônomo. Portanto, vários fatores tornaram inevitável a resolução do governo de Pombal, em 1759, de expulsar os jesuítas de Portugal e de suas colônias. Assim, os religiosos foram exilados e seus bens e os da Companhia foram seqüestrados.

No fim do século XVIII verifica-se o declínio irremediável das missões católicas e as aldeias mais prósperas se transformam em vilas. Consolidam-se os latifúndios e as oligarquias passam a dominar de forma incontestável a região sanfranciscana até o fim da República Velha, nos idos de 1930.

## SEGUINDO O RIO, OS VAQUEIROS OCUPAM O TERRITÓRIO

Carlos Lacerda acentuou um dado significativo – o de que o São Francisco, antes de ser completamente descoberto, já estava distribuído entre os sesmeiros. (21) O desbravamento do vale do São Francisco começou no século XVI, mas sua ocupação efetiva sofreu interrupções e se desenvolveu de maneira vagarosa, conforme esclarece Wilson Lins. “*Patrocinaram a penetração do vale as gentes das capitânicas de Pernambuco, Bahia e São Vicente, que eram os núcleos humanos mais progressistas e ativos do Brasil de então.*” (22) A região foi devassada por expedições que procediam do norte e do sul. Essa dupla investida dos colonizadores sobre o interior causou vários conflitos, entre os quais a “guerra dos emboabas”. Ou seja, o confronto entre paulistas e baianos pelo controle e o domínio das riquezas minerais descobertas no território das minas. (23)

“*A colonização paulista, embora tendo começado muito mais tarde, atingiu seus objetivos com mais rapidez, pois foi feita impetuosamente sob a inspiração e o fascínio do ouro de Minas Gerais*”, afirma Wilson Lins. Em contraponto, a lenta penetração baiana aos poucos tomava conta das terras marginais do São Francisco, “*subia o rio construindo bases, deixando atrás de si os currais, em torno dos quais nasciam os primeiros núcleos de população.*” (24)

Afonso d’E. Taunay assinalou que o “*ciclo dos criadores de gado precedeu no Norte e no Nordeste o das bandeiras paulistas; e que foi esse ciclo que possibilitou a ocupação da área mediterrânea do território brasileiro, tendo como centro de referência o Rio São Francisco.*” (25)

Na historiografia brasileira ficou glorificado o feito de os bandeirantes paulistas encontrarem as ricas jazidas de ouro no Rio das Velhas. Segundo Wilson Lins, quando “*Garcia Pais, pelas alturas de 1697, descobriu ouro nos rebentões da serra de Sabarabuçu, já os nortistas haviam levado as suas boiadas e currais até a zona do ouro.*” (26) Comprova a presença dos que, vindos de Salvador, se instalaram no vale do São Francisco, dedicando-se à criação de gado, o fato de a igreja de Nossa Senhora do Rosário, no distrito de Barro Alto, em Januária, haver sido construída em 1688. Existente até hoje, ela foi a primeira igreja erguida em Minas Gerais e, para atestar o relacionamento dessa gente com os colonizadores que procediam do Nordes-

te, observe-se que a freguesia de Januária prestava contas ao bispo de Olinda, a 500 léguas de distância. (27)

Salomão de Vasconcellos advertia que não havia consenso, no que diz respeito ao território mineiro, em saber por onde teria penetrado o povoamento dos colonizadores portugueses – “*se pelos picadeiros do norte e do nordeste, com a migração dos vaqueiros e dos dizimadores dos bugres, se pelos corredores do sul, com os caçadores do ouro.*” (28)

Entre os historiadores, portanto, vem de longe a velha e infundável polêmica a respeito da entrada nos sertões pelos bandeirantes. Uns atribuem aos que vieram da Bahia o mérito de terem sido os primeiros a desbravar e povoar os sertões, inclusive até o Piauí. Como acabamos de citar, Wilson Lins bate nessa tecla. Todavia, outra é a tese de Basílio de Magalhães, baseado em algumas pesquisas e apoiado na seguinte afirmação de mestre Capistrano de Abreu: “*Muitos dos paulistas empregados nas guerras do norte não tornaram mais a São Paulo, e preferiram a vida de grandes proprietários, nas terras adquiridas por suas armas: de bandeirantes, isto é, despovoadores, passaram a conquistadores, formando estabelecimentos fixos. Ainda antes do descobrimento das minas, sabemos que nas ribeiras do Rio das Velhas e do São Francisco havia mais de cem famílias paulistas, entregues à criação de gado.*” (29)

A dificuldade em optar entre as duas opiniões decorre de alguns fatores. Antes de tudo, porque na vastidão da região sanfranciscana devem ter ocorrido incursões mais ou menos simultâneas, dos que provieram tanto do litoral baiano como dos que saíram de Piratininga. São várias e desencontradas as notícias sobre esses empreendimentos. Uma delas é a de Rocha Pita, o velho retórico da “*América Portuguesa*” que, segundo Barbosa Lima Sobrinho, foi mais um colecionador de lendas do que um cronista de fatos. Mas para este o relato de Rocha Pita se deu “*num tempo ainda próximo dos acontecimentos que descrevia, e tal circunstância pareceu, pelo menos, uma presunção de autenticidade, ou de segurança.*” (30)

A “notícia” de Rocha Pita, lenda ou não, foi a seguinte: o desbravamento e a colonização dos sertões do Piauí foi obra do português Domingos Afonso Mafrense; reunindo tropa disposta para as lutas contra os índios, ele entrou pelas terras piauienses, onde veio a encontrar o paulista Domingos Jorge Velho, que saíra do sul com o desejo de novas conquistas. Aqui, – contou Rocha Pita – os dois “*dando um ao outro notícia do que tinham obrado e descoberto,*

*se ajustaram no que haviam de prosseguir; e dividindo-se para diferentes partes, foi cada um pela sua conquistando todo aquele país.”* (31)

Uma opinião conclusiva sobre tudo isso foi adiantada por Barbosa Lima Sobrinho: “*A essência dessa versão clássica, filiada a Rocha Pita, não implica precedência de um sertanista sobre o outro, mas a coincidência ou concorrência de ambos no devassamento. A questão de quem chegou primeiro afigura-se-lhes, ou de pequeno valor, ou difícil de apurar, dado que não houve maior diferença na chegada dos sertanistas.*” (32)

(De passagem é interessante assinalar que o desbravamento do Piauí se deu a partir do sul para o norte, o que explica a característica peculiar da geografia dessa província (e depois estado). Isto é, o fato de seu território ser muito amplo nos sertões (no interior), enquanto sua ligação com a orla marítima limita-se a uma faixa estreita.)

Ademais, um juízo sobre a atuação dos paulistas deve levar em conta que eles eram de dois tipos: um, tinha por finalidade exclusivamente a perseguição ao gentio, para massacrar e aprisionar indígenas, não criando raízes no território; o outro, diferentemente, visava à ocupação estável, estabelecendo currais para o gado.

## NOTAS

1 – A informação da Agência Nacional de Águas (ANA) a respeito das nascentes do grande rio, localizando-as no Rio Samburá, retificou um dado secularmente repetido, ou seja, a de que as águas do Velho Chico brotam na belíssima serra da Canastra. Vide relatório final do projeto de gerenciamento do GEF, 2.003.

2 – *Programa Rio São Francisco Vivo*, Salvador, 2003.

3 – Vide *Projeto de Conservação e Revitalização do Rio São Francisco*, pág. 20.

4 – Grifos de João Ribeiro (págs. 161-164) in *História do Brasil*, segundo Basílio de Magalhães, página 239.

5 – Euclides da Cunha, *Os Sertões*, páginas 189/190.

6 – *O Rio São Francisco e a Chapada Diamantina*, pág. 52.

- 7 – “O homem do vale do São Francisco”, in *O Rio São Francisco – A Natureza e o Homem, 50 anos da CHESF*.
- 8 – *À margem da História do Brasil*, pág. 10.
- 9 – Márcio Santos, *Rio São Francisco, patrimônio cultural e natural*, pág. 90 e seguintes.
- 10 – Apud Wilson Lins, *O Médio São Francisco*, págs. 11 e 12.
- 11 – *Regiões culturais do Brasil*, pág. 57.
- 12 – *O Devassamento do Piauí*, pág. 55 e vide *Relação de uma missão no Rio São Francisco*, do padre Martinho de Nantes, pág. 53.
- 13 – Vide *Os Sertões de Leste – Achegas para a história da Zona da Mata*.
- 14 – *Formação do Brasil Contemporâneo*, pág. 84 e seguintes.
- 15 – Idem, *ibidem*, pág. 86.
- 16 – Manuel Diégues, obra citada, págs. 65 e seguintes.
- 17 – Idem, *ibidem*.
- 18 – Moniz Bandeira, *O Feudo*, pág. 167.
- 19 – Idem, *ibidem*, pág. 292.
- 20 – Vide Basílio de Magalhães, *Expansão Geográfica do Brasil Colonial*, págs. 155 e *passim*.
- 21 – Carlos Lacerda, *Desafio e promessa – o Rio São Francisco*, pág. 22.
- 22 – “O Médio São Francisco”, pág. 11.
- 23 – Sobre a “guerra dos emboabas”, vide livro de Isaias Golgher.
- 24 – Obra citada, pág. 11, *passim*.
- 25 – *História Geral das Bandeiras Paulistas*, tomo VI, pág. 239.
- 26 – Wilson Lins, obra citada, pág. 12.
- 27 – Idem, pág. 10 - *Folclore de Januária*, apresentação de Levínio Castilho, pág. 10.
- 28 – *Bandeirismo*, pág. 9.

29 – *Expansão Geográfica do Brasil Colonial*, pág. 120.

30 – Barbosa Lima, obra citada, pág. 46.

31 – Idem, idem.

32 – Idem, idem, pág. 49.





# A NEBULOSA INFÂNCIA DE GRACILIANO

*Letícia Malard\**

Cada novo livro sobre Graciliano Ramos é sempre bem-vindo, ainda que esse escritor seja dos mais lidos e estudados da literatura brasileira. Assino embaixo desta frase, que li não me lembro onde: “Não existem autores esgotados, mas pessoas esgotadas diante de certos autores.” O livro bem-vindo a que me refiro é *Líquido e incerto*, memória e exílio em Graciliano Ramos, de Cláudio Leitão, com prefácio de Eduardo Assis Duarte e orelhas de Vera Lúcia F. de Figueiredo (EdUFF - UFSJ, 2003, 138 p.).

Estudando a obra memorialística *Infância*, o ensaio revela caminhos pelos quais transita o romancista consagrado, ao relatar pedaços da vida do menino sofredor, no desterro de um mundo sem livros nem leitores. Nesses caminhos, o professor Cláudio Leitão detecta como Graciliano Ramos vai edificando pontes de memória sobre os fatos líquidos – ou seja, fluidos e sem forma fixa – e incertos – quer dizer, oscilantes entre o documental e o ficcional.

São muitas as reflexões a que o ensaísta nos conduz, já a partir da “Apresentação” de seu texto, quando aponta o interesse que despertam essas memórias: “O interesse [...] é muito mais amplo, porque está afeto não só à história da literatura, como a produção do memorialismo tardio dos modernistas, mas também à história da cultura, uma vez que tangencia outras séries confluentes, como o analfabetismo, a leitura, o exílio como noção abrangente, a verossimilhança na escrita pessoal e a educação.” (p. 20)

No entanto, o autor vai aprofundar apenas algumas dessas questões, com destaque para o exílio e a verossimilhança escritural. Deixe-se claro que o livro é constituído de parte da sua tese de doutorado e que seguramente alguns

---

\* Escritora, Professora Emérita da UFMG.

de seus aspectos viriam a ser melhor compreendidos e contextualizados na leitura do trabalho completo. Da mesma forma, são vários os fios e seus entrelaçamentos no corpo do texto. Como antiqüíssima e fiel leitora do gênio alagoano, escolhi para tratar dos fios e laços que me pareceram mais polêmicos no livro do professor pernambucano, combinados com os laços e fios mais sujeitos à reflexão nessas memórias de meninice.

Para construir uma poética da memória no escritor, o ensaísta aborda especificamente os cinco primeiros capítulos da obra, com o intuito de revelar como se fundamentam e se representam os fatos memorialísticos. Em sua fundamentação e representação, encontram-se “a hesitação do narrador, o estado líquido do passado e a autonomia do texto escrito.” (p. 43) A articulação entre esses três elementos dá conta da construção das memórias enquanto “narrativa de um traço, a cicatriz do escritor, ferida visível no menino de *Infância*.” (p. 79) Tentemos traduzir esses elementos.

O primeiro, o eu narrativo hesitante, manifesta-se nas névoas encobridoras do metafórico passado líquido, em que a cegueira física do menino se mescla com as suas construções imaginárias, tais como ruídos estranhos, outras percepções e almas do outro mundo. Acrescentem-se a isso as próprias lembranças hesitantes, introduzidas por um “talvez”, um “é possível” e similares.

O segundo, o estado líquido do passado, subjaz às névoas dele evaporadas. Os casos desaguam em outros, fluem para novos casos, em sucessividade, como se as evocações do narrador funcionassem por associação de idéias. Mas, acrescentamos, sem a liberdade e a liberalidade do contador de casos descompromissado com uma narração programada, narração que se caracteriza pela síntese e se orienta por uma seleção rigorosa de fatos.

O terceiro elemento, a autonomia do texto escrito, vai ser o resultado da articulação entre as névoas das lembranças, a fluidez do passado e as associações de idéias para chegar à incerteza lúdica quanto ao “gênero” do texto: memórias, ficção, romance-de-formação e oralidade transposta para a escrita.

A questão do exílio é divisada pela inclusão do eu do narrador no coletivo, coletivo descrito como uma comunidade de pessoas que não passaram ou passaram precariamente pelo letramento. Por essa comunidade de iletrados ou semi-letrados circulam jornais e livros, todavia através da experiência oral, que os transformam em espécie de samba-do-crioulo-doido, no discurso de seus integrantes. Nas conversas eram discutidos, ressalta o ensaísta, citando *Infância*: “Canudos, a revolta da armada, a abolição e a Guerra do

Paraguai como acontecimentos simultâneos. A República, no fim do segundo quadriênio, ainda não parecia definitivamente proclamada.” (p. 62)

Assim é a escrita das memórias infantis que vai, simultaneamente, incluir e excluir o narrador naquela coletividade excluída das letras. E mais: como a origem pessoal do autor é omitida – omissão que se erige em recurso narrativo amplamente analisado e exemplificado por Leitão – afirma-se a coletividade oral, onde se perde ou se dilui o identitário. Uma das consequências desse descarte da origem é a tematização da morte e a feminização do menino protagonista.

Tematizar a morte significa exercer o autoconhecimento que objetiva dar vida à escrita da autobiografia. Quanto à feminização do menino Graciliano, deriva-se da convivência da criança sobretudo com as irmãs – com quem brincava – do afastamento dos garotos que causavam inveja e medo e da facilidade com que ele chorava. Dessa forma, diz Cláudio Leitão:

“O modelo de representação masculina a ser seguido pelo menino e futuro escritor, fragmentado, foi recuperado por pedaços em inúmeras personagens. Nenhum dos homens que representam partes desse modelo poderia ser incluído entre os homens fortes, segundo o sentido dado à expressão em *O moleque José*, (p. 70)

Sumarizamos os elementos que mais nos chamaram a atenção em *Líquido e incerto*. Convém lembrar que, mesmo não concordando, no todo ou em parte, com a leitura de Cláudio Leitão, e apresentando fortes argumentos que a ela se contrapõem, é inegável a seriedade acadêmica de sua pesquisa e a sensibilidade que ele demonstra ante o texto literário. Merecem aplauso o caráter original do ensaísta na abordagem de um livro de memórias, seu afastamento do óbvio, óbvio esse que costuma fazer parte do cotidiano em trabalhos dessa natureza.

Nas entrelinhas do ensaio – orientado por Wander Melo Miranda, diga-se de passagem – o leitor presente a recusa do ensaísta de operacionalizar as velhas e hoje questionadas oposições do pacto autobiográfico: real *versus* ficcional, história *versus* memória, depoimento *versus* romance. Esses conceitos e terminologia são substituídos por marcadores teóricos da contemporaneidade, bem mais rentáveis para uma análise e interpretação textual, tais como os dualismos oralidade/escrita, inclusão/exclusão, olhar/cegueira, e o triângulo territorialização, desterritorialização, reterritorialização no universo da nação (da língua).

Do ponto de vista da originalidade do ensaio e de seu distanciamento do óbvio, tomemos como exemplo a interpretação do mundo brumoso que o menino enxerga, devido a uma patologia ocular. O viés analítico-interpretativo ultrapassa a mera relação metafórica de causa e efeito, quer dizer: se o menino vê mal tudo o que o cerca, o escritor escreverá que a sua percepção de mundo está limitada pela doença. Esta seria a mais destabilizadora das relações da criança com o mundo a sua volta, além de determinante de traumas insuperáveis.

Entretanto, Cláudio Leitão, além de afastar-se da obviedade analítica, também evita encarar o desgastado clichê psicanalítico do trauma. Afirma que essa espécie de cegueira se mistura com o sonho, a imaginação e o próprio sono do esquecimento seletivo, “sombras em que se criam os fantasmas.” (p. 43) Cláudio alarga os horizontes da cegueira física do menino para alcançar suas vivências em um enxergar psíquico, interiorizado e causador de maior sofrimento do que a doença dos olhos. Ocorre-nos a metáfora de classificação da criança como um cego que vê, um cego que, não vendo, vê – invertendo-se uma das últimas frases do romance *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago.

Além de ler o *Infância* utilizando instrumentos teóricos atualizados, não enigmáticos nem herméticos, o ensaísta também o lê em diálogo hipertextual com as demais obras de Graciliano e, eventualmente, com obras de outras épocas, apoiadoras das linhas de leitura escolhidas. E mais: resguarda-se para não parafrasear, em momento algum, os trabalhos sobre o livro que antecederam a este. Menciona-os parcimoniosamente, com o maior respeito e adequação, na certeza de que está trazendo à pauta, sobre a obra, novidades de entornos e contornos inusitados. Essa, a maior virtude de um responsável pesquisador de Literatura, como julgo ser Cláudio Leitão.



# VIAGEM AO UNIVERSO DAS ALMAS DE PEDRA

*Adair José\**

Somos um povo dado às esquisitices. Quinhentos anos de História mostra-nos que somos ainda um povo sem memória e pouco afeito àquilo que nos é próprio. Num tempo em que muito se fala em preservar raízes e ensinar aos novos o valor dos de ontem, um livro intitulado *O rio do tempo*, romance do *Aleijadinho*, assinado pelo escritor Hernani Donato, passou como um livro comum. Em verdade, tal volume é um repositório vivo de raízes, homens e fatos que marcaram o desenrolar daquilo que chamamos de *mineiridade*. E qualquer um que tenha um mínimo de conhecimento, constatará que este livro se constitui numa das mais atentas e autênticas páginas sobre figuras definitivamente arraigadas nas próprias raízes brasileiras já escrita na pátria de *Machado de Assis*.

Nenhum outro escritor de qualquer tempo ou corrente literária, ao que se saiba, conseguiu em verso ou em prosa, ir tão longe e no entanto, chegar tão perto do homem tornado mito. De forma cristalina, Hernani Donato mergulhou no universo entre triste e fantástico de Antônio Francisco Lisboa, o *Aleijadinho*, esse feio que amamos através de sua silenciosa humanidade esculpida na calada solidão da pedra-sabão. Solidão essa que tem um sinônimo difícil: eternidade.

*O Rio do Tempo* é um livro de evocações, narrado com precisão e espontaneidade próprias de testemunha, onde um homem contemporâneo movido pela paixão conseguiu reconstituir todo um século. Indo além dos altos muros do olvido, Hernani Donato trouxe à superfície o esplendor, a glória e a miséria de um mundo definitivamente encerrado no calabouço das épocas passadas.

---

\* Escritor, reside em Dores do Indaiá.

O livro é um vasto painel de raízes por onde perpassam negros acorrentados, mulheres inflamadas pela seiva movediça das paixões, padres e santos orvalhados pela lenda, um mundo no qual assistimos, ainda, como testemunhas oculares à alma de Minas Gerais ser forjada nas bigornas incandescentes de seus campos gerais e suas montanhas brutas, segredos ao pé do ouvido, e todo aquele denso colorido que, tempos afora, forjou no *país das Gerais* um modo de ser e sentir a vida como só os mineiros, do alto de sua soberba capacidade de fazer-se a si mesmos, se espalhou até se juntar no caudaloso rio que leva nas suas corredeiras aquilo que Carlos Drummond de Andrade rotulou de “*sentimento de Minas*”.

Pelas páginas de *O rio do tempo* ressoa uma voz solitária e corroída pela erosão das idades imensas; voz que rompe a ferrugem do esquecimento para circular livremente como se fora um sopro de magia. É a voz de um homem se desfazendo fisicamente, enquanto vai se doando, pedaço por pedaço, aos frutos de suas próprias mãos. E com ele, na sua odisséia caminham procissões, padres, beatas, cativos, tiranos, reis e heróis.

Voz que sustém no contorno de cada palavra enunciada a saliva rubra das quaresmeiras em flor. Lamento de vento violando alcovas, sacristias e o grotesco molde de onde a aridez de frios cinzéis esculpira a eternidade de um artista que deu nome ao século em que viveu.

O autor não se limitou a refazer o itinerário do *Aleijadinho*. Foi mais distante ainda. Recompôs o ambiente das ladeiras, pelourinhos, porões e pensamentos dos homens que escreveram com suas vidas e aios o registro da vida diária de Vila Rica, Congonhas do Campo e outras comunas por onde andou o mulato que, em nome de um Deus que lhe foi imposto, orquestrou o seu silencioso baile de feições.

Contemporaneamente a imagem de *Aleijadinho* está associada aos grandes acontecimentos de seu tempo. Cada historiador que se debruça sobre a imensidão de sua obra, traz à superfície surpreendentes “achados”, de forma que o estudo sobre vida e obra parece inesgotável. Hernani Donato ao vasculhar a bibliografia disponível ao seu estudo procurou deter-se mais na questão humana, sem contudo menosprezar o fazer criador do *Aleijadinho*.

Aluizio Mendes Sampaio, mesmo reconhecendo a importância do livro de Hernani Donato, também aplaudido como historiador, afirmou que o autor pecou por dar cores excessivas a figuras meramente ficcionais presentes no volume. Não é verdade: qualquer historiador que decide transportar para o ficcional homens e épocas, cria em torno de seus biografados um universo pa-

ralelo. Assim, como poderia Donato se deter nas questões políticas, como a Inconfidência e leis próprias do ciclo do ouro e dos diamantes, se não se valesse de criaturas imaginárias? Para que, dentro do painel por ele desenvolvido, a vida circundante pudesse ser também estudada. Dessa forma, questões de Estado são evocadas por personagens que ali estão exatamente para cumprir este papel, sem alterar o curso da história. Além disso, o narrador necessita de bocas dentro de sua escritura para transmitir seu próprio ideário, sem alterar o ritmo da narrativa com considerações comuns ao historiador e que, para o leitor comum, soaria como apetrecho supérfluo ao texto.

Embora respeitado pela igreja e pelos ricos de seu tempo, Aleijadinho não freqüentava os salões, e tampouco tinha lugar nos centros de decisões políticas e administrativas da província. Contudo, ocorreram fatos, decisões foram tomadas, decretos foram assinados e a vida seguiu normalmente, como o faz em qualquer tempo e lugar.

Em algumas passagens nos deparamos com escravos tecendo comentários alusivos aos governantes de então. Aleijadinho, ao que se sabe, além de recibos passados às irmandades, nada deixou registrado em papel. Todavia, os estudos sobre sua vida e obra, o situam em movimentos libertários como a Inconfidência, inclusive, a suposição de que os seus profetas de Congonhas não passam de meros retratos dos inconfidentes. Ora, dada a sua condição de mulato – o que o excluía dos salões – e a doença que o consumiu e o constrangeu, suas aparições públicas, ao que se sabe, eram raríssimas. Mas o artista, como qualquer homem de gênio, por certo tinha as suas idéias próprias e necessidade de se sentir próximo daqueles que alimentavam idéias maiores que os decretos coloniais.

Já que o artista não fazia parte da sociedade ao menos como seu freqüentador, possivelmente em tempo algum se viu cara a cara com os nobres que administravam as Minas de então. Além da Bíblia, que juntamente com a pedra-sabão constituiria matéria-prima de seu trabalho, já que foi dela que saíram os frutos de suas mãos, supõem-se que Aleijadinho tivesse contato com intelectuais europeus. Sua origem negra por certo incomodava sua condição de gênio. A convivência com cativos por certo o fez pensar nos desvãos da sociedade à qual, embora livre, ele servia.

*O rio do tempo*, embora apresentado como romance, é trabalho de historiador. *Hernani Donato* ao longo de sua carreira teve seu nome consolidado como historiador e de suas mãos já saíram aplaudidíssimos volumes de

estudos brasileiros. Figura insuspeita, ainda que injustiçada, este escritor está a merecer profunda revisão por parte dos chamados entendidos de nossas letras.



# ESBOÇO PARA UMA POSSÍVEL HISTÓRIA DO CONTO

*José Afrânio Moreira Duarte\**

Embora não se possa afirmar categoricamente quando foi que o conto apareceu na face da terra, tudo indica que tenha sido ainda nos primórdios da humanidade, pouco depois do dom da fala, da mesma forma que aconteceu com a música. A imaginação é atributo inerente aos seres humanos e, conseqüentemente, sempre houve quem não apenas visse e constatasse mas também imaginasse. Assim sendo, a origem do conto é mesmo muito antiga, com o início há vários milênios. Contudo, ele existiu primeiramente apenas na base da tradição oral. As primeiras formas de escrita que existiram foram, entre outras, as chamadas escrita cuneiforme e os hieróglifos. Oriunda de civilizações muito antigas, foram encontradas em pedras, papiros e couro, mas permaneceram numa espécie de silêncio de séculos, até que no ano de 1822 o geólogo francês Jean- Pierre Champolion, com base no estudo da pedra de Rosetta que ele encontrou no Egito, conseguiu decifrá-las e o mistério findou. Quando tais mensagens de um passado longínquo puderam ser entendidas muitas coisas foram descobertas ou reveladas, entre elas a mais famosa entre todas, que é o Código de Hamurabi, o mais antigo código do mundo, salvo se existiram outras mensagens que não deixaram vestígios. Tais escritos remotos traziam histórias que podem ser consideradas como o embrião do conto. Todos os povos, desde os mais atrasados até aos mais eruditos, tiveram histórias e/ou lendas, a principio, conforme já foi dito. transmitidas durante séculos apenas pela tradição oral. O exemplo mais contundente para nós, creio que sejam as numerosas lendas dos índios brasileiros como a da criação do mundo, do dia e da noite, da criação do

---

\* Escritor. Da Academia Mineira de Letras, ocupa a cadeira 16.

sol, Guaraci, e da lua, Jaci, a da Índia Mani, que deu origem ao surgimento da mandioca, e muitas outras, todas perfeitamente classificáveis como contos primevos.

Tornou-se lugar comum dizer que a literatura teve sua origem na poesia e realmente é assim, mas na quase totalidade consta de longos poemas contendo em si contos inseridos. O melhor exemplo é, sem dúvida, a tão famosa *Odisséia*, do grego Homero, escrita setecentos anos antes de Cristo. Odisseu é Ulisses em grego, e *Odisséia* significa histórias de Ulisses, personagem principal que participa de numerosas e trepidantes histórias, como a do gigante Polifemo, da feiticeira Circe que atraía belos jovens para seu leito e depois os transformava em porcos do seu chiqueiro a fim de que ninguém soubesse das suas aventuras eróticas, a de Ulisses amarrando-se no navio para ouvir o canto das sereias sem o perigo de lançar-se ao mar completamente fascinado por elas, a da deusa que encontrou numa ilha e tantas outras. Talvez a *Odisséia* seja o livro mais cheio de peripécias entre todos os existentes.

Os povos da antiguidade tiveram suas mitologias, destacando-se a mitologia grega na qual a mais bela história é a de Orfeu e Eurídice. Encantadoras também são as mitologias do Egito e da Índia.

O mais belo livro de todos os tempos, que nunca foi igualado e jamais será superado, é a Bíblia Sagrada. O adjetivo mais adequado para classificá-la é a palavra *sublime*. Tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, há um verdadeiro manancial de textos em forma de esplêndidos contos.

No Velho Testamento há centenas de histórias curtas, destacando-se a do Rei Davi, a de Jacó e Raquel, de Jezebel, e também a de uma grande amizade entre sogra e nora em que a notável poetisa e escritora Raquel Naveira, natural de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, inspirou-se para escrever um conto longo e ótimo, publicado num pequeno livro que se intitula *Rute e a sua Sogra Noemi*.

No Novo Testamento, Jesus Cristo, o divino mestre e melhor amigo, na sua infinita sabedoria, decidiu transmitir muitas de suas mensagens que em forma de parábolas, a fim de os ensinamentos permanecessem atuais para todo o sempre. Inspirando-se nessas parábolas outra grande poetisa brasileira, a nossa muito querida, saudosa e inolvidável Lacyr Schettino, escreveu um único livro de contos, que se chamou *Naquele tempo*, já várias vezes reeditado.

E preciso registrar que, mesmo no chamado período clássico da literatura greco-romana, já existiam as fábulas. Na origem eram histórias de fundo moralizante muitas vezes e com animais que falavam. Os mais famosos fabulistas

daquela época foram Esopo, na Grécia, e Fedro, em Roma. As fábulas são sempre pequenos contos. Com o correr do tempo, elas tomaram um sentido mais abrangente.

Ainda da antigüidade é a coletânea de contos mais famosa de todas, *As Mil e Uma Noites*. Esse livro surgiu no mundo árabe em local e época incertos e não sabidos. O tema é a história de um sultão perverso que casava e no dia seguinte ao da noite de núpcias condenava as esposas à morte.

Eis que chegou a vez de ser escolhida uma jovem muito linda e inteligentíssima que sabia uma infinidade de histórias. Seu nome era Sherazade.

Na noite do casamento ela pediu ao sultão que a deixasse levar para o quarto uma sua irmã ainda menina porque tinha o hábito de contar a ela uma história antes da hora de dormir. Foi atendida. A linda Sherazade, com bela voz, contou uma história muito envolvente, fascinando o sultão de tal forma que ele não viu o tempo passar. Quando já era quase aurora ela interrompeu a narrativa, dizendo que contaria o esperado desfecho no dia seguinte. Dessa forma, com muita astúcia, Sherazade conseguiu prender o interesse do marido durante mil e uma noites. Na última, ele, já loucamente apaixonado por Sherazade, quis ficar com ela para sempre, encerrando assim a macabra série de assassinatos, isso em caráter definitivo.

Todos os contos de *As Mil e Uma Noites* são muito bons. A meu ver, o melhor deles é justamente o mais famoso, o de “Aladim e sua lâmpada Maravilhosa”, numerosas vezes filmado em países diversos.

Não podem ser esquecidos os contos de fadas, histórias que circulavam pela Europa toda e depois foram coletadas por escritores talentosos que lhes deram forma literária de valor. Entre eles podem e devem ser citados Andersen e os irmãos Grimm. Há também Perrault. Tais histórias não foram criadas especialmente para crianças, mas com o passar do tempo foram classificadas como textos de histórias infantis. Não sei se Perrault pode ser considerado autor de literatura infantil porque seus contos, quando são publicados na íntegra, o que raramente acontece, têm passagem eróticas e até mesmo pornográficas.

No décimo quarto século depois de Cristo o italiano Giovanni Boccaccio publicou a célebre antologia de contos *Decamerone*, palavra que vem do grego clássico e tem o significado de “dez dias”. É a história de dez amigos, sete mulheres e três moços, que em 1348 encontraram-se no adro da Igreja de Santa Maria Novella em Florença e ali resolveram retirar-se para uma casa de campo a fim de fugirem de uma peste que então assolava aquela encantadora

cidade italiana. Permaneceram na mansão campestre durante dez dias. Para afastar o tédio, decidiram que diariamente todos os dez iriam contar um conto, cada dia subordinado ao mesmo tema. Há contos românticos, poéticos, dramáticos, cômicos, eróticos, etc.

Depois disso o tempo fluiu, obviamente, e o conto continuou ininterruptamente a espargir sua atmosfera de encantamento. Antes de Gutenberg inventar a imprensa, era muito difícil conservar as produções literárias e provavelmente muita coisa de mérito pode haver ficado perdida.

No século XIX houve na Europa e alhures uma verdadeira eclosão de bons contistas, geniais até, como Guy de Maupassant na França, Oscar Wilde, irlandês radicado na Inglaterra, Dostoievski, Toistói e Tchécov na Rússia, O. Henry nos Estados Unidos da América do Norte, Horácio Quiroga no Uruguai, Eça de Queirós, em Portugal e Machado de Assis, no Brasil.

Parece-me que no século XX o conto atingiu o seu clímax com autores como James Joyce, irlandês, Scott Fitzgerald, norte-americano, William Somerset Maugham, inglês, Katherine Mansfield, neo-zelandesa, Jorge Luiz Borges e Silvina O. Campo, argentinos, Maikovski, russo, Edmundo Valados, no México, Joaquim Chamorro e Joaquim Rasos, na Nicarágua, Fernando Emmerich, no Chile e muitos mais. Alguns dos citados autores iniciaram a carreira ainda no século XIX mais foi no século XX que realmente conseguiram a vitória plena e renome internacional.

Eu disse que o conto atingiu seu apogeu no século XX, mas como felizmente não houve retrocesso, o alto nível continua até agora, neste início do século XXI.

No século XX o Brasil foi privilegiado pois, em nosso país, houve uma verdadeira constelação de grandes contistas. Neste sentido, tenho esboçado um texto a ser publicado, com o título *O conto no Brasil*.

A história do conto em seu todo, focalizando autores, tendências e movimentos, pode resultar num livro de vários volumes, mas este comentário, como está explícito no título, é apenas um esboço, talvez até mesmo uma sugestão.



# CONSTRUÇÕES DE UM BRASIL MODERNO

*Eneida Maria de Souza\**

*Duas riquezas: Minas  
e o vocábulo.*

*Ir de uma a outra, recolhendo  
O fubá, o ferro, o substantivo, o som.*

*Drummond – Patrimônio*

Comemoram-se, neste princípio de século, datas relativas aos movimentos artísticos e literários que revolucionaram a cultura brasileira, como os 80 anos da Semana de Arte Moderna, realizada em São Paulo em fevereiro de 1922. Seus protagonistas, Mário e Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral, Vila-Lobos, Guilherme de Almeida, assim como aqueles que deram continuidade ao movimento, como Carlos Drummond de Andrade, Abgar Renault, Emílio Moura, são hoje centenários. Mas o conceito de moderno continua ainda sujeito a interpretações, revisões e equívocos. No ato festivo das comemorações, é comum a realização de balanços que ressaltem o valor do movimento e suas qualidades, no lugar de rever as falhas e vazios do projeto. O que importa é a constante releitura que se processa do modernismo e de seus representantes, o que possibilita a atualização dos textos, a reconfiguração de posições assumidas ou a transparência de imagens até então obscuras. O exercício de revisitação aos mestres do passado, por atender a uma reivindicação do presente, deveria se pautar pela distância diante do objeto, respeitando-se, contudo, o seu significado como produto de determinado tempo. Nessa releitura, o que conta é a própria memória do leitor e do crítico, dotada de um espírito aberto frente ao estatuto dos saberes em movimento, disposta a deslocar os discursos que se apresentam como canônicos.

---

\* Escritora, professora universitária.

Um dos parâmetros da crítica pós-moderna consiste na reescrita da modernidade, para usar uma expressão de J. F. Lyotard, procedimento através do qual se elabora um esquecimento inicial e se detecta o que fora recalcado. Segundo o filósofo, o prefixo *pós*, de pós-moderno, não significa um movimento de *comeback*, de repetição, mas um processo em *ana*, um processo de análise, de *anamnese* e de anamorfose. Constitui-se numa forma de reelaborar a modernidade, substituindo-se a idéia de um retorno ao começo pelo movimento de inscrição sobre si mesma, nos moldes de uma escrita infundável. As limitações próprias de todo saber passam a ser consideradas no seu aspecto positivo, de modo a incitar a reflexão sobre momentos da história que se apresentam sempre na sua dimensão inacabada e inconclusa. Longe de se constituir como traço que contorna o desenho complexo da modernidade, a leitura pós-moderna age como dobra do discurso da modernidade sobre si próprio, como espelho invertido que reflete as distorções e o silêncio dos discursos em jogo. (1)

O estreito vínculo entre a ruptura de modelos estrangeiros e a descoberta de uma tradição cultural do país foi por muito tempo negligenciado pela crítica, ao se privilegiar, no modernismo, a leitura pelo viés da destruição e da vanguarda, em detrimento de aspectos legados pela tradição. Repensar a natureza ambivalente desse mecanismo consiste em abordá-lo pela via sinuosa das margens, revendo as versões canônicas criadas pelo historicismo literário. Mesmo que a cultura brasileira estivesse vivendo uma fase de renovação estética, pelo exercício revolucionário de experimentos e gestos vanguardistas, estruturava-se também um modelo de país politicamente ancorado no projeto de modernização, de feição autoritária e elitista. A revolução de 1930 e a promulgação do Estado Novo, em 1937, ampliaram o conceito de moderno, desta vez reunindo os ideais políticos aos artísticos, o que culminou numa gama heteróclita de grupos de intelectuais que, de uma forma ou de outra, ajudaram a moldar o perfil da modernidade no Brasil. As diferenças de posição entre os autores não impediram que se procedesse à revisão, por parte de estudiosos, do papel que exerceram para a criação desse multifacetado e heterodoxo perfil.

O movimento teve, desde a Semana de Arte Moderna, vertentes que se distinguiram quanto ao tratamento dado à tradição. Inicialmente, investindo-se contra ela, ao aspirar ao novo e à ruptura dos valores. A força das vanguardas européias servia como inspiração para se pensar a arte brasileira como parte integrante de uma revolução cultural que se processava no mundo. Outro momento modernista, com a participação dos mesmos vanguardistas de pri-

meira mão, como Mário e Oswald de Andrade, se voltou para a construção de uma cultura nacional, sem desprezar os ingredientes estrangeiros. A traição da memória, referente à posição de Mário quanto aos empréstimos, e a antropofagia oswaldiana, representam a saída para a vertente nacionalista, a qual não se restringia à defesa de valores brasileiros em oposição aos estrangeiros, mas se nutria do diálogo entre os mesmos.

Em 1924, a caravana paulista visita Minas Gerais e, juntamente com o poeta franco-suíço Blaise Cendrars, parte em direção à tradição artística e histórica do país, justapondo a vanguarda e o barroco, o novo e o velho. Dessa viagem de redescoberta do Brasil e do interesse despertado pela restauração dos bens artísticos, verifica-se a ampliação do conceito de moderno, que se integra à estética barroca como expressão do elemento arcaico, da tradição nativa e do traço de nacionalidade. Mário de Andrade reconhece a grandeza dessa arte, relendo-a não só como detentora desse traço – pois já trazia sua origem européia – mas como similar à arte expressionista alemã, de natureza transgressora e atual. Condensa os dois momentos artísticos numa dimensão atemporal, anunciando as futuras interpretações feitas do barroco, além de definir a arte nacional pelo viés da arte estrangeira. A visita dos modernistas a Minas propicia ainda a criação do Patrimônio Histórico Nacional, em 1937, com anteprojeto de Mário de Andrade e realização de Rodrigo Melo Franco de Andrade. A essa linhagem se integra ainda o poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade, que, em 1924 recebe os paulistas, tornando-se, daí em diante, o parceiro mais brilhante da modernidade literária brasileira. A partir de então, tem-se o início formal do modernismo em Minas Gerais, que já se evidenciava nos experimentos realizados pelos jovens escritores e jornalistas de Belo Horizonte.

## POR UM BARROCO MODERNO

Em Belo Horizonte Drummond permanece até 1934, quando se transfere para o Rio de Janeiro, a convite de Gustavo Capanema. Mas já se notabilizara como autor de *Alguma poesia* e *Brejo das almas*, antes de sua consagração literária com os livros *Sentimento do mundo* e *A rosa do povo*. Por sua atuação intelectual nesse período e pelo vigor de uma poética combativa e intransigente, o poeta torna-se um dos mais respeitados e notáveis nomes de sua geração. De 1934 a 1945, permanece no governo Vargas, dividindo a sua

profissão de chefe de gabinete com a de escritor, situação conflituosa para quem servia a um governo autoritário e ditatorial. Dessa data até 1962, trabalhou como Chefe da Seção de História na Divisão de Estudos e Tombamentos do Serviço de Patrimônio Histórico, Artístico Nacional (SPHAN). Será, portanto, um dos artífices da criação do Patrimônio, desempenhando papel efetivo no destino dos projetos e na escolha de nomes para realizá-los, além de se ocupar do trabalho de catalogação e organização do material existente nesse arquivo. (2)

A releitura do papel de Drummond na construção de um Brasil moderno tem como princípio rever tanto o grau de ambigüidade alcançado pelo poeta no exercício de suas funções, como a sua vinculação, seja a um projeto moderno de unidade política – elaborado com base no culto da identidade nacional, através do concurso da educação e da arte – seja a um projeto estético ligado à geração dos literatos modernistas.

A imagem dos Profetas de Aleijadinho, citada em epígrafe, servirá de metáfora para melhor se entender o papel dos modernistas como guardiães do acervo artístico e cultural brasileiro constituído pelo barroco colonial. O projeto de consolidação dos valores míticos e fundacionais do país respondia a uma necessidade de nacionalização e de unificação desses valores, projeto empreendido por representantes da elite modernista de Minas, defensora do novo como forma de transformação artística e cultural. O texto funciona ainda como revisão do barroco feita por Drummond, ao tomar as estátuas como imagens do espírito revolucionário, libertário e melancólico dos mineiros.

O interesse dos modernistas por Aleijadinho contribuiu para o resgate do barroco como movimento artístico mais próximo da estética moderna. Mário de Andrade, em 1935, após a visita a Minas e pesquisas realizadas sobre a arte barroca – principalmente com a ajuda de amigos, entre eles Drummond – publica o célebre artigo sobre Aleijadinho. A sua leitura virá comprovar o interesse pelo conhecimento da tradição como revitalização do conceito de moderno. Ressalta ainda a originalidade da arte do escultor, por oferecer a “solução brasileira do colonialismo e deformar a coisa lusa.” O caráter mestiço e “multicultural” do artista, capaz de transformar o imitado em genialidade, é que o torna, aos olhos de Mário, um “reinventor do mundo”. (3)

Tarsila do Amaral e Oswald de Andrade registraram, de forma exemplar, sua passagem por Minas, assunto já amplamente estudado pela crítica. (4) Mas o fascínio do barroco ficará ainda circunscrito ao estatuto de uma arte que transcende o seu aspecto histórico e concorre para a consolidação do conceito

de nacional a partir do que de mais próprio existia na arte brasileira. Um momento artístico que se caracterizava, principalmente, pela ousadia de Aleijadinho, ao se apropriar dos modelos estrangeiros e convertê-los em uma resposta mais nacional e criativa.

No entanto, é apenas em 1944, em “O caminho percorrido”, que Oswald de Andrade relaciona o modernismo de 1922 à Inconfidência Mineira, por defender que ambos movimentos seriam responsáveis pela maioria do Brasil, através de um contato subversivo com a Europa e por terem “acertado o passo com o mundo”, construindo leis novas. (5) Nessa palestra que profere em Belo Horizonte, por ocasião da Exposição de 1944 – promovida pelo então prefeito Juscelino Kubitschek, para que intelectuais de São Paulo e do Rio conhecessem as obras de Niemeyer – o escritor estabelece associações da Semana de 1922 com a de 1944, com vistas a reforçar o espírito revolucionário que as uniria. Partidário do comunismo e crítico contundente da geração de intelectuais católicos do momento, Oswald representava, na sua palestra, a voz política dominante, pois contribuiu de forma efetiva na curadoria da exposição, escolhendo os artistas a serem convidados. No seu pronunciamento, o conceito de moderno obedecia a critérios de ordem progressista, sem se deter no processo descontínuo e rasurado da História. A idéia de continuidade artística servia como artifício para a consolidação de um programa político, pautado pela relação estreita entre modernização social e o progresso tecnológico. A intenção unificadora da política mineira do momento seria, nas palavras de Oswald, a resposta conciliadora para a dispersão artística e política de São Paulo, assim como a retomada dos princípios modernos, o desdobramento de um projeto ainda não terminado: “O caminho percorrido de 22 a 44. São Paulo do centenário, Belo Horizonte de Juscelino Kubitschek. Em 22, São Paulo começava. Hoje, Belo Horizonte conclui.” (6)

A interpretação de Drummond, como sendo mineiros os Profetas de Aleijadinho, além de reiterar “a nossa condição de povo em luta contra os tiranos, de povoilhado na solidão e ao mesmo tempo aberto aos ventos do mundo”, (7) reforça a natureza transformadora da arte nos trópicos, onde a cópia resulta melhor do que o original. A capacidade genial de Aleijadinho residiria na deformação intencional das primeiras imagens dos Profetas, tanto no seu aspecto religioso quanto nas suas feições, ao inventá-los e moldá-los a seu modo, com traços de gente das Minas. O deslocamento temporal permite ainda que, passados 150 anos de sua criação, os Profetas motivem ainda sentimentos contraditórios que se conformam aos mineiros revolucionários do mo-

mento: “Taciturnos, crepusculares, messiânicos e melancólicos.” O sentido dessas alegorias barrocas se inscreve entre o ideal utópico e a melancolia, a seriedade e a feição crepuscular, num tempo de legitimação do imaginário político nacional e de respeito às coisas brasileiras.

O gesto de interpretar o novo pelo viés da tradição consiste na revitalização do olhar em direção a um passado em movimento, ao contrário do que prega o espírito conservador. Extrair da obra em pedra sabão de Aleijadinho fagulhas de um sentimento revolucionário ou das dobras dos mantos dos Profetas um devir que não se esgota na contemplação do presente, é enxertar nesses corpos a promessa de uma sobrevida. Os futuros leitores serão, portanto, responsáveis pela continuidade ou não desse devir utópico. A política de preservação dos bens do Patrimônio não se restringe ao culto do passado segundo uma perspectiva estática e fossilizada, considerando-se o vivo diálogo mantido com o presente. Nessa empresa descarta-se a intenção de fabricar mitos para o sustento do imaginário popular, que agiria como fator de conservação das tradições e a serviço de interesses políticos. A posição ideológica de Drummond, ainda que não pretenda incentivar nenhuma mitologia da mineiridade, reforça a conjunção do movimento político da Inconfidência com o gênio artístico e revolucionário de Aleijadinho, na sua condição de mulato e leproso, e que “profetizava americanamente o Brasil”. (8) A sua figura ultrapassa as fronteiras regionais e se impõe como representante da mais radical manifestação artística e política do país.

Esse texto irá provocar, em situações diferentes, reações contra a associação feita pelo poeta entre os Profetas e os mineiros inconfidentes, o que dará a oportunidade de expressar sua opinião sobre a dimensão estética e política do barroco. Na crônica “Contemplação de Ouro Preto”, incluída em *Passeios na ilha*, Drummond retoma o motivo dos Profetas, no sentido de defender a sua posição diante da crítica feita pelo estudioso do barroco, Lourival Gomes Machado. (9) Pertencia o crítico de artes plásticas ao conhecido grupo *Clima*, formado por intelectuais paulistas de reconhecida competência, como Antonio Candido, Décio de Almeida Prado, Paulo Emílio Salles Gomes, entre outros. Na opinião de Machado, Drummond estaria falseando os princípios da arte barroca, ao interpretar os Profetas como revolucionários. Acrescenta que “jamais o estilo da contra-reforma visou a alimentar insubmissões” e “nada, na enfarruscada rudez de mestre Lisboa, autoriza uma tal interpretação”. Acata, de forma irônica, a opinião do poeta, que teria o “direito de advogar seu imenso liberalismo” (10)

Descobriu, esse homem fora do comum, que as estátuas do Aleijadinho se reuniram para agitar, em rumorosa assembleia, a causa eterna da liberdade. Gritaria o doutor que jamais o estilo da contra-reforma visou a alimentar insubmissões e objetaria o informante preciso que nada, na enfarruscada rudez de mestre Lisboa, autoriza uma tal interpretação. Mas os intérpretes não pedem, quando são grandes, mais do que o penhor de sua própria autoridade, e ninguém negará a Carlos Drummond de Andrade direito de advogar seu imenso liberalismo. Aos pequenos, conceder-se-á acompanhar o modelo, sem aspirar à imitação dos resultados. (11)

A discordância quanto à leitura do poeta residia na afirmação do barroco como manifestação de determinada luta religiosa, o que impedia o crítico de atribuir ao Aleijadinho uma insubmissão aos princípios ditados pela política da metrópole. Reduzia, assim, o alcance que o sentido da obra barroca poderia ter, limitando-se a uma questão de ordem religiosa. Drummond se defende de sua “simples literatice”, como afirma, se apoiando em vários estudiosos do barroco e abrindo caminho para as futuras interpretações dessa arte. A ênfase no caráter transgressor do artista diante dos modelos europeus seria a resposta possível de uma arte periférica em relação à da metrópole. Haroldo de Campos manterá a posição frente ao barroco como uma manifestação singular da arte que se realiza nos trópicos, por já nascer adulta e parodiar os modelos que lhe serviram de inspiração. Discorda de outras opiniões teóricas e metodológicas, que aprisionam o movimento em espaço e tempo rígidos, impedindo o vôo temporal do barroco e suas disseminações futuras. (12) A resposta de Drummond às acusações de Lourival Gomes Machado devolve ao barroco conotações atemporais e lhe concede efeitos transcendentais:

Barroco, afinal, não é uma atitude antiluterana, circunscrita no tempo e no espaço, porque barroco é um modo de ser permanente da sensibilidade, barroco é o esquema da gravitação dos corpos celestes, barroca é a circulação do sangue nas veias e - acrescenta o sábio Reinaldo de Santos - “o mar é barroco”.(13)

Ao eleger uma interpretação aberta do barroco, o escritor estaria reforçando as afirmações de Mário de Andrade em seu artigo sobre Aleijadinho, ao endossar a genialidade do escultor como forma de transgressão e de realização de uma obra nacional justamente por transgredir e usurpar. Mineiros são os profetas naquilo que eles têm de diferença mestiça, de originalidade racial, de índole revolucionária. E por serem mineiros, expressivamente marcados por traços de sua cultura, é que conseguem romper as fronteiras regionais e se apresentarem de forma universalizante e aberta. A força mestiça dessa arte e a sua significação igualmente mestiça – profetas, judeus e mineiros – não se circunscrevem a verdades regionais, mas atingem o sentido de uma nacionalidade moderna.

Em 1962, Drummond registra no seu diário – *O observador no escritório* – o interesse de uma indústria paulista em aproveitar o texto dos profetas do Aleijadinho para compor o calendário daquele ano. O pedido vem acompanhado da sugestão de suprimir o trecho final, onde se evidencia a associação entre os profetas e os mineiros, sob alegação de que se tratava de um calendário a ser distribuído nacionalmente. Com vistas à eficácia da publicidade da empresa, privilegiar um determinado estado soaria como regionalista, por não cumprir o objetivo de integrar coletivamente o país com a utilização dos profetas na sua função épica, religiosa e histórica. Drummond se recusa a modificar o texto, saindo vitorioso da contenda. A convicção quanto à relevância da região mineira como produtora de uma cultura que compartilhava dos ideais libertários da Inconfidência o faz partir em defesa de seu texto.

Trocando em miúdos, consegue-se entender que o acontecimento local servia, no pensamento político moderno, a um projeto nacional, devendo as idiossincrasias regionais apagarem-se em favor de ideais comuns do país. A verdade mineira dos profetas representava uma das partes do mapa que se integravam no todo, restituindo à nação a sua dimensão totalizante. Essa posição do poeta se distingue das atuais reivindicações regionalistas, que não admitem ser confundidas com os interesses gerais da nação, no sentido de que as políticas de identidades pós-modernas procuram afirmação em parâmetros transnacionais. Os símbolos nacionais se mostram cada vez mais fragmentados e sujeitos a revisões. A resposta de Drummond é elucidativa para se perceber a distância – e ao mesmo tempo a proximidade – com a época em que vivia, pois os profetas, ao serem vistos como mineiros, deslocam não só o conceito de origem como ampliam, cultural e politicamente, a concepção de arte barroca:

Expliquei-lhe que o texto não podia ser mutilado nem alterado; que perderia o sentido se o fosse; que o complexo cultural (escultura -pintura-arquitetura-poesia-música-anseio de independência-afirmação localista e ao mesmo tempo geral) ocorrera na Minas colonial, como poderia ter ocorrido na Bahia ou em outro ponto do Brasil antigo. Era fenômeno historicamente verificado em Minas, e sendo assim nada demais que eu considerasse mineiros os profetas judeus do Aleijadinho. (...) E faço muito gosto em chamar de mineiros o Habacuc, o Oséas, o Daniel e os outros compadres do Velho Testamento. (14)

A releitura da tradição, efetuada pelos intelectuais e artistas modernos, se empenhou em conhecer a memória nacional, mapeando-a e definindo-a segundo critérios já formulados pelas culturas mais adiantadas, detentoras de princípios iluministas. Em artigo sobre o SPHAN, Sergio Miceli amplia o estudo sobre as relações da classe dirigente com o poder ditatorial de Vargas, apontando o caráter elitista desse órgão. No seu entender, o SPHAN agia sob as ordens de um regime autoritário, empenhado em construir, no trópico dependente, uma “identidade nacional” iluminista. Um país moderno deveria se valer das mais ousadas experiências já vividas pelos países mais desenvolvidos, como assim queriam os seus intérpretes. A política do Patrimônio ostentaria uma marca classista em tudo o que lhe diz respeito, por serem aí privilegiados os acervos da classe dirigente, das grandes famílias, e assim por diante. (15)

Essa geração de jovens intelectuais e políticos mineiros converteu sua tomada de consciência do legado barroco em ponto de partida de toda uma política de revalorização daquele repertório que eles mesmos mapearam e definiram como a “memória nacional”. E nesse passo, o SPHAN é também um capítulo pouco conhecido mas prestigioso da história contemporânea das elites brasileiras, ou melhor, a amostra requintada e reverenciada das culminâncias de seu universo simbólico e, ao mesmo tempo, o inventário arrolado, à sua imagem e semelhança, dos grandes feitos, obras e personagens do passado. (16)

A crítica à política cultural desenvolvida no SPHAN pelos modernos é, em princípio, aceitável, considerando-se que a elaboração de projetos corre sempre o risco de negligenciar tópicos importantes, em favor do que fora previamente recortado. O elitismo atribuído a essa política serviu de lição para futuros programas de preservação da memória do país, quando se passou a reavaliar o que havia sido recalçado. A preferência dos modernos pelo barroco, período escolhido como um dos marcos da nacionalidade artística brasileira, é um dos mais notáveis exemplos desse recorte. O esquecimento imposto aos estudos e à preservação do patrimônio nacional novecentista tem sido largamente discutido pela política do Patrimônio, pois tratava-se de procurar semelhanças e não diferenças que contrariassem o projeto moderno de preservação. Não é gratuita, portanto, a afirmação de ser o Aleijadinho símbolo nacional e figura importante do país colonial, tornando-se um dos fundamentos para a construção de nacionalidades modernas. A revisão desta conduta do Patrimônio constitui um trabalho que pesquisadores têm levado a termo com muito êxito.

A memória nacional teria recebido, ainda segundo Miceli, tratamento que condiz com o pensamento de uma elite brasileira, daí o culto dos grandes feitos e personagens. É preciso ressaltar, no entanto, que os primeiros empenhos de preservação dessa memória se pautavam por uma urgência de partir do zero, pois nada havia ainda sido feito para que a situação mudasse no país. Por se tratar de uma equipe que, além de letrada, pertencia às estirpes tradicionais da sociedade brasileira, era natural a preocupação em narrar a história dessa geração. Alguns modernistas, como Drummond e Pedro Nava, também se ocuparam da escrita das fábulas familiares, numa demonstração de que a sua geração tinha muita história para contar. A postura moderna diante da memória está ainda longe de ser superada, não por falta de senso crítico, mas por empecilhos de outra ordem. Mapear o pensamento moderno é tarefa infundável, principalmente se a historiografia contemporânea desconfia de sínteses conclusivas e aposta numa perspectiva analítica mais flexível.

A posição de Drummond, em todas as vezes que se manifesta sobre a sua atuação como funcionário público, é a de se esquivar de uma responsabilidade política em relação ao regime, procurando separar o sujeito político do poeta. Utiliza-se da cartilha da modernidade, ao falar dos projetos de organização e recuperação do acervo cultural brasileiro, ciente de que nessa tarefa estariam concentrados os processos de transformação da fisionomia moderna do país. O seu cargo no Ministério e no Serviço de Patrimônio – entre o ofício

burocrático e a construção de uma obra poética – se debate entre a racionalização de um serviço e a imaginação solta do escritor, sem que haja uma oposição entre as duas instâncias. O intelectual está sempre se recusando a mostrar a outra face.

Delinear o perfil biográfico de uma geração modernista, com seus erros e acertos, permitiria conhecer melhor a formação de um pensamento moderno no país, com o acordo de intelectuais e da classe dirigente do Estado Novo. Os conflitos de ordem existencial e profissional vividos por todos eles – Mário de Andrade, Drummond, entre outros – deverão ser analisados segundo uma visão crítica mais aberta, voltada para as próprias contradições a que todo intelectual está sujeito. Ignorá-las seria pecar contra a ética da pesquisa. Procurar entendê-las, seguindo um método comparativo e uma abordagem que estabeleça laços entre grupos e problemas aí existentes, talvez contribua para o esclarecimento de interpretações limitadas ou de generalizações apressadas.

Neste clima de revisão e de comemoração de fatos e personalidades responsáveis pela construção de uma grande parcela do Brasil moderno, que fique claro o desejo do poeta de cantar o país de uma maneira entre nostálgica e messiânica, como assim o fez com os Profetas de Aleijadinho. Como motivo e lugar virtual de uma linguagem poética e uma posição política, o vocábulo Minas não se traduz em símbolo de mineiridade ingênua e nem busca ofuscante da origem. Essa obsessão poética representa o vestígio alegórico e a miniaturização de um lugar que se volatiliza em torno da própria busca. Se o acontecimento regional representava, para a política do Estado Novo, o que deveria ser anulado em favor da integração nacional, para Drummond, os Profetas, “taciturnos, crepusculares, messiânicos e melancólicos”, anunciariam a própria ruína de um período de liberdade e utopia.

## NOTAS

1. LYOTARD, Jean-François. Reescrever a modernidade. In: *O inumano*; considerações sobre o tempo. Lisboa: Ed. Estampa Ltda, 1989. P. 40.

2. José Maria Cançado, em *Os sapatos de Orfeu, biografia de Carlos Drummond de Andrade*, emite considerações sobre o trabalho de Drummond na sua função de arquivista: “É o mesmo tipo de organização que há no seu arquivo pessoal, hoje em poder do neto Pedro Augusto, no qual, em envelopes

*titulados*, assinalados e catalogados com um capricho até fantasista (os nomes escritos em capitulares e com lápis hidrocor), há como que as narrativas fotográficas da vida de uma pessoa – a de Maria Julieta é extensíssima – de um lugar, de um autor etc. Da mesma forma, o arquivo do Patrimônio, milhares de envelopes com fotos, recortes de jornal, pareceres, artigos especializados, informações sobre uma igreja, um bairro, uma cidade, um artista, uma imagem, um engenho, é hoje praticamente a memória profunda da atividade de conservação de acervo histórico no Brasil.”. CANÇADO, José Maria. *Os sapatos de Orfeu, biografia de Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo: Scritta Editorial, 1993. P. 224.

3. ANDRADE, Mário de. O Aleijadinho. In: *Aspectos das artes plásticas no Brasil*. São Paulo: Martins, 1975. P. 45-46.

4. Cf. SCHMIDT, Paulo; SOUZA, Eneida Maria de (Org.). *Mário de Andrade: carta aos mineiros*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997.

5. ANDRADE, Oswald de. O caminho percorrido. In: *Ponta de lança*. Obras completas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970. P. 94.

6. Idem, p. 93. É importante ainda lembrar que Juscelino Kubitschek, em 1945, como prefeito de Belo Horizonte, sugere a Cecília Meireles escrever sobre a Inconfidência Mineira, resultando daí o *Romanceiro da Inconfidência*, publicado em 1953. A aliança do moderno político com a tradição histórica dos inconfidentes permite a revitalização de mitos nacionais com vistas à sua integração aos objetivos governamentais. Embora a obra resista a vinculações partidárias, fica o registro de estar a literatura sempre em diálogo com o discurso histórico, seja para romper com seus princípios, seja para endossá-los.

7. ANDRADE, Carlos Drummond de. Província, minha sombra. In: *Passeios na ilha. Obra Completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1967. P. 656.

8. ANDRADE, Mário de. O Aleijadinho. In: *Aspectos das artes plásticas no Brasil*. São Paulo: Martins, 1975. P. 46.

9. O texto de Lourival Gomes Machado referente ao ensaio de Drummond está inserido no artigo “Viagem a Ouro Preto”, publicado inicialmente em *O Estado*

*de São Paulo* e depois na Revista do Arquivo Municipal, São Paulo, ano XV, vol. CXXIV, abril-março, 1949. Em 1969 foi incluído no livro *Barroco mineiro*, coletânea de artigos do autor.

10. ANDRADE, Carlos Drummond de. Contemplação de Ouro Preto. In: *Passeios na ilha*. Op. Cit., p. 656.

11. MACHADO, Lourival Gomes. Viagem a Ouro Preto. In: *Barroco mineiro*. São Paulo: Perspectiva, 1973. P.179.

12. Cf. CAMPOS, Haroldo de. Da razão antropofágica. diálogo e diferença na cultura brasileira. *Boletim Bibliográfico da Biblioteca Mário de Andrade*. [São Paulo] 44, n. 1-4, (1983): 107-127.

13. ANDRADE, Carlos Drummond de. Contemplação de Ouro Preto. Op. Cit., p. 656.

14. ANDRADE, Carlos Drummond de. A mineiridade dos Profetas. In: *O observador no escritório*. Rio de Janeiro: Record, 1985, p. 134.

15. Cf. MICELI, Sergio. SPHAN: refrigério da cultura oficial. In: *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. P. 360.

16. Idem, *ibidem*.





# MULHERES ADMIRÁVEIS DA EUROPA CENTRAL

Anita Uxa\*

Há muito tempo, preocupa-me o percurso das mulheres em suas lutas pela liberdade e suas conquistas. Liberdade esta muito sofrida, controvertida e difícil. Volta e meia, retorno à leitura de livros que esclarecem em parte o posicionamento da mulher, a começar do fim do século XIX, cuja luta se fez mais acirrada ainda em nosso tempo. Propus-me a analisar o problema, pois o tema continua em pauta. Hoje é visto sob o ponto de vista alargado ao social e à política – ao trabalho, e nesse campo muitas foram as conquistas. Senti-me, porém, mais atraída pelo lado psicológico, filosófico e poético e pelos rastros das conseqüências que essa luta deixou, afinal, na alma feminina. Do panorama imenso que trata e desenvolve este assunto, escolhi apenas três livros, que, a meu ver, são indicativos de épocas diversas, baseando-me em epistolários e estudos que aprofundam o assunto.

É de 1897 a 1926 a trajetória amorosa entre o poeta Rainer Maria Rilke e a psicóloga russa Lou Andreas Salomé, registrado nas cartas que relatam uma história de amor-amizade reveladora.

Já o livro de Françoise Giroud, Ministra da Cultura e Condição Feminina da França (1974-1977), penetra na vida íntima, social e cultural de uma mulher famosa, unida a personagens célebres de sua época: Alma Mahler. O livro traz o título *Alma Mahler, a arte de ser amada*.

Enfim, o terceiro livro, um estudo analítico feito por uma psicóloga italiana, Nadia Néri, relata a presença feminina, desde os primeiros decênios do século, na vida e na obra de Gustav Jung – *Oltre l'ombra – donne intorno a Jung* (Roma: Edições Borla, 1995), (*Além da sombra – mulheres ao redor de Jung*).

---

\* Fundadora das “Amigas da Cultura” de Belo Horizonte.

Nessas minhas leituras, descobri como é muito vasto e diverso o mundo das mulheres que viveram ao lado de grandes homens, cada qual assumindo uma atitude diferente no relacionamento homem-mulher, dependendo de sua formação cultural e das condições ambientais em que viveu. Extraordinária a vida dessas mulheres! Precisavam ter forte personalidade, cultura e criatividade para se afirmar no mundo masculino, vencendo tabus e moralidades preconceituosas.

No epistolário entre Lou e Rilke, além da incomum sinceridade na revelação dos sentimentos, é interessante observar a época em que viveram seu romance. O tempo é freudiano, e encontramos nas páginas do livro, como por acaso, os nomes mais expressivos e famosos do mundo literário e artístico, circulando nos salões exclusivos da intelectualidade, onde se falava de literatura, de ciência, onde se fazia música, declamavam-se poesias, dissertava-se sobre livros publicados na época, onde se amava de uma forma que espantaria o mundo de hoje, que consideramos livre. O mundo deles é a *Mitteleuropa*,<sup>(1)</sup> Viena, Mônaco de Baviera, Berlim, Petersburgo e sempre Paris. Além do mais, lugares revisitados por esses grandes protagonistas da literatura e da “psicologia do profundo”.

Naquele *fin-de-siècle*, trocavam-se notícias, correspondências, livros. No epistolário de Lou e Rilke, estão presentes todos aqueles que faziam parte dessa *intelligentzia*, além de Freud e de Jung. Nietzsche, o filósofo Kierkegaard, o escritor Werfel, os poetas Valéry e Hugo von Hofmannsthal, o escultor Rodin, Oskar Kokoschka, o pintor.

Lou, desde seu encontro com Rilke, escreve psicanalisando a história do amigo-amante, sendo um precioso testemunho do poeta e do homem.

Escolhi alguns trechos, que mais me impressionaram, da correspondência entre Lou e Rilke. Encontramos trocados e descobertos sentimentos de um amor que soube transformar-se em profunda amizade. Rilke, mesmo quando escreve em prosa, é poesia pura. Ele também analisa a si mesmo e as pessoas que despertam seu interesse. Lou, como psicóloga, procura compreender o drama existencial do amigo. Raciocínio científico e inspiração artística se alternam e se completam em suas cartas, para ajudar o amigo enfraquecido pela doença, até a sua morte.

Lou a Rilke: “Se esta ânsia profunda não acompanhasse cada processo criador, provavelmente esta seria uma beatitude pura demais para os filhos do homem. Penso sempre que sem ela e outras sensações, a criatividade agiria como veneno concentrado e mortal. Elas produzem vida somente quando amar-

radas às inibições interiores ou a outra pessoa [*que como inibição é mais que suficiente e aqui se refere à mãe de Rilke*]. Tudo que na vida é sucesso é plenitude em medida igual, de verdade e erros, de vitórias e derrotas.” Faz, em seguida, uma comparação original e atrevida: “Os frangos podem morrer por causa de uma desnutrição por falta de germes... e a água pura em excesso pode provocar distúrbios ao estômago...”.

Lou aconselha o amigo a considerar a mãe (que é o problema) do mesmo ponto de vista. “Também se ela fosse um grande bacilo na nutrição de sua vida e até em sua íntima natureza, ainda não saberíamos nada dos efeitos em você, os bacilos fazem fermentar o que cada qual tem em si mesmo e tudo que na ocasião de uma doença se elimina.”

Novalis dizia que “Nossas doenças são fenômenos de uma elevada sensação que deseja se transformar em forças superiores.” Em palavras menos românticas, que as doenças podem favorecer a concentração para a vida interior e aí provocar novas possibilidades espirituais e descobrir novas energias, encontros antigos que estavam à espera de nossas atenções.

Continuando com Lou: “Algumas mães perfeitas podem ser estéreis para seus filhos (nutrimento acético). Nós sabemos tão pouco que não devemos nos deixar arrasar com isso. Uma árvore de figo, que floresce, aí, no teu jardim, ou o azul das violetas que florescem em todo lugar... são mais interessantes e necessários para viver!”

Sabe-se que naquele período em que eles viveram o relacionamento amoroso, a estrela de Freud prevaleceu no mundo intelectual europeu. Lou convivera no ambiente dele, e ela mesma era analista reconhecida por Freud, que a admirava profundamente.

Lou, em seu epistolário, escreve páginas terríveis sobre a guerra (1914-1918), que poderiam sensibilizar, também hoje, a humanidade que está sendo bombardeada com notícias terríveis vindas das mídias. Ouso, portanto, relatar seu pensamento:

“Que dia após dia se aprende o que acontece fora e quase se esquece o sono como no campo de batalha. Deste pensamento germinou em mim algo aterrorizante, mas consciente: que os crimes de guerra são possíveis somente porque nós somos continuamente assassinos de nós mesmos e dos outros, numa espantosa culpa coletiva. O mundo é percorrido por um evento, no qual devemos nos imergir e, assim fazendo e entendendo, é a única forma de libertação e na unidade da culpa de todos os mortais sentir o pesado sudário que nos percute e no qual são representados os traços de todos os vultos, e nenhuma

testemunha sacrificada ficará com o rosto descoberto relacionando-se com o todo. Neste ponto compreendi, com espanto, que, por esta razão, se tivesse sido homem, ou tivesse gerado filhos, teria eu mesma combatido e os teria mandado também à batalha.”

Ela parece-me estar certa quando escreve sobre uma participação compulsória na guerra, sofrendo a contaminação coletiva provocada por ela, quanto a mandar filhos ao *front*. Ela, tendo-os, não os mandaria, mas disse assim para dar mais força, mais dramaticidade, mais veracidade à calamidade que as guerras trazem consigo, pois todos, inexoravelmente, somos atingidos pelas suas conseqüências.

### ALMA MAHLER: A ARTE DE SER AMADA

Ultimamente, aqui no Brasil, foram publicados vários livros que contam a trajetória humana de mulheres famosas. (2) Eu também tinha o meu balaio, mulheres que viveram na *Mitteleuropa*, sofridas, mas vencedoras, conscientes de que não há vitórias sem perdas.

Inutilmente o psicólogo Jacques Lacan escreve que *A mulher não existe*. Alma Mahler existiu. Não passou despercebida. E Françoise Giroud descreve, com conhecimento de causa, com toque mundano e atrevido, desvendando, a partir de seus diários, a vida dessa mulher muito à frente de seu tempo, mostrando duas faces de sua personalidade: a de uma mulher para a qual a música teria sido a razão de sua vida, pianista e compositora genial desde jovem, mas que em certas circunstâncias soube colocar-se em segundo lugar, reconhecendo a superioridade dos “gênios” que, em sua época, surgiram na atmosfera de uma cidade muito particular: Viena. Viver em Viena, naquele tempo, era considerado um privilégio para os artistas, no crepúsculo de um mundo que iria desmoronar à véspera da Primeira Guerra Mundial (1914-1918).

Na Viena de *fin-de-siècle*, os artistas eram de casa, nos típicos e alegres cafés vienenses, e também nas casas burguesas, onde, além de fazer cultura e música, os privilegiados intelectuais se entregavam a uma despreocupada *joie de vivre*. Era um privilégio viver na *Áustria Felix* o esplêndido momento, sob a proteção do Imperador Franz Josef, que reinava com diplomacia sobre várias nacionalidades, embora politicamente inquietas, onde se professava um liberalismo plurinacional.

Alma foi criada nessa cultura complexa e rara.

Klimt, pintor e decorador, idealizador do *Kunstschau* (Templo da Secessão),(3) famoso por seu afresco sobre Beethoven, foi um amor jovem de Alma, não realizado, proibido pela família. Alma conheceu a música de Wagner profundamente e Nietzsche a introduziu no mundo dos gregos, na filosofia de Platão, no culto à beleza e foi por ele pedida em casamento.

Talvez pelo fato de reconhecer a genialidade dos artistas que freqüentava, ao mesmo tempo em que era influenciada pelos estudos clássicos juvenis, nela se criasse uma personalidade às vezes em contraste com a realidade daquele tempo, que começava a mudar. Essa bela mulher, desde jovem, por vezes renunciava à sua arte para enaltecer a de seus companheiros e lutar para salvar seu ego. Quem são eles? Vamos ao juízo de Françoise: “Seus homens deixaram um marco na história: Mahler, catedrais sonoras; Gropius, estruturas de aço; Werfel, arquiteturas literárias; Kokoschka, uma áspera pintura.”

Ao mesmo tempo em que comunica aos artistas uma carga de energia criadora, é capaz de humilhar profundamente um de seus maridos, num excesso de sinceridade ou à procura de uma forma de autopunição, revelando-lhe suas traições amorosas (Gropius *versus* Mahler). Alma parece não se interessar por política, não simpatizava muito com os judeus, mas se casa com Gustav Mahler, judeu convertido, e com Franz Werfel, também judeu. Embora declare em seus diários não gostar da música de Mahler e apreciar apenas o maestro, na hora dramática da fuga sob ameaça de Hitler essa mulher, declaradamente cristã, salva as partituras das dez sinfonias (a 10ª, inacabada) do falecido maestro, e naquela dramática emergência, casada com Werfel, ativo pacifista, segue o marido em suas peripécias até Nova Iork, onde ele teria grande sucesso literário.

O que importa para ela é a inteligência do ser humano, sua criatividade, que torna o artista, a seus olhos, sagrado.

Para conhecer a personalidade dessa mulher excepcional, temos de penetrar, porém, mais a fundo no seu íntimo, onde, deixando de lado as conquistas amorosas, seus triunfos mundanos, seus sucessos artísticos, enfim, suas vitórias de mulher sobre o homem, ela sofreu corajosamente suas perdas, que, às vezes, foram tão violentas, a ponto de adoecer seu corpo. Ela teve muitos abortos naturais, que enfrentou com tranqüilidade, mas houve mortes que chegaram a abalar sua resistência vital: a perda de uma filha de Mahler, chamada Pitzzi, com 6 anos, que atingiu, também, profundamente o maestro, a morte de Manon, filha de Walter Gropius, de 17 anos, muito amada e disputada pelos pais.

Mas o que ela soube fazer, egregiamente bem, foi virar páginas e viver até nossos dias (85 anos), gozando da fama de Mahler, de quem manteve o nome, e aproveitando-se de sua glória.

Parece-me, porém, que, nesse difícil resumo do livro de Françoise Giroud, não podemos deixar de mencionar a presença do pintor polonês Kokoschka, pois ele foi obsessivamente, durante toda a vida, apaixonado por Alma. Deixou muitos quadros inspirados nela nos museus de toda a Europa. Chegaram a construir uma casa no Semering, localidade belíssima perto de Viena, mas um grave desentendimento os separou. O pintor foi voluntário na Primeira Guerra Mundial, na nobre arma da cavalaria, e foi gravemente ferido duas vezes. Alma não foi visitá-lo e, a seus insistentes pedidos de casamento, respondeu que somente se casaria com ele quando tivesse pintado uma obra-prima. Ele pintou *A noiva do vento*, que é uma obra-prima. Queria visitá-la, mas ela se recusou, mais uma vez, a encontrá-lo. Tarde demais! E ele lhe escreveu: “Cara Alma, estamos eternamente unidos na “noiva do vento””.

Alma declarou publicamente que Kokoschka era o maior pintor da época. Os nazistas perseguiram sua pintura, considerando-a degenerada, fortemente expressionista. Kokoschka conquistou fama internacional e continua até hoje a contar em suas telas uma apaixonante e romântica história de amor.

O livro de Françoise Giroud inicia-se com o relato da última conquista de Alma Mahler. Trata-se, nada menos, do teólogo Johannes Hollensteiner, que teria sido o próximo Cardeal de Viena, se ... não tivesse trocado a batina por Alma... Finalizaria com essa notícia, sem comentá-la. Como acontece, porém, a quem gosta de fuçar livros, encontrei, por acaso, *A Fontana (A Fonte)*, de Charles Morgan, grande sucesso literário do meu tempo de juventude, que, penetrando na psicologia da mulher, ainda hoje parece-me atual, penetrante, intrigante. “Cada mulher tem seu próprio orgulho. Ela sempre nos surpreenderá agindo contra as convenções, até chegarmos à conclusão de que não existe nada que ela não seria capaz de fazer. Mas, inesperadamente, ela pára como rocha.

Consideração para com os filhos, segredo que não revela, solidariedade para com o companheiro (que todos acreditavam pronta para trair). Na realidade, os homens têm uma idéia mais ou menos convencional do significado da integridade, mas a integridade da mulher é pessoal como seu rosto. Pode ou não incluir a castidade, pode ou não manter uma promessa, poderá conduzi-la a um comportamento incrível, contraditório para os outros, mas que está em seus limites. Seu terreno é sagrado, ela pode morrer para defendê-lo. Se al-

guém consegue me dizer qual é o enraizado orgulho de uma mulher, qual o seu ponto de vista acerca de sua integridade, poderei dizer-vos o resto, poderei afinal adivinhar o que ela teria feito numa tal circunstância. É como uma fita escondida, descobrindo seu início, puxando-a, todo o vestido cairá e ela aparecerá em toda a sua NUDEZ”. NADA DE NOVO SOB O CÉU!!!

### NADIA NÉRI – *OLTRE L’OMBRA – DONNE INTORNO A JUNG*

Tive a sorte de assistir em Trieste (minha cidade natal) a uma interessante conferência da psicóloga italiana Nadia Néri. Ela apresentou, na ocasião, um livro com o título *Além da sombra – mulheres ao redor de Jung*. Não se trata de biografias, mas de pesquisas escrupulosas e aprofundadas sobre um assunto que, por anos, ficou na sombra. O título é explícito. Trata de mulheres que trabalharam ao redor de Jung, permanecendo na sombra da figura discutida e amada do mestre.

De pacientes, elas se tornaram estudiosas da práxis e da evolução histórica da psicologia do “profundo”. Muitas vezes, o tratamento analítico leva ao *transfert*. Transferência esta que liga emocionalmente analista e paciente. Nadia Néri quer, em sua monografia, resgatar a personalidade dessas mulheres, um conjunto raro de literatas, filósofas, cientistas, analistas e estudiosas da psiquê humana. Escolhi, entre tantas, (4) nomear três mulheres que, pelo interesse que despertaram na época, atraíram também minha atenção. Sabine Spielrein, a primeira amante colaboradora, Emma Rauschenbach Jung, a esposa de Jung, e Toni Wolff, a amante que o acompanhou quando do seu afastamento de Freud.

Essas mulheres formaram a “tríade originária” da psicologia junguiana, que é analítica, mas se diferencia da psicanálise de Freud, por dar mais importância ao inconsciente no processo analítico.

Três são as dimensões que Jung propõe: a psíquica, a física e aquela espiritual, que é independente. A religião é primária na inconsciência humana, mas não adere a nenhuma igreja em particular, parecendo sempre dar mais enlevo à dimensão espiritual.

Sabine é interessante, pois mais determinada em seu pensamento, comparada com todas as outras mulheres que viveram ao redor de Jung. Não tem receio em discutir com Freud seu *transfert* amoroso com Jung e participa com muita firmeza e clareza de idéias no conflito originário da psicanálise a surgir. É talvez a primeira a desenvolver um conceito de *anima* (alma) e pioneira ao expor suas teses sobre a pulsão de destruição.

Emma Jung se encontra inevitavelmente envolvida nesse primeiro conflito, por ser esposa de Jung e suportar as transferências amorosas das outras pacientes. Ela chegou ao máximo da audácia e do risco quando decidiu enfrentar um tratamento analítico com Toni Wolff e o marido, durante seis meses, para tentar resolver o difícil relacionamento conjugal e o ciúme que as atormentavam.

Toni Wolff, segundo as várias informações que nos fornece a autora do livro, não inspira muita simpatia ao leitor. São mais os fatos e o comportamento dessa singular mulher que nos fazem pensar e, aos poucos, esclarecer sua personalidade. A seriedade do seu trabalho na área da psicologia analítica, a dedicação, a contribuição reconhecida como presidente do Clube Psicológico de Zurique, durante 20 anos, autoritária mas eficaz... Introvertida e muito arredia a demonstrações exteriores, guardou recatadamente seu amor para com o mestre durante 40 anos. De difícil convivência com a mulher dele e a família, que lhe foi sempre contrária. Especial do ponto de vista humano e profissional, Toni se revela quando, durante o afastamento de Freud, Jung atravessou uma profunda crise depressiva, e ela o acompanhou em sua perigosa descida no confronto com seu inconsciente. Como psicóloga, Toni abordou o problema feminino de maneira muito moderna e antecipadora. “Não teríamos necessidade, como arquétipo do princípio feminino, de uma ‘Rainha do Céu’, mas em correspondência com a problemática do nosso tempo, seria preferível uma espécie de ‘Mãe da Terra’ capaz de repartir as sementes daquela especificidade e variedade que a essência das mulheres de hoje parece apresentar.”

Depois da morte de Toni Wolff (em 21 de março de 1953), Jung destruiu todo o epistolário e qualquer referência à mulher e ao seu longo relacionamento amoroso. Doente do corpo, não compareceu ao enterro da amante, mas oito anos depois ele finalmente expressa seu sentimento a um amigo,<sup>(5)</sup> em forma poética, como se falasse a si mesmo: “Em algum lugar havia, uma vez, uma Flor, uma Pedra, um Cristal, uma Rainha, um Rei, um Palácio, um amante e sua amada e isso acontecia muito tempo atrás, numa ilha no oceano, cinco mil anos atrás... Este é o amor, a Flor mística da Alma. Este é o Centro, a Sé... Ninguém compreende o que quero dizer, somente um poeta poderia tentar compreender”. “O senhor é um poeta!” – responde o amigo – “E aquela mulher, ainda é viva?” “Morreu há oito anos atrás... eu sou muito velho...”

## NOTAS

1. Europa Central.

2. *Perdas e ganhos*, de Lya Luft; *Correspondências*, de Clarice Lispector; *Corpos frágeis – mulheres poderosas*, de Maria Matocchia e Javiera Gutiérrez.

3. A Secessão foi um movimento encabeçado por Gustav Klimt, em 1897, que repudiava a tradição realista clássica, que vigorava então.

4. Toni Wolff, Emma Rauschenbach Jung, Aniela Jaffé, Marie Louise von Franz, Barbara Hannah, Jolande Jacobi, Liliane Frey-Rohn, Riukah Schärf Kluger, Olga Fröbe Kapteyn.

5. Em um encontro com o escritor sul-americano Miguel Serrano, em 1959, Jung faz referência a Toni Wolff.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. GIROUD, Françoise. *Alma Mahler – l'arte di essere amata*. Paris: Robert Laffont, 1988.

2. NÉRI, Nadia. *Oltre l'ombra – donne intorno a Jung*. Roma Edizioni Borsari, 1995.

3. RILKE, Rainer Maria; SALOMÉ, Lou Andreas. *Epistolário*. 1897-1926. Milão: La Tartaruga Edizioni, 1984.





# FLORESTA DE SÍMBOLOS

*Livia Paulini\**

O acadêmico Fábio Lucas anota na capa: “... além de vasto levantamento das fontes, contribui com a interpretação do contexto da época do político mineiro. E o faz com razoável distanciamento, procurando não se envolver emocionalmente com o próprio engajamento na vida política do Estado ...”

O leitor já acostumado a começar a avaliação do livro pelas apresentações resumidas, analisa a prática, genuína, condizente e talentosa visão do autor sobre o mundo que nos envolve. E o faz com a afirmação de que a política é uma herança mineira onde a liberdade existe no caráter do cidadão e sempre manifesta as suas idéias renovadoras no espelho consultivo dos políticos.

O livro despertou o meu interesse pelos caracteres dos políticos nele mencionados, que são permanentes com suas idéias e ideais que coincidem com os longos anos da minha convivência com os mineiros.

Do meu ponto de vista, classificaria a obra em dois tipos de doutrinas, que parecem ser os sonhos humanísticos, não só aparecendo nas palavras, mas também nas inter-relações afetivas que o autor assinala através das conversações com os protagonistas e pela imparcialidade nas comunicações sobre fatos histórico-políticos. Lá oriunda a idéia que condena a hipocrisia e o protecionismo.

O autor, quando nos convida por meio das suas eficientes escritas a dividir conosco, leitores, os episódios, a convivência, as lembranças com seus amigos políticos, cria uma ponte sólida entre nós, e a sua confiança evoca simpatia. Afeta-nos profundamente cada episódio com personalidades admiradas do passado. Nele aparecem, visivelmente, o corpo e a alma humana, a matéria e o espírito numa atração histórica. Dos encontros com as personalida-

---

\* Escritora, presidente emérita da Academia Feminina Mineira de Letras. Nascida na Hungria, reside no Brasil há 55 anos.

des da vida pública o escritor delinea o universo de um mundo que, sem as suas memórias, ia-se fragmentar e desfazer-se no tempo.

Nos textos publicados na imprensa belo-horizontina, Murilo Badaró preserva a dignidade dos políticos com a consciência de construir um mundo que se move na direção da visão harmônica, de onde resulta a palpável, definível e preciosa política.

O autor sugere que os grupos, embora se movam na mesma direção, discutem entre si e de vez em quando projetam figuras mais notáveis.

Os perfis por ele descritos nas páginas dos seus ensaios, são documentos importantes e evidenciam marcante estilo pessoal. Na sua lúcida visão sempre aparecem experiências comparativas para dar maior objetividade à história.

Um escritor, certa vez, destacou que “ao passar nas estradas acidentadas precisa-se de ajudantes na direção”. O estadista-escritor Badaró, no seu vasto mundo de lembranças avalia acontecimentos problemáticos e revela sua interpretação filosófico-histórica. No correr dos capítulos aparece delineado um mundo contente com suas personalidades, como uma casa aconchegante para os moradores dignos de uma sociedade cooperativa.

Assim, ele valoriza não só o comportamento das pessoas focalizadas, mas conta com a maturidade do público. No lugar da “procura do tempo perdido,” de Proust, confirma a paixão pela política e seu tempo produtivo.

Com a importância dos textos colocados em foco e o apoio da unidade de propósitos, o autor se identifica com o povo, com suas imagens e mensagens, que são elementos indispensáveis à edificação da cidadania.

O livro do acadêmico Murilo Badaró deu forma literária à memória, inspirado pela ilusão de um mundo melhor, e nos conscientiza que o passado preserva o valor de diversidade, enquanto o futuro está em permanente construção.

Neste futuro, acredita-se nas discussões pacíficas e racionais, simpatiza-se com uma comunicação genial, confia-se em critérios edificantes através de eventos que estimulam iniciativas, no esforço para criar um mundo mais feliz.



# IVAN LINS: O CENTENÁRIO DE UM POSITIVISTA

*Manoel Hygino dos Santos\**

Sempre nutri profunda admiração por Ivan Lins. Refiro-me ao pensador, ensaísta e escritor, que deixou obras perenes, embora com nome hoje talvez obscurecido pelo homônimo engenheiro-cantor-compositor, que se consagrou na música popular brasileira.

Nascido exatamente há cem anos, em 16 de abril de 1904, em Belo Horizonte, Ivan Monteiro de Barros Lins dedicou-se ao magistério e exerceu intensa atividade intelectual na imprensa e em memoráveis conferências. Filho do ministro Edmundo Lins, que presidiu o Supremo Tribunal Federal durante o período do Estado Novo, Ivan Lins integrou o Tribunal de Contas do Rio de Janeiro, desde 1942, ocupou outros altos cargos e se aposentou no Tribunal de Contas da União, em 1974, em sessão solene em sua homenagem.

Candidato à Academia Brasileira de Letras, em 1943, na vaga de Xavier Marques, concorreu com Wanderley de Pinho e Menotti Del Picchia, e acompanhou a escolha do segundo. Não desistiu. Em 7 de agosto de 1958, foi eleito, na vaga de Afonso d'Escagnolle Taunay, para a Cadeira nº 1, ali recebido em 12 de dezembro do mesmo ano, pelo acadêmico Rodrigo Octávio Filho.

São de sua autoria: *Lope de Vega* (1935), *Católicos e Positivistas* (1937), *Tomás Morus e a Utopia* (1938), *A Idade Média, a Cavalaria e as Cruzadas* (1938), *Aspectos do Padre Antônio Vieira* (1956). E, ainda: *O Crime, o Criminoso e a Responsabilidade Penal vistos à luz da Escola de Augusto Comte; Escolas Filosóficas ou Introdução ao Estudo da Filosofia; Benjamin Constant; Um Aspecto Inédito da Vida e da Obra de Martins Fontes; O Humanismo e o Plano Nacional de Educação; Três Abolicionistas*

---

\* Jornalista, escritor.

*Esquecidos – Benjamin Constant, Miguel Lemos e Teixeira Mendes; A Concepção do Direito da Felicidade perante a Moral Positivista; Ruiz de Alarcon; Descartes: Época, Vida e Obra; A Obra Educativo do General Rondon; A Cultura e o Momento Internacional; Gonçalves de Magalhães; O Positivismo no Brasil*, além de outras obras inéditas.

De Ivan Lins, guardo devotamente, e uso para consulta, preciosos volumes que me enviou, todos com amáveis dedicatórias. Alguns me chegaram acompanhados de gentis cartas, hoje espalhadas por pastas, estantes e gavetas. Bom dizer que, nos erros tipográficos, ele se dava ao trabalho de, próprio punho, fazer as correções na margem das páginas.

Fartamente elogiado pela crítica e por seus pares na Academia, preferia, ao que parece, temas polêmicos, como a atuação de Vieira e a significação das Cruzadas, sobre os quais escreveu excelentes livros. Barbosa Lima Sobrinho, por exemplo, no *Jornal do Brasil*, em 16 de setembro de 1956, dizia que “pertence o Sr. Lins a esse grupo de homens respeitáveis que nos ficaram da formação positivista”.

Não muito distante em opinião está Raymundo Magalhães Júnior, que no *Diário de Notícias*, de 6 de setembro de 1956, dizia que o “Sr. Ivan Lins é um dos humanistas mais ilustres, distinguindo-se tanto pelo seu vasto saber como pela independência de seu espírito”. Sua vasta cultura e graça de estilo mereceram também encômios de Austregésilo de Athayde, Clementino Fraga, Múcio Leão, Eduardo Frieiro e Olívio Montenegro, dentre tantos outros ilustres homens de letras, de pensamento e da crítica do país.

Adepto do positivismo, ao adotá-lo sabia Lins da oposição que encontraria às idéias de Comte, que tanto haviam servido aos idealizadores da República. No Brasil, ele – positivismo – se tornara quase uma religião. No bairro da Glória, no Rio de Janeiro, ergueu-se um de seus templos, onde e se obedecia a rituais próprios e se discutia a tendência filosófica e científica, sistematizados por Augusto Comte no século XIX. Mendes dos Remédios, em *Filosofia*, já o condenava, por julgar que ele “leva-nos à negociação de toda a certeza, ele que pretendia fundá-la em dados seguros e incontestáveis; a ruína da ciência é fatal, porque se torna indispensável que ela se reduza a uma enumeração de leis empíricas”.

Outro Mendes, o Teixeira Mendes, atraiu Lins ao positivismo, mediante leitura do *Esboço biográfico de Benjamin Constant*. Em seguida, o pensador de belo-horizontino aderiu à doutrina de Comte e iniciou o estudo metódico

do positivismo, para a ele dedicar-se, ao longo de toda a vida, passando a difundir as idéias contenas no Brasil.

Médico formado pela Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil, em 1930, Ivan Lins fez parte de seus estudos na capital mineira, estudando no Colégio Anglo-Americano, que também acolhera Pedro Nava.

O positivismo, que seduziu Lins, era um método de sistematização dos conhecimentos científicos, filosóficos e sociais, fornecendo bases para uma moral científica. Para os positivistas, porém, buscava-se reduzir todo o conhecimento do Universo a termos experimentais, excluindo fatores sobrenaturais ou espirituais, forças ou essências imateriais e a causalidade considerada como laço misterioso que unisse os fenômenos.

Comte ensinara: “Pela própria natureza do espírito humano, cada ramo dos nossos conhecimentos está sujeito na sua marcha a passar sucessivamente por três estados: o estado teológico, ou fictício; o estado metafísico, ou abstrato; e enfim o estado científico, positivo”.

Estas idéias e inclinações não agradavam à sociedade católica brasileira, que as julgava conflitantes com o ensinamento cristão. Ivan Lins não temeu e enfrentou a imprensa clerical, inclusive ao realizar seu primeiro curso sobre a Idade Média, a Cavalaria e as Cruzadas. Não disfarçou sua orientação franca e desassombadamente inspirada no Positivismo. O curso chegou a causar incidente no Salão da Academia Brasileira de Letras, em 13 de setembro de 1938, antes do início da segunda conferência.

Para o conferencista, o caso poderia constituir “objeto precioso para o filósofo e o sociólogo que quiserem interpretar, um dia, o estado psicológico de determinada corrente do povo brasileiro,” isto é, da suposta *corrente católica* no ano da graça de 1938. Foi a Sra. Lins avisada por pessoa fidedigna que, em determinado colégio do Rio, se informara que a conferência não se realizaria porque “marianos brasileiros” se opunham.

Ao chegar à sede da Academia, o conferencista encontrou um telegrama, assinado por Congregados Marianos, protestando contra o teor das suas exposições. Mensagens foram dirigidas, ainda, a ministros, inclusive o da Educação, solicitando suspensão da transmissão da conferência por rádio.

Determinado indivíduo, iniciado o ato, levantou-se para protestar e dizer que quem falaria ali, então, seria ele. Lins se negou a permiti-lo e estabeleceu-se um tumulto, em que dois cidadãos de batina (seriam mesmo padres? perguntava-se) davam vivas ao Cristo Rei e ao Dr. Getúlio Vargas. Foi quando se ouviu um preto gritar:

–Gente! Vamos parar com isto. Eu também sou católico, mas Nossa Senhora não gosta de barulho.

Mantinhm-se exaltados os ânimos, com ameaças de agressões, de arremesso de cadeiras. Senhoras trêmula tentavam sair, mas se viam impedidas pela aglomeração junto às portas. A polícia entrou em ação, com o delegado do distrito, Péricles de Castro. Dirigiu-se aos mais exaltados, para dizer-lhes que o direito de reunião seria respeitado. Os que não estivessem de acordo com as idéias do conferencista deviam sair em ordem. “Quanto ao conferencista, deveria conduzir sua conferência em termos elevados, sem melindrar os sentimentos religiosos de outrem”, observou a autoridade policial.

Houve, enfim, tranqüilidade e Ivan Lins fez sua exposição.

Anos depois, minadas suas forças físicas, faleceu, no Rio de Janeiro, em 16 de julho de 1975.



## A POESIA NA MALA\*

*Antônio Crispim\*\**

*Crônica de Carlos Drummond de Andrade, publicada no Minas Gerais e reproduzida na Revista do Arquivo Público Mineiro; em 1984. Drummond havia estreado em livro em 1930, com Alguma poesia. E Emílio Moura estreou em 1931 com Ingenuidade. Drummond assinava as “Notas Sociais” com os pseudônimos Antônio Crispim e Barba Azul. (Fábio Lucas).*

Dores do Indaiá acaba de devolver a Belo Horizonte o poeta Emílio Moura, ou, melhor dito, Belo Horizonte acaba de requisitar o poeta Emílio Moura a Dores do Indaiá. As últimas informações eram que Emílio se fixara, como um elemento, na paisagem dorense: a igreja, o jardim público, a ponte sobre o rio bem educado, o edifício da prefeitura e o poeta. Foi preciso um trabalho hábil e sub-reptício para que ele se desintegrasse do panorama e viesse reassumir o seu posto na economia intelectual de Belo Horizonte. Porque o poeta nos pertence desde os tempos em que, nas magras pensões de estudantes, quando ainda não havia “espírito universitário”, “consciência acadêmica” e outras infelicidades, Emílio fingia que estudava direito comercial, mas, no fundo, cometia versos.

No fundo e na superfície. Porque é difícil achar um poeta lírico mais transparente do que Emílio Moura, cidadão que esconde a sua poesia como um vício e que, por isso mesmo, acaba fazendo toda gente desconfiar que ele não é nem professor, nem advogado, nem jornalista, mas simplesmente poeta lírico. Sua timidez de coelho, seu pudor da publicidade, sua capacidade de silêncio (ele é, muito homem para ter uma crise de silêncio e de êxtase, portanto de

---

\* Publicada no Minas Gerais, em 28.5.1931, pág. 11.

\*\* Pseudônimo de Carlos Drummond de Andrade.

“poesia pura”, diante da Coletoria Federal), todos esses são sinais que lhe marcam na fronte a palavra fatal: *Tu Marcellus eris*. Pouco importa que não publique, ou quase não publique os versos escritos. Nele, os versos não escritos é que formam a substância do ser, o definem e lhe dão esse contorno meio vago, porque meio aéreo, que às vezes nos fazia perguntar, nas rodas do bom tempo: Existe o Emílio? Ou é apenas um jogo de nossa imaginação, uma representação de nossa vontade? Emílio, que geralmente estava ao nosso lado, também não dispunha de dados para responder ao certo se existia ou não. Assim é a poesia, que não se define, e está sempre ausente dos lugares onde a buscamos.

Ultimamente, a pedagogia, de um lado, e o sentimento barresiano da terra, de outro (nenhum loreno gosta mais de sua “colina inspirada” do que esse dorense gosta de Dores) pegaram em Emílio Moura e disseram-lhe: Vai fazer poesia na Escola Normal de Dores do Indaiá. Ele foi e fez. Mas agora voltou e traz na mala, como coisa que não mostrara nunca a ninguém, como o seu maior e imperdoável pecado, um livro de versos. O seu livro, que nos estava devendo há anos, e que é capaz de ficar devendo ainda, como o devedor que enriqueceu mas não perdeu o hábito de dever. E daqui eu proponho ao Serviço de Investigações abrir essa mala e tirar dela, para publicar, o livro admirável de Emílio Moura.





## A ACADEMIA NÃO SERÁ UMA TENDA PARA DESCANSO E GOZO\*

*Affonso Penna Junior*

Não é este o discurso que eu devia à Academia Mineira de Letras; não é, sequer, aquele que eu poderia fazer. Bem sabeis como foi composto: entre que trabalhos e apreensões, no tempo menos acadêmico de minha vida. Seja isto a minha exculpação.

Querendo mostrar a fácil torcedura dos textos e os perigos da palavra escrita, disse um dia Richelieu: “Dai-me três linhas do punho de alguém e achei matéria para condená-lo à morte”.

Não sei se andarão por muito mais as linhas, com que vos mereci a “imortalidade”.

Se – com tão minguados títulos – ousei bater à vossa porta, é que tinha presente à memória uma das paginas mais originais e cintilantes do grande Eça.

Conta ele as atenções, os mimos, o rasgar de sedas, com que os escritores de outrora tratavam os seus poucos e escolhidos leitores. Não irrompiam abruptamente na sua intimidade; mas iam recebê-los mesureiramente à porta, em floridos e blandiciosos prefácios destinados a propiciar o ânimo do “amigo leitor”, do “leitor amável”, do “leitor benévolo”, ao qual nunca faltavam com as “duas palavras” do estilo.

A democracia, o ensino obrigatório, as máquinas de imprimir, a leitura ensinada, assim, a todos e ao alcance de todos, suprimiram esse trato individual e delicado entre autor e leitor.

---

\* Discurso de posse de Affonso Penna Junior, na sessão solene de 27 de março de 1925, da AML.

A composição literária passou a ser um trabalho apressado e suarento, feito, por assim dizer, na praça pública, sob a pressão de multidões famintas por livros, às centenas de milhares.

A adulação de outrora, tão grata ao leitor epicurista, não tem mais razão de ser. O escritor “perdeu os modos”; deixou-se de proêmios; “fez-se impessoal e altaneiro”.

Mas, o que não fazem mais os escritores – fazem, ainda, e de bom grado, as Academias. Há nelas, sempre, uma cadeira – quem sabe, até, se mais de uma – que se reserva, piedosamente, ao “amigo leitor”, para que a infinita multidão dos que lêem se sintam, assim, na ilustre companhia dos que escrevem.

A com que me honrastes, é uma dessas cadeiras destinadas ao culto simbólico.

Leitor era o seu patrono, o Visconde de Caeté; leitor, o meu antecessor Francisco Augusto Pinto de Moura; leitor e só leitor, eu próprio.

O Visconde – Patriarca Mineiro da Independência – seguiu e ultimou, em Coimbra, o curso de Direito; freqüentou vários outros cursos, notadamente o de Medicina, e viajou pelo estrangeiro, afim de estudar os progressos da agricultura e das indústrias.

Era, como vedes, um famoso ledor, sequioso de saber e perlustrando, para isso, os domínios da ciência de seu tempo. Não me consta, porém, tenha deixado produções literárias ou científicas, e a única coisa de sua lavra, que conheço, é o discurso com que significou ao Príncipe D. Pedro os sentimentos e os votos do povo mineiro, justamente indignado ante as manobras odiosas das Cortes e do Governo de Portugal para recolonizar o Brasil.

Bem verdade é que essa peça única, que se pode emparelhar aos melhores modelos do gênero, dá bem a medida dos talentos e virtudes do insigne varão.

Muitas orações ouviu D. Pedro, por essa época, dos patriotas brasileiros. Nenhuma, porém, mais vibrante e calorosa, mais ungida de sincera energia patriótica do que a de José Teixeira da Fonseca Vasconcellos.

Ouçamos o que diz, à face do Príncipe, sobre os decretos reacionários das Cortes de Portugal – um dos quais alterava, no sentido do despotismo, o sistema governativo do Brasil, e o outro impunha a D. Pedro o imediato regresso a Portugal.

Cuidareis ouvir a Cícero, nos seus melhores dias, senão a um daqueles puritanos, gloriosos fundadores da pátria americana:

“Dever-se-ão cumprir os dois decretos, em que se acha traçada a nossa escravidão, recebendo, por excesso de boa fé, nós mesmos as algemas e grilhões?”

“Não, por certo. Estamos já prontos a defender os nossos direitos, e a derramar a última gota de sangue pela nossa liberdade. Se Portugal é Pátria de heróis, também o Brasil o deve ser, e tem sido, segundo mostra a História Brasileira. A nossa causa é santa e justa; o céu a protegerá.

Nós, unidos aos nossos briosos paulistas – nossos conjuntos em sangue, amizade, costumes e bravura – nada temos a temer, cooperando de acordo com as mais Províncias unidas, igualmente distintas em valor e sentimentos”.

Saint-Hilaire – em cuja pena moravam a verdade e a indulgência – tratou, de perto, do Visconde de Caeté: “Tinha, diz ele, fisionomia muito doce e conversação muito agradável. Impossível gozar-se reputação mais bela do que a sua. Todas as vozes se acordavam – onde fosse conhecido – para exaltar sua humanidade, seu desinteresse, sua candura, seu amor à justiça, suas luzes e seu devotamento ao país”.

Direis, talvez, senhores, que me vou apartando dos bons modelos, neste elogio ao patrono da cadeira, que devo à vossa benevolência, quando o elogio a ser feito, segundo as praxes, é o do pranteado acadêmico, cuja sucessão estou recolhendo.

Mas, assim não é, na verdade, pois nas veias de Francisco Augusto Pinto de Moura circulava, por linha materna, o generoso sangue do Patriarca Mineiro, e o elogio do grande Visconde de Caeté não podia faltar como intróito ao do seu digno neto, que tanto honrou esta Academia.

É, até, curioso, e altamente confortador, o assinalar-se como se ajustam à figura de Pinto de Moura os traços desenhados por Saint-Hilaire e que há pouco vistes.

Como a do Visconde, seu avô, era doce e espiritualizada a sua fisionomia. Tinha o mesmo dom da palavra fácil e sedutora, uma palestra animada e comunicativa de que se recordam, com saudade, quantos o conheceram e com ele conversaram.

Como a de seu avô, era piedosa e larga a sua humanidade. Que o digam os operários de Juiz de Fora, cuja causa esposou, em pugnas memoráveis, procurando transfiltrar o espírito cristão nas leis do trabalho e advogando as soluções do glorioso Leão XIII na encíclica *Rerum Novarum*. Valeu-se, para isso, de todas as suas tribunas: na imprensa, no parlamento e na cátedra de professor.

Que digam, ainda, os desvalidos e pobres das terras em que morou, e nas quais as admiráveis conferências vicentinas sob sua direção, e exempladas pelo seu ardor, semearam a caridade sob todas as formas.

Seu desinteresse pôde bem aferir-se da honrada pobreza em que deixou a família, quando a sua banca de advogado foi sempre das mais conhecidas e procuradas.

Amou e praticou a Justiça, a que serviu como juiz e como administrador.

E, para que nada faltasse à impressionante semelhança entre Pinto de Moura e o seu nobre antepassado, até nas manifestações do civismo coincidem os dois destinos.

Se, com efeito, no primeiro quartel do século passado, o Visconde de Caeté abraça, com entusiasmo, a causa da independência pátria, consagra-lhe os talentos e energias; joga, por ela, os bens e a própria vida; – Pinto de Moura, seu descendente, empenha-se, no último quartel do século, na campanha republicana. Ainda na Academia, ao lado de Astolpho Rezende, José Bonifácio, Randolpho Chagas, Alberto Diniz e outros jovens entusiastas, dirige o Clube Republicano.

Faz parte, com Antônio Carlos, Estevam Lobo, Delfim Moreira, Loreto de Abreu e Nogueira Itagiba, da comissão de redação de panfletos, gênero difícil de atividade literária, e no qual, segundo testemunho dos contemporâneos, se perderam inestimáveis jóias de seu talento de escritor.

Em prol desse grande ideal, como o avô – outrora – em prol de ideal não menor, arriscou Pinto de Moura a sua carreira e o seu futuro, sem a mais leve ou remota idéia utilitária. E em que condições o fez?

Seria, acaso, poderoso e rico, que pudesse desprezar as graças dos governos e entrar com eles em luta?

Era, ao contrario, estudante paupérrimo, vivia à custa do próprio esforço e era do magistério, como explicador de matemáticas, que retirava os poucos meios de subsistência.

Direis, agora, se na segunda geração perdeu a têmpera, o civismo do Patriarca.

Realizado o seu generoso sonho de moço com a proclamação da República, não foi Pinto de Moura dos que concorreram aos despojos da vitória, nem figurou entre os fracos e desiludidos, que se puseram a chorar o esforço da véspera.

Continuou, nobremente, a linha direita e pura de sua vida.

Perpassou pela magistratura e aí deixou memória de juiz perfeito. A associação destas duas palavras – Juiz perfeito – evoca um mundo de virtudes, que só de raro em raro se encontram reunidas num mesmo homem.

Trabalhou, sem cessar, no jornalismo, dirigindo, sucessivamente, o *Diário da Tarde*, o *Paládio*, semanário católico, o *Lar Católico*, e, por último, o *Diário Mercantil*.

Longe de viver do jornal, como tanta gente – observou, da tribuna parlamentar, Sandoval de Azevedo: – “Vivia o jornal do seu sacrifício, reclamando-lhe o esforço batalhador de uma alma que acreditava na beleza da vida e no triunfo construtor do trabalho”.

A sua imprensa foi sempre uma tenda dos ideais, de onde eles partiam, em guerra, à conquista da opinião. Jamais pelejou nela campanhas pessoais e subalternas de interesse; jamais cortejou dali a candura das multidões, nem disputou o favor quantitativo das turbas.

Ensinava, doutrinava, orientava, com o mesmo romantismo dos contemporâneos de seu avô, romantismo – tenho fé em Deus – que ainda há de brotar um dia, como um lírio, do esterquilínio do materialismo atual.

Nessa luta pesada e inglória de imprensa provinciana, despendeu Pinto de Moura tesouros de energia e saber. A obrigatória composição diária, sempre elegante e ágil, para os seus jornais, explica, assaz, a ausência de outras obras literárias, pelas quais se afere, erradamente, o valor do homem de letras.

A imprensa é amante exigente, e aqueles, a quem empolga, deixam nela os primores do talento.

A facilidade com que se edita, hoje, o pensamento; a multiplicidade dos jornais; a febre da publicidade, que anda a queimar o mundo, não nos deixam olhar para os labores finíssimos da imprensa diária. Perdem-se nela – todos os dias – jóias literárias, que fariam outrora a reputação dos escritores. Uma ou outra vez se perpetuam em livro esses artigos efêmeros – como os de Rui Barbosa no *Diário de Notícias*; então é que se vê que gesto perdulário de nababo é o de quem atira à cesta os jornais de cada dia.

E a advocacia, senhores?, a advocacia, em que Pinto de Moura realmente primou?

Haverá trabalho de inteligência, que valha este? Será um perfeito memorial, para a vitória de certas causas, inferior a uma obra de literatura?

Na obra de Cícero – coletânea de trabalhos forenses – será menos apreciável a oração do advogado que a composição do literato?

Valerá menos *Pro Milone* que *De Amicitia*?

*A Anistia inversa*, o *Direito do Amazonas ao Acre Setentrional*, ocuparão, acaso, lugar somenos na obra formidável de Rui Barbosa?

Só quem jamais a tenha exercido desconhecerá os labores de arte, que reclama a advocacia. Ainda as causas melhores e mais ganhas não os dispensam, pois a iguaria mais fina e apreciada não se serve em baixela ordinária.

Nunca se esquece o advogado do cansaço profissional do juiz, e bem sabe os prodígios de argúcia e de arte, com que tenha acesso ao seu espírito e o impressione e convença.

Pinto de Moura possuía no mais alto grau esse segredo de artista.

Li, por mais de uma vez, seus trabalhos profissionais, muitos deles impressos. A erudição tinha neles lugar bem medido – que os excessos dela são o escolho do gênero, e enfadam, de regra, os julgadores; a argumentação era cerrada e viva; prendia, de começo, a atenção e a levava, de arrancada e sem fadiga, até ao desfecho; a linguagem simples, sem arrebiques, mas elegante e pura. Se o assunto o permitia, um fino humorismo – de que era rica a sua conversação – fazia leves incursões, irisando de graça a severidade do texto.

Alguns desses memoriais, numa época em que as linotipos e rotativas não estivessem a alterar os valores literários – seriam título bastante à posse desta cadeira.

O Parlamento estadual, em que Pinto de Moura teve ingresso duas vezes, foi um novo campo para a sua inteligência e patriotismo. Nas principais comissões da Câmara – a de Finanças e a de Justiça – sua palavra era guieira; seu voto, prevalente – tão certos estavam os seus companheiros do equilíbrio de sua vontade, clareza de entendimento e integridade de caráter.

Entre os trinta amantes das boas letras que, há quinze anos, lançaram os fundamentos da Academia Mineira, não podia, certamente, faltar a figura de Pinto de Moura. Sabia, como os seus companheiros, que a Academia não seria uma tenda para descanso e gozo, mas um posto de combate à indiferença, à indisciplina e à inveja.

Não tardou o assalto, mas, se algum se pôs em fuga e abandonou a cidadela, não foi, por certo, o neto varonil do corajoso Visconde de Caeté.

Enquanto houver mundo e for nele o homem o animal político, de que falava Aristóteles, hão de existir as duas Academias: as regulares e confessadas, como é a nossa; e as irregulares, de formação inconsciente, como a que se congrega, fora de portas, para maldizer das primeiras.

Já pertenci, um pouco, a estas últimas.

Foi isso nos dias da mocidade, quando o simbolismo, o decadentismo, o satanismo habitavam as nossas almas. Jurando por Verlaine e Cruz e Sousa, assentávamos praça entre os Jardineiros do Ideal e os Cavaleiros do Luar; recitávamos a desoras, no deserto poeirento que eram, então, as ruas de Belo Horizonte, as “vogais coloridas”, de Rimbaud; e, tomados do arrepio sagrado, certos de que em nós, e só em nós, morava a exclusiva Verdade e a solitária Beleza, movíamos guerra de morte às velhas Escolas e Academias.

Arrefeceram, porém, com o tempo os ardores e intransigências do rito novo; alguns dos seus sacerdotes bandearam-se para o inimigo e abrigaram-se à sombra das detestadas Academias. Mas, de todo esse movimento ficaram alguns ritmos novos e novas emoções; brilharam com ele facetas inéditas de Verdade, encontraram-se filões inexplorados da Beleza.

Tomo das “Cartas” de Cícero e vejo que poderiam escrevê-las, ainda hoje, os políticos mais notáveis de qualquer país.

Abre-se o túmulo de Tutankamon, e nada se acha ali que espante a estética dos nossos dias. Como, diante disto, acreditar que reações ou revoluções artísticas possam alterar pela base, de um dia para outro, o gosto corrente, e desviar o rumo do sentimento estético?

Essas mudanças radicais demandam, ao que parece, o transcurso de eras geológicas, – sendo mesmo certo que a superfície da terra, na Grécia e em Roma, sofreram modificações muito mais visíveis, desde os tempos de Augusto e de Péricles, do que o senso artístico e, até, o moral dos homens, que ali habitam.

Eis aí por que, senhores, invejando embora o arrojo e a confiança dos Novos de hoje – que estão a representar a missão, no fundo necessária, posto não fulminante – que também cumpriram os *novos* de meu tempo, pedi praça entre os regulares desta Academia, e, distinguido pela unanimidade, que não sei como agradeça, dos vossos sufrágios, tomo posse da cadeira, que o inesquecível Pinto de Moura tornou mais honrosa e cara.





# O EXTRAORDINÁRIO HAROLD BLOOM\*

*Marco Aurélio Baggio\*\**

Quero trazer-lhes um autor pouco conhecido: Harold Bloom. É um judeu norte-americano, criado na ortodoxia judaica. A impressão que me dá é que ele, hoje, é um incrédulo – ou um gnóstico. Defende muito o povo judeu, mas parece não seguir mais a religião judaica.

Harold Bloom é professor, há cinquenta anos, na Universidade de Yale. É um crítico literário e, o que quer que seja um crítico literário, crítica é o que ele fez a vida inteira. Desde muito menino, tem propensão a ler.

Esse homem leu provavelmente milhares de livros, o que lhe teria permitido desenvolver uma memória altamente privilegiada. De tal maneira, que ele guarda trechos e mais trechos de autores. E ele leu de uma forma muito importante: só leu o que há de melhor na literatura mundial.

Diz Bloom que ler maus livros estraga a cabeça, e que a má leitura expulsa a boa leitura. Avalia que devemos ter, no Ocidente, cerca de três mil livros que são marcantes. Hoje, aos 72 anos, vive para a leitura. Não conseguiríamos ler todos os livros que ele leu. Além disso, evidentemente, um livro importante é aquele que exige uma releitura. E um livro que exige uma releitura, exigirá uma terceira, uma quinta, uma décima leitura. Tal como os de Guimarães Rosa. De maneira que ele é um leitor ávido, uma verdadeira baleia capaz de digerir essa quantidade de literatura que temos no Ocidente.

Bloom escreveu um livro que se chama *Angústia de influência*, em que desenvolve a tese de que todo autor forte, todo poeta forte, todo literato de primeira linha lê distorcidamente o seu predecessor. Ele lê e distorce o que leu e, em função do distorcido, cria algo a partir do predecessor. Assim, com sua

---

\* Palestra proferida na Universidade Livre da Academia Mineira de Letras.

\*\* Psiquiatra, escritor, presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais.

capacidade de entendimento da literatura, Harold Bloom consegue perceber que fulano é um filho, é um derivado, tem como precursor beltrano que, por sua vez, tem um outro predecessor que é sicrano e, a partir daí, ele diz que todo grande escritor, todo aquele indivíduo que pretende escrever luta para superar a influência de seu precursor. Porque o predecessor escreveu algo que tem originalidade, que é inventivo, que é belo, algo que esteticamente convence e comove. O novo escritor luta, portanto, contra essa “angústia de influência”. Muitos fracassam e repetem mais ou menos o que o antecessor fez. Outros tantos conseguem suplantar essa influência: esses são os literatos fortes.

Harold Bloom, a certa altura, concebeu uma outra coisa: há um “cânone ocidental”. Como é um espírito muito inquieto, não tem muita paciência para ler a bibliografia oriental, sobretudo os livros hindus, que são os mais antigos e, talvez, os mais sólidos em termos de conhecimentos filosóficos e humanísticos. Ele não é um especialista em hinduísmo e bramanismo, mas se tornou, realmente, um especialista em literatura ocidental.

*Cânone* é um canhão, o *Grand Canyon*. O rio escorre através do talvegue, entre as duas margens que formam um caminho, um “cânion”, um desfiladeiro. Ou, melhor ainda, do grego *kânon*, cânon = regra, padrão, modelo, norma. Segundo ele, o “cânone ocidental literário” é composto de cerca de três mil livros. Serve para balizar e para nos mostrar quem são os grandes autores que influenciam a nossa sociedade. O cânone nos indica quais as leituras mais apropriadas, mais valiosas, mais substantivas. Mostra também quem está dentro e quem está fora desse cânone.

Como temos uma vida muito curta, e a leitura exige muito tempo e muita reflexão e é realizada em momentos de solidão, Bloom opina que não se deve perder tempo lendo livros de autores ruins, e sim procurar conhecer os grandes autores.

Em *O cânone ocidental*, Bloom procurou delimitar, a partir de seu ponto de vista, algumas dezenas de autores que, para ele, são marcantes.

Posteriormente, lançou o livro *Como e por que ler*. É um livro mais simples, cuja leitura é mais agradável. Todos esses livros são editados pela Editora Objetiva, com excelente qualidade de tradução e de impressão gráfica. Em *Como e por que ler*, ele faz um apanhado das principais peças teatrais, de importantes contos, de iluminados poetas, e oferece uma espécie de resumo do que cada um fez. Comenta, habitualmente, uma obra de cada escritor. Este, às vezes, tem dez, vinte, trinta obras, mas ele comenta apenas uma. Procura, assim, mostrar o valor da leitura como fonte de enriquecimento da consciência do leitor.

Bloom, que é um indivíduo muito brigão, muito reativo, escreveu *Como e por que ler* indignado, provavelmente aferrado às suas próprias convicções. O livro é uma reação ao *Senhor dos Anéis*, ao *Harry Potter* e a Stephen King.

Para Harold Bloom, ler má literatura não leva ninguém a nada. E as pessoas protestaram, disseram que acham aquela literatura formidável, feita para os jovens. Ao que ele respondeu, dizendo que duvida que aqueles jovens irão reler esses livros. “– Esses livros você os lê, diverte-se e depois os joga na cesta do lixo.” E continua, arrasador: “– Duvido que alguém vá reler esses livros”.

Sua postura é um tanto radical, mas é a partir dessa posição que ele escreveu livros que procuram estimular o menino, o adolescente, o adulto a começar a ler.

Em 2000, entre um livro e outro, publicou um enorme volume sobre Shakespeare. Chama-se *Shakespeare: a invenção do humano*. Nessa obra, ele faz um estudo minucioso das trinta e nove peças de William Shakespeare, das quais vinte e quatro são consideradas obras primas da literatura mundial.

No ano passado, Bloom publicou outro livro: *Gênio*. É um livro altamente pretensioso, porque, nessa obra, ele escolhe cem dos principais autores da literatura do Ocidente. Comenta cada um deles, inter-relacionando uns com os outros, com muita riqueza, com uma perspectiva de fecundidade admirável.

Bloom utiliza a Cabala para dar corpo e sustentação àquilo que deseja expor. Não é só ele, porém, quem utiliza a Cabala. Umberto Eco também já recorreu a ela em *O Pêndulo de Foucault*. Bloom comenta as dez estações da Cabala, colocando dez autores em cada estação – ou *sefirot* – dividida em dois lustros, com cinco autores cada um. Explica por que põe Shakespeare junto com Cervantes, Montaigne, Milton e Tolstói, e também por que estão, nessa mesma estação, *Keter*, nessa primeira *sefirah*, Lucrécio, Virgílio, Santo Agostinho, Dante e Chaucer. Em seguida, em *Hokmah* – a segunda *sefirot* – ele relaciona O Javista, Sócrates e Platão, São Paulo e Maomé. Depois, Samuel Johnson, Boswell, que eu não conheço, Goethe, Freud, Thomas Mann. A partir daí, faz um verdadeiro festim cultural.

Comecei a ler o *Gênio* em dezembro do ano passado, despreziosamente, e fui-me envolvendo. À medida que descobria umas pérolas, alguns ensinamentos, frases instigantes, coisas que realmente têm relação com a cultura, fui tomado de amores por aquela leitura. Decidi, então, em janeiro deste ano, passar as férias relendo esse livro. Fiz um resumo de 127 páginas, ficando

20 dias enfiado, estudando essa obra. Depois, passei a analisar e a correlacionar também os seus outros livros.

Cem autores. De brasileiro, Harold Bloom conheceu Machado de Assis, a partir de 1998, quando recebeu uma boa tradução. Em *O Cânone Ocidental*, ele cita Machado de Assis, mas o que ele havia lido até então era uma tradução americana muito ruim. Depois, tendo em mãos uma tradução de boa qualidade, ele reconhece o valor de Machado de Assis. E proclama: “– Machado de Assis é a prova maior de que existe o gênio literário”. Machado era um homem negro, pobre, vivendo em um país escravocrata, periférico, em uma sociedade pouco culta. Ele fez uma obra que é uma das eminências da literatura ocidental. De brasileiro, portanto, no *Gênio*, só há referência a Machado de Assis.

Dos portugueses, evidentemente, os nossos Camões e Fernando Pessoa. Mas agora, no *Gênio*, ele menciona também Eça de Queirós. A apreciação de *A Relíquia*, em que ele ressalta a figura do Raposo – o Raposão – constitui o capítulo mais extenso do livro. É o texto que mais o encantou. Bloom delicia-se com aquele espertalhão que explorava a Dindinha muito rica, uma beata portuguesa horrorosa. Diverte-se com a capacidade do Raposo em realizar todas as tramóias de um jovem boêmio e devasso, fingindo-se um santarrão para tirar vantagens pecuniárias da titia – a “titi”. Ele admira particularmente a suprema ironia de Eça de Queirós. A televisão, há tempos, trouxe, muito bem representada, a excelente mini-série: *Os Maias*.

Resolvi um dia escrever uma carta para Harold Bloom, mas não sei se vai chegar a ele. Tive de mandar por intermédio de sua correspondente literária. Enviei-lhe três livros: *Noites do Sertão* e *Tutaméia*, em versão francesa, e o *Grande sertão: veredas* em português, porque não encontrei nem em inglês, nem em francês. Em francês, parece que há. De qualquer forma, mandei-lhe esse presente, com uma cartinha amistosa, dizendo-lhe que, antes de morrer, seria bom que conhecesse Guimarães Rosa. Evidente que isso é lançar uma garrafa ao mar, ou jogar um anzol na represa de Furnas. De qualquer maneira, tive esse atrevimento porque saiu um artigo intitulado “Bloom: o Insaciável”, no Caderno “Mais” da *Folha de S. Paulo*, em que Bloom diz estar escrevendo um livro sobre “Sabedoria”, que deve sair em setembro deste ano e que, agora, ele está se sentindo em condições de escrever um livro sobre Jesus Cristo. No *Gênio*, ele falou sobre O Javista, Paulo e Maomé, mas não teve coragem de escrever, ainda, sobre Jesus de Nazaré ou sobre Jesus Cristo.

Harold Bloom, hoje com 72 anos, pretende escrever até 76, 78 anos, pois acha que depois não vai conseguir escrever mais nada. Em função disso, nesse período, um homem que tem essa prodigiosa cultura não pode deixar de ler alguma coisa de Guimarães Rosa. Se ler e gostar (e acho que ele vai gostar), mais para frente, quem sabe, coloca no cânone Ocidental o nosso Guimarães Rosa. Vamos ver! Isso é uma aposta.

O que Harold nos traz? Ele diz o seguinte: “– Fui um homem vencido, fui vencido por essa escola de literatura francesa, chamada “dos estudos históricos”, “dos estudos sociais”, por essa *caterva* (ele usou termo semelhante) de teóricos franceses que negam a força criativa do gênio literário e que rechaçam também o poder da literatura de imaginação. Segundo ele, todo grande literato foi um indivíduo que imaginou um mundo diferente da realidade e por isso se tornou grande. Certos intelectuais franceses acham que não. Acreditam que Shakespeare seja fruto das “forças sociais” da Londres de 1600 e nada mais. Bloom, bardólatra como é, contesta isso absolutamente. A influência desses franceses, no entanto, sobretudo de Foucault, Lacan, Derrida, Barthes e de alguns outros, foi muito grande sobre os literatos e os críticos norte-americanos.

Aqui em Belo Horizonte seus discípulos fizeram e fazem uma ocupação da psicanálise e interpretam a literatura de acordo com os seus limites teóricos.

Bloom, por razões literárias, sentiu que os departamentos de literatura na América, praticamente todos os departamentos de todas as Universidades, foram invadidos por esse pensamento. A consequência foi a quase extinção da literatura humanística anglo-saxônica. Disse então que criou uma expressão – “Escola do Ressentimento”. A essa Escola pertencem os literatos e escritores “ressentidos” com o fato de Shakespeare ter sido o maior pensador, o maior filósofo, o mais influente escritor de todos os tempos. A “Escola do Ressentimento” é constituída por estudiosos que preferem suas próprias formulações teóricas, valorizando-as mais que a verdadeira literatura de imaginação.

Quando escreveu *Shakespeare: a invenção do humano*, ele disse: “– Sou fã do Bardo, eu sou um bardólatra, sou um cultivador de Shakespeare”. E tem passado talvez os últimos 25 anos, como professor universitário, estudando e lecionando Shakespeare. Acha que Shakespeare foi, realmente, um indivíduo sobre cuja vida pessoal ninguém sabe muito, porque era extremamente discreto. Pouca coisa se sabe sobre ele e a sua vida amorosa, mas é certo que criou cerca de cem personagens de primeira linha e mais de 600 personagens secundários. Foi Shakespeare quem descreveu o primeiro personagem que é

um EU, um EU integral, um indivíduo distinto, diferente dos deuses, diferente dos reis, dos imperadores, diferenciado dos protótipos que trouxemos do classicismo grego e romano. Shakespeare retrata o homem exatamente como ele é. Criou o humano, tal como o humano vive hoje na nossa sociedade. Esse humano distinto, como o Senador Murilo Badaró é um, Elizabeth Rennó é outra, eu sou outro, Carlos Alberto Carvalhaes é outro, e Olímpia é outra pessoa. Somos indivíduos individualizados que têm um patrimônio em comum, sob muitos aspectos e, ao mesmo tempo, possuem suas peculiaridades, características e idiossincrasias. Não houve antes de Shakespeare, a não ser Chaucer, alguém que criasse esses personagens com cara de gente, com afetos, com ódios, com patifarias, com franquezas e fraquezas, com mesquinhas, e descrevesse toda a psiquê humana, a alma humana despojada de Olimpos, de deuses, de credências, de concepções místicas ou religiosas. O homem em si consigo, em sua solitária grandeza.

Para Bloom, o maior personagem literário de todos os tempos é Hamlet. Descreve a importância de Hamlet, praticamente a pessoa mais lúcida, mais consciente de toda a história da literatura. Alguém criticou: “– Hamlet pensa demais”. E Nietzsche retrucou: “– Não, Hamlet pensa bem demais”. Isso, de certa forma, incomoda-nos, pois Hamlet é o pai de todos nós. O protótipo de todo indivíduo.

Bloom admira muito Sir Falstaff. Para ele, Falstaff é um personagem cheio de vida, de personalidade, de bom humor, de amizade, qualidades demonstradas pela capacidade de ajudar Hal a se tornar rei. Hal é um rapaz meio vagabundo, perdidozinho, que de nobre inglês vem a se tornar o rei Henrique IV. Ao final, Hal despreza Falstaff, e este então sai de cena.

Bloom identifica-se com Falstaff, que era meio briguento, gostava muito de comer e de beber, apreciava a música, participava de festas. E Harold Bloom é bem rechonchudozinho... e ele também, certamente, gosta das coisas boas da vida.

Como Sócrates, Montaigne e Falstaff, Bloom exerce a divina capacidade humana de saber apreciar a vida condignamente.

A partir desse estudo, da defesa de Shakespeare, Harold Bloom mostra o quanto Freud, que jamais gostou de Shakespeare, ainda assim o elogia em vários momentos. Freud, no entanto, tinha uma tremenda “angústia de influência”. Ele dizia: “– Não li Nietzsche para não me deixar influenciar por Nietzsche.” No tempo de Freud, por volta de 1860, 1870, não havia jovem em Viena que não conhecesse Nietzsche, autor extremamente difundido, sobretudo nesses

anos em que esteve altamente lúcido e produtivo. Freud, porém, nega: “– Nietzsche não me influenciou.” Interessante notar, no entanto, que várias concepções freudianas estão lá, em Nietzsche, antes dele. Harold Bloom, que conhece mais de literatura do que todos nós, diz: “– Quase tudo que Freud escreveu já estava lá, em Shakespeare.”

Bloom considera Freud um grande escritor, o maior ensaísta sobre a natureza humana depois de Michel de Montaigne. Freud foi um mitólogo que teve enorme influência no século XX. Todas as coisas que Freud pôs em circulação entraram na cultura e, hoje, são moeda corrente para todos nós: libido, sexualidade, sexualidade infantil, interpretação dos sonhos, instinto de vida, instinto de morte, mecanismos de defesa, mecanismos de operação do ego, conflito psíquico, simbolismo, desenvolvimento psicosssexual da personalidade, transferência, sublimação, entre tantos outros conceitos que pôs em circulação. Uma grande série de formulações freudianas teve enorme aceitação na mídia, na literatura e na cultura de um modo geral.

Freud, segundo Bloom, nega a importância que teve para ele a leitura clássica de Shakespeare. Quase tudo, porém, que Freud concebe, como a questão da angústia e suas vicissitudes, da luta interna, do conflito interno que existe na mente, os aspectos do amor e do ódio, os afetos, o desenvolvimento da personalidade, a ambivalência, o crescimento do personagem, que começa de uma forma e passa por outros estágios e cresce, ou decresce, em transformação constante, já estava presente em Shakespeare. De tal maneira, que Freud negava essa influência, porque toda vez que ele olhava para trás, para o que estava escrevendo – e escreveu com tanto êxito – os conteúdos e as formas já estavam lá, em Shakespeare. Talvez por isso Freud não tenha reconhecido muito esse antecessor.

De acordo com Bloom, Freud foi um grande codificador desse universo mental, dessa constelação psíquica, que é o universo que nós conhecemos, como sendo o do indivíduo secular, laico, do cidadão comum, de 1600 até hoje, 2000, 2004. Esse é o homem, tal qual nós o conhecemos, esse poço de contradições, de ambigüidades, de afetos tergiversos, de resoluções e de irresoluções.

Bloom, no entanto, presta uma grande homenagem a Freud, ao dizer que Freud, como escritor, é, realmente, eterno, embora avalie que a psicanálise como tratamento tenha entrado em certo desuso.

O século XX, o século de Joyce, o século de Proust, é o século de Freud e também o de Kafka, que é um autor muito pesado, muito duro, a quem Harold Bloom dá grande destaque.

*Angústia de influência*, que li recentemente, foi um dos primeiros livros de Bloom. É uma obra que exige sólido conhecimento de teoria literária.

A grande questão para Bloom é ensinar literatura. Ele pergunta: “– Para que serve a literatura? Para nada” – diz. A arte é inútil. A arte não serve para nada, já dizia Oscar Wilde, que, quase sempre, estava certo em tudo que dizia. Só que é melhor ler europeu branco, morto, brilhante, do que ficar por aí, à toa na vida, fazendo mal aos outros! É melhor utilizar seus momentos de solidão para ter como companhia o livro, o autor de sua escolha, de sua preferência. Com esse autor, estabelece-se um diálogo, ou não, e esse autor, provavelmente, vai trazer conhecimento humano de qualidade. Pode-se brigar com ele, concordar com ele ou não, gostar dele ou não gostar. O leitor vai poder dizer como Virgínia Woolf: “– Dentro de mim tem um demônio que diz: gostei ... não gostei ... gostei ... não gostei”. Ela é discípula de Walter Pater, que foi um grande esteta, um homem do alto romantismo inglês que disse que temos de buscar a estética, a beleza do poema, a beleza da obra literária, para que se compense a brutalidade que existe dentro de nós.

Bloom afirma que a literatura serve para que a pessoa se torne um pouco menos pior, um pouco menos estúpida, um pouco melhor como ser humano. A literatura, portanto, não faz revolução social, e ler livros de pessoas humilhadas e ofendidas não faz com que haja uma revolução social, nem faz com que se torne mais edificado o cidadão. Nem muito menos resgata os pobres de sua condição de exilados da Terra. Ele denuncia que é uma ilusão desses literatos da “Escola do Ressentimento” acreditar que ler um livro de autora defensora das causas feministas, ou de um esquerdista, marxista ou negro ou abissínio, sul-americano ou afegão, drogadicto ou homossexual significa que esses autores façam boa literatura. Também não quer dizer que se esteja promovendo uma revolução social que vise à inclusão de uma minoria desprivilegiada. Bloom é radicalmente contrário à postura de ler por motivos políticos ou ideológicos.

Algo que realmente vai ampliar o nosso cânone de boas leituras não decorre do fato de o indivíduo ter uma característica de humilhado ou ofendido, desprezado ou excluído. Para Bloom, “a leitura funciona como companhia para a nossa solidão”. Ele confessa: “– Sou um indivíduo muito solitário.” E eu fico pensando na Jeane, sua mulher. Que disponibilidade ele tem para ela? Esse

professor lê o tempo todo. Ele dedicou-lhe o livro sobre Shakespeare. Pergunto-me como ela suporta tudo isso. As mulheres, muitas vezes, com o tempo, vão aceitando as manias e as escolhas obsessivas de seus homens...

É certo que ele cita 12 ou 13 mulheres. Aprecia muito Emily Dickinson, que considera uma das maiores poetisas de todos os tempos. Coloca em sua relação uma japonesa que escreveu um livro de mil páginas, Madame Murasaki, livro que todo mundo no Japão lê no ginásio ou mais tarde. Escreve também sobre Flannery O'Connor, Christina Rossetti, irmã de Gabriel Rossetti, e tem grande admiração por Charlotte Brontë, Emily Brontë, Jane Austen. Dedicava especial preferência a essa senhora que é George Eliot. Diz que ela tem uma grande ascendência moral, uma dignidade formidável. Conta que um colega dele, da Universidade, disse-lhe: “– Leia umas páginas d’*O Capital*, de Marx, que você vai esquecer George Eliot”. E ele retrucou: “– E onde que eu encontro a dignidade humana?” Esta não existe mais no marxismo explícito, e Eliot, num pequeno conto, mostra como uma moça, criada numa família de camponeses pobres, de repente, descobre que é herdeira de uma fortuna e recebe a proposta de casamento de um nobre. Ela recusa. “– Eu estou muito bem com quem me criou, aqui é o meu lugar, eu vou me casar com uma pessoa igual a mim, da minha condição, não quero tornar-me uma nobre e mudar a minha vida, a minha natureza.” Esse, diz Bloom, é um exemplo de dignidade, de ascendência moral que demonstra Eliot em sua obra.

Bloom considera ainda o gênio literário de escritoras como Edith Wharton, Willa Cather, Íris Murdoch e Virgínia Woolf.

Há, sim, portanto, mulheres em sua análise literária, mas ele é masculino, diz que o cânone foi feito pelos homens.

Há uma outra mulher, que é “A Javista”. Para Bloom, Javé, que é o deus dos judeus, o primeiro deus, de certa forma, dos cristãos, é uma criação literária. Ele tem uma mirabolante teoria de que Javé foi criado pelo escritor Jota ou O Javista. Acha que O Javista pode ter sido a mulher de Davi, mãe de Salomão e de Roboão. Essa Javista não era judia. Era hitita, e foi tomada por Davi de seu marido Urias. Bathsheba – ou Betsabá – era uma mulher muito importante e culta. A corte de Davi era rica, literariamente sofisticada. Ela então teria criado o Gênesis, Êxodo e Números, volta de 950 a 900 a. C. E criou, também, a imagem de Javé, o mais imprevisível e insaciável de todos os deuses. Segundo Bloom, isso é uma suprema ironia, porque o deus dos judeus não teria sido criado por um judeu, o deus masculino dos judeus teria sido criado por uma mulher. E, mais do que isso, esse deus dos judeus é um sujeito impossível,

não se pode atendê-lo. Ele é humano demais, é rigoroso, ciumento, mau, vingativo, exclusivista, narcisista e imprevisível.

Bloom mostra, assim, que Javé, realmente, é um deus impossível de ser contentado por seus seguidores. Não só Harold Bloom mas também outros estudiosos, entre eles Moacyr Scliar, acham que esse autor, seja homem, seja mulher, a quem chamam genericamente “O Javista”, o criador de Javé, é dos maiores contadores de histórias do mundo, porque a criação desse deus é uma coisa absolutamente maravilhosa para aquela época. Bloom não fala muito de Moisés. Até agora ele não se atreveu a escrever sobre Jesus de Nazaré.

Estende-se, porém, sobre Maomé. O capítulo que trata de Maomé é muito interessante, muito bonito. Mostra um Maomé como o selo dos profetas, o último dos profetas, em busca da justiça, da igualdade e do amor. Como conheço pouquíssimo do Islã, melhorou a minha apreciação sobre o Islã, ao ler esse artigo.

Bloom escreve um artigo maravilhoso sobre São Paulo. Eu já estava com a atenção voltada para o desempenho de São Paulo desde os tempos em que escrevia *Jesus de Nazaré: esplendor no Ocidente*. Bloom demonstra que São Paulo foi o primeiro apóstolo, o primeiro evangelista. São Paulo se converte ao cristianismo três anos depois que Jesus desaparece – morre ou ressuscita. A partir daí, ele elabora a primeira cristologia. Aquele homem, Jesus de Nazaré, na visão de Paulo, era o Ungido, o Messias, previsto nas Escrituras judaicas. Era o Cristo, o Salvador, que iria resgatar judeus e gentios de sua condição de miserabilidade material e espiritual. Paulo transformou-se assim num grande e enfático difusor da nascente doutrina cristã. Graças ao seu domínio do grego, a sua eloquência e a qualidade de suas epístolas, ele se tornou uma espécie de “Sílvio Santos” difusor do cristianismo. Aceita-se hoje que São Paulo foi o verdadeiro criador do cristianismo. Os apóstolos Pedro e Tiago, irmão de Jesus, nada escreveram e, segundo Bloom, sua influência não ultrapassou o círculo dos primeiros judeus cristãos. Assim, mesmo com a chama do Divino Espírito Santo, não foram tão criativos. Eles continuaram em Jerusalém, no meio dos judeus. Houve então uma cisão entre os judeus ortodoxos, o judeu-judeu e o judeu que começou a se tornar o primeiro cristão.

São Paulo gostava de viajar, falava com veemência e escrevia bem demais. Suas treze epístolas ainda hoje são uma maravilha em termos de doutrina. Esse homem, São Paulo, apropriou-se de um deus oriental com suas façanhas, associou-o a uma fábula, que eram as previsões judaicas, deu-lhe sua pessoal

elaboração e o difundiu para a Ásia Menor, a Turquia e, dali, para as ilhas do Mediterrâneo, para a África do Norte, até a Grécia e depois para a Itália.

Paulo levou a concepção desse deus oriental para o Ocidente, onde ele cresceu e resplandeceu. Porque o Jesus Cristo não obteve aceitação para o lado do Oriente, na Pérsia, no Afeganistão, na Índia. Só 1.400 anos depois, o cristianismo chegou ao Oriente com os missionários levados pelos navegadores portugueses e por outros aventureiros.

É Paulo então que concebe que aquele homem Jesus, com sua específica trajetória, era, na verdade, o Mestre, o Cristo, aquele Salvador há séculos prometido pelos profetas. A partir dessa convicção, ele criou o cristianismo, que teve o desenvolvimento e a importância que tem, porque essa religião se tornou a herdeira do Império Romano, que se esfacelou cerca de 400 anos depois. Foi, portanto, o cristianismo que deu coalizão à Europa. Aquele eixo – Roma-Paris-Itália-França – foi o núcleo da Europa Ocidental de onde se espalhou o cristianismo. Depois, para cá, para a Espanha e Portugal. Em seguida, difundiu-se para lá, para a Alemanha, Bélgica, Polônia, Lituânia, Inglaterra, Irlanda.

O cristianismo foi o grande pilar, o sustentáculo do Ocidente durante cerca de 1.500 anos. A Igreja Católica teve, e tem ainda, um papel civilizador absolutamente notável e essencial para o Ocidente.

Bloom fala também em Dante. Para ele, Dante era um erudito. Foi alguém que, realmente, conhecia tudo o que era possível conhecer em sua época. Ele era um polígrafo, um poeta, um homem que dominava tudo que se relacionasse com literatura, física, química, astronomia, história, lingüística, política e filosofia. Conseguia abarcar todo o conhecimento no final da Idade Média. Entre 1307 e 1321, Dante escreve o primeiro grande poema moderno – *A Divina Comédia*.

Em seguida, Bloom fala em Chaucer (1340-1400), que foi muito importante como precursor da literatura inglesa e que contribuiu para fixar a gramática e a língua inglesas. Mais tarde surge Camões (?-1580), com a epopéia *Os Lusíadas*, cuja primeira edição data de 1572. Logo a seguir, vêm Montaigne (1533-1592), na França, Shakespeare (1564-1616), na Inglaterra, e Cervantes (1547-1616), na Espanha. Cervantes, Shakespeare e Montaigne foram contemporâneos.

A literatura russa vai aparecer muito posteriormente. Bloom admira Tolstói. A Dostoiévski faz restrições, acha que ele era antijudeu. Bloom não gosta de quem é antijudeu ou que tenha leve coloração anti-semita, como Ezra

Pound, Thomas Eliot e Dostoiévski. Também enfatiza muito Turguénev, Ráskin, Tchékhev e outros russos.

Em 1580, Montaigne publica a primeira edição dos *Ensaaios*. Para Bloom, Montaigne é o maior ensaísta da história da literatura ocidental, o qual até hoje se lê com grande proveito. Para o ensaísta francês, a arte de viver deve fundar-se em uma sabedoria prudente, inspirada pelo bom senso e pela tolerância.

Em 1615, Cervantes publica o *Dom Quixote*.

Depois vem Shakespeare, que, segundo Bloom, funda o *cânone ocidental*. Shakespeare é a referência. E Emerson segue a referência. Ralph Emerson disse: “– A mente de Shakespeare é o horizonte além do qual, no momento, não podemos enxergar”. O humano está contido, quase todo, em Shakespeare.

Bloom vai comentando outros autores. O que ele pretende dizer é que nós estamos criando uma cultura de ignorantes, uma cultura sem cultura, uma cultura estúpida. Estamos nos deixando tomar pelo primado do visual. Não que ele seja contra a televisão, o cinema, o vídeo e o computador, mas diz que essa cultura visual, feita a partir de imagens espocadas em *flashes*, que nos mostra eventos e nos traz informações, estupidifica-nos, pois nos impede de refletir, pensar, ajuizar e elaborar apreciações próprias.

Já que se vai ler, que se leia coisa boa. Isso eu havia aprendido há mais de vinte anos, quando li Jorge Luís Borges. Ele disse, em uma entrevista, muito desabusado, quando um repórter fez uma pergunta: “– Não! Eu estou lendo autores que morreram há cem anos. Hoje não tem nada que presta, não! Com o resto de vida que tenho, quero reler os bons autores, Dickinson, Dickens e outros mais...”.

Também eu, hoje, não admito mais ler maus autores. Tempos depois, lendo Umberto Eco, que é uma das grandes inteligências vivas que temos, encontro esse comentário: “– Olha, se você não está entendendo, coloca de lado, porque o sujeito não escreveu direito.” Ele, Umberto, é outra baleia digestora de textos, com uma capacidade fantástica de lidar com tantos temas. Diz que não lê autor confuso. Eu então pensei: “– Oh! Que bom, porque não li Lacan. Preferi ler Guimarães Rosa.” Quando falo isso para os meus amigos psicanalistas, eles dizem: “– Guimarães Rosa é pior que Lacan”. Digo-lhes que não: Guimarães Rosa, com um bom dicionário, com bom tempo, com boa vontade, vocês entendem. Lacan fica rodando em torno de uma coisa que eu não sei o que é, que não aparece na minha clínica de jeito nenhum. São querelas, temos sempre de estar brigando com alguém para poder crescer. Se não se tiver um

“inimigozinho”, “bacana” e a distância, não se vira ser humano adulto, continua-se adolescente.

A missão, a tarefa, o propósito de Harold Bloom é enfatizar o valor da leitura e a importância de ler bons autores, aqueles que fazem pensar, que ensinam a pensar pensamentos próprios, que permitem que se comece com um grau de conhecimento ou de ignorância e, quando se termina o livro, o grau de ignorância diminuiu, o grau de conhecimento cresceu um pouco. Isso faz com que se atinja muitas vezes uma sensação de paz consigo mesmo e se alcance, em algum momento, o sublime, o belo, o maravilhoso, fruto da espiritualidade desses literatos “homens europeus brancos mortos”. Claro que Bloom gosta muito de autores vivos. Admira Saramago, bem como Norman Mailer e outros americanos. “– Quanto a mim, não quero falar dos vivos, senão vou fazer injustiça, criar antagonismo. Vou falar só dos mortos, porque os mortos não estão aqui mais para contestar.” Bloom é, portanto, um defensor da boa leitura, com tudo aquilo que ela pode enriquecer-nos.

Ele também se pergunta: o que se faz com a informação, em uma sociedade em que se tem acesso instantâneo a trilhões de informações? Isso eu já havia percebido há algum tempo. “– Ah! Está na internet.” Já fiz muitas pesquisas na internet, mas 90% do que está na internet é lixo. Certa vez, fui pesquisar sobre a Segunda Guerra Mundial. Fiquei decepcionado. Também sobre Freud e a psicanálise. Era pobre demais. Apesar disso, eu a utilizo. O último levantamento que fiz foi sobre célula-tronco, e o resultado da pesquisa me ajudou. Se a pessoa, no entanto, já tem um outro nível de conhecimento do tema, o que está na internet é, muitas vezes, incipiente. Bloom então diz: da informação nós dispomos. Onde, porém, está a sabedoria? Como se processa essa informação e se tira algum ensinamento que possa ajudar a pessoa a encontrar um caminho melhor na vida? Ajuda-a a ser um sujeito um pouquinho mais decente, menos mau, menos invejoso, menos agastado, com menos rivalidade? Onde está a sabedoria?

Bloom está escrevendo um livro sobre a *sabedoria*. Em suas várias obras, já se encontram muitas formulações sábias. Por exemplo, citando Emerson: “– Preces são enfermidades da alma, crenças são enfermidades do intelecto.” Shelley vai dizer que poesia é o centro e a circunferência do saber. Samuel Beckett afirma uma verdade muito interessante: que a única busca fecunda, se se quer realmente ser algo, é a escavação, a imersão, a concentração do espírito, fazendo uma verdadeira descida ao tema, ao assunto, até se encharcar dele e, a partir daí, então, pode-se criar e desenvolver uma visão própria. Tem-

se de se esquivar dos fenômenos extracircunferenciais e se deixar atrair ao fulcro, ao centro do redemoinho, para produzir arte, ficção ou conhecimento.

O artista é ativo, embora negativamente. Ele se retira do mundo, afasta-se das circunstâncias para poder imergir, ou num tema, ou num assunto e, ali, passivo que é, está sendo ativo, porque, retraído na sua solidão, fica em contato consigo mesmo e com o seu eu profundo.

William Blake ressalta que “exuberância é beleza”.

Walt Whitman vai falar sobre o eu, o eu profundo, o eu mesmo, o *self*. William Shakespeare é o primeiro autor a descrever o eu. Cada personagem é um eu, e é esse conjunto de *eus* que permite que se entre em uma inter-relação social profunda.

Bloom ressalta que Camões foi o primeiro autor que considerava criteriosamente o custo humano de todas as coisas, de todas as façanhas. Camões avaliava quanto custou em mortes, em dor, em sofrimento, em despedaçamento, em perdas de bens, em perda de navios. Calculava, portanto, quanto custaram as façanhas e as proezas do povo lusitano.

O autor norte-americano mostra que tanto Sócrates quanto Montaigne propuseram uma coisa importante: que a sabedoria descesse do céu, e fosse restituída ao homem comum, corriqueiro. A sabedoria, portanto, em vez de estar nos deuses ou encerradas, em bibliotecas indevassáveis, deve tornar-se uma ferramenta acessível a todo homem, a fim de possibilitar-lhe encontrar um caminho melhor.

Goethe era um pagão que, à semelhança de Dante, detinha o saber de quase tudo que se conhecia no mundo, em sua época. Ele faz uma recomendação: “– Renuncio a certos desejos para não provocar o caos.” Ora! Goethe era um epicurista, um homem que gostava muito dos prazeres mundanos. Era extremamente narcisista. Outros autores prediletos de Bloom são Thomas Mann com a antológica *Montanha Mágica*, Montaigne e Octávio Paz.

Uma das autoras citadas por Bloom é a americana Edith Wharton. Ela interroga, provocativamente: “– Que é que os homens têm para oferecer a nós, mulheres?”

Outra coisa importante no *Gênio* são os provérbios do Antigo Testamento. Essa frase me chamou a atenção: “– A bondade é o encanto do homem”.

O pregador do Eclesiastes era um sábio da melhor qualidade, um certo *Qohelet*, que faz formulações extremamente oportunas para os dias de hoje. Aprendi com o Padre Henrique Vaz, em um de seus livros, a importância de se buscar a bondade e evitar a maldade.

A certa altura, Bloom diz também isso. Jane Austen, Walt Whitman, William James, George Eliot, Tolstói, Dickinson, Murdoch, Leopardi e outros estão buscando a bondade no ser humano. Concordo que é o exercício empenhado da bondade a única via de saída para essa humanidade desencontrada que está aí.

Um outro recurso é o utilizado por Paroles, personagem de Shakespeare, em *Bem está o que bem acaba*. Ele se consola: “– Capitão não serei, mas inda como, bebo e durmo bem, qual qualquer capitão: simplesmente, aquilo que sou far-me-á sobreviver. Sendo enganada, a vida é risonha, há espaço e recurso para o que sonha. Vou segui-los”.

Vários autores falam sobre a importância da ilusão, da imaginação, da necessidade de se desenvolver um mundo rico, criativo, porque é esse mundo fantasioso que compassa nossos corações, presos que estamos a um cotidiano áspero e tedioso.

A conclusão a que cheguei é que estamos no caminho certo, ao cultivar a literatura e a boa leitura. Não somos capazes de carregar as dores do mundo. Por que um médico ou um professor se torna um literato? Ele escreve como um derivativo da dureza da medicina, cuja batalha sabe que, no limite, será perdida. A doença sempre vai prevalecer, o envelhecimento é inexorável, e a morte está aí. Como diz Harold Bloom: “– O nosso futuro é a dor, o envelhecimento, a morte, e o esquecimento.”

A literatura é a nossa pequena possibilidade de transcendência, de ter contato com o sublime. É também a literatura que nos permite entrar em contato com outros mundos e outras civilizações, com dezenas de personagens, de pessoas interessantes, já que, em nosso dia-a-dia, não temos oportunidade de conhecer muita gente erudita, que nos traga novidades. O que mais se ouve é o indivíduo que está no meio de um grupo dizer: “– Que pessoal enfadonho, não há ninguém com uma conversa edificante. São só essas coisinhas corriqueiras.” Não é freqüente encontrar pessoas cultas, capazes de transmitir conhecimento adquirido em leitura de boa qualidade.

Penso que militamos na literatura para poder conhecer gente que tenha oportunidade e que tenha capacidade de desenvolver a inteligência sobre coisas mais nobres, uma vez que não sabemos resolver os problemas humanos e sociais de um mundo com seis bilhões de habitantes. Um bilhão vive mais ou menos bem, gastando demais e depredando o planeta, enquanto cerca de cinco bilhões permanecem na penúria.

O que posso acrescentar é que, ao ler Harold Bloom, vamos encontrar boas frases, pérolas de indivíduos inteligentes, que tiveram a felicidade de per-

ceber um *flash*, um aforismo, um ensinamento que é útil para que cresçamos e desenvolvamos nosso eu a fim de torná-lo um eu de melhor qualidade.

A literatura estimula o processo de expansão de nossa consciência, tornando-nos mais argutos. Ela é o principal meio que incrementa o poderio discernidor de nosso Eu crescente. As boas letras tendem a nos apontar um além sem credos e sem mistificações.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BLOOM, Harold. *O Cânone Ocidental*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.
2. \_\_\_\_\_ . *Shakespeare: a invenção do humano*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.
3. \_\_\_\_\_ . *Como e por que ler*. Rio de Janeiro: Objetiva: 2001.
4. \_\_\_\_\_ . *A angústia de influência*. Rio de Janeiro: Imago, 2002.
4. \_\_\_\_\_ . *Gênio*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.



# A POESIA MORREU?

*Francisco Carvalho\**

Não é de hoje que grandes expressões do círculo intelectual têm feito conjecturas sobre a morte da poesia. Ainda recentemente, li artigo de Gioconda Bordon (*Época*, 27/12/2004), no qual transcreve frase atribuída ao pensador alemão Theodor Adorno, para quem não há mais lugar para a poesia depois de Auschwitz. Há mais de um século, Mallarmé fizera igual vaticínio sobre os funerais do poema.

Mas o que se observa é uma coisa bastante diferente. A poesia continua a ruflar suas asas de pomba da paz em meio ao troar dos canhões, das bombas inteligentes e dos mísseis atômicos.

Uma prova cabal de que a poesia não morreu, acabo de recebê-la das mãos amigas da grande poetisa mineira Yeda Prates Bernis. Trata-se do livro *Cantata* (Antologia Poética, 189 p.), publicado em 2004 com magnífica apresentação gráfica. A poesia de YPB tem evidentes afinidades com a chamada música de câmara: aquele “pudor de falar alto”, a que se refere o poeta Ribeiro Couto. Não é sem razão que a Autora deu a essa bela coletânea de poemas o título de *Cantata*

Nos poemas de Yeda predomina o gosto pela síntese, pelo verso rigorosamente despojado de ornamentos epicuristas. Pastora de palavras, não lhe acontece andar à procura de ovelhas extraviadas. Em lugar de extravasamentos retóricos ou de incontínências verbais, o que se vê é o pulso forte da Autora no comando de sua nau poética. Sobram exemplos de equilíbrio e discernimento na estrutura de seus poemas. Exemplo exemplar da oficina poética de YPB é o poema *Alquimia*, na abertura do livro: *Enterrei meu canarinho/ junto à roseira./ Agora, a primeira rosa / vai amanhecer / cantando* (p. 11).

---

\* Professor universitário, poeta. Reside em Fortaleza (Ceará).

Inúmeros exemplos de sobriedade formal podem ser encontrados ao longo de todo o livro: *O coração, barco / singrando correntezas / de nunca saber* (p. 19). // *No oceano dos olhos / cristais soprados / pelas salinas da alma* (p. 20). // *Um míssil / explode / o rosto / de Deus* (p. 54). // *Três reis / e suas oferendas / de nêutrons* (p. 53). // *Graça e beleza / feitas de curvas e penas* (p. 82). Esses poucos exemplos dão uma ideia precisa da excepcional carpintaria poética de YPB. Ela atinge o clímax de sua maturidade literária ao flagrar vestígios de beleza imperceptíveis às “retinas fatigadas” (CDA) do comum dos mortais.

O haicai é outro gênero de poesia em que a escritora mineira atinge as culminâncias do firmamento poético. Praticado, com inigualável requinte, por alguns mestres japoneses da estatura de Matsuo Bashô, Taniguchi, Issa e raros outros cultores desta que é, no dizer do crítico Oswaldino Marques, “a forma mais sucinta da poesia japonesa” (*Grão de Arroz*, p. 13, 1985). Em *Pianíssimo*, encontram-se exemplos admiráveis dessa modalidade de poemas, saídos da oficina mágica de Yeda. Um brinde de bom gosto ao leitor hedônico: *Escorre pela folha / a tarde imensa / pousada em gota d’água* (p. 117). // *Neblina / papel de seda embrulha / a paisagem* (p. 123). // *Riacho de pedras / rua dos peixes / rastros de platina* (p. 131). // *Na poça d’água / o gato lambe / a gota de lua* (p. 157). // *Imóvel, / o barco. / No entanto viaja* (p. 159). Os haicais de Yeda são iguais a essas conchas de nácar onde desabrocha a chama da pérola.

Minúsculas redes “de seda e mandala” com que ela aprisiona fragmentos do imponderável.

A perfeição e o rigor técnico dos haicais de YPB chamam atenção do leitor, ávido por descobrir reflexos da beleza universal sob o pálido do cântico ou da semântica. O crítico literário Salviano Santiago também não se mostra indiferente a esse aspecto. Diz ele: “Curiosa ambivalência do haicai que você pratica: ao mesmo tempo em que corta com lâmina fria o cerne do poético, abre espaço para o lento fluir do devaneio pelos labirintos do inconsciente” (p. 188).

A temática de Yeda Prates Bernis, desenvolvida na construção dos haicais ou de outros poemas da coletânea, só aparentemente pode parecer elitista. Mas não o é. Atente-se para este exemplo, onde o senso de humor salta aos olhos do leitor: *Tapete de homenagear / caramujos: / folhas caídas* (p. 167). Os haicais das páginas 151 e 169 exibem a mesma trama estilística, de origem nitidamente popular: *Camisas alegres / gangorram agosto / no varal; // O estrume do boi / a seiva do lírio: / alquimia*. Observar que a palavra

“gangorra”, brinquedo rudimentar para crianças, reforça a mensagem de alegria, aprisionada na textura do poema.

Um dos mais expressivos poemas do livro (p. 104) é uma espécie de pedra de toque da poesia de Yeda Prates Bernis, no que ela tem de transparência e de imagem acústica da beleza primordial: *Nuvem / luar / areia / espuma / garça. / A menina / encostada na paisagem / ampara na mão / um pensamento branco*. Admirável sob todos os aspectos. Um momento de rara beleza à espera de uma antologia que se preze. Reafirmo o que de há muito penso a respeito da poetisa Yeda Prates Bernis: uma das maiores expressões da arte poética no Brasil.





# HISTÓRIAS DE UMA BIBLIOTECA

Sônia Van Dijck \*

Dr. Mindlin e Cristina Antunes, reunidos, em primorosa caixa, falando da biblioteca. São vinte e um anos de trabalho em conjunto, ao lado de dona Guita, que cuida das encadernações e do restauro das peças. Mindlin e Antunes selam a cumplicidade nessa publicação: *Memórias esparsas de uma biblioteca* (José Mindlin) e *Memórias de uma guardadora de livros* (Cristina Antunes) – Florianópolis: Escritório do Livro; São Paulo: Imprensa Oficial, 2004. Os livros resultam de entrevistas concedidas, em Florianópolis, a Cleber Teixeira e Dorothee de Bruchard, dentro do projeto editorial “Memória do Livro”, que dá nome à coleção, agora com três volumes (o primeiro, *Memória de um editor*, oferece os depoimentos de Salim Miguel e Eglê Malheiros). As apresentações, assinadas por Cleber Teixeira e por Ana Luíza Martins, previnem o espírito do leitor, preparando-o para o caminho que se abre em cada um dos volumes.

Resolvi começar a leitura pelo volume assinado por Dr. Mindlin; afinal, a biblioteca veio antes da guardadora do tesouro.

Em ambos, a grande personagem é a biblioteca: sua formação, as preciosidades que guarda, os cuidados que exige, a generosidade com que se abre a pesquisadores e estudiosos. O tom do discurso sublinha a narrativa de uma aventura cultural e intelectual. E como se trata de narrativa de aventura, nada melhor do que o forjamento das “licenças”, no pórtico do depoimento de Dr. Mindlin. E “licenças” míticas, pois são outorgadas pelas Graças que habitam a biblioteca: Elisa Nazarian, Rosana Gonçalves e a própria Cristina Antunes. E só elas podem permitir que se revelem os segredos da vida que está em silêncio naquelas prateleiras. E como são as Graças, a elas se submete Dr. Mindlin.

---

\* Professora, doutora em Letras (USP). Pesquisadora, reside em João Pessoa.

Como a vida de Dr. Mindlin, desde os 13 anos, esteve sempre envolvida com livros, até mesmo seu discurso autobiográfico científica sobre a formação da biblioteca, como garimpar livros, quais os sebos e livrarias que existiram, que amigos os livros lhe deram, no Brasil e mundo afora. Graças a sua prodigiosa memória, reconstitui a São Paulo da primeira metade do século XX, por meio do roteiro da demanda dos livros. Como nem tudo estava em São Paulo, partiu pelo Brasil e foi adquirindo livros e amigos, amando tanto a uns como aos outros. Muitas vezes, atravessou as fronteiras e foi encontrar o objeto de seu desejo no estrangeiro; e reencontrou amigos e fez novos.

Não preciso mencionar a erudição de Dr. Mindlin, pois esse é caráter básico em um bibliófilo. Mas, faço questão de dizer que, como um contador de histórias, ele reconstitui um panorama cultural brasileiro, a propósito de falar de tipografias, sebos e livrarias, autores e obras raras. Ou seja: por causa da biblioteca, oferece uma galeria de nomes da cultura brasileira. E faz isso com generosidade exemplar, não só informando o leitor, mas, principalmente, ressaltando qualidades de cada personalidade mencionada. Evidentemente, Rubens Borba de Moraes tem lugar de destaque em tal galeria, seu grande parceiro de loucura mansa e inteligente, e presença na biblioteca da rua Princesa Isabel. Dr. Mindlin ressalta que tudo o que fez e vem fazendo tem o apoio entusiasta de dona Guita e mais a participação de seus grandes colaboradores na manutenção e na dinâmica da biblioteca, com destaque para as Graças, sem omissão dos nomes das antigas companheiras de trabalho: Luciana Ficarelli, Noêmia Cutin e Alice Fontes. Mas é dona Guita sua cúmplice mais antiga, nessa aventura de construir a biblioteca; e ele menciona seu trabalho, aqui e ali; fala de sua especialidade como restauradora; conta que o incentivou na mania de comprar raridades; confia presente de namorados; parece até revelar prazer em falar de dona Guita, a mais fiel militante de seu partido, desde os tempos do Largo de São Francisco. O casal transmitiu aos filhos e netos o DNA marcado pela paixão definitiva pela cultura brasileira e pela biblioteca, de modo que há representantes das novas gerações envolvidos com as atividades da biblioteca. Os Mindlin juntaram um tesouro para a cultura brasileira.

Mas, Dr. Mindlin não conta tudo e deixa que o leitor se surpreenda quando for conhecer a biblioteca; ele não disse que o visitante será envolvido por mapas, obras de arte erudita e popular, objetos antigos, artefatos da cultura indígena, numa atmosfera que deixa feliz qualquer pesquisador ou estudioso de nossa identidade nacional.

No livro de Cristina Antunes, encontra-se uma bibliotecária privilegiada, por lidar com tal biblioteca, por ter tido a oportunidade de muito aprender com Dr. Mindlin, por ter os colaboradores constantes (Elisa, Rosana, Sérgio e Marivalda), por ter feito felizes amizades. Cristina viajou, conheceu bibliotecas, estudiosos, escritores; informou-se acerca das novas tecnologias; buscou sempre melhor servir à biblioteca, imbuída do espírito da importância do intercâmbio da informação e contaminada pela generosidade de Dr. Mindlin.

De seu relato,apura-se uma estudiosa, uma intelectual bem formada em cursos no Brasil e no exterior. Sua comunhão com a biblioteca é notável, e até chegou a envolver os filhos nessa ou naquela fase de trabalho. Sei que nós outros pesquisadores dela muito pedimos; mas sei que sua boa vontade e seu entusiasmo por nossas pesquisas são infalíveis. Se Cristina pôde fazer amizades que lhe são queridas, os pesquisadores têm oportunidade de conhecer uma profissional que sabe o caminho-das-pedras e nos trata com respeito.

Suas companheiras de trabalho, Elisa e Rosana, são lembradas no depoimento, que não deixa no esquecimento Sérgio e Marivalda e as cozinheiras, tão inseridas no clima, que podem ser surpreendidas no bate-papo na copa/cozinha da Princesa Isabel, mencionando Jorge Amado e Drummond. Seu discurso feminino, marcado pela subjetividade, permite que se saiba de sua sofisticada formação intelectual e profissional e de sua, ainda inédita, experiência como poetisa (restrita a poucos felizardos amigos). Tinha que ser em seu livro que estariam estampadas as fotos mais emotivas do ambiente da biblioteca, que começa antes que se abra a porta do Pavilhão (acredite quem quiser...), com a JABUTICABEIRA, sombra de tantos papos, enquanto se fuma um cigarro (na verdade, dois: eu fumo um e Cristina, outro), cuidada por Francisco, o homem dos sete instrumentos no jardim e carregador das preciosidades que passam de um ambiente a outro na biblioteca.

Ambos os livros se mostram em linguagem coloquial e Dr. Mindlin, jovialmente, declara que passa horas “... *curtindo* tudo quanto conseguiu reunir” (grifo meu). O discurso de ambos corre solto, e não é pelo fato de resultar da transcrição de entrevistas concedidas mais ou menos na sala de visitas dos amigos de Santa Catarina, é que Mindlin e Antunes são exatamente assim como revelam suas falas. Tanto isso é verdade, que os apêndices de cada um dos livros trazem textos assinados por Mindlin e por Antunes, guardando o mesmo nível de coloquialidade e de ausência de pedantismo, sem perder a elegância.

O privilégio não é só conhecer essa publicação; antes de tudo, é conhecer, ao vivo, Mindlin, Guita, Antunes, Rosana, Elisa, Marivalda, Sérgio e Fran-

cisco, todos da grande gangue em defesa da cultura brasileira – entrar na biblioteca é glória! é entrar no covil da memória nacional!

Na “bat-caverna”, quando por alguns minutos cessa o ruído dos teclados das “meninas”, pode-se até imaginar o deslizar da pena de Vieira, escrevendo ao Provincial. Os fantasmas existem e andam na biblioteca... Quando Dr. Mindlin desce as escadas, já anunciando sete idéias, contando outras sete novidades, eles guardam o silêncio, em reverência a esse homem apaixonado, que coleciona, porque sabe que “outros lerão os livros que não [leu] li” (Mindlin: 99).

Subverter o recolhimento da biblioteca, em sessões lítero-recreativas, antes de encerrar meu horário de pesquisas rosianas, falando de livros, de minha descoberta de Luís Jardim, de filmes, ouvindo Cristina falar de concertos, Rosana de suas leituras e Elisa de suas descobertas na leitura das cartas do arquivo, sempre foi minha gostosa convivência com as Graças, além dos almoços e outras ocasiões...



# DUMONT, ASAS DE UM IDEAL

Sérgio Amaral Silva \*

Poucas semanas depois de lançado em português *Asas da Loucura* apareceu entre os livros mais vendidos no país. A principal razão do interesse do público por essa biografia do mineiro Alberto Santos Dumont (1873 - 1932) parece vir da nacionalidade do autor, o norte-americano Paul Hoffman, ex-editor da *Enciclopédia Britânica*.

Isso porque, nos Estados Unidos, a maioria das pessoas ignora quem foi Dumont e atribui a “invenção do avião aos irmãos americanos Wilbur (1867-1912) e Orville Wright (1871-1948). Para Hoffman, mais importante que saber quem voou primeiro é analisar os propósitos desses pioneiros. Nesse quesito, o brasileiro leva grande vantagem: não se preocupava com o segredo de suas descobertas, em geral demonstradas publicamente em Paris, e era movido pelo ideal de que o avião traria paz ao mundo. Os Wright, ao contrário, trabalhavam secretamente, procurando garantir a patente do aparelho, que pretendiam vender a uma potência militar.

Nascido em 20 de julho no distrito de João Aires, então pertencente a Cabangu (MG), Santos-Dumont era herdeiro de uma abastada família de cafeicultores. Seu pai era um engenheiro contratado para construir naquela região mineira, uma extensão da ferrovia implantada pelo imperador D. Pedro II. Fascinado na infância pelas leituras de Júlio Verne, Alberto estudou física, mecânica e eletricidade na França, onde viveu muitos anos. Homem de hábitos refinados, gostava de vestir-se com apuro e influenciou a moda masculina. Sugeriu a um amigo, o joalheiro francês Cartier, um artefato que lhe permitisse ver as horas sem tirar as mãos do leme de seus aviões, o que era impossível com os modelos de bolso de então. A partir daí, difundiu-se o uso do relógio de pulso.

---

\* Jornalista e escritor, Prêmio Jornalístico Vladimir Herzog. Reside em Guarujá (SP).

Supersticioso, em sua casa de Petrópolis (RJ), conhecida como “La Encantada”, a escada de acesso ainda conserva só a metade dos degraus, para obrigar quem sobe a iniciar sempre com o pé direito.

DEPRESSÃO – O inventor tinha uma tendência depressiva, talvez até de origem familiar (a mãe se suicidou em Portugal, em 1902). Assim, na 1ª Guerra Mundial, quando o avião foi utilizado como máquina de destruição, isso o deixou muito abalado. Na ocasião, outro episódio que o perturbou foi ter sido acusado de espião alemão porque rastreava o céu com seu telescópio. Teve a casa invadida e revistada pela polícia francesa e, assustado, acabou queimando todos os papéis que diziam respeito à aviação, destruindo assim, documentos de valor inestimável.

Aos 59 anos, e com a saúde debilitada, depois de algumas internações em clínicas européias, estava de volta ao Brasil, hospedando-se em Guarujá, balneário nobre paulista. Em julho de 1932, na Revolução Constitucionalista, bem perto dali, ocorreu o bombardeio aéreo de um destróier. O uso de seu invento como instrumento de guerra entre irmãos brasileiros era intolerável para um pacifista como ele. No dia 23 daquele mês, após um passeio a uma ilha próxima, Dumont recolheu-se a seus aposentos no hotel e enforcou-se com a gravata. Tentando preservar sua imagem, as autoridades da época fizeram com que o atestado de óbito apontasse como *cansa-mortis* “colapso cardíaco”.

O livro se apoia numa pesquisa bem documentada, que se baseia inclusive em volumes de memórias de Dumont como *Meus Balões*, de 1904, em que narra com detalhes suas experiências parisienses com modelos “mais leves” e “mais pesados que o ar”. Seu mérito principal é revelar, agora ao público brasileiro, (a edição original saiu nos Estados Unidos e Canadá em 2003), a determinação como característica básica da personalidade do extraordinário inventor, levando-o a superar todas as dificuldades para conseguir seu intento, que era o de dar asas ao homem. Por isso, o título merece um reparo: neste *Asas da Loucura*, Hoffman traça o perfil de um dos mais importantes brasileiros, conduzido às alturas pelas asas de um ideal.





## O MELHOR DOCUMENTÁRIO DO MUNDO

*Marcello Castilho Avellar\**

Certa vez, conversando com o crítico Walter Sebastião, ele me desafiou a colocar no papel uma frase meio de efeito que eu lhe dissera: o documentário contemporâneo brasileiro seria o melhor do mundo. Aceitei o desafio na época. Aceito de novo, com o objetivo de esclarecer opinião tão superlativa. Para tentar fazer isso, três coisas são necessárias. Logicamente, a primeira seria situar a produção nacional em meio às tensões que, historicamente, sacodem o próprio conceito de documentário. Deixo isso para depois, porque parte da qualidade do novo documentário brasileiro nasce exatamente na maneira como ele lida com estas tensões. A segunda seria demonstrar a existência de um “novo” documentário brasileiro, que fosse mais do que mera continuação do movimento documentarista anterior. A última tarefa seria confrontar este novo documentário brasileiro com seus pares em outros países e, conseqüentemente, investigar alguma singularidade em nossa produção.

A trajetória das relações entre produção cinematográfica e políticas públicas para a cultura no Brasil facilita o estabelecimento de um ponto de partida para um novo cinema brasileiro. Por um desses acidentes históricos que nem é bom lembrar, o Brasil elegeu, no final de 1989, Fernando Collor de Mello para o cargo de presidente da República. No dia de sua posse, em março de 1990, Collor, entre outros atos, determinou um desmonte quase completo da estrutura federal de fomento à cultura. Os altos custos de realização e as baixas taxas de poupança privada levaram a produção cinematográfica no Bra-

---

\* Professor de História das Artes Cênicas na Oficina de Teatro PUC Minas, diretor de teatro e crítico de arte.

sil, a exemplo do que ocorre em outros países subdesenvolvidos, a uma condição crônica de dependência de financiamentos públicos. Durante o governo Collor, a extinção destas fontes de recursos levou quase à paralisia da atividade cinematográfica.

Entre 1990 e 1992, os filmes brasileiros apresentados foram aqueles que estavam em processo de finalização em 1989. A participação de filmes nacionais no mercado brasileiro, que nos anos 80 alcançara picos de 30%, reduziu-se a escassos 5%. As bilheterias totais, filmes estrangeiros incluídos, sofreram retração violenta. A situação começou a ser revertida apenas no governo Itamar Franco, quando uma nova estrutura de incentivo reaqueceu toda a atividade cultural, com ênfase para a produção cinematográfica.

Podemos afirmar, então, que em meados dos anos 90 o cinema brasileiro começou de novo. Praticamente, começou do nada em diversos sentidos. Os fluxos tradicionais de recursos haviam sido alterados, e era preciso aprender os novos caminhos do dinheiro. A estrutura de distribuição fora desmantelada, e era preciso estabelecer novos vínculos entre produtores e exibidores. Do ponto de vista material, a velocidade da transformação tecnológica e o processo de abertura do mercado haviam tornado obsoleto o parque industrial do cinema brasileiro (que já era minúsculo antes de Collor) e aberto o acesso dos produtores aos bens e serviços no estrangeiro. Do ponto de vista artístico, as gerações que haviam dominado a produção nacional entre as décadas de 50 e 80 ficaram alguns anos sem filmar, o que abriu espaço para novos criadores. Tanto numa perspectiva política quanto em termos de aproximação com o público, estes novos criadores se encontraram subitamente em pé de igualdade com seus colegas veteranos. Afinal, o zero que servia de ponto de partida era o mesmo para todos, tanto na construção de relações políticas e institucionais, quanto na investigação das mudanças no gosto do público no período.

O documentário talvez tenha sido o gênero do cinema que mais se beneficiou destas transformações. No que se refere à tecnologia, câmeras menores e o registro digital foram particularmente benéficos para ele. Deram-lhe agilidade nunca vista e reduziram os custos de filmagem. Estes efeitos foram menores no cinema de ficção. Afinal, a novela de televisão e o cinema industrial americano, referências mais populares no setor, construíram no inconsciente do público uma representação de qualidade que passa por elementos exteriores ao ato de filmar, como cenários, figurinos, trilha sonora, presença de estrelas – e estes elementos sofreram menos efeitos da inovação tecnológica.

No que se refere ao fluxo de recursos e produtos, também o cinema documentário ganhou pontos relativamente à ficção. Os anos 90 foram o período da consolidação, em todo o mundo, dos canais de TV pagos. A multiplicação destes canais gerou enorme demanda de produtos audiovisuais. O imenso acervo de obras de ficção existente no mundo, principalmente nos estúdios hollywoodianos, e os estúdios já existentes conseguiram abastecer os canais especializados na ficção. Os novos canais de jornalismo, documentário e animação, contudo, sem estrutura para produzir o necessário para preencher 24 horas diárias de programação (e, em alguns países, legalmente proibidos de fazê-lo), apelaram para a produção independente. O Brasil, com sua tradição de baixos custos, ocupou parte deste mercado. Uma fatia pequena se considerada sua dimensão mundial, mas significativa se levarmos em conta a realidade que a produção brasileira conhecia.

Esta abertura para o mundo teve outro efeito em termos materiais. A elevação dos custos internacionais do cinema levou, nos anos 90, a uma busca maior de parcerias em termos de produção. Se o sistema de co-produção internacional beneficiou o conjunto da indústria cinematográfica, a avidez por produtos documentários mais uma vez beneficiou o gênero. Canais de diversos países tornaram comum a prática de co-produzir ou financiar filmes, com o objetivo de garantir para si o fornecimento de novos produtos audiovisuais, num momento em que a demanda por documentários se mostra mais intensa que a oferta.

Também na relação com o público, o novo documentário ganhou pontos. A história do documentário brasileiro até os anos 80 foi em parte determinada pelos grandes conflitos ideológicos que marcaram o século XX. Os filmes de propaganda do Estado Novo e o documentário de esquerda dos anos 50 a 80 eram irmãos em sua formação política. Aceitavam determinada visão de mundo como limite, recusavam-se a sair dela porque esta saída representaria traição ao objetivo ideológico, independentemente de ser este a legitimação do autoritarismo ou o combate a ele. Esta postura não determinava a forma que os documentários teriam (e, conseqüentemente, a maneira como iriam se relacionar com os espectadores), mas estabeleciam limites para as formas que seriam possíveis.

Tal fenômeno ocorreu no mundo inteiro (bons exemplos são o documentário nazista ou o documentário sobre a guerra realizado nos Estados Unidos e na Inglaterra). Peculiaridades como a distância exagerada entre as classes sociais e os processos históricos de acomodação entre elas como substituto dos conflitos tornaram-no particularmente fortes na produção artística

brasileira. A luta de classes que era limitada nas ruas e no campo encontrava sua realização simbólica na cultura. O documentário, particularmente sensível às ideologias que eram escondidas no processo, reagia com a radicalização, à esquerda ou à direita. Censura pública ou a autocensura necessária à integração com um grupo limitavam as possibilidades do cinema.

Os novos documentaristas cresceram no período de distensão entre leste e oeste. Boa parte deles começou a trabalhar depois da queda do Muro de Berlim. Os anos 90 podem não ter assistido ao fim da luta de classes, mas viram o conflito ideológico subjacente a ela ser deslocado do centro das atenções para a periferia da atividade política. Isto representou um inesperado crescimento da liberdade dos realizadores. Se antes havia um limite ideológico para as possibilidades de criação, independente do grupo do qual o realizador se sentisse integrante, agora passava a ser concedida legitimidade à ação exterior à ideologia deste grupo. Todas as artes se beneficiaram no processo, mas o documentário se beneficiou mais, subitamente libertado da força e da consciência de seu vínculo anterior com as ideologias. No processo, descobriu inédita popularidade: ao contrário do que ocorria anteriormente, o novo documentário encontra espaço em salas comerciais e, com frequência, permanece em cartaz em temporadas longas que até então eram exclusividade dos filmes de ficção.

É neste contexto que surge o primeiro traço que caracteriza a qualidade do novo documentário. O ocidente pós-romântico considera esteticamente positivos valores como “novo”, “criativo”, “singular”, “original”. Como consequência disso, num meio em que maior variedade de formas é possível, cresce a possibilidade de surgimento de obras que realizem a expectativa do público em termos de qualidade, independentemente do que cada segmento específico do público considera parâmetro de qualidade. O conflito ideológico era limitador da variedade de formas. Seu deslocamento representou inesperada libertação.

Podemos voltar aqui à tensão conceitual do documentário. Um dos problemas mais antigos do cinema é a definição de fronteiras precisas entre documentário, ficção e poema visual. Ao longo do século XX, muito se escreveu sobre categorias possíveis de representação do real, do discurso, da intenção política, moral ou estética dos realizadores. Nada disso foi capaz de impedir o reconhecimento de um fato: todo registro fotográfico (e, conseqüentemente, fílmico) contém, necessariamente, representação do real com certa objetividade (documentário), construção dramática (ficção), composição visual (poesia). O fato de predominarem produções nos extremos deste território não faz com que as zonas fronteiriças entre suas províncias continuem a existir.

... *E o vento levou* (Victor Fleming, 1939) é obviamente uma obra de ficção – mas serve também de registro objetivo da presença de Vivien Leigh e Clark Gable nos estúdios, ou do fato de que alguém tocou fogo em restos de cenários para fingir que Atlanta estava em chamas. É, também, um fascinante conjunto de estruturas visuais, que podem ser apreciadas até mesmo por quem não estiver interessado no drama. *Olympiad* (Leni Riefenstahl, 1938) é obviamente um documentário – mas constrói a ficção da superioridade racial que a Segunda Guerra Mundial se encarregou de desmistificar, além de constituir deslumbrante investigação das possibilidades de expressão do corpo humano como objeto visual. *Pas de deux* (Norman McLaren, 1967) é obviamente uma fantasia visual, mas representa documento dos movimentos dos bailarinos que serviram de matriz aos movimentos, assim como dos movimentos do próprio cineasta ao desenhá-lo, e conta uma história curta sobre a relação entre seres humanos. O território fílmico é uma espécie de contínuo entre estas províncias, e o máximo que se pode afirmar é que filmes dão ênfase a um aspecto ficcional, documentário ou lírico. Em última instância, qualquer fronteira entre os territórios é arbitrária e, portanto, convencional. Mais do que um documentário ou um filme de ficção, o que existe é uma convenção do que é documentário ou do que é ficção.

É exatamente na ocupação dos territórios de fronteira que o novo documentário brasileiro está investindo. A variedade da produção situa-se, então, no movimento em dois eixos distintos. Por um lado, a liberdade ideológica expandiu o espectro de temas que os documentaristas sentem que são legítimos. Por outro lado, a mesma liberdade garantiu possibilidades ainda maiores para as formas. Neste sentido, estamos vendo até mesmo a superação de um preceito herdado do romantismo. O século XIX legitimava a investigação de formas por considerá-la necessária à descoberta das maneiras mais adequadas de expressar conteúdos novos. Rejeitava a idéia clássica de formas perfeitas que fossem capazes de expressar perfeitamente todos os conteúdos possíveis, mas não imaginava a possibilidade de um jogo aleatório entre o que se diz e a maneira como se diz. Às vésperas do século XXI, esta última barreira caiu. E o documentário vem se apropriando das possibilidades surgidas com esta queda. Vale a pena verificar alguns exemplos.

Um dos filmes que mais radicalizaram neste sentido é *33* (Kiko Goifman, 2004). O tema seria considerado ilegítimo poucos anos antes: a busca, pelo próprio cineasta, de sua mãe biológica (ele foi adotado na infância). A linha de ação também seria polêmica: Kiko não filma o real como se fosse algo exterior,

mas uma realidade que se configura da maneira como o filme a mostra exatamente porque ele está a filmá-la.

Quase tão radical, *Porão* (Fernando Mozart, 2004) constrói simultaneamente uma contaminação de temas e uma contaminação de formas. Seu filme trata do tráfico de escravos no passado e da violência urbana no presente. Os dois temas são ligados por uma tese altamente política: a condição contemporânea de violência no Brasil nada mais é do que o momento em que as classes mais baixas resolveram tomar à força o que consideram ser seu e as classes mais altas se recusaram a dar ao longo de toda a história do país. A proximidade atual da favela e do condomínio de luxo seriam uma nova versão da proximidade entre o porão e o convés de um navio negreiro. Passado e presente não seriam, então, nem explicações nem metáforas um do outro, mas estágios ou aspectos distintos de uma mesma realidade. Mais do que essa tese, contudo, o que unifica os temas é sua ousadia formal. Fernando Mozart alterna entrevistas convencionais, feitas com ex-trafficantes, e animação de gravuras do século XIX. Temos, então a curiosa possibilidade de uma construção completamente ficcional – as gravuras animadas não correspondem objetivamente a nenhum objeto exterior ao próprio filme – e nitidamente artificial adquirir caráter documental.

Mesmo quando o tema pertence à tradição daqueles que eram legitimamente aceitos antes da pausa no conflito das ideologias, a nova liberdade permite transformações. *Ônibus 174* (José Padilha, 2002), por exemplo, beneficia-se da perda de pureza que o documentário sofreu. Sua principal fonte é o vasto material filmado em 2000, durante o seqüestro de um ônibus no Rio de Janeiro. Pela própria natureza do espaço em que o evento ocorreu, a via pública, nunca um fato policial desta gravidade fora registrado com tamanha proximidade. Padilha convocou especialistas em leitura labial para “traduzir” os diálogos que haviam ocorrido dentro do ônibus, que são apresentados ao espectador sob a forma de legendas. Só isso já valeria para garantir a *Ônibus 174* a posição de obra revolucionária, desbravadora de novas perspectivas para o documentário. Ao fazer isso, contudo, Padilha abriu outras perspectivas. O discurso, tradicional, do criminoso que é tão vítima da sociedade quanto suas vítimas, ganha nova dimensão. Afinal, a sociedade não é representada apenas por depoimentos que falam do passado de criminoso ou vítima, ela está presente no próprio momento do crime, nas pessoas desesperadas dentro do ônibus.

Outros exemplos desta aliança entre velhos temas e novas formas podem ser facilmente encontrados. *Samba Riachão* (Jorge Alfredo, 2001) seria uma obra tradicional sobre músicos, se não acelerasse o ritmo de maneira ver-

tiginosa, em processo análogo ao que ocorreu com o filme de ficção no final do século XX, sob influência da televisão e do videoclipe. *O prisioneiro da grade de ferro* (Paulo Sacramento, 2003) traz para o cinema documentário os processos colaborativos que são frequentes nas artes cênicas. Sacramento acabou sendo, mais do que um diretor em sentido estrito, o grotowskiano coordenador de uma criação coletiva. O resultado pode não ser mais verdadeiro que outros filmes, documentários ou ficcionais, sobre a realidade dos presídios. Mas o fato de que suas imagens foram registradas por um olhar interior ao objeto documentado – o dos próprios presidiários – faz com que pareça uma outra verdade, que desconhecíamos até então.

Os caminhos abertos pelos novos documentaristas influenciam também os profissionais mais antigos. Afinal, estes também convivem com as transformações do mundo, da sociedade brasileira, das relações que a produção cinematográfica estabelece com a realidade. Somos todos contemporâneos, independentemente da idade ou do tempo de carreira. Estes “velhos” cineastas envolvidos com um “novo” cinema acabam constituindo um segmento à parte no panorama do documentário. Trazem consigo não apenas as memórias de outras formas de produção, relação política e criação artística, mas também a vivência. Sua realidade tem implícito o choque entre estas memórias e vivências, e a realidade contemporânea.

Também estes documentaristas vêm operando inovações. A primeira parte de *Raízes do Brasil* (Nelson Pereira dos Santos, 2004), inova o documentário biográfico. Sob o pretexto de uma obra sobre o historiador Sérgio Buarque de Holanda, o que Nelson faz é um profundo estudo a respeito da família brasileira. *Barra 68 – Sem perder a ternura* (Vladimir Carvalho, 2000), mais do que reconstituir fatos ligados à invasão da Universidade de Brasília por tropas do regime militar nos anos 60, trata das dificuldades desta constituição, ou seja, documenta a história, a memória, os choques entre as duas e suas falhas. Os dois cineastas, que no passado realizaram filmes ideologicamente monolíticos, ajustam-se aos novos tempos mostrando-se surpreendentemente permeáveis à idéia de contaminação que domina a arte contemporânea.

Em processo paralelo, Eduardo Coutinho apresenta seu *Edifício Master* (2002). A base do filme, como de praticamente toda a obra do cineasta, é uma sociologia inspirada no pensamento da esquerda. Essencialmente, *Edifício Master* é semelhante à obra-prima de Coutinho, *Cabra marcado para morrer* (1984), uma investigação das contradições presentes na sociedade brasileira a partir das relações que se estabelecem entre pessoas, e entre estas e a propri-

idade. *Cabra marcado para morrer*, contudo, é filme canônico, no sentido de estabelecer como pressupostos de sua pesquisa apenas os grandes movimentos sociais. *Edifício Master* inova ao aceitar um microcosmo como fonte igualmente válida de conhecimento sobre as contradições. As relações que estuda são cotidianas, fundadas na convivência entre os moradores de um edifício. A conclusão a que se chega a partir delas é igualmente social e épica. Há algo de fractal na maneira como Coutinho conduz seu documentário, como se cada fragmento de uma sociedade contivesse integralmente suas características e contradições.

Neste panorama de variedade, há espaço até para a tradição. Bom exemplo dela é *Timor Lorosae – O massacre que o mundo esqueceu* (Lucélia Santos, 2001). A forma é convencional (embora contenha provocações emocionais encontradas com maior frequência no universo da ficção que no documentário). Mesmo a convenção, contudo, torna-se apta a ser revitalizada pelo espectador. Treinado para a variedade de formas, ele passa a encarar a tradição como mais uma possibilidade, e não como um cânon. E desta forma, os sentidos que lhe atribui são referentes ao novo contexto da variedade, e não ao contexto da tradição. Quando um sistema se renova, renovam-se os sentidos até mesmo do que permanece, ensina com maestria o novo documentário brasileiro.





## ANTES DE STANISLAVSKI

*Jota Dangelo\**

Os teóricos modernos podem até, por pura exibição erudita ou gosto pela polêmica, tentar minimizar a importância da obra do russo Constantin Stanislavski, o criador do Teatro de Moscou, no que diz respeito ao trabalho do ator. Exibicionismos à parte, e em respeito à mais cristalina verdade, o criador do “Método” merece reverências e homenagens. Mesmo o que a ele se seguiu e foi publicado, de Brecht a Barbi, passando por Grotowski e pelos muitos que beberam nas fontes do mestre russo, como Vakhtangov, Zakhava, Pudovkin, Sudekov, Rapoport, Lee Strasberg, Roberto Lewis, Uta Hagen, M. Chekhov, Eugenio Kusnet e Viola Spolin, entre outros, de alguma maneira, tem raízes fincadas no sistema de treinamento do ator que Stanislavski desenvolveu nos começos do século XX. Mesmo aqueles que partiram para outras técnicas de aprimoramento do ator, como Meyerhold e sua biomecânica, ele mesmo um ex-discípulo de Stanislavski, em nenhum momento deixaram de reconhecer que o “Método” é a base essencial de qualquer aprendizado no ofício do ator. É possível, pois, afirmar, de forma definitiva, que a metodologia no treinamento do ator pode ser dividida em duas fases: antes e depois de Stanislavski.

Entretanto, o mestre russo não sistematizou os princípios básicos da interpretação teatral a partir do nada. É ele mesmo que confirma, para escrever sua obra, ter-se valido de acurada observação da atuação dos grandes atores de seu tempo.

Também estudou psicólogos da época, particularmente os franceses, e conhecia bem as teorias do reflexo condicionado de seu compatriota Pavlov.

---

\* Diretor teatral, ator, professor universitário aposentado.

Não foi influenciado, sem dúvida, pelas idéias de Freud, mesmo porque o primeiro livro publicado do pai da psicanálise (*A interpretação dos sonhos*) data de 1898, justamente o ano em que se criava o Teatro de Arte de Moscou.

O meu objetivo neste artigo, entretanto, não é abordar aspectos do “Método”, objeto de muitos ensaios analíticos escritos por teóricos competentes. O enfoque está centrado, pelo contrário, no que veio antes de Stanislavski, e sobre isto há poucas publicações.

O primeiro manual sobre o trabalho do ator, de que se tem notícia, não deriva, na verdade, de nenhuma experiência teatral. Nasce do esforço de acadêmicos franceses para criar, inclusive, uma teoria estética. O livro, publicado em 1657, tem nome pomposo: *Tratado sobre a atuação do orador ou da pronúncia e do gesto*, e foi lançado sob a responsabilidade de Conrart, um dos mais ilustres membros da Academia Francesa. A publicação deve ter tido sucesso pois já estava em sua terceira edição quando surgiu o livro de Guimarest, em 1707. O tratado de Conrart já estabelecia, claramente, que é por meio de nossa voz que expressamos nossas ações internas. Ou seja, em outras palavras, sentimentos e emoções. Guimarest vai adiante. Primeiro classifica as tais “ações internas”, baseado no comportamento vocal: esperança, alegria, medo, ciúme, compaixão, raiva, tristeza. Mas afirma que não basta o uso adequado da voz para a expressão daqueles sentimentos: é preciso que a ele se acrescente o gesto para dar “vitalidade aos sentimentos”. Sem entrar em detalhes, afirma que “cada paixão tem sua expressão facial”. Embora Guimarest registre em sua obra algumas regras para o uso da voz, é omissivo com relação ao gesto ou expressão facial, apenas afirmando que “o ator que realmente sente, encontrará a expressão facial apropriada”.

Três anos depois de Guimarest, vem a público a primeira obra (1710) em língua inglesa que trata do trabalho do ator: *A vida de Mr. Thomas Betterton – considerações sobre a ação e expressão vocal no palco, tribunal e púlpito*. O livro homenageia Betterton, o grande ator trágico inglês. Reporta-se aos tratados franceses, afirmando que “amor é expresso por uma voz suave, alegre e encantadora; ódio, por uma voz cortante, soturna e intensa; pesar, por um tom triste, sem brilho e desanimado, que deve, às vezes, ser interrompido por uma respiração mais profunda ou um gemido arrancado do fundo do peito”. O autor é pródigo em exemplos desta natureza, mas avança estabelecendo que “as paixões e hábitos da mente revelam-se nos nossos olhares, ações e gestos”. Assim, descreve os movimentos dos olhos, das mãos, posição da cabeça, postura corporal, de maneira não muito diferente do que ainda se pode encontrar

descrito em manuais contemporâneos, pouco recomendados pela falta de qualidade.

Betterton, entretanto, tem consciência de que muitos atores não seguem as regras que ele mesmo preconiza, citando inclusive uma atriz, Mrs. Bredshaw, que lhe disse, sem reservas, que “seu primeiro compromisso é tornar-se amante de sua personagem, deixando à natureza prover sua aparência e ação”. Mas o mais surpreendente nesta obra é a afirmação de que o primeiro autor que se preocupou com o ofício do ator foi o latino Quintiliano, dois mil anos atrás! A obra? *Instituto de Oratória*, fonte original da estrutura vocal e expressão física de muitos manuais posteriores e até contemporâneos, com ligeiras modificações. Quintiliano, obviamente, como o título da obra indica, não teve a intenção de que suas observações fossem aplicadas aos atores. O alvo que pretendia atingir eram os oradores, pregadores públicos, e tribunos, pessoas que não interpretam personagens, mas a si mesmos e que, pela palavra, desejam convencer aqueles que as ouvem. É claro que um bom ator pode ser um bom orador, mas a recíproca não é, necessariamente, verdadeira.

Quintiliano mesmo adverte que o orador não deve se utilizar de artifícios próprios dos atores. Nem deve querer imitar estes últimos. Segundo ele, “nada é mais impróprio na expressão vocal de um orador do que as modulações que lembram atores num palco”. Ainda assim, suas observações são não tão pertinentes quanto pitorescas, como por exemplo, quando preconiza o uso de diferentes dedos da mão para criar ênfase... Betterton estava equivocado. Os ensinamentos de Quintiliano não são aplicáveis aos atores. Talvez tenham sido utilizados, também de maneira equivocada, por teóricos de pouca formação e diretores leigos de grupos amadores do século XVIII. O próprio livro de Betterton, na verdade, parece repetir o contexto do escritor latino, embora este último nunca tenha escrito para atores.

A próxima referência importante foi publicada em 1747 pelo jornalista francês Remond de Sainte-Albine. Com o nome de *Le comédien*, é o primeiro texto que rompe com a “escola oratória” e discute, de maneira sistemática, o ator e sua arte. A obra teve repercussão imediata e foi traduzida para o inglês, com o título de *The actor*, em 1750. A edição inglesa acrescentou exemplos e depoimentos de atores ingleses que não constam da edição francesa e surpreendentemente, em 1769, foi de novo traduzida para o francês, sem que ninguém percebesse que se tratava do original *Le comédien*. Até o título foi alterado. Agora, devido à notoriedade e reputação do ator inglês Garrick, o livro passou a ser *Garrick e os atores ingleses*. Logo apareceu a tradução em alemão.

Esta obra consegue um salto qualitativo. Não repete a clássica estrutura que dá ênfase à expressão facial e vocal. O autor procura responder a uma pergunta simples: que qualidades deve possuir um ator para desempenhar bem o seu ofício? Convicto de que existem grandes atores com talento vocal ou físico nada extraordinário, o autor busca outros caminhos para que um ator se aprimore tecnicamente. O novo processo exige “entendimento do texto”, depois do que o ator está apto a desenvolver suas qualidades. Assim, a exigência da análise de texto, que aparece pela primeira vez numa publicação, é um pré-requisito para o bom trabalho do ator. Ainda segundo o autor de *Le comédien*, o ator precisa ter sensibilidade, “a disposição para ser atingido por paixões que as peças teatrais querem provocar”, e também “o fogo de espírito”, que consiste em “vivacidade e imaginação, rapidez de pensamento e reação, audácia”. Percebe-se, facilmente, pelas palavras do autor, que lhe falta suficiente conhecimento de psicologia para explicar as qualidades que o ator deve possuir. Tudo que ele quer dizer é possível reduzir, hoje, a dois conceitos básicos que se usam no treinamento do ator: receptividade sensorial e atividade emocional. Ainda assim, Remond de Sainte-Albine abre uma lúcida discussão sobre o ator. Por exemplo, com referência à questão que envolve a necessidade do “ator inteligente”, discussão ainda atual, ele afirma que é preciso deixar bem claro que uma coisa “é inteligência acadêmica e outra a inteligência profissional”. É esta última que o ator necessita.

Nenhum dos textos citados até aqui, entretanto, conquanto seus autores tivessem se esforçado em definições, quase sempre às voltas com a imprecisão de velhos conceitos devido ao nível de conhecimento existente na época, nenhum dos textos, repetindo, foi capaz de cristalizar seu sentido crítico, eventualmente até bem colocado, em exercícios concretos para o treinamento do ator. Embora o entendimento e a formulação dos problemas de interpretação tenham ganho, pouco a pouco, maior profundidade, alcançando elevado nível nos ensaios do grande ator francês Talma, ninguém conseguiu elaborar uma seqüência de procedimentos, um método sistemático, exercícios em progressão para o treinamento do ator. Os esforços de Delsarte, nos fins do século XIX, tão preocupado e insatisfeito com a rotina das técnicas de interpretação de sua época, acabaram resultando na descoberta de que o corpo humano, submetido ao estresse ou tocado pela emoção, reage instintivamente e assume gesto e postura apropriados e que não são “ensinados” por nenhum professor de teatro. Porém, quando Delsarte tentou converter a descoberta em algo prático para o treinamento do ator, o que fez foi criar descrições inúteis que acaba-

ram levando a resultados tão mecânicos quanto aqueles que ele criticava tão acidamente.

No final do século XIX era esta a situação quando Stanislavski entrou em cena com o Teatro de Arte de Moscou. Chegou modestamente. Queria apenas ajudar os atores, de maneira sistemática, objetiva e prática, a aprimorar suas qualidades e seu talento. O “Método” ou “Sistema” (como ele preferia) não é, de forma alguma, a continuação de tratados existentes. Representa uma ruptura com os processos tradicionais de ensino de interpretação e uma volta ao aprendizado pela verdadeira experiência teatral.

A idéia básica de Stanislavski é a de que o trabalho do ator nunca pode ser uma imitação, mas o resultado de uma criação original “que exige 90% de transpiração e 10% de inspiração”. Paralelamente, Stanislavski foi o primeiro que tentou analisar por que um ator é eficiente num dia e ineficiente em outro o que significa, na verdade, compreender o que acontece realmente quando um ator executa o seu trabalho de interpretação. E esta compreensão mudou radicalmente os processos de treinamento do ator.







## O DIÁLOGO LITERÁRIO-MUSICAL NA LITERATURA COMPARADA

*Flávio T. Barbeitas\**

*Oh, bocas,  
o homem quer uma nova linguagem,  
sobre a qual nenhum gramático  
tenha qualquer coisa a dizer.  
(Apollinaire)*

O desenvolvimento da Literatura Comparada ao longo do século XX, como se sabe, alargou consideravelmente os limites da disciplina. Pouco a pouco, o comparatismo foi deixando para trás a antiga busca da identificação das famílias, das fontes e influências entre autores e sistemas, para incorporar um diálogo cada vez mais abrangente com outras áreas do conhecimento, de modo a melhor fundamentar o estudo do literário. A lógica que sustentava o comparatismo tradicional – toda ela baseada nos dualismos modelo/cópia, centro/periferia e outros de natureza semelhante – tem sofrido um continuado e radical processo de desconstrução, visando à quebra das amarras da dependência de fundo colonial e a inclusão da questão da diferença cultural no exame da literatura. Além disso, num outro contraste marcante em relação ao comparatismo clássico, a disciplina, diante da evidente perda de hegemonia do objeto literário num mundo cada vez mais referenciado pela imagem e pelo espetáculo, absorveu novos termos, na sua base de comparação, ao confrontar

---

\* Professor assistente da Escola de Música da UFMG. Violonista, graduou-se na Escola de Música da UFRJ, onde também obteve o grau de Mestre.

metodicamente a literatura com outros sistemas semióticos, até mesmo como um modo de aumentar sua circulação na sociedade.

Quanto a este último aspecto, não resta dúvida de que no contexto sociocultural brasileiro, historicamente marcado pela baixa escolaridade e pelo reduzido contingente de leitores, a divulgação de obras literárias precisou adaptar-se a meios e suportes outros que não apenas o livro. Além do cinema e da televisão – grandes divulgadores de narrativas – também a música sempre desempenhou aí importante papel, não apenas, da maneira que lhe é mais característica, fazendo circular textos inéditos sob a forma de letras de canção, mas também absorvendo poemas preexistentes e relançando-os, em forma de música, a um público mais amplo. De tal maneira essa dinâmica passou a configurar a cultura brasileira, que a literatura, entendida tradicionalmente como objeto específico, puro e dotado de autonomia estética, teve de ser inserida, pelos estudos acadêmicos, em um mais vasto conjunto de relações, sendo notável o esforço da Literatura Comparada para a preparação e cultivo desse árido terreno.

Tomando essas novas possibilidades como um campo profícuo do comparatismo literário, pretendo examinar, no presente trabalho, exemplos de estudos em que o diálogo entre a literatura e a música assume a centralidade da análise. Interessa-me saber, sobretudo: de que forma a analogia com a música pode auxiliar na compreensão de obras literárias? Qual a noção de música que atua como pano de fundo na comparação com a literatura? Indo além dessas indagações principais, pretendo apontar, ao final, como algumas hipóteses e propostas de estudo podem ser conjuntamente articuladas.

Aproveito o aceno que acabo de fazer ao modo um tanto especial de conformação da cultura brasileira, e inicio a análise dessas inter-relações música/literatura pelo viés dos estudos culturais. Valho-me para tanto de um belo texto de Silviano Santiago, que apresenta a transformação da crítica literária em crítica cultural no Brasil, situando-a como uma questão típica da passagem do século.<sup>(1)</sup> Articulando as modificações do cenário político nacional (democratização) e a transformação social operada pelos meios de comunicação de massa, Silviano discute a gradual, embora inevitável, mudança na postura da crítica de arte do país. Seu propósito é esclarecer que os chamados *estudos culturais* – muito mais do que uma simples onda acadêmica filoamericana a ocupar o espaço vazio deixado pela ressaca da crítica marxista tradicional – os *estudos culturais* são, no caso brasileiro, uma necessidade premente que resulta da força avassaladora que têm os produtos dos meios de comunicação de massa e ma-

nifestações como a música popular. Diante do fato de a literatura ser arte de elite num país semiletrado, como continuar excluindo dos estudos acadêmicos a cultura da maioria? Em cenário de democratização, que se quer radical e não apenas formal, como fechar os olhos diante das expressões literárias marginais? Como insistir na separação apenas excludente entre alta cultura e cultura popular ou de massa? São essas as perguntas tácitas do texto que, revelando a busca pela maior abrangência crítica e pelo acolhimento da diferença, terminam por apontar o fenômeno da música popular como uma expressão privilegiada das diversas vozes que compõem o tecido cultural brasileiro. Ela ocuparia aquele “espaço nobre onde se articulam, são avaliadas e interpretadas as condições socioeconômicas e culturais do país, dando-nos, portanto, o seu mais fiel retrato”(2). Estaria também situada na interseção da cultura não-letrada, da cultura erudita (poesia culta) e da indústria cultural, deixando-se permear por todas.

Ao chamar a atenção, no âmbito mesmo dos estudos literários, para a importância da música, Silviano Santiago não quer promover pura e simplesmente a renúncia à especificidade da literatura nem, muito menos, proclamar a aceitação indiscriminada de todo e qualquer produto cultural em nome do respeito à diferença. A visada é outra: apontar a possibilidade de uma leitura mais integral dos mecanismos de sobrevivência, de transmissão e de criação num contexto cultural em que a literatura é um produto entre outros, não ocupa o centro e nem é, necessariamente, a sua mais nobre ou privilegiada expressão. Se de um lado, no Brasil, isto que se chama *estudos culturais* ajuda a compreender melhor a partir de onde, em nome de que e de quem se fala, de outro, mais especificamente para a crítica literária, as correspondências com outras artes e a leitura conjunta de dados culturais favorecem uma análise mais rica e abrangente, a criação de uma autêntica rede de sentido. É o que bem demonstra Solange de Oliveira(3) em estudos de obras bastante diferentes entre si: um conto do caribenho Roger McTair (*Visiting*), um romance de Antonio Callado (*Reflexos do Baile*) e um poema de Mário de Andrade (*Lundu do Escritor Difícil*). Não sendo possível reproduzir aqui as análises da autora, limito-me a chamar a atenção para a importância das metáforas e analogias musicais que nesses textos funcionam como fator decisivo para a interpretação, de tal modo que a leitura das obras será tão mais ampla e proveitosa quanto maior for a capacidade do leitor de articular com a narrativa o conhecimento de dados musicais.

Nos três casos citados, Solange de Oliveira explora as possibilidades do que ela mesma denomina “melopoética cultural”, ou seja, “uma abordagem

músico-literária que enfatiza as implicações culturais de referências musicais”. Em seu livro, esta seria a contribuição pessoal que suplementaria a disciplina maior, melopoética, mais caracterizada pelos estudos que se baseiam em eventuais analogias estruturais entre obras musicais e literárias. Estes, muito numerosos, buscam em diversas formas musicais (*tema e variações, sonata, fuga* etc.) ou procedimentos composicionais (*contraponto, harmonia, polifonia* etc.) modelos e referências para interpretação da obra literária.

É possível obter um bom exemplo desse tipo de trabalho interpretativo mais uma vez em Silviano Santiago, no ensaio intitulado *A estrutura musical no romance: o caso Érico Veríssimo*, muito anterior ao outro texto que analisamos acima(4). Aqui o crítico se vale de “princípios da composição musical” para exemplificar diferentes processos de estruturação da narrativa em autores como Mário de Andrade, Aldous Huxley, André Gide, além, é claro, do próprio Érico Veríssimo. De modo geral, e descartando obrigatoriamente outras interessantes questões do texto, pode-se dizer que as analogias músico-literárias ali abordadas são de duas ordens distintas. A primeira, referindo-se mais especificamente à estrutura geral da narrativa, é comum aos romances de Mário (*Macunaíma*), Huxley (*Contraponto*), Gide (*Os moedeiros falsos*) e Érico (*Caminhos cruzados*) e pode ser descrita como a tentativa, no âmbito ficcional, da harmonização (aqui entendida como um pôr-em-relação, nunca como mera síntese) de vozes dissonantes e heterogêneas, além da articulação pela narrativa de materiais que num primeiro momento parecem demonstrar absoluta incompatibilidade. Cada um dos autores analisados, ao deparar-se com esse tipo de situação, ofereceu uma solução própria, sempre passível de ser confrontada com um princípio de composição musical. Limite-me, à guisa de exemplo, a reproduzir a interpretação de Silviano da elaboração levada a cabo no romance de André Gide. Tratava-se ali de combinar dois conjuntos dramáticos de personagens, inicialmente tidos pelo próprio autor como incompatíveis. O primeiro era composto de “uma juventude anárquica, típica do pós-guerra, alimentada pela irrisão dadá”. O outro conjunto era formado por “velhos profissionais liberais, cujos problemas centravam-se em torno de uma discussão radical do casamento e da família burguesa e até mesmo da velhice.” A primeira solução tentada por Gide foi a de tratar os materiais de modo a justapô-los e imbricá-los tal como, na música, procedia o compositor francês César Franck com temas pertencentes a andamentos muito contrastantes como o *allegro* e o *andante*. No caso da literatura, entretanto, tal solução fazia depender o texto de um centro, de um narrador forte que dominasse ambos os conjuntos. À

medida que o romance ganha corpo, Gide passa a questionar o modelo musical que elegera a princípio e promove uma atomização do narrador, “sendo este como que esquartejado em número de partes equivalente ao número de personagens importantes que houver no romance”. A analogia possível com a música não é mais a justaposição de César Franck, mas a da mobilidade da Arte da Fuga bachiana.(5)

Além desta, de caráter mais geral na organização da narrativa, a outra analogia musical referida no ensaio produz conseqüências diretas na linguagem romanesca e marca exatamente a originalidade, apontada por Silviano, do romance *Clarissa* de Érico Veríssimo. Verificam-se, ali, procedimentos que irão modificar a organização do parágrafo e promover “a harmonização das vozes em alteridade e a simultaneidade do disparate”. As “vozes-ruídos” da casa de pensão focada pelo romance, a princípio apenas capazes de produzir a balbúrdia e um movimento caótico, carecem de um princípio organizador que as componha e que retire aquele espaço cotidiano em que habitam da condição de absurdo. É aí que, a partir sobretudo de um determinado momento da narrativa, surgiria uma contribuição original da ficção de Érico Veríssimo, pois a voz do narrador desaparece para dar lugar a “um imenso e sensível ouvido”. Vale a pena transcrever as palavras de Silviano:

Nesse momento, ‘confusão colorida de feira’, diz o romance, o narrador retira de cena os personagens enquanto individualidades e deixa na página apenas as vozes heterogêneas, sem origem e sem assinatura, vozes estas que perdem, portanto, a sua condição de articuladoras de frases com um sentido lógico, expressas por uma personalidade autônoma, e passam a ser apenas material para uma anotação ‘musical’. Esse é o momento em que o som fonético transforma-se em puro som musical.(6)

Guardo apenas por um instante essa distinção entre som fonético e som musical para reproduzir, a seguir, o exemplo que Silviano retira do romance de Érico. Trata-se de um parágrafo essencialmente musical, compreensível não para um “leitor-de-frases”, mas para um ouvinte aberto às possibilidades de configuração de sentido que advém exatamente da simultaneidade, da polifonia babélica da pensão:

*Regenerar a repú... ávida... expulsos da Palestina... políticos profissionais... não admito! vestido de seda azul... cinema... corrompidos... insulto à crença cristã... que fiz? Revolução... ordem... crise... rins... Greta Garbo... S. Pedro negou três vezes... tomar chá de pata-de-vaca... guerra*

*com o estrangeiro... a d. Tatá melhorou? ...bem-aventurados os pobres de espírito... j'ouviu? (7)*

Chego, aqui, a um ponto que considero central. O parágrafo de Érico, citado por Silviano como exemplo da passagem de um som fonético a um som musical, nos remete às antigas aproximações entre poesia e música que se produziram tanto através da exploração de recursos fônicos da linguagem quanto por meio da emulação de um certo caráter indefinido, de uma vagueza, de uma abstração do real, todas essas tidas como qualidades próprias da música. O som fonético – aquele com sentido lógico, a ser captado pelo “leitor-de-frases” designado por Silviano – seria o típico da linguagem verbal. A princípio, ele encontra o seu fim na própria realidade externa de que é signo, sua função representativa constituindo a possibilidade mesma de recuperação de um fio condutor, de uma origem ou de ‘uma assinatura’, no dizer de Silviano Santiago. O som musical, ao contrário, justamente por não estar comprometido com a representação, constituiria a chance de a linguagem escapar da referência imediata e adquirir densidade superpondo planos de sentido. É esta a chave de leitura que Silviano utiliza em relação a *Clarissa*: a transformação progressiva do narrador num “imenso e sensível ouvido” indica o fracasso na tentativa de retratar a pensão pelo discurso lógico-linear. Espaço paradoxal de encontro e desencontro, de familiaridade e estranhamento, de segurança e frustração, de abrigo e exílio, de propriedade e alheamento – a pensão resiste às definições e não é dócil à representação. O recurso narrativo ao som musical, à *polifonia*, perfaz então a estratégia de não “resolver” o ser da pensão, mantendo em suspenso a sua (im)possível representação em favor de permitir o livre jogo de suas forças em conflito.

Esse componente musical que Silviano Santiago identifica em Érico Veríssimo guarda relações profundas com a poética de Mário de Andrade formulada no *Prefácio Interessantíssimo*. Falo da teoria do verso harmônico, da tentativa de constituição da linguagem poética permeada por uma outra linguagem, no caso, a musical. A teoria de Mário é, como ele mesmo afirma, “engenhosa”: observando o percurso histórico que levou a música ocidental a admitir outras possibilidades de estruturação além da melodia – sons singulares articulando sentidos numa organização sucessiva – Mário indaga por uma constituição do verso outra que não somente a que ele classifica como “melódica” – palavras distribuídas horizontalmente e organizando um pensamento inteligível. Advoga então a possibilidade de o verso se estruturar segundo os princípios

tanto da harmonia quanto da polifonia musical. Em música, harmonia é a combinação de sons ouvidos simultaneamente, ocasionando a formação de acordes, enquanto a polifonia é a superposição não de sons tomados isoladamente, mas de melodias distintas e independentes. Palavras ou frases, contudo, não se fundem como os sons musicais e sua enunciação simultânea, como reconhece Mário, resultaria apenas em confusão e embaralhamento. Dessa forma, a possibilidade de constituição do verso harmônico ou polifônico residiria na inteligência, no desencadeamento de atos de memória, numa organização subjetiva. O verso harmônico, enfim, seria formado por palavras que não se ligam umas às outras, não constituem frases, ficam ressoando, vibrando... “à espera duma frase que lhe faça adquirir significado e QUE NÃO VEM”.(8) Por sua vez, o verso polifônico não usa palavras soltas como o harmônico, mas sim frases soltas acarretando a mesma sensação de superposição, apenas com uma mudança de elementos: em vez de palavras (=sons isolados), frases (=melodias, sons sucessivos).

Os exemplos de Érico Veríssimo e Mário de Andrade já oferecem elementos suficientes para preparar a conclusão deste trabalho. Acredito que, além da possibilidade de abordagem cultural – importantíssima – o diálogo literário-musical no âmbito da Literatura Comparada também é capaz de assumir o encaminhamento que os dois escritores, nos casos examinados acima, deixaram em aberto. Logo no início de sua *Gramatologia*, Derrida menciona a inflação do signo *linguagem* como um sintoma do horizonte problemático de nossa época histórico-metafísica. Afirma:

(...) a linguagem mesma acha-se ameaçada em sua vida, desamparada, sem amarras por não ter mais limites, devolvida à sua própria finidade no momento exato em que seus limites parecem apagar-se, no momento exato em que o significado infinito que parecia excedê-la deixa de tranquilizá-la a respeito de si mesma, de contê-la e de *cercá-la*.(9)

Parece-me pertinente ligar essa situação problemática da linguagem, acusada por Derrida, àquela espécie de desconfiança com relação à linearidade do discurso, à certeza exterior representada pelo “som fonético” que vimos em Érico e Mário. Há ali, claramente, a busca daquilo que é boicotado, por assim dizer, pela representação discursiva, a tentativa de alcançar aquela *ausência*, aquele *nada* que, n’*A escritura e a diferença*, Derrida deixa transparecer como o elemento em torno do qual se constrói a literatura. Caberia então perguntar: por que a música aparece, nesses e em tantos outros exemplos, como uma referência possível? A que ela remete? Numa situação histórico-cultural em que

já não se tem certeza de um significado externo (aliás das próprias noções de ‘significado’ e de ‘externo’) nem da representação exercida pela linguagem, ainda é pertinente explicar o recurso à música como uma fuga do real, como um refúgio na subjetividade? É ainda válido associar a música à *abstração*, à *vagueza*, à *imprecisão*? Nesse caso, se toda representação é questionável enquanto certeza do real, o que seria o *concreto*?

É verdade que essas perguntas são, de certa forma, inviáveis, dado o comprometimento metafísico de todas as categorizações por elas pressupostas e em virtude da imposição de lugares determinados às manifestações da linguagem: aqui o sentido, a significação e o conceito; ali a vaguidão, a estesia e o descontrole. De nada vale uma eventual opção – cuja possibilidade de vigor cultural é mais do que duvidosa – pela inversão pura e simples do que até hoje a tradição elegeu como forte e superior. Em outras palavras, não é com golpes de violência argumentativa, a despeito da boa intenção subjacente, que se destrói o poderoso império da *ratio* e do *logos*. Aquelas perguntas poderemos tomá-las como provocações para o pensamento se, e somente se, acolhermos a lição de Derrida e, como primeira e permanente tarefa, colocarmos em suspenso e sob suspeita os conceitos metafísicos. Todo o relacionamento entre música e literatura e, portanto, a diferenciação entre som fonético e som musical, revelar-se-ia, então, algo muito mais interessante do que a elaboração de mais um dualismo excludente. O som musical ao mesmo tempo em que indicaria o limite da linguagem em sua função representativa e comunicativa, seria também o campo aberto das possibilidades expressivas e o alimento vital e renovador da própria linguagem. É na zona fronteira, no embaçamento – que deixaria de lado tanto o som puro destituído de significação quanto a significação pura despida de musicalidade – é nesse “entre-lugar” que, conscientemente ou não, trabalham os poetas. É aí, também, que pode se desenvolver um diálogo teórico alternativo entre música e literatura.

## NOTAS

1. Democratização no Brasil – 1979/1981 (Cultura versus Arte). In: ANTELO, Raul et al. *Declínio da arte/Ascensão da cultura*. p. 11-23.

2. *Idem*. p. 19.

3. Solange de OLIVEIRA, *Literatura e Música*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

4. In: Silviano SANTIAGO. *Nas malhas da letra: ensaios*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

5. É uma pena que se verifique, a esse propósito, uma lacuna no texto de Silviano Santiago o qual não esclarece suficientemente a correspondência da narrativa gideana com a *Arte da fuga*, de Bach. A questão da atomização faz supor que a pista da analogia esteja exatamente no fato de que o tema de uma Fuga, qualquer que seja, é apresentado em diferentes tonalidades no decorrer da obra fazendo com que seja ouvido sempre com um colorido próprio. Todavia, convém ressaltar, no caso específico do ciclo *Arte da fuga* todas as peças que o compõem derivam de um único tema que é tratado, a cada vez, com características singulares. Se a existência dessas particularidades combina com a idéia de atomização, o fato de haver um único tema, por outro lado, destoa fortemente da bipolarização dos conjuntos dramáticos de André Gide.

6. *Idem*, p. 180.

7. *Idem*, p. 51

8. Mário de ANDRADE, *Poesias Completas*. 3ª ed. São Paulo: Martins, Brasília: INL, 1972. (p.23).

9. Jacques DERRIDA, *Gramatologia*. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1999. (p. 7)





AMÍLCAR DE CASTRO  
*GIGANTE DOBRADO 2001*  
AÇO [STEEL]  
448 X 500 X 122 CM



## CENTRO DE ARTE CONTEMPORANEA DE INHOTIM – CACI

*Carlos Perktold\**

*...esta cegueira é tão anormal, tão fora do que a  
ciência conhece, que não poderá durar sempre.*

*(José Saramago – Ensaaios sobre a cegueira)*

### O CACI

Não é sem motivo que *paraíso* é uma palavra persa a significar um jardim. O dia 27 de setembro de 2004 foi a data de visita aos dois. Como convém a toda bem-aventurança, foram poucos os convidados. Destes, alguns vieram do exterior: Alemanha, México, Espanha, França, Estados Unidos, Portugal; vários de São Paulo, Rio e do Brasil afora. Nessa data o empresário Bernardo Paz abriu os portões (e que portões!) de um imenso jardim projetado, desde 1984, pelos modernistas Roberto Burle Marx e Pedro Nehring César, remodelado e aprimorado pelo paisagista Luiz Carlos Brasil Orsini. Nele está localizado o Centro de Arte Contemporânea de Inhotim-CACI, a 60 km de Belo Horizonte, município de Brumadinho (MG).

O CACI começa consagrado como um dos mais lindos projetos daqueles artistas. Registre-se um crédito ainda maior para Bernardo Paz, que teve a ousadia de executar uma obra cuja grandiosidade é difícil de adjetivar. Mes-

---

\* Psicanalista, integra o Círculo Psicanalítico de Minas Gerais, a Associação Brasileira – ABCA e a Internacional de Críticos de Arte – AICA.

mo se considerarmos que a maioria dos artistas faz substancial concessão comercial quando as peças são destinadas a museus de prestígio, ainda assim os investimentos financeiro, afetivo e emocional na execução do projeto e na aquisição do acervo foram altos. O investimento no jardim é impossível calcular.

Comprado há mais de 20 anos o local era cascalho puro, se comparado ao brilhante que é hoje. Era uma pequena fazenda para os padrões mineiros, ou um “sítio” como gosta de chamá-lo seu dono. Neste período, Bernardo Paz o transformou na jóia atual, que vem sendo lapidada com recursos apenas do empresário.

Sua entrada é uma esplendorosa rota de imensas palmeiras imperiais envoltas por arecas-bambus, a garantir uma atmosfera tropical apropriada para quem vive abaixo da linha do Equador. Nos trezentos mil metros quadrados que o compõem, há quatro lagos nos quais um lendário casal de cisnes negros exibe sua majestade e mais uma quantidade enorme de coloridas aves da família dos anatídeos, além da presença dos nativos bem-te-vis, sabiás e colibris, todos a ratificar e a viver da beleza do lugar. Nos locais onde não há jardins planejados com bromélias, a grande paixão paisagística de Burle Marx, há um impecável gramado. Como altruísmo público de empresários e banqueiros é raridade nesta Terra de Santa Cruz, aplausos eternos para Bernardo Paz que enfrentou guerras e guerreiros até sair vitorioso desta “loucura”. Indagado por que tanta generosidade com Minas Gerais, o empresário responde com a segurança do colecionador que percorre o caminho da arte com devoção religiosa: “A vida é um sopro, o importante é o que a gente deixa nela”.

O paraíso do CACI tem, por enquanto, sete prédios projetados pelo arquiteto Paulo Orsini. Foram construídos especialmente para abrigar e expor a coleção de arte contemporânea, constituída de 450 obras, incluindo instalações *king size*, além de belas esculturas de Saint Clair Cemin, Paul McCarthy, Edgard de Souza, Iran do Espírito Santo e Amílcar de Castro, espalhadas entre a vegetação, cicas e árvores gigantescas. Telas dos artistas Franz Ackermann, Albert Oehlen, Carlos Vergara e muitos outros podem ser vistas nas suas paredes, além de uma impressionante fotografia de Yasumar Morimura, colocada na biblioteca e homenageando duplamente Frida Kahlo e a própria pintura.

Bernardo Paz já foi apaixonado pelos modernistas como Guignard, Di Cavalcanti, Portinari, Ismael Nery, Anita e Tarsila e colecionava suas obras com a mesma paixão com que hoje julga essa arte “válida e importante apenas no seu tempo”. Ele vendeu tudo que tinha deles e comprou o acervo atual.

As instalações são projetadas por Cildo Meireles, Ernesto Neto, Jarbas Lopes, Valeska Soares, Oiticica em parceria com Neville d'Almeida e tantos outros contemporâneos. Um dos prédios abriga uma única instalação de Tunga, o mais prestigiado em espaço físico entre os contemporâneos: *True Rouge* de 1997. Ela é construída com peças de plásticos, desentupidores de pias de cozinhas e outros itens descartáveis do nosso cotidiano, colocados numa pequena rede a formar uma embalagem. Esta, por sua vez, está presa por uma peça de madeira fixada ao teto por cordas e fios de aço. Pretende-se uma harmonia e equilíbrio na colocação e na composição. Exceto pelo aço, exigir-se-á manutenção permanente sobre os outros objetos da instalação para que ela tenha a perenidade que se espera de uma peça de museu, algo que o colecionador julga natural. “Qualquer obra precisa de manutenção”, explica ele.

Noutro prédio, o mesmo Tunga apresenta uma instalação com materiais mais que perenes: cobre, aço e ímã. As dezenas de delgados fios de cobre foram agrupadas e trabalhadas de tal forma que resultam nas incríveis, delicadas e pesadas tranças femininas, um dos itens que compõem a obra. Penteados parecem ser um de seus fascínios, uma vez que Tunga também criou pequenas esculturas com fios de cabelos humanos presos por “piranha”, denominação de objeto próprio para segurar as madeixas em forma de rabo-de-cavalo. A idéia da primeira instalação, segundo Paz, é transmitir “erotismo” pelo vermelho, e desta última “uma grande bacanal”. Contrastando com a natureza do lado de fora, perceptível através dos vidros transparentes a cercar o prédio, há, por certo e internamente (este “internamente” de forma objetiva e subjetiva), mais choques emocionais, intelectuais e afetivos nas duas instalações do que desejos voluptuosos manifestados nas peças e no *rouge* do título.

Cildo Meireles se apresenta com uma peça construída durante 19 anos com material mais que perene: sua escultura *Immensa* é toda de chapa de aço e ocupa uma área no jardim, idêntica ao seu título. Sentimo-nos humilhados na sua presença, tão grande é o seu tamanho. Sua outra instalação *Glove Trotter* é feita também de aço, mas este em forma de malhas, colocadas como se estas fossem luvas a cobrir bolas de vários tamanhos, espalhadas pelo chão. Associa-se o seu nome e a própria instalação aos “Globe Trotters”, fantásticos jogadores americanos de basquete e o seu título, a uma ironia polissêmica.

Iran do Espírito Santo concretiza na escultura de pedra uma lembrança daquela desenhada por Dürer em sua célebre gravura *Melancolia*, que mexe com a cabeça dos artistas ao longo de seus mais de 500 anos de existência.

Ao visitar o acervo, o espectador de museus comuns se sentirá defronte do surpreendente, chocante, inusitado e absurdo, causador da mais pura perplexidade e, por causa desta, se sentirá paralisado. Quase todo o acervo é impactante para quem não está familiarizado com a arte contemporânea. Esse mesmo espectador se sentirá íntimo apenas de uma instalação literalmente móvel representada por três automóveis Volkswagen, o inesquecível fusquinha, pintados de cores e em partes diferentes, daí a sua denominação *Troca-Troca*, executada por Jarbas Lopes.

Bernardo Paz acha que esse choque cultural já existiu anteriormente, quando Picasso e Braque criaram o cubismo; quando Di Cavalcanti pintou mulatas nuas: “quem vai querer um quadro desses, foi o que disseram na época, quando Di começou a expô-los”, explica ele. É verdade. E não foram somente esses artistas que tiveram dificuldades com as suas criações. Houve Ismael Nery, redescoberto e valorizado apenas trinta anos após a sua morte, e a do sempre lembrado Guignard passando privações em Belo Horizonte. E nem foi Di o único modernista a ter problemas com sua pintura; a lista de artistas injustiçados pelos seus contemporâneos é enorme. Antonio Bento(1) informa que apenas a partir de 1950, vinte e oito anos após a Semana de Arte Moderna de 1922, os modernistas foram valorizados no Rio, a capital federal e intelectual do Brasil de então. A exposição da Escola de Paris, trazida de lá por Vicente do Rego Monteiro em 1930 e exposta em Recife, Rio e São Paulo passou ignorada nas três capitais. Todos os argumentos de Bernardo Paz têm, portanto, respaldo na história da arte e na biografia de vários artistas brasileiros e internacionais.

Mas há diferença fundamental entre certas instalações e vários objetos da arte contemporânea e o cubismo. Este surgiu a partir das composições de Cézanne e tinha apoio numa antiga e insolúvel questão filosófica: a impossibilidade de se ver o mesmo objeto de diferentes lugares ao mesmo tempo e pelo mesmo espectador. A tentativa de solução dessa dificuldade foi iniciada nas telas do mestre francês e aprimorada pelos cubistas com a representação de objetos geométricos, de preferência aqueles comuns e simples, como se eles fossem vistos desses vários ângulos, criando novas perspectivas, como se fosse também possível achatam o tempo e o espaço num suporte bidimensional. Não foi a única, mas é uma das mais importantes razões de seu sucesso e beleza até hoje e é, em parte, a causa da sua perpetuidade. Quanto aos modernistas, eles executaram um somatório do que já ocorrera na Europa e trouxeram uma bri-

lhante contribuição para um Brasil ainda acadêmico demais para perceber a grandeza deles.

Chega a ser paradoxal encontrar um colecionador, apaixonado pela arte contemporânea, que julga os modernistas importantes apenas no seu tempo, mas que tem como peça principal de seu museu o jardim projetado pelo também modernista Burlle Marx e a arquitetura dos prédios no estilo que consagrou Oscar Niemeyer. Paradoxos à parte, o lugar é maravilhoso e veio para marcar o Brasil na arte contemporânea e imortalizar seu criador.

## A ARTE CONTEMPORÂNEA

Quanto à arte contemporânea, esta é a nomenclatura dada por leiloeiros americanos e europeus, a partir dos anos 1960, a determinados objetos artísticos colocados à venda e que não se enquadravam em nenhuma categoria então existente. Com frequência, ela é o que se espera de toda arte: o reflexo da sua contemporaneidade.

Neste sentido, ela representa e denuncia bem o que foi o século XX: cheio das piores idéias totalitárias de direita e de esquerda, muita tecnologia apurada e pouquíssimo humanismo. A dificuldade de sua compreensão e aceitação pelo grande público e por parte da crítica especializada começa quando vários desses artistas denunciam sucessivamente o que todos já sabemos e quando suas obras não apresentam contribuição para um novo e necessário despertar humanístico.

Como denúncia é muito pouco. Como solução do impasse humano no qual vivemos é nenhuma. Ao contrário do que acreditam os humanistas quando afirmam que a arte tem por função única melhorar o ser humano, os apaixonados contemporâneos declaram que ela há muito perdeu esse objetivo.

A premissa é falsa, perigosa e constrange, porque nega a existência dos enviados de Deus, transformando-nos todos em ou pessoas comuns ou todos em artistas; nega a grandeza do ser humano e o que a arte tem de melhor, reduzindo as conquistas da nossa filogenia. Seus integrantes correm – e fazem todos correr juntos com eles – o risco de diminuir cada vez mais as oportunidades da volta de um novo humanismo, idêntico àquele que fez surgir o Renascimento. Risco e denúncia confirmados na escultura de Cerith Wyn Evans, também do acervo do CACI, construída com fogos de artifício, madeira e fotografia, com os quais Evans gravou a frase “*Aqui tudo parece que é ainda*

*construção e já é ruína*”, que resume, em certos aspectos, a arte contemporânea e o século passado e que o CACI, de forma contundente, desmente.

Alguns de seus criadores e admiradores alegam que a estética, a categoria das coisas belas, *não precisa* fazer parte dessa nova forma de apresentação de arte. Querer negar ou destruir uma categoria, sem ter algo de melhor para substituí-la, apenas ratifica a nossa pobreza, repetindo o que precisamos evitar. Além disso, o século XX, pelo que foi, não oferece nada capaz de substituir a milenar estética. Sempre coube aos artistas nos guiar nos imprudentes caminhos percorridos pelos horrores das diferentes globalizações mundiais. Não é possível reconhecer como arte equívocos passageiros, como fezes enlatadas, o caos da cena de um quarto com a cama desarrumada com camisinhas e garrafas pelo chão, montinhos de areia e outros “cacarecos e idéias idiotas”, como os chamou o jornalista Joaquim Ferreira dos Santos, expostos em museus nacionais e europeus. Acreditar que objetos dessa natureza ficarão como registros artísticos é desvalorizar as gerações futuras. Além disso, somos todos filhos do modernismo, netos do cubismo e bisnetos do impressionismo, parentesco que nos vacinou contra a tragédia de não percebermos a grandeza de novos valores artísticos, como ocorreu no passado.

O sentimento ético se desvaneceu nas últimas décadas e, junto com a economia globalizada, desumanizou governos e pessoas. Entramos na era de Drácula e espera-se que possamos dela sair e recuperar o humanismo perdido. A criação da beleza, privilégio dos artistas, é um dos caminhos para reencontrá-lo. Imaginar que essa é função a ser garantida pelos políticos e pelo Estado é o mesmo que ficarmos à sombra de cactos esperando colher pêssegos e uvas.

Vivemos o mais paradoxal dos séculos, o de sermos Midas e o anti-Midas simultaneamente. Como Midas, criamos um acervo de novas tecnologias impensáveis há 70 anos e, lastreados na freudiana pulsão de morte, tornamos o anti-Midas, usando as mesmas invenções para destruir Varsóvia, Dresden, Pearl Harbour, Hiroshima, Nagasaki e as Torres de Nova Iorque. Nesses paradoxos artísticos, aprendemos que a arte é como a verdade: ambas são filhas do tempo. Por isso, somente ele confirmará de qual ponto de vista se aplica a frase de José Saramago que abre este texto.

## NOTAS

1. *In Ismael Nery*, SP: Gráficos Burnier, 1973, p.24.

# A POESIA EXILADA

*Edmur Fonseca\**

*Residência Provisória*, de José Maria Rabêlo, de acordo com seu próprio título, define o universo temático de um momento de vida marcado pelo sentimento de solidão e a precariedade da existência daqueles que são levados, como vítimas das ditaduras, a albergar-se em uma terra que não a sua.

São poemas, no mais estrito sentido do termo, espaço metafórico de rara elevação e beleza, que transforma, através das palavras, o âmbito do discurso em uma dimensão diferente da política e da perspectiva social em que se insere. A poesia de José Maria Rabêlo tem, no registro retrospectivo ou atual dos fatos, a manifestação da memória criadora, que “busca aprisionar – como lembra José Paulo Paes – a alteralidade estranha das coisas e dos homens”.

*Residência Provisória* é testemunho inusual de uma transfiguração do mundo, signo de superação da vulgaridade cotidiana, em que a singularidade de cada emoção se dá, não como um ensaio ou a ficção romanesca, mas como resposta, via a fala poética, ao massacre impiedoso dos direitos e valores que definem uma ética, seja ela política, religiosa ou ideológica, aprimorada pelos homens em séculos de aperfeiçoamento moral e cívico.

José Maria Rabêlo é, antes de tudo, jornalista e militante político. Quem escreve estas linhas reivindica, com orgulho, a honra de ter sido o primeiro a ler e admirar a força e a qualidade de seus versos, aquilo que Alfredo Bosi define como “uma linguagem que combina arranjos verbais próprios com processos de significação pelos quais sentimentos e imagens se fundem em um tempo denso, subjetivo e histórico”.

Está aí a contribuição maior de seu livro, confirmando, na prática, o “significado, no curso do tempo intersubjetivo, social, que é a cultura vivida por gerações de leitores: o tempo histórico da poesia”.

---

\* Poeta, jornalista, cientista político.

Além da pura representação da forma, *Residência Provisória* transmite o conteúdo da experiência de um exilado. Pela amplitude dessa mesma experiência, trata-se de uma obra estruturada analiticamente em temas com distintas perspectivas. São ao todo cinco partes, num complexo painel de reações sedimentadas liricamente pela visão poética do autor: 1. *As lembranças*; 2. *O amor*; 3. *As cismas*; 4. *O ódio*; 5. *O riso*.

O núcleo central do conjunto é o isolamento existencial, a perplexidade ante uma nova residência em lugar incerto e não definitivo, a ansiedade da volta, que nem se sabe se virá. O vazio emocional dos primeiros dias torna-se a marca determinante da longa trajetória temporal no exterior.

Tempo de quem recorda nos poemas sobre a paisagem, o mar, as estradas, a cidade da infância. Paris e a magia das ruas e da História, a brutalidade da intervenção militar e o perfil picaresco de velho líder pernambucano, no seu retomo ao país, com a manipulação dos negócios e das gentes.

Lugar especial para os devaneios do ato livre de cismar ou reflexões de carinho e amor, como as ofertas a Thereza em *Juntos e Tão longa espera*, além de *Meu amor está dormindo* ou *As mãos e os sonhos*, este último em homenagem a Camille Claudel.

Em *O ódio* concentra-se toda a repulsa do poeta contra os arautos da morte que, no Chile, no Brasil e demais nações latino-americanas – como os nazistas na Europa – esmagaram as liberdades, “impondo o espetáculo do terror/ das vinganças sem rosto/ dos olhares oblíquos do medo/ dos presos e torturados/ e das execuções sumárias em cada esquina”.

Resultaram da resistência a tal estado de coisas composições antológicas como *Sob a noite da ocupação* e *Numa terça-feira pela manhã*, que dão a tônica de *Residência Provisória*, em sua plenitude de esperança na edificação de um futuro de justiça e de igualdade.

Para terminar, note-se a riqueza de ritmos e influências da construção poética de José Maria Rabêlo. Qual um ressurecto Gregório de Matos ou um introdutor de novas *Cartas Chilenas*, afirma-se em produção de extraordinária força satírica, uma de suas armas de combate. Mas vai mais longe, usando um amplo leque de recursos, desde a métrica dos trovadores medievais e dos cantadores do Nordeste, ao versejar de acento camoniano e ao despojamento do melhor do modernismo português e brasileiro.

# AS RAZÕES DE *RESIDÊNCIA* *PROVISÓRIA*\*

*José Maria Rabêlo\*\**

Em certos momentos do exílio, principalmente nos anos do chamado “milagre econômico”, tivemos a impressão de que jamais voltaríamos. As notícias que nos chegavam do Brasil eram cada vez piores. O regime se consolidava, graças à repressão e aos altos índices do PIB. As pessoas aqui dentro, amedrontadas, mesmo de longe temiam ter contato com os exilados, sobretudo aquelas que direta ou indiretamente se sentiam favorecidas pela situação. Por nosso lado, íamos afastando-nos da realidade brasileira, procurando de uma maneira ou de outra reorganizar a vida lá fora, na difícil relação com povos e culturas tão diferentes. Havia, entre nós e o mundo que deixáramos para trás, um fosso que se alargava dia a dia, para nossa tristeza, mas que parecia ser impossível de evitar.

Na Bolívia e no Chile, ouvindo e falando espanhol todo o tempo, e depois na França, o francês, percebi que além do Brasil estava distanciando-me também do português. Para mim, em minha condição de jornalista, tratava-se de uma perspectiva crucial, por constituir a língua meu mais valioso instrumento de trabalho. Era preciso impedir que isso acontecesse, como acontece a tantos que permanecem por longo período no exterior e que voltam como verdadeiros gringos em sua maneira de exprimir-se. Comecei então a escrever sempre que podia, sem pressa, sem método, apenas como um esforço para preservar o domínio do idioma. Cedo percebi que a poesia, por suas reconhecidas dificuldades e também pela ampla soma de recursos formais que oferece, poderia ser o melhor exercício. Ajudou-me nisso o gosto que sempre tive por

---

\* Texto que antecede os poemas do livro *Residência Provisória*, lançado em dezembro último.

\*\* Jornalista, escritor.

essa forma de expressão, tendo na juventude, a exemplo de tanta gente, tentando fazer meus versos, felizmente ou infelizmente deixados pelo caminho.

Assim, fui escrevendo, com a principal finalidade de manter-me em dia com a língua. Guardava tudo o que escrevia e, não sei bem por quê, deixava de mostrar até às pessoas que me eram mais próximas.

Apesar do golpe no Chile, consegui salvar grande parte do que produzira, levando-a comigo para a França, ponto final de nossa compulsória andança pelo mundo, iniciada na Bolívia, ainda em 1964, quando tive de sair do Brasil. E continuei escrevendo, com a mesma finalidade.

Ao regressar, em função da anistia, havia reunido um razoável número de trabalhos redigidos naquelas singulares condições. Ao relê-los, achei que alguns possuíam certa qualidade, principalmente se os elaborasse melhor. Foi o que fiz. Reescrevi vários poemas, tomei a reescrevê-los, eliminei muitos deles, tudo isso igualmente sem nenhuma pressa ou preocupação com o destino a lhes ser dado. Um dia, talvez por descuido, falei do assunto a um velho amigo, excelente poeta e ex-companheiro de exílio. Edmur Fonseca, em sua notável bonomia, estranhou-se com a revelação, pois no Chile, durante anos, havíamos trabalhado lado a lado na mesma instituição, e eu nunca lhe dissera nada a respeito. Apanhei então um pouco de meus guardados e lhe mostrei. Sua resposta foi extremamente generosa, afirmando que estavam acima de muita coisa editada por aí. Animei-me a apresentá-los a outros amigos, todos credenciados a emitir uma palavra abalizada sobre o tema. A opinião deles representou para mim grande estímulo. De um modo geral, consideraram que os textos demonstravam bom nível literário, sendo válidos também pelo seu conteúdo documental.

Aqueles amigos observaram que, pela primeira vez, tomavam conhecimento de um livro de poesia escrito por um brasileiro no exílio e a propósito do exílio, circunstância que lhe conferia significação especial. Com essa opinião favorável, passei a admitir a possibilidade de sua publicação, mesmo porque recolhia uma parcela de nossa experiência longe do Brasil, que sempre achei importante preservar.

Logo se constata que não existe uma clara continuidade entre os diversos trabalhos, até mesmo quanto ao estilo, o que se deve por certo ao extenso período em que foram escritos. Não existe também a mínima pretensão de experimentalismos estruturais ou de inovações lingüísticas, que nunca foram minhas preocupações. Seus objetivos são bem mais modestos.

Entendi que havia a necessidade de incluir alguns pés-de-página com informações sobre personagens, situações e locais possivelmente desconheci-

dos para muitos, a fim de tornar a leitura mais inteligível. Quase todos os poemas traduzem um compromisso de participação e militância, de que jamais abriu mão. Alguns deles falam de sonhos e expectativas, condicionados pelas circunstâncias políticas da época, que desafortunadamente não se concretizaram, mas que continuam para mim como temas e inevitáveis utopias. E mesmo nos haicais que reuni em *Filosofia de Cordel*, não fugi a essa orientação.

Juntamente com minha mulher Thereza Rabêlo, tinha publicado o livro *Diáspora. Os longos caminhos do exílio*. Concluí que este agora seria uma forma de completar, com outra linguagem, meu testemunho com relação àquela amarga fase da história brasileira, que para mim, para ela e nossos sete filhos, durou quase 16 anos. Tal particularidade me tranqüiliza. Se os leitores não encontrarem valor em meus versos, fica aí, pelo menos, um novo depoimento sobre o exílio, que poderá ajudar a compreendê-lo melhor.

## A NOITE INSUBMISSA

*A noite insubmissa  
de tragédias passionais  
de pecados capitais  
de suplícios medievais  
de adagas e punhais.*

*A noite insubmissa  
de projetos desvairados  
de amores fracassados  
de destinos malogrados  
de traídos e renegados.*

*A noite insubmissa  
de sujos pensamentos  
de espíritos odientos  
de tétricos escarmentos  
de agravos e tormentos.*

*A noite insubmissa  
de golpes desferidos*

*de incestos cometidos  
de perjúrios incontidos  
de párias e oprimidos.*

*A noite insubmissa  
de palavras maldizentes  
de agressões reincidentes  
de sentenças inclementes  
de ébrios e dementes.*

*A noite insubmissa  
de conluios tenebrosos  
de desígnios cavernosos  
de sonhos asquerosos  
de loucos e leprosos.*

*A noite insubmissa  
de atozes espiantos  
de alucinantes prantos  
de estéreis acalantes  
de esconjuros e quebrantos.*

*A noite insubmissa  
de insólitos temores  
de infindáveis estertores  
de reflexos termidores  
de bandidos e delatores.*

*A noite insubmissa  
como um dardo rasgando o peito  
bem dentro  
no coração.*

Paris, setembro de 1977

## A LÍNGUA QUE DEUS ME DEU

*Não sou poeta,  
como tantos outros,  
bons ou maus.  
Sou apenas artesão.  
Junto o sujeito  
com o verbo,  
o verbo  
com o predicado,  
para passar o meu recado.  
Se valor isso tem  
ainda está por ser medido.  
E a prova do que faço,  
na medida do possível:  
pôr a vida entre versos,  
essa jaula controversa,  
esse cofre, essa carcaça.  
Não porque agrade ou satisfaça.  
Assim aconteceu,  
simplesmente pra não perder  
a língua que Deus me deu.*

Paris, novembro de 1978

### ORIENTE, OCIDENTE

Para Millôr Fernandes, sobre o absconso  
sentido das palavras

-I-

*Oriente, Ocidente.  
Poente, Nascente,  
palavras candentes,  
de sentido carentes.*

*-II-*

*Seria a Albânia, dizei-me vós,  
um país do Ocidente?  
E a Turquia?  
Um país do Oriente no Ocidente  
ou um país do Ocidente no Oriente?  
E a galinha poedeira, dizei-me,  
uma galinha poente?  
E o sol poente, dizei-me ainda,  
um sol poedor?*

*Seria um recém-nascido,  
seria, um recém-nascente?  
E a lua nascente,  
uma lua recém-nascida?*

*-III-*

*Dizei-me, meus ilustres confidentes:  
quando um descontentamento crescente  
se torna um descontentamento crescido?  
Alguém já viu, por acaso,  
uma estrela cadente  
caída em algum lugar?  
Quando um doutor bem-nascido  
deixou de ser um doutor bem-nascente?  
Numa recaída de febre  
ou de mal de amor,  
poderíamos dizer, poderíamos.  
que estamos recadentes?*

*-IV-*

*Ocidente, Oriente,  
palavras incongruentes,  
mulheres ardentes,  
homens descrentes  
e impotentes,  
espíritos viventes,*

*destinos incoseqüentes,  
astros poentes  
e decadentes,  
dizei-me, finalmente,  
amigos e parentes,  
e dizei-me de repente:  
que tem com tudo isso  
o professor Antenor Nascentes?*  
Paris, outubro de 1979





# CADA UM DEVE CUMPRIR A SUA PARTE

*Wander Piroli\**

Papai está morrendo. Tem dois dias que ele está morrendo.

O médico errou seu cálculo anteontem, ao garantir que ele não passaria daquela noite.

Sentado na sala iluminada, eu vejo uma fatia da cama no quarto. Papai não geme mais. Apenas respira. E sua respiração descompassada enche os vazios da casa em silêncio.

Estou atento aqui na sala e papai cumpre a sua parte no quarto.

Os outros membros da família, depois de dois dias de vigília, foram dormir.

Penso neles com certa piedade. Vejo o rosto de cada um no escuro, com os olhos muito abertos. Tomara que consigam sua ração de sono.

É provável que tenham dormido. Todos, menos mamãe. Ela, eu tenho certeza que está acesa. Mamãe não dorme nunca, mesmo antes de papai adoecer. Qualquer hora que um de nós dois chegasse em casa, nos bons tempos, encontrava mamãe acordada.

Foi sempre assim, ano após ano. Tem hora que me dá vontade de ir lá no quarto dela, para passara mão na velha cabeça. Só isso, nenhuma palavra, apenas a mão na sua cabeça. Mas eu acho que é pior para nós.

A situação é esta. Vou varar mais uma noite na saia iluminada, preso naquela fatia de cama onde se vê uma parte de papai. O importante é não me distrair da sua respiração.

Não sei se está sentindo alguma coisa. Os gemidos cessaram há três dias. Será que ainda ouve? Às vezes fico um pouco apreensivo com o silêncio da casa.

---

\* Escritor, jornalista.

Faço um pequeno ruído qualquer – o risco de um fósforo, um pigarro curto – pois, caso esteja ouvindo, não quero que se sinta sozinho numa hora tão extrema.

Outras vezes me levanto, ando pela sala, dou uma olhada nele, atravesso o quarto até a cozinha, volto. A respiração continua, está tudo em ordem. Posso ir tranquilamente ao banheiro. É estranho o barulho do líquido do mijó despencando dentro do vaso.

Olho minha cara no espelho. 27 anos no mês que vem, o primeiro aniversário sem ele. Procuro no meu rosto algo do seu rosto que está acabando, um traço comum, aparentemente nada. Mas, por dentro, o mesmo terror atávico, uma coragem desesperada. Deus não sabe o que faz.

Retorno apreensivo e inquieto, tanto tempo longe do quarto. A respiração não pára. Sento novamente na sala, acendo um cigarro e fico esperando. Cada um de nós vai cumprir a sua parte. Eu aqui e papai lá no quarto.



## O Conto Mineiro

### EIS A NOITE!\*

*João Alphonsus\*\**

Madalena completara naquele dia trinta anos.

Exausta do dia cheio (arrumar mais demoradamente a casa, fazer uns doces, melhorar o jantar para alguns convidados), seguia as palavras quase sem as compreender. Fechou o livro e o colocou no criado-mudo. Depois de rezar as suas orações noturnas, ave-marias e padre-nossos pela alma de sua mãe, pelas almas das pessoas amigas, por todos aqueles que sofriam no Purgatório, bocejou uma vez, apagou a luz, aquietou-se na cama, sobre o lado direito, dobrada sobre si mesma, as pernas encolhidas, os braços juntos sobre os seios.

Hora máxima de abandono, em que se encolhia assim, se resumia no leito estreito, como que procurando desaparecer. Por isso é que ela gostava do frio, ou pelo menos das noites com ventania refrescante, como aquela. Bocejou mais uma vez. O sono porém não veio. Pelo contrário, se acentuou a insônia com a inesperada recordação daquele sonho que ela tivera há muito tempo, talvez há anos. Uma cidade com milhões de luzes, uma cidade muito maior do que Belo Horizonte, talvez a maior do mundo. Ela contemplava os milhões de luzes, de um terraço solto no espaço, inexplicado. O rapaz veio do fundo de sombra (não lhe lembrava bem o rosto; mas era forte, bonito), cingiu-a docemente pela cintura, estreitou-a vagarosamente, com segurança mas sem violência, e lhe disse calidamente no ouvido:

– Eis a noite! Vamos dormir.

Madalena procurara afastar-se dele, mas o conquistador repetira maciamente:

---

\* Conto publicado em 1943 no livro *Eis a noite!* da Livraria e Editora Martins.

\*\* Dados biográficos resumidos no final do conto.

– Eis a noite! Nesta cidade infinita, quem saberá?

Fora só isso, pois logo despertara, trêmula, desambientada, no mesmo quarto onde agora outra noite lhe trazia a lembrança do sonho...

Madalena esperou (era bem esperar, embora jamais soubesse para que) as pancadas da meia-noite no relógio distante. O tempo noturno caminhava devagar. O soldado a cavalo caminhava devagar, o soldado que tornava a passar na rua lentamente. Naquele recanto obscuro e humilde da cidade, o policiamento era feito por dois soldados de cavalaria, vagarosos e calmos. Vezes infinitas já escutara as ferraduras da montaria contra as pedras do calçamento. Dai a pouco o soldado voltaria: novamente as ferraduras contra as pedras do calçamento. De certo modo Madalena gostava desses guardas indefinidos, vários e indiferentes como homens nas vidinhas deles, mas seus companheiros distantes durante as vigílias noturnas quando ela perdia o sono e o silêncio lhe pesava: ficava a contar a sua passagem por perto, ou os observava ocasionalmente da janela, quando ficava ali antes de se deitar. Policiavam com um ar indiferente o silêncio das redondezas. Lá embaixo, numa esquina mais iluminada, um dos cavalarianos costumava encontrar-se com o outro colega de ronda, e permaneciam parados, derreados sobre os selins, conversando, distraíndo-se um pouco. Depois se separavam, até desapareciam por algum tempo, se enfiavam pelas vielas antigas, beirando os matagais, variavam de itinerário, as pisadas dos animais se sumiam nas ruas ainda sem calçamento ou talvez nos atalhos no meio do mato. Os cavalarianos tinham a função de zelar pela tranqüilidade pública, mas também pela moralidade, detendo os casais que gostavam de se amar nas moitas debaixo das estrelas. Madalena sabia disso e já vira passar um desses casais, um par de pretos marchando à frente do cavalo, cabisbaixos e ridículos. Essa recordação lhe provocou naquele momento um sorriso de piedade. Coitados dos pretos. Mas uma tremenda amargura traspassou-a, numa ampliação da piedade que a envolvia também. Coitados dos morenos, dos brancos, de todos. Mundo incompreensível, irrealizável. Que é que vale? Não perceberia que a pergunta era ridícula, afinal de contas, no seu aniversário de trinta anos descuidados, sem nada ter realizado porque a vida não permitira, toda entregue aos cuidados de dona de casa para o pai funcionário público exemplar e dorminhoco, para os irmãos farristas que só buscavam o lar pela madrugada... O pai dormia no quarto ao lado, dormia sempre. Madalena se lembrou de que sua mãe, morta há oito anos, dizia que o marido acabaria aposentado pela moléstia do sono. A lembrança das dissídias dos pais revigorou a pergunta: que é que vale? Um dia seu pai dormiria também para sempre e

então... Como se o rompimento de todas as peias, o aparecimento da oportunidade única, o retardamento dos efeitos do tempo na sua carne feminina, o término da expectativa perene, como se tudo dependesse daquele sono para sempre, Madalena se prelibou de repente libertada de toda monotonia. Sem reagir contra o absurdo procurou escutar do outro lado da parede o ressonar do pai. Se ele tivesse morrido? Não teve o menor susto com tal pensamento, dentro do absurdo avassalador, livre e leve como se o fato já se houvesse consumado e passado: morto, enterrado, rezadas as missas, lembrado nas suas orações noturnas. Como se fosse um acontecimento a que o tempo já houvesse tirado a incômoda impressão da não-presença recente, do enterro, das missas, das cartas de pêsames, e ela já estivesse distante de tudo isso, sozinha e libertada... Era absurdo e confuso, e talvez ela adormecesse assim, guardando a recordação daquilo como de um sonho maligno, ou não guardando recordação alguma, – se não se precisasse do outro lado parede, com a força de uma decepção ou de um protesto, o ronco do primeiro oficial de secretaria, enchendo de tal sorte o quarto que espancou a sombra envolvente do sono; de tal sorte que Madalena se ergueu, acendeu a lâmpada e foi para a janela diante da cidade.

O vento da noite sobre as suas pálpebras cansadas conformou-a um pouco. Correu os olhos, sem ver, pelas carreiras de luzes na terra, pelas estrelas no céu. Recolheu o quimono sobre o peito, a uma lufada mais forte, encostando a cabeça triste na madeira lateral da janela. Ninguém. Nem mesmo os soldados. O vento trouxe de longe uma badalada do sino do relógio. Um dos cavalarianos veio descendo devagar (Madalena ouvia apenas o ruído) e afinal surgiu na esquina, freiou o cavalo, olhando para a janela iluminada. Madalena se debruçou no peitoral e ciciou resolutamente um chamado:

– Pssiu!

O policial aproximou-se erguendo para o modesto sobradinho a cara interrogativa, que ficou iluminada de cheio pela claridade da lâmpada no teto. Era branco, moço; uns vinte e cinco anos talvez; bem apessoado; até um pouco distinto.

– Às ordens. Alguma alteração?

Sim, um pouco distinto, até na voz. Essa verificação provocava no íntimo de Madalena um júbilo triunfal. Não lhe respondeu, trêmula, o coração pulando no peito com dezesseis anos. Lançou enfim uma pergunta como evasiva:

– Quede o seu companheiro?

– Está lá para cima. Que é que há?

Ela se debruçou mais como procurando ver o companheiro nos arredores. Para ganhar tempo, esperar que o coração descesse da garganta para o seu lugar. Conseguiu falar baixinho, num tom de mistério:

- Ele é branco ou preto?
- É preto.
- Então tive sorte.
- Sorte ?
- Porque eu podia ter chamado o outro.
- Chamado... pra quê ?
- Não sei.

O homem espiava com uma curiosidade crescente o recorte da figura fina de mulher, somente iluminada por detrás, sem traços definidos. Não podia distinguir a expressão perturbada de Madalena que se calava. Subia agora a rua o piso descansado da montaria do outro soldado.

- Aí vem o seu companheiro. Vou entrar.
- Precisa não: ele é camarada e desliza ...
- Desliza como?
- Antes de chegar aqui, se eu não chamar, disfarça e entra noutra rua

qualquer: não empata...

A explicação fora dada com uma entonação pastosa, desagradável, e um sorriso intencional, simpático apesar de tudo. Madalena se debruçou mais resolutamente:

- Como é seu nome ?
- Xisto.
- Eu preferia que você... que o senhor fosse Altamiro. Tenho uma cisma com Altamiro. Cismas de simpatia com este nome. Altamiro! Com este nome um homem deve ser simpático, nobre, altaneiro...

O rapaz riu de manso:

- Xisto não serve? Então fico sendo Altamiro.

O coração dela voltou à garganta, com a sensação de quem acertasse na vida, súbita e definitivamente:

- Quem sabe se você é mesmo Altamiro ?
- Fico sendo...
- Assim não serve não.

Ela sorria contrafeita, desapontada. Xisto riu alto:

- Xisto está dispensado. Vou embora.

– Não ria tão alto que meu pai está dormindo aqui pertinho, nesta outra janela.

Ele tocou o cavalo para mais próximo da parede, sobre o passeio da rua:

– Escuta... Você é casada ?

– Não: sou solteira. Fale mais baixo.

– Ahn...

Com o pescoço muito espichado, Xisto se esforçava para perceber as feições da moça, olhando-a com uma fixidez que a penetrava e perturbava. Aliás, os olhos dele já se haviam acostumado àquele jogo de luz e sombra e entrevia o rosto curto sobre os cabelos anelados, traços dos olhos, nariz e boca, tudo pequeno, delicado. Um ligeiro movimento da moça revelou, à clareza que vinha do teto, a pele morena da face esquerda, a curva lateral da órbita com rugas nitidamente recortadas, de cansaço ou de preocupação.

– Eu queria ver sua cara na luz. Você deve ser bonita .

– Não sou não, disse ela com melancolia. E se fosse?

– Se fosse... Mas é! Você é bonita ... Se eu ficasse em pé no selim, podia chegar a mão perto dessa janela ... apertar sua mão... dar um beijinho nela... até pular pra dentro do quarto.

Madalena ficou silenciosa.

– Quer ver?

Como ainda ela nada respondesse, ele mesmo atalhou sorrindo:

– Mas o cavalo ia embora. E amanhã eu pegava o xadrez. Xisto no x...

Quer saber de uma coisa? Por você eu arrisco o xadrez...

Madalena continuou silenciosa.

– O diabo é que a montaria não é certa: pode sair do lugar e me dar um tombo... Escuta: porque você não abre a porta da rua pra gente conversar juntinho?

As pupilas dele pareciam arder. Madalena agitou levemente a cabeça, gesto não de negativa, mas de amarga censura.

– Se seu nome fosse Altamiro você não procederia assim. Eu acredito que o nome pode influir na pessoa. E Xisto deve ser um nome mau.

– Mau? Má é você, mesmo sem nome... E como é o seu?

– Meu nome pouco importa. Me chame de qualquer nome, qualquer coisa... Moça misteriosa, moça da noite...

– Dama-da-noite é uma flor que só cheira de noite. E você é uma flor ingrata!

– Sssiu. Fale baixo. Meu nome é Madalena.

Ele não podia notar o rubor intenso da moça, a excitação de quem estivesse entregando uma parte do seu ser. E riu baixinho:

– Justamente: Má... dalena. Mas não é Madalena arrependida, hein?

Ela se debruçou toda, todo o busto para fora da janela, como se quisesse cair sobre o soldado:

– Não tenho de que me arrepender... Queria ter de que me arrepender... Não ter família, ninguém, ninguém! Ficar sozinha no mundo. Sozinha e desgraçada. Porque agora não sou desgraçada nem feliz. Não sou coisa nenhuma!

– Pode cair, diabinha! que eu te seguro... Te levo na garupa pra onde quiser! Sozinha mas comigo, não é? E sem desgraça... Você fica aí nessa janela falando em desgraça sem saber de nada do mundo. Sozinha mas comigo que já sou sozinho: não tenho ninguém...

– Coitado!

– Coitado por quê? Não gosto de ser chamado assim não. Coitado vai ele. Estou muito satisfeito com a minha vida... Não tenho ninguém mas quero ter você, Madalena! Desce até na porta. Desce um pouquinho só. Agora mesmo o meu companheiro volta. Ele pode dizer que esta conversa já está demais. É o primeiro cabo, o chefe da patrulha. Agora mesmo ele vem e acabou-se... Desce um pedacinho, pedaço!

– Por que você é assim?

– Assim ou assado, estou gostando de você. Já que você me chamou, porque não desce um pouquinho até a porta? Fica boazinha ...

– Pobre carne humana.

– Pobre vai ele. Não fala assim que até dá azar... Vem, Madalena!

– Fale baixinho, meu senhor.

– Senhor ?

Ela alteara o busto, altiva, o olhar alto e longe, olhando de face o infinito:

– Quem sabe se noutro tempo e noutra vida você poderia ter sido o senhor do meu coração ? Do coração desta Madalena?

– Não estou gostando desta conversa de outro tempo e outra vida, conversa de assombração... Daí a pouco você some sem sair do lugar: assombração!

Xisto riu alto, festejando a própria pilhéria. E foi então que viu Madalena levar a manga do quimono aos olhos.

– Uai... Você está chorando?

Ela não respondeu. Mas era certo que estava chorando.

– Chorando por quê?

A resposta jamais viria daquela boca, daquela cabeça pendida para a frente sobre o busto pendido, numa frouxidão de músculos, de nervos.

– Por quê você murchou assim, Madalena? Desce na porta, que eu te gosto. Te faço rir!

Ainda e sempre o mesmo silêncio. O soldado tocou o cavalo para a frente, em cima do passeio, até a porta da casa. Esperou. Depois voltou bruscamente as rédeas para outro lado:

– Com licença. Boa noite.

Mas estacou ainda a poucos passos:

– Quer saber de uma coisa? Hospício pra uma!

E gargalhou cinicamente, cinismo e decepção; uma risada gutural, cortante como navalhada.

Madalena fechou a janela.

## DADOS BIOGRÁFICOS

João Alphonsus nasceu em Conceição do Serro no dia 6 de abril de 1901, filho de Zenaide Guimarães e Alphonsus de Guimaraens. Fez o curso de Humanidades no Seminário Arquiepiscopal de Mariana e secundário no Ginásio Mineiro de Belo Horizonte. Bacharelou-se pela Faculdade de Direito da UMG em 1930, tendo sido orador da turma. Foi eleito para a Academia Mineira de Letras no dia 27 de abril de 1943. Escreveu *Galinha cega*, *Totônio Pacheco*, *Rola moça*, *Pesca da baleia*, *Eis a noite!*, *O Guerreiro*, *O Mensageiro*, *Caracol*, entre outros. Faleceu no dia 23 de maio de 1944, em Belo Horizonte.





## O HOMEM DA FAVELA

*Manoel Lobato\**

O médico Levi Lemos dá plantão noturno no Hospital dos Operários, que fica perto de uma favela. Ele é conhecido na favela porque sobe o morro de vez em quando, em visita médica à associação dos deficientes visuais. Já foi assaltado nove vezes nos últimos meses, sempre de manhã, quando está saindo do pátio em seu carro. Por causa disso, doutor Levi Lemos está prevenido. Não anda armado nem sequer possui revólver, mas, ao deixar o plantão noturno, já vem com a chave do automóvel na mão, passos rápidos, abre a porta, entra depressa, liga o motor, engrena a marcha, acelera e dispara. Não se preocupa com os malandros que tentam abordá-lo.

A neblina prejudica a visão do médico nessa manhã de inverno. Ele aperta o dispositivo de água, liga o limpador, que faz o semicírculo no pára-brisa. Vê na beira da estrada, fora do acostamento, quase na pista, ainda distante, um pedestre que finge embriaguez. O marginal parece desnorreado. E traz um porrete na mão.

Dr. Levi Lemos será obrigado a diminuir a aceleração e a reduzir a marcha. Se o indivíduo continuar na pista, terá de frear. Se parar, poderá ser assaltado pela décima vez. O carro se aproxima do malandro. Ele usa boné com o bico puxado para a frente, cobrindo-lhe a testa. De óculos escuros, o elemento ensaia os cambaleios, tomba a cabeça. O sol vem surgindo sem pressa. O plantonista, habituado a salvar vidas, tem ímpeto de matar. Acelera mais, joga o farol alto na cara do pilantra, buzina repetidas vezes. O mau-caráter faz que procura acostamento, no entanto continua na beirada da pista. O carro vai atropelar o velhaco. Talvez até passe por cima dele. Menos um assaltante em Belo Horizonte. O esperto pressente o perigo, deve ter adivinhado que o auto-

---

\* Cronista, escritor, reside em Belo Horizonte.

móvel não vai parar, ouve de novo a buzina, o barulho do motor está cada vez mais próximo. O carro não desiste de seu intento, segue acelerado, vai tirar um fino. O cara é atingido de raspão, cambaleia de verdade e cai de lado. O médico ouve o baque, nota o impacto do esbarro. Vê pelo retrovisor interno a vítima caída na beira da estrada. O vidro de trás está embaçado, embora permita distinguir o vulto, imagem refratada. Gotas de água escorrem pelo vidro não como lágrimas, e, sim, como bagas de suor pelo esforço. Não há piedade, há cansaço. O médico Levi Lemos nota que o retrovisor externo está torto, danificado. Diminui a marcha, abaixa o vidro lateral, tateia o retrovisor do lado de fora. O espelho está partido, sujo de sangue. O profissional se sente vingado, satisfeito: sente-se feliz como se estivesse saindo do bloco cirúrgico após delicada operação, na qual ficam provadas sua frieza, competência e habilidade. Enfim, o dom de salvar o semelhante e de também salvar-se.

No dia seguinte, ao cair da tarde, Levi Lemos chega ao Hospital dos Operários para novo plantão noturno. Toma conhecimento do acidente. O paciente – algumas fraturas, escoriações diversas – está fora de perigo. Deu entrada de manhã, mal havia chegado o substituto do plantonista da noite. No prontuário há anotações sobre a vítima, funcionário da associação dos deficientes visuais. Seus pertences: um boné usado, recibos de mensalidades, uns trocados, óculos escuros e bengala branca. Cego.



# A DEFINITIVA IMPORTÂNCIA DE UM LUGAR CONHECIDO

*Cunha de Leiradella\**

Ontem, apesar de não saber, cheguei aqui.

– Bem-vindo à nossa ilha, cavalheiro.

– Muito obrigado.

Parece que estou numa ilha. Entretanto, devo dizer, nunca tive intenção de desembarcar numa ilha. É verdade que planejei detalhadamente esta viagem. Cheguei, inclusive, a pedir à companhia não só o nome do navio, mas, também, o nome do comandante, dos tripulantes, e de todos os passageiros, mas nunca pensei desembarcar numa ilha. Tenho certeza que, para outro tipo de pessoa, estes cuidados não teriam importância. Mas, para mim, são muito importantes. Pelo menos, não viajo num navio desconhecido, comandado por um desconhecido, e rodeado de desconhecidos.

A minha intenção, confesso, sempre foi viajar. Mas não, como já disse, desembarcar numa ilha. Entretanto, já que o navio aportou aqui, agora, nada me impede de ficar. O importante, nesta viagem, foi sair do lugar onde estava, não chegar ao lugar onde cheguei.

O porteiro do hotel disse-me que estava numa ilha. Vi-o ontem pela primeira vez e ele pareceu ficar satisfeito por me ter conhecido. Nada me obriga, portanto, a desconfiar que tenha mentido. Talvez eu tenha, realmente, chegado numa ilha. O navio atracou deste lado e, deste lado, existe mar. Se existir também mar do outro lado, então é fato que estou, mesmo, numa ilha. E será fácil comprovar. Basta pedir ao gerente que me diga, ou, então, pedir um mapa na recepção do hotel. Em último caso, posso até alugar um carro e verificar pessoalmente.

---

\* Escritor português, autor de contos, ensaios, romances, peças de teatro.

Entretanto, devo dizer, se este lugar não for uma ilha, não terá a menor importância. Como já disse, o importante, nesta viagem, foi sair do lugar onde estava, não chegar ao lugar onde cheguei.

Há muitos anos que, todos os anos, eu viajo. E, por uma questão racional, procuro sair sempre de lugares diferentes para chegar, também, a lugares sempre diferentes. Muito embora, é claro, depois de chegar, goste de saber onde cheguei. Se bem que, os lugares onde chego, nunca tenham importância. São, apenas, os lugares onde chego. E, numa viagem detalhadamente planejada como a minha, o importante é partir, não é chegar. Mas, já que cheguei, amanhã perguntarei. E alguém me dirá, então, se estou, de fato, numa ilha ou num lugar qualquer de qualquer continente.

O meu maior cuidado, em todas as viagens, é, antes da partida, nunca me preocupar com a chegada. Como já disse, numa viagem, o fator mais importante é a partida. A gente poder, finalmente, sair do lugar onde está. Porque, depois de iniciada, por mais que se queira inventar, a viagem sempre termina num lugar. Seja ele qual for. Sei que existem pessoas que fazem questão de chegar, sempre, a lugares já conhecidos. Mas são aberrações. Se pensarmos bem, para chegarmos a um lugar conhecido nem precisamos viajar. Basta não sairmos do lugar. Afinal, o lugar onde estamos é sempre um lugar conhecido. Por isso, como gosto que as minhas viagens sejam sempre viagens de verdade, faço questão de chegar, sempre, a lugares desconhecidos.

No ano passado, por exemplo, eu não estava aqui. Não me lembro, exatamente, onde estava, o lugar, como sempre, era desconhecido, mas sei que não estava aqui. Em todas as minhas viagens nunca repeti um lugar. Como já disse, parto sempre de lugares diferentes para chegar, também, a lugares sempre diferentes. Entretanto, devo confessar, embora não me lembre onde estava no ano passado, da janela do meu quarto também se via o mar. Mas isso, na verdade, nada significa. Em todos os quartos que tenho ficado, há sempre uma janela de onde se vê o mar. E, também, em todos os hotéis os porteiros me dão as boas-vindas. Mas, como são apenas pormenores, não me preocupo em recordá-los.

Uma coisa importante, sim, sempre que planejo uma viagem, é que ninguém me conheça no lugar onde chego. Já basta ser conhecido no lugar de onde saio. Por isso, gostei de chegar aqui. Realmente, aqui ninguém me conhecia. Evidentemente que, para isso, muito concorreu o fato de ninguém saber que eu vinha para cá. Mas, de qualquer forma, foi um fator importantíssimo. Se alguém aqui me conhecesse, não teria nem desembarcado. Como já disse, gosto de viajar com pessoas conhecidas, mas não gosto que elas me conheçam.

Por isso, amanhã irei embora. Agora, já todos me conhecem e eu também já conheço este lugar.

# INTERDITO ABSOLUTO\*

*Branca Maria de Paula\*\**

A barriga da menina continuava a crescer e até pensavam – pode ser barriga d’água. Mas também podia não ser.

Quando deram pela coisa, ela sempre comeu muito, sempre foi gordinha, mas agora, adolescente, que exagero, assim vai rebentar. E aquelas esquisitices pelos cantos da casa, resmungando pensamentos que ninguém ouvia, se chegavam perto baixava a cabeça, sempre foi frouxa das idéias, mal mal aprendeu a escrever o nome e lia com dificuldade, tão diferente das irmãs, dos irmãos, meio retardada, mas não de todo, adiantava almoço, ajudava a mãe, fazia marmita, e engordava. Ria à toa, mas na hora de rir ficava séria, incomodando.

Liga não, ela é assim mesmo.

Às vezes sentava na porta dos fundos e ficava horas vigiando bem-te-vi, de árvore em árvore. Espremia uma espinha que despontava, outra que não existia até a mãe dar um tabefe na mão. Essa infeliz aí não sabe nem quando tá com fome, escarrava o pai.

Mas a infeliz repetia o padre-nosso direitinho, e também o credo, e rezava com a família.

Coisa mais desconforme, não pára de crescer, a barriga da menina.

Um belo dia, o choque. Juscelene, irmã mais velha, deu com Maria da Penha trocando de roupa.

Mãe, ô mãe, corre aqui!

A menina ficou parada onde estava, com o vestido na mão.

O pai, quem é? Maria da Penha, tá me ouvindo? Quem fez isso com você?

---

\* Do livro inédito *Visões do paraíso*, contos.

\*\* Escritora, fotógrafa.

A mãe arrancava os cabelos e esgoelava aos quatros ventos, mais um. Logo os vizinhos acudiram, com chá de erva cidreira. Não podia ser, a menina nem sair saía, sempre trancada em casa, a professora recomendou que precisava ter cuidado, que fosse bem olhada, podia acontecer de tudo, tão inocente era, melhor que nem fosse à escola, com aqueles meninos abusados, que não saísse nem pra comprar pão sozinha, tem gente esperando só pra fazer maldade, podia ser que nunca mais voltasse.

Da Penha vivia presa, então seria um milagre? Pra deus nada é impossível, haja vista a Virgem Maria, mas tem uma coisa muito errada, menina, quem é que fez bobagem com você?

Ela continua de boca trancada, morde os lábios até sair sangue, treme, olhos baixos, secos, fixos na cerâmica vermelha. A mãe agarra da Penha pelos ombros e sacode com raiva, vou te dar uma surra se não falar.

Não falou.

Dona Marli, vizinha de muitos anos, veio prestar socorro, trocar idéia.

O recurso é consultar a mulher das cartas, ela fala tudo, vê coisa do arco da velha.

Mas como, se nem conhece a gente?

Tem importância não, não carece de nada, é só ir lá e perguntar.

Nem pensar, vou não.

Mas Juscelene topou ir com dona Marli, arrastando a menina pela mão.

A mulher tinha jeito manso, lembrava uma tia ou parenta afastada, daquelas de coração aberto e calmo. Botou as cartas e foi logo falando é gente de dentro de casa, da família, assim alto, gosta de xingar, um vozeirão, gosta de impor, e tem uma barba cerrada, cabelo crespo, e já vai lá pros quarenta e muitos anos, parece tio ou padrinho ...

É, menina?

Os olhos da menina fugiram.

A menina fugiu. Correram atrás, ela na tremedeira.

Ele me mata, ele falou que me mata, choramingou.

A mulher das cartas decretou ainda, conforme uma autoridade.

Levanta a saia dela que tem roxo.

Debaixo da saia da Penha era roxo puro.

Cruz credo, quem te fez isso, criatura? – escandalizou-se Marli.

Ele me mata, ele me mata...

Finalmente ela chorava. E, de medo, molhou-se toda.

Pode falar, filha, fala pra mim no meu ouvido.

Ela cochichou no ouvido da mulher e virou as costas e tapou o rosto depressa.

Ah, logo vi, já sabia, mas não quis foi falar. E a mulher sacudiu a cabeça, desiludida com as cartas.

Pegou a menina pela mão.

Agora conta.

No guarda-roupa lá em cima, ele escondeu uma corda. Me amarra quando mãe sai, e me bate, me esgana, se eu der um pio me enforca, e fica bufando, me morde, me suja e dói e acho que nem respiro e morro de medo do pai.

Não tenho coragem de contar pra mãe, conta você, pediu Juscelene pra vizinha, quando conseguiu falar.

E voltaram caladas.

E então? Qual a história que a mulher das cartas inventou?

Contaram.

Mãe foi no guarda-roupa, pegou a corda e queimou. Com a menina não falou nada. Mas deu vontade de sorrir até ficar frouxa e desaparecer com aquela sonsa. Raiva e nojo, não é de matar?

Cada um chorava num canto, evitavam se olhar. O pai no trabalho, ainda bem.

O caçula passou a mão na bicicleta e desembestou cidade afora. Final da tarde chegou a notícia: não viu o caminhão porque estava cego ou então fez de propósito, atravessando a estrada. O corpo virou uma papa, milagre o rosto perfeito, sereno, até aliviava um pouco o coração, tá como coisa que agora descansa...

A família se juntou em volta do corpo e trataram de acudir a mãe. O resto ficou pequeno, remoto, pertencente a um passado que despertava mais dúvidas que certezas. Ninguém mais tocou no assunto.

Caso arquivado, a mãe achou melhor.

Se dou queixa vai ser um Deus nos acuda, uma vergonha, vai o homem preso, adoce por lá e pode até morrer na cadeia, não vou agüentar o remorso. Essa culpa não quero, não carrego. Depois, Deus é quem sabe e pune. Além disso, e o dinheiro da casa, de onde vou tirar?

Continuou com ele na mesma cama. Definiu, virou pele e osso. Só fumava. Brotou ferida na boca e na garganta. Depois, com o tempo, as carnes e as gorduras foram voltando aos poucos.

A barriga da menina cresceu até mais não poder. E a criança nasceu sãzinha, uma perfeição, sem o menor sinal de pecado.

A família mudou de casa, de bairro, de cidade. Quando pensavam que não, lá vinha a história despertar a vizinhança. O segredo, guardado a sete chaves, outra vez caiu na boca do povo.

Será que não podiam viver em paz?

Novamente mudaram de casa, de bairro, de cidade. Mas sempre aparecia alguém que conheceu alguém que sabia.

Quando a menina fez dezoito anos, a mãe abriu a porta da rua.

Anda, Maria da Penha, vai. Pode ir sossegada, que da criança eu tomo conta.



# CONTO DE JANEIRO

*Terezinha Pereira\**

Morrer, todo mundo um dia vai. É sabido, de sempre. Mas, nesse dia a frase feita, dita, ouvida, reouvida, atingiu de pungente meus ouvidos. Ou a mente. Ou a razão. Não fosse o coração. Essa história de morrer. Ser chorado por um bocado de gente que já está pensando em como deverão ser distribuídos seus pertences, quanto vale a casa onde você mora, quem vai ficar com aquele relógio de ouro que havia sido do avô, e depois ser levado para a morada final dentro de um caixote de madeira todo fechado é de mexer com a idéia. Razão. Mente. Não fosse o coração.

O avô fabricava caixão. Já no fim da vida. Segundo marido da avó, perdeu fazenda e meia jogando. De tudo. Bicho, baralho, loteria. Jogou até a sorte grande. A única sorte grande saída na cidade em toda sua existência. Se sonhou ganhar, sonhou de sempre desde. Quando se casou de dote levou cinco filhos e fazenda inteira a menos de légua da cidade. A mulher nada levou a não ser dois filhos do primeiro marido e duas mãos danadas de boas para fazer quitanda. Enquanto o avô desapossava gado, pasto, roças de milho e de mandioca, a avó cuidava dos cinco filhos dele, de seus dois e das cinco filhas que vieram a ter. À família, deu de comer e de vestir com a mão na massa.

De pagar conta de jogo a avó estava até aqui. Nem deu crédito ao cambista quando ele chegou trazendo o bilhete de loteria encomendado pelo marido e que ia correr naquele dia. Impropérios foi o que fez o homem ouvir. *Não me volta mais aqui com essa papelada que serve só pra atizar fogo. Vem pedir pagamento. Vem que vê. Não devo e não pago.*

No dia seguinte, voltou o homem para contar que o marido havia ficado rico. Ele e mais um amigo que havia partido com ele o prejuízo do encalhe do bilhete. Tanto dinheiro que dava para comprar aquela fazenda toda e mais umas três de tamanho igual ou maior.

---

\* Escritora, professora aposentada, da Academia de Letras de Pará de Minas.

Que voltasse de carreira para trás foi o que a avó resmungou, tirando a rodilha de carregar lenha da cabeça. Não queria nem saber o que ele faria com tanto dinheiro. O que queria era deixar de pagar contas. Que o cambista desgraçado, que Deus me perdoe, desse meia volta e voltasse ligeiro pelo caminho de vinda.

Durante um monte de dias depois daquele, a avó teve de escutar as lamentações do segundo marido, que nunca lhe havia despertado arroubamentos de amor, nem friagem ao longo da espinha. Ele parou de afrontá-la no dia em que chegou com o tabelião com uma escritura de venda de um quarto da roça ao dono da banca de jogo do bicho. Era só avó assinar no xis. Conquanto não tivesse nada para pagar que fosse tirar da boca dos filhos. Também aquele monte de letra miúda, estava ela com mão suja de massa e ainda precisava procurar os óculos. Foi só o tempinho de esfregar as mãos no avental.

O cambista rico mudou de cidade, mas demorou não tempo quase nenhum para chegar o marido outra vez com o tabelião, levando-lhe para assinar escritura de mais um quarto da fazenda. Desta vez, o polvilho de mandioca estava esparramado no terreiro para secar. Que morresse o cambista. Que ficasse com parte da fazenda, se quisesse podia levar o polvilho todo também, e os pés de mandioca do resto do terreno. Queria ele também o gado que já estava magrelo, faltava homem na roça. Custava nada esfregar a mão no avental e dar um rabisco naquele papel da lei. Lei. A única lei que ela conhecia era a barriga dos filhos.

Era perder mais e jogar mais o avô. Fiado. Tinha ainda meia fazenda e um monte de jogos para jogar. Trabalho era só o de ir até a cidade todo dia, vencendo quase uma légua de caminhar. O que nem deixava a avó irada. Pelo contrário. Homem que não compra do que comer carece de comer bem longe. Boca de menos.

Tivesse o avô fazenda inteira teria jogado exato tudo. A metade restante demorou pouco para ser dada quase de graça, no entender da avó, de graça, ao cambista que enricara com a sorte grande. Queria ele empregar uns cobres na cidade natal e a plantação de mandioca estava uma beleza. O cambista mais novo e o dono da banca do bicho estavam por detrás do negócio.

O avô ainda não devia só a alma. Era o tempo da avó desenhar a firma no papel, que iria ser dona de uma casa de sete cômodos na cidade, bem próxima da igreja. Dessa vez a avó usou da esperteza de mãe. O marido estava entregando aos credores o teto que os cobria do sol, do vento e da chuva. Deixar os filhos todos ao relento, isso não iria permitir. Que o notário escreves-

se naquele papel que aquela casa de sete cômodos na cidade tinha de ser dos seus sete filhos. Dois homens do primeiro casamento e cinco filhas mulheres que tivera com o avô. Os filhos do primeiro casamento dele já haviam caído na capital, cada um havia se arranjado, e não precisavam ter registro nenhum na escritura. Só assim é que firmava com seu nome aquele papel. E que ficasse sabendo o notário, todos os cambistas do mundo e todos os bicheiros que o avô não tinha mais nada a vender. Nem a roupa do corpo, que ela fazia questão de deixar ele só com duas mudas. Nem o chapéu que ele tinha só um e vivia enebado com cheiro de ranço. Murcho, não teve o avô outra alternativa. Ou morria com dois tiros do trabuco do zoobanqueiro ou se estrebuchava na ponta da faca enferrujada do bilheteiro.

Meio tempo os dois filhos homens da avó foram arrumar a vida na capital. Mesmo com a freguesia das quitandas aumentada, a comida da avó ficava cada vez mais escassa. Não completou mês inteiro na cidade e o avô estava de pés no chão. De tanto andar pra lá e pra cá, os solados do único par de botinas ficaram furados. Um dilema para a avó. Comprar um par de botinas para o marido ou agüentar o homem dentro de casa mexendo nas quitandas de encomenda, sentado numa cadeira junto do fogão enrolando cigarro de palha, era pôr um na boca e começar a raspar o fumo para outro, tomando canecadas de café doce e ralo, isso ele fazia o dia inteiro.

Dizer que depois de dez dias ela comprou-lhe um par de botinas nem precisa. Que arrependeu-se, deve-se. No dia seguinte ao que lhe entregou as botinas novas, um tio torto que morava na rua de baixo morreu de repente. Havia acabado de comprar um par de botinas novas e não tinha filho, nem ninguém. Recebeu-as de herança, pudera, estava necessitado. A avó ficou injuriada de ver o marido no maior desperdício, com um par de botinas de reserva. Para bater pernas.

Demorou pouco, avó mandou chamar o vigário. Era primo do marido. Veio ligeiro, apanhando a avó de surpresa. Havia acabado de sair do banho, cabelos espalhados sobre os ombros. Quase uma indecência o padre vê-la desse jeito. Não gastou dois tempos para juntar e torcer os cabelos com as mãos, abrir os grampos com ajuda dos dentes e prendê-los no coque eterno. Relembrou ao padre toda a situação. Havia se casado com um homem de posses e precisava sustentar um malandro. Que olhasse suas mãos, seus braços. Tudo cheio de marcas de amassar quitanda, varrer forno, catar lenha nos pastos. Que usasse de sua influência na cidade e arranjasse um serviço qualquer para aquele homem. As filhas já estavam trabalhando na fábrica, a mais

velha já estava casada, a mais nova o vigário havia feito a esmola de arranjar-lhe uma bolsa no ginásio, e querendo Deus, breve iria virar professora de escola. Mas ela não agüentava mais trabalhar tanto e ver-se sem dinheiro nenhum, nem para consertar as goteiras que caíam em cima das quitandas, tinha de viver esparramando tabuleiros para cobrir os assados, cuidar para o forno não des-temperar devido à água que lhe pingava por cima. Não havia colchão, gaveta, graveto de lenha, lugar qualquer onde o avô não achasse seu dinheiro sofrido. Além do mais, a casa recendia mofo.

Foi numa fábrica de óleo de algodão que o avô, beirando os setenta anos de idade, entrou pela primeira vez num local para trabalhar. Se não fosse, depois a influência do vigário, a vida de trabalhador daquele homem não teria durado os dois anos que durou. Pediu conta. A desculpa foi o cheiro forte do óleo. Dessa vez a avó, que naqueles dois anos não havia colocado na mão um tostão no resultado do trabalho do marido, mas também deixara de ver seu dinheiro surrupiado, soube, ouvido de um passarinho, que seu homem havia pedido conta na fábrica. Foi explícita. Ele só entraria naquela casa se estivesse trabalhando, nem que fosse de coveiro. Não foi de coveiro que o marido arran-jou trabalho. Foi numa fábrica de caixão.

Hoje, quando a frase dita que todo mundo um dia vai morrer bateu em mim como algo isento de incertezas, lembrei-me do avô. Minha mãe estava precisando de consertar um quaradouro. Pediu-me que passasse no local de trabalho do avô e dissesse a ele para vir a nossa casa com o martelo na hora do almoço, que ela havia feito umas bolas de carne. Ele faria o conserto e almoçaria com a gente.

Foi a primeira vez que entrei naquela fábrica. Um galpão enorme, pilhas de madeira por todo o lado. Quando o vi de longe fiquei a observá-lo. Era alto, magro, olhos verdes, rosto enrugado, cabelos ligeiramente cinzentos, lisos, nem curtos nem compridos. Era simpático, tinha um certo ar de quem estava de bem com a viola. Usava terno preto. O de sempre. Para ir à missa. Para ficar na praça conversando com os amigos todas as noites. Para trabalhar. Com destreza pregava o tecido roxo na madeira. No tempo em que fiquei a observá-lo, dez minutos, meia hora, não sei, ele enfeitou duas tampas de caixões roxos com galões de seda amarelos.

Sorriu quando avistou-me. Com sua voz rouca pediu que me aproximas-se. Está vendo. Essa é nossa futura casa. Mostrou o tecido acetinado branco. Esse serve para cobrir caixão de anjinho. Naquela época, quase todo dia viam-se enterros de anjinhos. Pensei que um dia poderia vir a ser ocupante de

semelhante caixa. Hoje, quando lembro disso, sinto um arrepio. Queria era ser deixada de indez. Quando terminou de cobrir mais um caixão, o avô olhou o relógio que ficava no alto da parede e acabava de dar onze badaladas. Poderia sair. Era seu horário de almoço. Caminhou em direção à chapeleira com o martelo na mão. Por motivo algum sairia à rua sem cobrir a cabeça com o chapéu. Ou sem levar pendurado no braço o guarda-chuva, que era janeiro e o veranico estava para acabar.

Naquela ocasião, com cinco, seis anos de idade, nunca havia eu ouvido falar sobre a paixão pelo jogo e sobre a aversão que o avô tinha ao trabalho. Enxerguei a imagem de um homem dedicado. Andei com ele pela rua comprida, carro nenhum, bicicletas algumas, gente a pé de montão. Aceitou minha ajuda para reparar o quaradouro. Passou-me os pregos, que desse umas marteladas, ensinando-me como não acertar os dedos. Rejeitou o feijão e o arroz quando servido. Encheu o prato de farinha de mandioca e foi espetando com o grafo uma por vez as almôndegas ensopadas num molho de pimenta malagueta. Teria comido meia dúzia delas depois de passadas na farinha.

Desde aquele dia foram-se alguns janeiros. O avô habita sua morada definitiva não sei desde quando, quem sabe levado num féretro de brocado roxo, que ele próprio havia engendrado. Essa história de morrer. Não entende mente, nem razão, muito menos coração. Não fosse o coração.





# ELOGIO AO SILÊNCIO

*Olavo Drummond\**

Não faltes nunca com o sim  
Se o silêncio pedir licença  
Para estar nos lábios teus.  
Se ele lá se encastela  
Serás dono da mais bela  
Prece de amor a Deus.  
Mas se a palavra apressada  
Implorar a tua adesão  
Lembra-te que ela é sagaz,  
Ave cruel de rapina,  
Usa os ninhos da esquina  
E lança à rua tua paz.

Se ouvires a consciência  
Encontrarás resistência  
Às tribunas nocivas,  
Aos palcos da imprudência  
Da incontinência verbal.  
Não creias nunca no adágio:  
Palavras, leva-as o vento  
Ou falar não custa ágio,

---

\* Ministro aposentado do Tribunal de Contas da União, escritor, da Academia Mineira de Letras. Ocupa a cadeira nº 12.

Pois discursos fazem bem.  
Se assim fosse, em conventos,  
Onde o silêncio é exigido,  
Onde o fervor é pedido  
Orações seriam ruidosas,  
Não seriam como rosas  
Nos jardins, silenciosas,  
Que espalham perfume e calma  
Nos reinos suaves de Deus...

Os sábios, que sabem tudo,  
Preferem o mundo do mudo  
Onde se encontra a ciência  
Em sagrados tugúrios,  
Longe do fel, dos murmúrios,  
Distante da confusão  
Dos dissabores eternos,  
Como se lê nos cadernos  
Do silêncio, na amplidão...  
Se adotares a prudência,  
Nascida da experiência,  
De quem viveu a verdade,  
E buscou sabedoria

A exclusão do palavrório  
Do teu puro repertório  
Fará mais rico o teu dia  
Onde o dizer necessário,  
Como velado em sacrário,  
Por todos será ouvido.  
Viverás em claridade,  
Pelo carente seguido,  
Por revelar, doutrinário,  
O doce som da verdade.

E na assembléia da vida  
Quando a surpresa atrevida  
Despontar de alheia lavra,  
Recorre à lição do aviso,  
Sacrossanto, preciso:  
Foi para pedir silêncio  
Que Deus nos deu a palavra...





# ESTRO LUNAR

*Elizabeth Rennó\**

Ao vislumbrar  
tua face  
refulgente  
amplidão branca  
em céu negro  
e sem estrelas  
fulge-me o imo  
obscuro de alma triste  
o teu esplendor  
íntegro  
completo  
círculo de alturas etéreas

Caminhas  
pelos quartos  
sucessivos  
infinitos  
absolutos  
e tua forma  
a vencer espaços  
modifica-se  
reduz-se  
e se faz  
pequena nesga  
ainda brilhante e sábia

---

\* Mestra em Literatura Brasileira, escritora, da Academia Mineira de Letras. Ocupa a cadeira 21.

Ressurges  
no entanto  
iniciante  
crescente  
pequena auréola  
ronda  
em eterno reinício

Reinas sempre  
brilhante gema  
companheira  
das madrugadas insones  
das serenatas de amor  
da transparência visível e vítrea  
de vidraças de hospital

És eterna  
viajante  
errante  
pelos séculos  
em trajetória  
cosmogônica  
e insistente

Relicário  
indiscreto  
de dramas e paixões  
testemunha  
de crimes e sacrilégios  
de milagres e santidades  
eternais

Imota em sua nudez  
qual Frinéia  
ante os juízes  
soberana de beleza  
imperas sobre nós  
passantes passageiros  
oráculo secular.

## ITABIRA\*

*Adonis Moreira\*\**

Não contarei, cidade, a tua luta,  
nem teus heróicos feitos triunfais.  
Minha cantiga é diferente, escuta!  
Depois, então, conversaremos mais.

Velhas lembranças que ninguém oculta;  
a fonte, os céus, ladeiras colossais,  
o mês de Maio, um riso, e a serra bruta  
invadindo a quietude dos quintais...

E quando é noite e a paz envolve tudo,  
velando altivo, solitário e mudo,  
o anjo de pedra enorme do Cauê...

Rememorando-a assim tristonha e calma,  
eu sinto vir à tona de minh'alma  
velhas saudades, sem saber por que.

---

\* Publicado na *Folha de Minas* de 10 de outubro de 1945.

\*\* Poeta bissexto, bacharel, foi jornalista, professor universitário, pró-reitor da UFMG e colaborador das revistas *Vocação* e *Tendência*, tendo ainda ocupado a secretaria geral da Assembléia Legislativa de Minas Gerais. Faleceu em 2001.



# BRUMADO, BRUMAL

*Danilo Gomes\**

As brumas do inverno  
envolvem Mariana  
na manhã que parece uma tarde.

Elias Layon, pintor e místico,  
colhe imagens melancólicas  
– com ares de Bruges –  
e fixa suas cores para o futuro  
talvez a Eternidade.

Brumas de Mariana,  
que outrora me envolveram  
ao som dos sinos  
– barrocos, monacais –  
que Hebe Rôlla evoca em crônicas  
de rica memória.

Nessa neblina, nessas brumas,  
relembraças, revivenças.  
Quanto tempo já passado, sinhô!  
Quanta saudade, sinhá!

Elias Layon, pintor, escultor e poeta,  
desperta no velho o menino,  
que outrora, sem saber,  
viveu feliz nessas brumas

---

\* Jornalista, escritor. Da Academia Mineira de Letras, ocupa a cadeira nº 2.



# OS MEUS ORFEUS

*A Fábio Lucas  
(Explicando-lhe a falta de cartas)*

*Joaquim Francisco Coelho\**

Vai, meu prezado Fábio, desculpando  
A demora da carta prometida.  
É que a vida que eu levo não é vida,  
Correndo sempre, nunca descansando.

Mas como pega bem, de quando em quando,  
Uma pausa no meio da corrida,  
Pauso por um minuto a minha lida  
E a carta protelada vou traçando.

Mas, ó tristeza, todos os assuntos  
De tão envelhecidos, são defuntos,  
Nenhum valendo mais o que valia.

E vendo que não cumpro o que prometo  
Pego da pena e mando-te um soneto  
Em troca de outra carta que se adia...

(Stanford University 11.4.1977)

---

\* Crítico literário e poeta paraense, autor de *Os meus Orfeus*, Edições Asa, Porto, 2001. Atual chefe do Departamenro de Espanhol e Português da Universidade de Havard.



# FRATURAS EXPOSTAS\*

*Alexandre Rodrigues da Costa\*\**

seu grito não parece  
de dor ou sofrimento,  
qualquer coisa,  
menos isso,  
lógica  
e proporção  
não mais existem,  
que diferença faz,  
então, se ele está  
vivo  
ou morto,  
certo, podemos ver  
através dele,  
perceber como seu  
corpo se apaga,  
se desfaz,  
sem mesmo o tocarmos,  
mas,  
(sim, sempre esse mas),  
como evitar  
que a imagem  
torne-se dramática  
ao cortarmos  
a tela, mutilarmos  
o que os espelhos  
nos revelam.

---

\* Prêmio de poesia Vivaldi Moreira 2004 do concurso promovido pela AML.

\*\* Poeta, reside em Belo Horizonte (Venda Nova).



# VOLTA À CASA

*Cícero Acayaba\**

Eu não sou o filho pródigo,  
Sou o filho rejeitado,  
Pelo amor que amou o amor dos outros.  
Não. Eu não sou o filho pródigo.  
Volto pra casa como queria voltar  
Ao útero materno.  
Na varanda  
O silêncio cinza das janelas.  
A porta está entrecerrada  
Marcam meus passos o ritmo do coração.  
Entro. Sou o fugitivo de mim mesmo.  
Quartos cheios de ausência  
Móveis se equilibram na imobilidade  
A poltrona de minha mãe  
À frente da televisão  
Na espera absorta da morte.  
O azulejo do banheiro  
Branco  
Desbota o ectoplasma de meu pai.  
O vento  
A lâmina do vento dessangra os corredores no  
crepúsculo  
Debulha camândulas de sons  
Do sino de Ângelus.

---

\* Escritor. Reside em Varginha (MG).

Paro defronte do espelho  
Da memória  
(que) pulsa o vidro embaçado.

Vejo meu rosto envelhecido  
Atrás dele sorri  
Menino triste.

Digo, repito nomes  
antigos como teias na parede.  
E a casa  
Flutua bolha imensa  
Com sete cores do arco-íris  
O crepe da saudade  
Desfoca retratos  
No átrio da noite.  
A campainha tine  
Retine longínqua.  
Sonhâmbulo  
Me aproximo da porta do ontem.  
Algumas árvores na horta  
Os galhos tecendo sombras  
E o céu  
Olhos infinitos  
Chorando estrelas.  
Eu não sou o Filho Pródigo.  
Sou o Filho Trânsfuga.



# APOCALIPSE

*Gérson Cunha\**

*Em memória da poetisa Lacyr Schettino\*\**

Ontem, hoje, amanhã, estranhamente,  
Ao doce perpassar do dia-a-dia,  
A nossa vida, plena de ironia,  
É dos males a eterna comprazente.

Dizem, pois, em futuro impenitente,  
Que a *humana gens* não mais existiria;  
E os poetas lá se vão. Adeus poesia!  
O Nada cobre o mundo, eternamente.

E se inda agora tudo já se esvai,  
Que haverá de fugir a seu destino?  
A paixão? A beleza? O sublime? – Ai!

Mas em teu próprio verso, qual um hino,  
À sétima trombeta – um “Sobrestai!”,  
Hás de então renascer, Lacyr Schettino!

---

\* Professor universitário aposentado, escritor, crítico literário.

\*\* Da Academia Mineira de Letras. Falecida em 26 de abril de 2004.



# DECEPÇÃO

*Jean Cherem\**

Como uma retirada  
Imediata da percepção  
Um eterno suplício  
E na angústia.  
Um sonho se desfazendo,  
Nuvens se dissipando,  
O tormento do desencanto,  
A falsa alegria dos homens  
Expressa num sorriso  
Distante, de pessoas próximas,  
Para as quais  
A decepção não olhou,  
Na dicotomia fracasso e  
Satisfação.  
Contudo, essa  
É uma perspectiva,  
Um reflexo existencial  
De uma mentira,  
Cujas fragilidade humana se projeta  
Concretizando um  
Eterno tormento.

---

\*Estudante de História, poeta.



# MADRE MARIA DE JESUS

## VIDA E OBRA

*Renato Sampaio\**

Foi numa tarde de domingo. O vento soprava frio e a cidade, alheia ao grito das montanhas, era uma cidade de poucos movimentos. A exceção vinha do alto: em intervalos que quebravam a rotina, explosões de dinamite, gigantescas, abafadas, tal como o uivo de animais pré-históricos que de repente viessem à luz, sacudiam o Pico do Cauê. No mais, era uma tarde cujo roteiro alongava-se em Itabira como um sinal de interrogação, de sonhos – ou de poesia, talvez – à frente dos meus 10, 12 anos, se tanto.

Vagava, então, em pensamentos, recostado na varanda da casa da minha avó; a velha casa que ficava ao lado do prédio da antiga prefeitura e que, ainda hoje, quando às vezes passo por lá, fácil fácil a revejo quando sobre a atual os meus olhos vão pousar.

E no intervalo de tais estrondos, nesses somenos, tal como um ruflar de asas em ascensão, de quando em quando as folhagens de uma laranjeira próxima deixavam-se levar pela brisa e, abelhas para um lado, pássaros para o outro, pelas frestas que assim se abriam meus olhos alcançavam, lá no alto da Rua de Santana, em meio ao vôo claro das avezinhas, o Colégio Nossa Senhora das Dores.

Era primavera. Cirandas pela tarde, e vestidas de azul, lá no pátio suas alunas, as internas, brincavam os folguedos da hora. E brincando, cantavam; cantando, sorriam.

Foi então que a canção chegou aos meus ouvidos:

---

\* Economista, músico, escritor (autor de *Inimá: uma biografia*, *O violão brasileiro de Mozart Bicalho* e *Chanina: arte e trajetória*).

*Há tempos que a vi,  
eu a conheci,  
Branca era linda,  
um primor de amor,  
misto de estrela e de flor.*

Muitos anos depois, vagava por distantes livrarias, quando, em uma delas, mal encoberto e em meio a uma estante de livros antigos – sem nenhuma razão para estar ali; como se sua edição, de tão recente, o constrangesse em tais domínios – chamou-me a atenção um volume de capa branca atravessada em diagonal por duas faixas, uma azul e outra vermelha, e nela, sobre o dístico de pronto reconhecido, o nome que a seu tempo marcou como poucos haveriam de marcar o grande mundo da educação em Minas Gerais: Madre Maria de Jesus (1882-1963).

(Alguém, se não me engano Josué Montello, disse uma vez que certos livros, quando não os buscamos, são eles que vêm até nós.)

E, ajustada, integral, definitiva, tal sentença, naquela hora, confirmava de igual modo como neste mundo tantas vezes os acasos conduzem nossos passos: ali mesmo, bem perto, oferecendo-se a quem jamais soubera dele, repousava o livro que, num repente, por artes da memória involuntária, haveria de me transportar a uma canção que, um dia, faz muitos anos, chegou-me ao entardecer na varanda da casa da minha avó:

*Mas, também sofreu,  
sei, eu vou contar,  
pois li naqueles olhos  
cansados de chorar.*

Folheando suas páginas, ao examinar algumas fotos de pessoas e locais que me eram familiares, percebi logo conterem elas muito mais do que o simples testemunho das muitas vidas de uma educadora extraordinária que, movida por *un coeur de feu, une volonté de fer* – assim informa o próprio livro – recebia, por parte das suas irmãs missionárias, bem como de suas alunas ( e algumas delas, em uma tarde de que nunca me esqueci, cantavam para os céus a valsa que de longe chegou aos meus ouvidos), o tratamento filial e respeitoso de *notre Mère*.

Notre Mère, a que veio ao mundo, em Lyon, na França, no dia 15 de agosto de 1882, batizada pelo pai, em homenagem a Sarah Bernhardt, com o bonito nome de Sarah Pauline Charlotte Marie Gayetti.

Logo após, com o livro nas mãos, retornei ao hotel onde me hospedara e, de uma só assentada – recusando-me até mesmo a atender ao telefone que em vão tocava à cabeceira – aprofundei-me na leitura de um texto agradável e bem escrito que relata com minúcias a origem, a vocação, os sofrimentos e a reconhecida têmpera de aço dessa dama admirável que, por amor ao Senhor seu Deus, fez de sua vida, em todos os momentos, um ato criador destinado a beneficiar sucessivas gerações com o exemplo de suas virtudes e de seus atos, sua coragem e sua energia: coração de fogo, vontade de ferro.

Mostra o livro, um a um, os misteriosos desígnios que levaram a jovem Sarah a se encontrar com o Senhor e a Ele se ofertar, por inteira, no dia 26 de abril de 1893; vida afora, aonde fosse. Refere-se às indecisões que a abalaram na adolescência; dá notícias da sua grande luta interior e de uma perseverança sem limites que de novo a conduziria à retomada integral da fé. Fala-nos da energia de que era possuidora; energia forjada com tal vigor que a tornaria invulnerável às incontáveis provações que o destino haveria de lhe reservar.

Relembra-nos Irmã Maria de Jesus partindo um dia de sua pátria para o exílio em terras distantes – as nossas; aqui em Minas Gerais – de início, na cidade de São Domingos do Prata, onde, em 1919, começaria a erigir a grande obra da sua vida: a Congregação das Religiosas Missionárias de Nossa Senhora das Dores, destinada a desempenhar importante papel na vida educacional e religiosa deste país.

Revela-nos, enfim, a grande mestra disposta, *in nomine Dei*, a se submeter a todos os tipos de sacrifícios e provações; a sofrer injustiças, perseguições – o próprio martírio, se preciso fosse – na luta pelo seu ideal de educadora, fundadora de colégios, missionária do Senhor.

Limite-me à breve síntese destas linhas, mas, tal livro, relatando passo a passo a trajetória dessa francesa indomável que, entre outras iniciativas, fundou, em 1923, em Itabira, o Colégio Nossa Senhora das Dores – destinado, mais à frente, a expandir-se em outros estados da federação – tal livro deveria ser lido por todos aqueles comprometidos com as epopéias da educação neste país; e, em especial, sobretudo por razões de amor, a ser lido pelas ex-alunas do colégio, hoje aos milhares, espalhadas por todo o Brasil. (Editado pela própria Congregação, em 1967, com o título de *Traços Biográficos de Madre*

*Maria de Jesus* – 238 páginas – nele não consta o nome de sua autora; no caso, uma das irmãs do próprio educandário.)

De qualquer forma, vida tão extraordinária, a quem o país ficou devendo, para falar apenas de coisas terrenas, a concretização dos múltiplos empreendimentos administrados pela congregação, haverá de permanecer entre as referências do século XX como dos marcos responsáveis por um dos mais belos capítulos da história da educação em Minas Gerais.

(Dia desses, revendo partituras ao acaso, encontrei em um canto a mais linda valsa de Zequinha de Abreu. Mal corri suas notas, *Branca* de novo levou-me à varanda da casa da minha avó; era uma tarde fria, as alunas, lá no pátio do colégio – o colégio das Irmãs – brincavam os folguedos da hora e suas vozes, reconstituindo a canção em meus ouvidos, pareciam desta vez lembrar-me que foi tudo há muito tempo, tantos anos, ontem mesmo.)



## LIVROS DO TRIMESTRE

### BARTLEBY E COMPANHIA

Os melhores romances de minha vida foram ouvidos nas mesas dos bares de Belo Horizonte e os romancistas geniais com quem dividi essas celebrações alcoólicas, em sua maioria, acabaram por desperdiçar suas esperanças literárias. O fato é que obras revolucionárias e geniais brotaram do limbo e de lá nunca saíram: jamais foram escritas. Esses autores de romances de botecos sofriam de uma doença agora diagnosticada como síndrome de Bartleby.

O escritor espanhol Enrique Vila-Matas criou uma pequena obra-prima, misto de ensaio e romance: *Bartleby e companhia*. O livro aborda justamente os autores do “não”. Bartleby é personagem de Herman Melville e o que Vila-Matas discute em seu livro é a pulsão negativa ou a atração pelo nada. A síndrome de Bartleby não seria mais que a história daqueles criadores que, por serem extremamente exigentes, nunca chegam a escrever coisa alguma ou que, depois de escrever um ou dois livros, renunciam à escrita. A galeria de Bartleby’s é extensa: Rimbaud e Salinger são dois exemplos muito conhecidos.

O livro é divertido e, mais do que ridicularizar personagens reais ou fictícios, nos leva a rir de nós mesmos.

Nesta época de pouca criatividade, mil colagens e inúmeras bobagens, *Bartleby e companhia* é sinônimo de diversão inteligente.

*Antenor Pimenta*

(Da Academia Mineira de Letras.)

### EDIÇÕES MINEIRAS



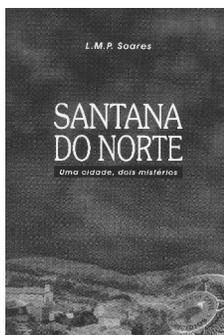
**Visão prospectiva de uma sociedade globalizada** – Sob instigante título – escreveu Luiz Roberto Nascimento Silva – o autor reúne artigos abordando vários temas, entre os quais a globalização, a humanização do capitalismo e o civismo e a formação da cidadania. Momentosos temas, portanto, são tratados pelo autor, ex-ministro da Cultura e membro da AML. – Aluísio Pimenta – Ed. Arte, ilustrações de Maria Helena Andrés, 239 págs., 2004.



**Itinerário do Rio ao Pará** – O Instituto Cultural Amilcar Martins – ICAM – reedita, como obra inicial da coleção *Memória de Minas*, livro de 1836, narrando de modo simples e descrições minuciosas, uma viagem do Rio de Janeiro ao Pará e Maranhão, passando pelas províncias de Minas e de Goiás. Trata-se de uma preciosidade bibliográfica do maior interesse para estudiosos. – Raimundo José da Cunha Matos – Ed. do ICAM, 465 págs., 2004.



**Sylvio de Vasconcellos – Arquitetura, Arte e Cidade** – Interessante trabalho de pesquisa sobre uma das mais atraentes personalidades da vida intelectual de Minas, em meados do século passado. Em quatro capítulos distintos foram reunidos textos do brilhante arquiteto, urbanista, historiador, crítico de arte e ensaísta. – Celina Borges Lemos (Organizadora) – BDMG Cultural, 384 págs., 2004.



**Santana do Norte** – Narrativa policial em torno de dois crimes ocorridos em pequena cidade de Minas. Primeiro livro do autor, são justificáveis certos equívocos e impropriedades, mas há alguns bons recursos literários, como no Índice. – Luís Mauro Soares – Maza Edições, 263 págs., 2005.



**Henriqueta Lisboa: o mistério da criação poética** – Em seis lúcidos textos, conceituada professora universitária faz inteligente e arguto estudo sobre uma das maiores poetisas do Brasil, para afinal acentuar que qualquer poema de Henriqueta Lisboa excede em beleza tudo o que dela se poderá dizer. – Ângela Vaz Leão – Ed. PUC Minas, 119 págs., 2004.



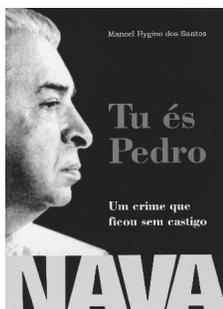
**Residência provisória** – Jornalista, militante político e escritor lança seu primeiro livro de poemas escritos durante seu exílio político, nos quais manifesta todo o seu sentimento de solidão. Embora, às vezes, o jornalista se sobreponha ao poeta, o texto, por isso mesmo, é um testemunho eloqüente sobre a diáspora vivida por brasileiros durante o regime militar. – José Maria Rabelo – Ed. Europa, 115 págs., 2004.



**Inventário** – Consagrada escritora mineira reúne edições originais publicadas entre 1951 a 2002, abrangendo poesias, crítica literária, crônicas, ensaios, além de páginas inéditas. O *Inventário* revela que a sua herança literária é preciosa. – Laís Corrêa de Araújo – Ed. UFMG, 233 págs., 2005.



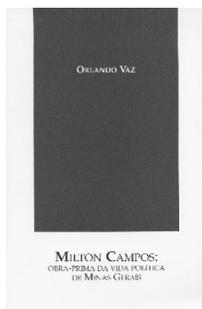
**Cosmopolitismo do pobre** – Escritor mineiro radicado no Rio de Janeiro publica interessante livro abordando temas da atualidade, como globalização, cosmopolitismo e localismo na literatura e no cinema, democratização e ascensão da cultura, rodapé literário e o jornalismo contemporâneo. – Silvano Santiago– Ed. UFMG, 252 págs., 2005.



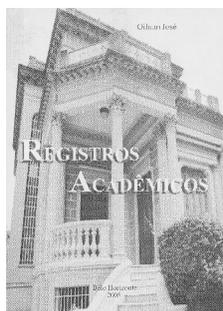
**Tu és Pedro** – Sem esclarecer, certamente, as razões que levaram Pedro Nava ao suicídio, o autor traça seguro perfil do memorialista mineiro, seu temperamento, suas ânsias e angústias e faz reflexões sobre o suicídio. – Manoel Hygino dos Santos – Ed. O Lutador, 139 págs., 2004.



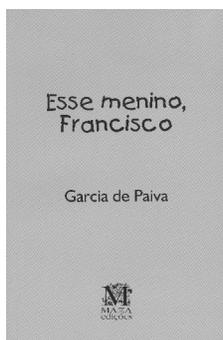
**Três tempos** – Em três partes (O afluente, As circunstâncias e A dança dos elefantes), o autor reuniu poemas que vão desde 1952 a 2004, nos quais revela “a busca inquieta e sôfrega de Deus, do amor, da paz”, conforme acentuou Fábio Lucas no pós-fácio da publicação – Wladir Caldeira de Moraes – Ed. O Lutador, 176 págs., 2004.



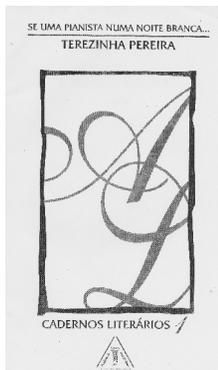
**Milton Campos** – Com prefácio do presidente Murilo Badaró, opúsculo de edição restrita faz resumo selecionado de 52 discursos proferidos por Milton Campos e publicados no livro *Compromisso Democrático*. O autor que é acadêmico, homenageia, um homem público que “foi a obra prima da vida política de Minas”. – Orlando Vaz – Ed. do autor, 64 págs., 2004.



**Registros acadêmicos** – Ilustre acadêmico apresenta um opúsculo contendo dados e informações principais alusivos à Academia Mineira de Letras. Sem maiores pretensões, a publicação é um testemunho fiel de quem acompanha há mais de 40 anos as atividades de nossa instituição. – Oílham José – Ed. Imprensa Oficial, 112 págs., 2005.



**Esse menino, Francisco** – Considerado por Abgar Renault como sendo “um grande livro desconhecido”, a publicação, editada em 1971, ressurge agora em nova edição, numa reafirmação do alto padrão literário do autor. O prefácio ressalta a qualidade da linguagem e a ausência de retórica no texto. – Garcia de Paiva – Maza Edições, 206 págs., 2005.



**CADERNOS literários** – Com interessante capa de Carlos Fraha, pequena publicação da Academia de Letras de Pará de Minas apresenta sete contos de autoria de uma das integrantes da instituição. O projeto visa à divulgação de edições de modesta apresentação, para tornar mais acessível a aquisição (R\$ 1,99). – Terezinha Pereira – Academia de Letras de Pará de Minas, 44 págs., 2004.

## **BDMG-CULTURAL DIVULGA OS VENCEDORES DO 5º PRÊMIO BDMG-INSTRUMENTAL**

Pelo quinto ano consecutivo o BDMG-Cultural premia compositores mineiros com R\$ 5.000,00 e a produção de um show. Nesta edição os quatro vencedores do 5º Prêmio BDMG-Instrumental foram o flautista **Estevão Teixeira**, de **Juiz de Fora**, os guitarristas **Luiz Enrique** e **Magno Alexandre de Belo Horizonte** e o pianista **Renato Kefi** de **Itajubá**. Os finalistas foram o pianista **Gustavo Figueiredo** e o bandolinista **Marcos Frederico**, ambos de Belo Horizonte.

O **Prêmio Marco Antônio Araújo** de Melhor CD gravado em Produção Independente de 2004 (R\$ 1.000,00) foi dividido entre **Enéias Xavier** “**Jamba**” e **Magno Alexandre** “**Maracatuaba**”.

**Estevão Teixeira** também recebeu o prêmio da Comissão Julgadora de “**Melhor Instrumentista**” da 5ª. edição do Prêmio BDMG-Instrumental e o baterista **Esdra** “**Nenen**” Ferreira recebeu o prêmio de “**Melhor Empenho e Desempenho**”.

Nesta 5ª. edição do Prêmio BDMG-Instrumental, o BDMG-Cultural firmou importantes parcerias: **os quatro vencedores**, além do prêmio de R\$ 5.000,00 e a produção de um show, vão participar de um show no **Sesc Paulista** ou no **Sesc Santo André**, ambos com projetos de música instrumental de representatividade. A decisão de “quem vai se apresentar onde” será definida pelos representantes que participaram da comissão julgadora **Mônica Carnieto** (**Sesc Paulista**) e **Sérgio Pinto** (**Sesc Santo André**).

Os outros membros da Comissão Julgadora foram **Reco do Bandolim**, Presidente do Clube do Choro de Brasília, que também firmou parceira com esta edição do prêmio e que vai levar o músico **Marcos Frederico** para se apresentar em Brasília, no reduto do choro; **Marcos Souza**, coordenador e produtor do **I Encontro Carioca de Música Instrumental** que apresentará o músico Gustavo Figueiredo ao cenário carioca. Gustavo irá apresentar sua música e participará de uma mesa redonda sobre a música instrumental.

Os jornalistas **Carlos Calado** e **José Domingos Raffaelli** também fizeram parte da Comissão Julgadora que foi presidida pela músico e compositor **Markos Resende**.

## **QUEM SÃO OS VENCEDORES**

### **ESTEVÃO TEIXEIRA (Juiz de Fora)**

Estevão Teixeira é Bacharel em Música pela Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro (1989). Em 2001, foi Licenciado em Música pelo Conservatório Brasileiro de Música, Rio de Janeiro. Atualmente é Aluno de Mestrado do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. Sua formação profissional contou com estudos de Harmonia com Ian Guest, de Saxofone com Nivaldo Ornelas, entre outros. Profissionalmente, Estevão foi Professor no Centro Ian Guest de Aperfeiçoamento Musical (Rio De Janeiro). Desde 2000, leciona Flauta Transversa no Conservatório Estadual de Música Haidée França Americano em Juiz de Fora.

### **LUIZ ENRIQUE (Belo Horizonte)**

Natural de Belo Horizonte, Luiz Enrique É Compositor, Arranjador, Instrumentista (Guitarra, Violão E Cavaquinho) E Produtor Musical. É Criador, Instrumentista e Compositor do “Feijão De Corda”, Grupo de Música Instrumental Brasileira Reconhecido por músicos consagrados, pela crítica e pelo público de música instrumental, abriu e participou do show de De Hermeto Pascoal, em julho de 2004, no Tim Valadares Jazz Festival. Produziu, arranjou e gravou O Cd “Poemas Musicais” de Cecília Cavalieri, indicado ao Prêmio Tim 2004. Luiz Enrique ainda compõe e Arranja trilhas sonoras para Teatro e Cinema.

### **MAGNO ALEXANDRE (Belo Horizonte)**

Guitarrista, Compositor e Arranjador, Magno Alexandre começou a tocar violão aos 16 anos. Estudou Teoria Musical na Fuma, hoje UEMG, e na Fundação De Educação Artística. Teve oportunidades

ímpares de trabalhar ao lado de músicos como: Robertinho Silva (Baterista), Artur Maia (Baixista), Mauro Senise (Sax), Neném (Baterista) E Harvey Waynapple (Sax). Atualmente, Magno é bastante requisitado na área de música instrumental, o que lhe valeu o reconhecimento como Revelação da Guitarra Brasileira (Revista Guitar Player 2000-2005). Em Belo Horizonte, foi Considerado, por dois anos consecutivos, O “Melhor Música Ao Vivo” da cidade pela Revista Veja, juntamente com o Trio de Juarez Moreira. Em 2004, participou do Cd do Pianista Norte-americano Mike Eckroth e Excursionou com o saxofonista Harvey Waynapple, também Norte-americano.

### **RENATO KEFI (Itajubá)**

Renato Kefi formou-se em Composição pela UFMG em 1999. Foi pianista da Geraes Big Band entre 1996 e 1998. Arranjador do Disco “4 Estórias” de Rubem Alves e Ivan Vilela, e do Projeto “Sinfônica Encontra Paulo Freire E Ivan Vilela”, entre outros trabalhos. Atualmente é Professor do Conservatório Municipal de Poços de Caldas.